



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS



AS TRILHAS SOCIAIS DA ESCRITA DE SI NA FICÇÃO DE ALINA PAIM

LUCIANA NOVAIS MACIEL

SÃO CRISTÓVÃO/SE

2024

LUCIANA NOVAIS MACIEL

AS TRILHAS SOCIAIS DA ESCRITA DE SI NA FICÇÃO DE ALINA PAIM

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Sergipe – UFS, como requisito final para obtenção do título de Doutor em Letras.

Área de concentração: Estudo Literários

Linha de pesquisa: Criação e Processos Literários

Orientação do Professor Dr. Carlos Magno Santos Gomes.

SÃO CRISTÓVÃO/SE

2024

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

M152t Maciel, Luciana Novais.
 As trilhas sociais da escrita de si na ficção de Alina Paim / Luciana
 Novais Maciel; orientador Carlos Magno Santos Gomes – São
 Cristóvão, SE, 2024.
 181 f. : il.

Tese (doutorado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe,
2024.

1. Realismo socialista na literatura. 2. Resistência na arte. 3.
Estética. 4. Modernismo (Literatura). 5. Crítica literária feminista. 6.
Mulheres e socialismo. I. Paim, Alina, 1919-2011. II. Gomes, Carlos
Magno Santos, orient. II. Título.

CDU 82.09

LUCIANA NOVAIS MACIEL

AS TRILHAS SOCIAIS DA ESCRITA DE SI NA FICÇÃO DE ALINA PAIM

Banca Examinadora

Prof. Dr. Carlos Magno Santos Gomes (UFS) – Presidente

Prof^a. Dr^a. Eliane Terezinha do Amaral Campello (FURG)

Prof. Dr. Osmar Pereira Oliva (UNIMONTES)

Prof^a. Dr^a. Christina Bielinski Ramalho (UFS)

Prof^a. Dr^a. Ana Maria Leal Cardoso (UFS)

Defendida em 28 de fevereiro de 2024.

Local de defesa: Via Google Meet: <https://meet.google.com/qhq-psko-xtm>

São Cristóvão/SE

Dedico aos trabalhadores sergipanos, aos escritores e ao meu pai, o Sr. Luzinete Delfino (*in memorian*), que sonhou tanto com este momento!

AGRADECIMENTOS

Gratidão!! Agradeço ao senhor meu Deus pelo dom da vida, por guiar os meus passos e me orientar sempre, pois “Até aqui o Senhor me sustentou” (I Samuel 7, 12).

Agradeço ao meu esposo Emerson Maciel, que pacientemente esteve comigo para a realização dos meus objetivos, a ti todo o meu amor e gratidão.

Agradeço aos meus filhos Ester e Lucas por esperarem pela mamãe, por alegrar os meus dias, aliviar os meus pensamentos com as mais simples atitudes.

Agradeço a minha mãe, Sra. Angelina Novais, ao meu pai, Sr. Neto Delfino (*In memorian*), por sonharem os meus sonhos e por sempre acreditarem na educação, nos possibilitando os caminhos para os estudos, e aos meus irmãos Lucio e Andreza, pela vida compartilhada.

Agradeço a minha sogra, Sra. Marivalda, por ser uma rede de apoio cuidando dos meus filhos para que a tese pudesse ser construída.

Agradeço ao meu orientador, professor Dr. Carlos Magno, por ter acreditado no meu projeto de pesquisa, motivando-me a buscar mais, a pesquisar mais, conduzindo esta trajetória com respeito e determinação em valorizar o nome de Alina Paim.

Agradeço ao Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Sergipe, por manter os cursos stricto sensu ativos mesmo com os desafios que se instalaram diante da pandemia de Covid-19. Por extensão quero agradecer a todos os professores que não desistiram dos alunos, mantiveram as aulas, buscaram novas metodologias e recursos para que não houvessem atrasos ou prejuízos.

Agradeço, de forma especial, à professora Ana Leal Cardoso, por ter me apresentado Alina Paim em uma atividade acadêmica em 2006, de maneira tão apaixonada que me instigou a querer conhecer os romances da escritora, a pesquisar mais chegando até esta tese.

Agradeço aos professores que compõem esta banca, por todo o conhecimento compartilhado e pelas significativas contribuições.

Agradeço à Faculdade Pio Décimo, por compreender a necessidade do processo de formação, possibilitando meios para que esta etapa se concretizasse.

De forma muito especial, quero agradecer a Alina Paim (*in memorian*) por ter sonhado e acreditado, nos prestigiando com os seus escritos.

RESUMO

Esta tese defende a hipótese de que a “escrita de si” é uma das características de resistência de Alina Paim diante das exigências do Partido Comunista Brasileiro (PCB) para uma literatura socialista. Constatamos essa premissa a partir dos romances *Estrada da liberdade* (1944), *Simão Dias* (1949) e *Sol do meio-dia* (1961) de Alina Paim, verificando a construção dos enredos e das personagens, procuramos esclarecer a relação existente entre as memórias da autora, os desafios enfrentados pelas personagens e a trajetória da escritora no processo de elaboração das narrativas. Defendemos, portanto que os romances analisados incorporam memórias de suas experiências com a escrita e seu engajamento político por meio de uma construção textual e social, que privilegia um universo feminino particular, próprio da “escrita de si”, por se voltar para os desafios da mulher em uma sociedade patriarcal e capitalista. Verificamos como essa escrita foi sendo trabalhada no texto de Paim, iniciando com *Estrada da liberdade* e sendo retomada e reelaborada em *Sol do meio-dia*, se desdobrando a partir da protagonista escritora. Buscamos, através desta pesquisa, contribuir para trazer Alina Paim à luz da historiografia, uma vez que houve reconhecimento dos seus escritos através de premiações nacionais, tradução de dois romances para o búlgaro e russo, a constante atuação da escritora nos espaços literários, sempre presente nos semanários de cadernos de literatura desde a sua estreia. Entremeando os escritos, verificamos a forte influência da militância política também representada através das personagens, dos discursos, das leituras comentadas nos romances, no percurso crítico acerca das relações entre opressores e oprimidos. Refletimos sobre o engajamento da intelectual, que enquanto artista busca a escrita de si autenticada nos romances. Para a elaboração desta tese, buscamos nos ancorar nos seguintes pesquisadores e nas respectivas conceituações. Sobre os estudos da mulher tomamos como aporte teórico Constância Lima Duarte (2003), Elódia Xavier (2012), Ana Leal Cardoso (2009, 2019) e Iracélli Alves (2015), entre outros. Sobre a discussão acerca do engajamento da autoria da intelectual, para tanto tomamos como fundamento teórico os estudos de Edward Said (2005), Michel Foucault (2004) e Jean-Paul Sartre (1948). Remetendo-nos ao estudo da autoficção e da escrita de si a partir dos estudos de Philippe Lejeune (2008), Eurídice Figueiredo (2007), Margareth Rago (2000). A tese está organizada em quatro capítulos, sendo que no primeiro discutimos sobre o contexto social e a atuação da intelectual diante do realismo social. No segundo capítulo nos debruçamos sobre a recepção ideológica, partindo da fortuna crítica, o alcance nos cadernos literários de diversos jornais e alguns dos prefácios contidos nos romances analisados. No terceiro, discutimos a resistência da escrita intimista, do lugar da intelectual a partir da “escrita de si”. No quarto capítulo desenvolvemos o caminho da “escrita de si”, observando o lugar da escrita engajada e do trabalho da intelectual. Nesse sentido, referenciamos a análise e a inserção dos romances de Alina Paim na perspectiva da historiografia da literatura brasileira.

Palavras-chave: Alina Paim, Escrita de si, Realismo social. Resgate.

ABSTRACT

This thesis defends the hypothesis that the "writing of the self" is one of the characteristics of Alina Paim's resistance to the Brazilian Communist Party (PCB) demands for a socialist literature. We verify this premise based on Alina Paim's novels *Estrada da liberdade* (1944), *Simão Dias* (1949) and *Sol do meio-dia* (1961), by checking the construction of the plots and characters, seeking to clarify the relationship between the author's memories, the challenges faced by the characters and the writer's trajectory in the process of elaborating the narratives. We therefore argue that the novels analyzed incorporate memories of her experiences with writing and her political engagement through a textual and social construction, which privileges a particular feminine universe, proper to "writing of the self", as it focuses on the challenges of women in a patriarchal and capitalist society. We looked at how this writing was worked on in Paim's text, starting with *Estrada da liberdade* and being taken up and reworked in *Sol do meio-dia*, unfolding from the protagonist writer. Through this research, we seek to contribute to bringing Alina Paim to the light of historiography, since her writings have been recognized through national awards, the translation of two novels into Bulgarian and Russian, and the writer's constant presence in literary spaces, always present in weekly literature journals since her debut. Between her writings, we see the strong influence of her political activism, also represented through her characters, her speeches, the readings commented on in her novels, and her critical approach to the relationship between the oppressors and the oppressed. We reflect on the engagement of the intellectual, who as an artist seeks to write her authentic self in the novels. In order to prepare this thesis, we sought to draw on the following researchers and their respective conceptualizations. With regard to women's studies, we took Constância Lima Duarte (2003), Elódia Xavier (2012), Ana Leal Cardoso (2009, 2019) and Iracélli Alves (2015), among others, as our theoretical contribution. With regard to the discussion about the engagement of the intellectual's authorship, we take as our theoretical basis the studies of Edward Said (2005), Michel Foucault (2004) and Jean-Paul Sartre (1948). We refer to the study of autofiction and the writing of the self based on the studies of Philippe Lejeune (2008), Eurídice Figueiredo (2007), Margareth Rago (2000). The thesis is organized into four chapters, the first of which discusses the social context and the role of the intellectual in the face of social realism. In the second chapter, we look at ideological reception, based on the critical fortune, the reach of the literary sections of various newspapers and some of the prefaces contained in the novels analyzed. In the third, we discuss the resistance of intimate writing, the place of the intellectual through "writing of the self". In the fourth chapter, we develop the path of "writing of the self", observing the place of engaged writing and the work of the intellectual. In this sense, we refer to the analysis and insertion of Alina Paim's novels in the perspective of the historiography of Brazilian literature.

Keywords: Alina Paim, Self-writing, Social realism. Rescue.

RESUMEN

Esta tesis defiende la hipótesis de que la “escrita de si” es una de las características de la resistencia de Alina Paim a las demandas del Partido Comunista Brasileño (PCB) de una literatura socialista. Verificamos esta premisa a partir de las novelas *Estrada da liberdade* (1944), *Simão Dias* (1949) y *Sol do meio-dia* (1961) de Alina Paim, verificando la construcción de las tramas y personajes, buscamos aclarar la relación entre los recuerdos de la autora, los desafíos que enfrentan los personajes y la trayectoria de la escritora en el proceso de elaboración de las narrativas. Sostenemos, por lo tanto, que las novelas analizadas incorporan recuerdos de sus experiencias con la escritura y su compromiso político a través de una construcción textual y social, que privilegia un universo femenino particular, propio de la “escrita de si”, al centrarse en los desafíos de la mujer en el contexto de una sociedad patriarcal y capitalista. Comprobamos cómo esta escritura fue siendo trabajada en el texto de Paim, a partir de “Estrada da liberdade” y retomada y reelaborada en “Sol do meio-dia”, desplegándose desde el escritor protagonista. Buscamos, a través de esta investigación, contribuir para tratar sobre Alina Paim a la luz de la historiografía, ya que sus escritos fueron reconocidos a través de premios nacionales, la traducción de dos novelas al búlgaro y al ruso, a la actuación constante de la escritora en espacios literarios, siempre presente en los semanarios de cuadernos de literatura desde su inicio de carrera. Entretejiendo los escritos, vemos la fuerte influencia de la militancia política representada también a través de los personajes, de los discursos, de las lecturas comentadas de las novelas, en el camino crítico sobre las relaciones entre opresores y oprimidos. Reflexionamos sobre el compromiso del intelectual, que como artista busca la escrita de si autenticada en novelas. Para elaborar esta tesis buscamos basarnos en los siguientes investigadores y sus respectivas conceptualizaciones. En cuanto a los estudios de las mujeres, tomamos como aportes teóricos Constância Lima Duarte (2003), Elódia Xavier (2012), Ana Leal Cardoso (2009, 2019) e Iracélli Alves (2015), entre otras. En cuanto a la discusión sobre el compromiso de la autoría del intelectual, tomamos como base teórica los estudios de Edward Said (2005), Michel Foucault (2004) y Jean-Paul Sartre (1948). Remitiéndonos al estudio de la auto ficción y la “escrita de si” a partir de los estudios de Philippe Lejeune (2008), Eurídice Figueiredo (2007), Margareth Rago (2000). La tesis está organizada en cuatro capítulos: el primer de los cuales discute el contexto social y las acciones del intelectual frente al realismo social. En el segundo capítulo nos centramos en la recepción ideológica, a partir de la fortuna crítica, el alcance en las secciones literarias de diversos periódicos y algunos de los prefacios contenidos en las novelas analizadas. En el tercero, discutimos las resistencias de la escritura íntima, del lugar del intelectual a partir de la “escrita de si”. En el cuarto capítulo desarrollamos el camino de la “escrita de si”, observando el lugar de la escritura comprometida y el trabajo intelectual. En este sentido, nos referimos al análisis e inserción de las novelas de Alina Paim en la perspectiva de la historiografía de la literatura brasileña.

Palabras clave: Alina Paim, Escrita de si, Realismo social. Rescate.

“Sentir-se realizada é uma expressão muito definitiva e utópica. Enquanto alguém enxerga possibilidades de aprender e aperfeiçoar-se ainda está tentando realizar-se. É o meu caso. Creio que na hora em que empregar esta expressão, em toda a consciência, é a hora também de parar de escrever. Foi atingido o estacionamento”
Alina Paim, 1965.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 CONTEXTO SOCIAL E ATUAÇÃO INTELECTUAL DE ALINA PAIM.....	23
1.1 A ATUAÇÃO INTELECTUAL DE ALINA PAIM	24
1.2 DO REALISMO SOCIAL A ESTÉTICA SOCIALISTA	34
1.3 AS LUTAS DAS MULHERES NO MODERNISMO BRASILEIRO	39
2 A RECEPÇÃO POLÍTICA DOS ROMANCES DE ALINA PAIM	51
2.1 A FORTUNA CRÍTICA DE ALINA PAIM	51
2.2 OS PREFÁCIOS DOS ROMANCES DE ALINA PAIM	72
2.3 A PROPAGANDA IDEOLÓGICA DA LITERATURA DE PAIM	75
3 ABORDAGENS AUTOBIOGRÁFICAS E AUTOFICIONAIS.....	90
3.1 OS CAMINHOS DA AUTOBIOGRAFIA.....	90
3.2 TRAÇOS AUTOFICCIONAIS NAS LEITORAS DE PAIM	95
3.3 A INTELECTUAL NOS ROMANCES DE PAIM	103
4 A ESCRITA DE SI COMO RESISTÊNCIA SOCIAL.....	111
4.1 AS NUANCES AUTOFICCIONAIS DA <i>ESTRADA DA LIBERDADE</i>	117
4.2 UMA ESCRITA AUTOBIOGRÁFICA EM <i>SIMÃO DIAS</i>	127
4.3 A “ESCRITA DE SI” NO ROMANCE <i>SOL DO MEIO-DIA</i>	131
CONSIDERAÇÕES FINAIS	145
REFERÊNCIAS	151
ANEXOS	159

INTRODUÇÃO

Alina Paim teve uma participação ativa na vida intelectual do Rio de Janeiro entre os anos 1944 e 1965 como integrante do PCB. Além de produzir uma literatura vinculada à estética socialista, ela participou de assembleias e associações políticas e intelectuais que debatiam estratégias para a formação do trabalhador. Uma atuação que tinha vínculo com a educação do povo. Esse sonho está presente em suas primeiras obras produzidas na década de 1940 do século XX, apresentando uma linguagem literária consistente e verossímil, privilegiando o universo psicológico da mulher, que questiona as normas rígidas de uma sociedade patriarcal e conservadora. Por outro lado, por ser uma escritora vinculada ao PCB, passou a incorporar aspectos da estética socialista, que ganhou espaço no período pós-governo Getúlio Vargas.

Tais particularidades nos convidam a repensarmos como uma ativista e intelectual do PCB conseguiu se desviar das pressões patriarcais e partidárias para produzir uma literatura particular voltada para o universo da mulher, por isso temos o propósito de investigar a escrita da romancista, destacando seu engajamento social e político por meio da “escrita de si” nos romances *Estrada da liberdade* (1944)¹, *Simão Dias* (1949)² e *Sol do meio-dia* (1961)³. Traçamos como hipótese que essas narrativas apresentam uma estética intimista que refletem não apenas suas experiências pessoais, mas também sua resistência e crítica às estruturas patriarcais e opressoras da sociedade, em consonância com os ideais do realismo socialista.

Defendemos, portanto, a tese de que seus romances incorporam memórias de suas experiências com a escrita e seu engajamento político por meio de uma tessitura social, que privilegia um universo feminino particular, próprio da “escrita de si”, por se voltar para os desafios da mulher em uma sociedade patriarcal e capitalista. Enquanto intelectual engajada com o PCB e vinculada ao realismo socialista, sua literatura teve uma recepção inicial que rendeu premiações nacionais, tradução de dois romances para o búlgaro, russo, alemão e chinês. Mesmo com a forte influência do realismo socialista⁴ através da literatura, destacamos

¹ Nas citações utilizaremos a sigla EL para o romance *Estrada da Liberdade*.

² Nas citações utilizaremos a sigla SD para o romance *Simão Dias*.

³ Nas citações utilizaremos a sigla SMD para o romance *Sol do meio-dia*.

⁴ De acordo com Alexandrovich Zhdanov, (2015) o realismo socialista é definido da seguinte maneira: Em nosso país, os principais heróis das obras literárias são os construtores de uma nova vida: homens e mulheres operários, homens e mulheres das fazendas coletivas, membros do Partido, comerciantes, engenheiros, membros da Liga Comunista de Jovens, Pioneiros. Tais são os principais tipos e heróis de nossa literatura soviética. Nossa literatura está impregnada com entusiasmo e espírito de tarefas heroicas. Nossa literatura soviética é forte pela virtude do fato que vem servindo a uma nova causa, a causa da construção do socialismo. [...] Além disso, a fidelidade e concretude histórica da representação artística deve ser combinado com a remodelagem ideológica e educação do

que sua obra supera os limites de uma literatura doutrinária ao privilegiar a instrospecção das personagens femininas que desejam ser escritoras. Esse processo de formação presente em suas primeiras obras está sendo lido como uma “escrita de si”, na perspectiva da personagem escritora, que culmina com a obra *Sol do meio-dia*.

O conceito de “escrita de si” será utilizado menos em referência à teoria literária e mais por uma perspectiva social para além dos feminismos, como nos ensina Magareth Rago, em “A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade” (2013), ao pesquisar a vida de mulheres que sobreviveram a pressões de governo ditatorial, ao acentuar que a luta das mulheres passam também por “práticas e modos de ação política e cultural menos perceptíveis” por serem dos bastidores da vida social como a educação informal e a participação em cooperativas.

Essas práticas estão presentes tanto na vida de Paim como na trajetória de suas protagonistas, sobretudo quando privilegia a luta da mulher para se libertar de amarras sociais por meio de “experiências intensas, miúdas e constantes de construção de outros modos de pensar, agir e existir em prol da autonomia feminina” (Rago, 2013, p. 28). Assim, a “escrita de si” em Paim é um movimento que extrapola as referências memorialistas para ressaltar as experiências coletivas do povo construindo uma literatura intimista, não para si mesma, mas a partir de si.

Outro teórico que nos ajuda a entender a perspectiva da escrita de si para além das narrativas do eu é Michel Foucault (2004). Para esse filósofo, a escrita de si tem a ver com as narrativas de experiência e memórias com a intensão de deixar um legado para o outro. Assim, o Eu da escrita de si é o que explora as leituras que o transformou em uma experiência a ser seguida, já que a escrita “se torna no próprio escritor um princípio de ação racional (p. 152). Além dessa possibilidade, Foucault descentra o conceito de autor e passa a articular a posição-sujeito para as obras, trazendo uma perspectiva de um autor ser um conjunto de posições de falas, pois a questão da autoria está vinculada a um “lugar originário da escrita” (Foucault, 2011, p. 62). Tais contribuições serão articuladas com a proposta de uma escrita de si na ficção de Paim.

Observamos que, nos romances *Estrada da liberdade* (1944), *Simão Dias* (1949) e *Sol do meio-dia* (1961) propostos como *corpus* desta pesquisa, as personagens têm destinos diferentes. As narrativas parecem encontrar um equilíbrio para a identidade feminina, apresentado a partir do desejo de mudança da ordem patriarcal, da realização profissional sem

povo trabalhador sob o espírito do socialismo. Este método em belas letras e criticismo literário é o que chamamos de realismo socialista

abandonar a vivência das relações amorosas e da maternidade. As personagens passam por diferentes condições de vulnerabilidade econômica: no enfrentamento da pobreza na periferia urbana, nas limitações salariais impostas pelas religiosas, nos trabalhos forçados dos trabalhadores nordestinos, nos dilemas dos moradores da pensão do subúrbio do Rio de Janeiro, entre tantos contextos que reforçam o compromisso político de sua narrativa com a denúncia social. Nesse sentido, Paim dialoga com a tradição do romance engajado⁵ e com as temáticas sociais como de Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos e Jorge Amado.

O nascimento de Alina Andrade Leite (Alina Leite Paim, após o casamento) ocorreu em 10 de outubro de 1919, na cidade de Estância (SE); seus pais Manuel Vieira Leite e Maria Portela de Andrade Leite. Quando a escritora tinha apenas três meses de nascimento, a família precisou mudar-se para Salvador (BA). Ao completar cinco anos, Paim fica órfã de mãe, muda-se para Simão Dias e passa a residir em casa dos avós paternos, sofrendo muito com as três tias solteironas, Iaiá, Naná e Laurinha, pois mantinham uma educação bastante severa com constantes repreensões; apanhava muito. Aos nove anos sofre outra perda, sua tia Laurinha, a quem considerava como uma mãe, falece, provocando em Alina grande dor e tristeza. A pedido da tia, a pequena é levada por seu pai ao colégio Nossa Senhora da Soledade, em Salvador, no bairro Estrada da liberdade, onde prestou exames e foi aprovada, dando continuidade aos seus estudos e só sair de lá quando completasse o Curso Normal (Magistério) (Cardoso, 2013).

A vivência em clausura, como estudante interna, possibilitou a Paim o despertar para a escrita literária, observando que aos 12 anos já participava da elaboração do jornalzinho *Espadachin*, do grêmio estudantil, que tinha o acompanhamento e supervisão da madre superiora, sempre muito rigorosa nas correções (Cardoso, 2010).

Ao concluir os estudos no convento, Alina Paim viaja a Aracaju, visitando a capital por poucos dias; ao retornar a Salvador começa a trabalhar em uma escola da periferia, e com esta experiência ela sente o peso da miséria das crianças e constata as contradições sociais na educação brasileira. Devido a problemas pessoais, de ordem emocional, Alina Paim é internada em um sanatório para doentes mentais, neste espaço passa a ser atendida pelo médico Isaías Paim, com quem se casa em 1943 e de quem herda o seu sobrenome literário. Após o casamento, seguiram para o Rio de Janeiro, onde Alina não pode exercer o magistério pela validade do seu

⁵ O termo "romance engajado" refere-se a uma forma de literatura que emergiu no Brasil durante a década de 1930. Essa corrente literária foi caracterizada pelo compromisso dos escritores com questões sociais, políticas e econômicas da época, especialmente com a realidade dos setores mais marginalizados da sociedade. Os autores desse período buscavam retratar de forma crítica e comprometida as condições de vida da população brasileira, frequentemente abordando temas como a desigualdade social, a exploração do trabalhador, a luta pela justiça social e o desenvolvimento do país (Candido, 2009).

diploma que a limitava ao estado da Bahia. Encontrou-se, portanto, sem espaço para atuar como docente, ainda lecionou, voluntariamente, por pouco tempo em uma escola para filhos de pescadores, na ilha de Marambaia. Em seguida, a convite de Fernando Tude de Souza, passou a escrever para o programa infantil “No reino da alegria”, sob direção de Geni Marcondes, na Rádio do Ministério da Educação e Cultura – MEC, com a colaboração entre os anos de 1945 e 1956 (Cardoso, 2013)

Alina Paim produziu dez romances, quatro livros infantis, e fez traduções de Lenin, Marx. Teve seus romances traduzidos para os países comunistas, a exemplo do romance *A hora próxima*⁶, que fora traduzido para o russo e o chinês, *Sol do meio-dia* foi traduzido para o búlgaro e o alemão, no entanto a autora permaneceu no silêncio por mais de três décadas, quando poucas pessoas a leram. Os romances de Alina Paim foram premiados e prefaciados por Graciliano Ramos, Jorge Amado, pois ela convivia com grandes representantes da literatura e cultura brasileiras da época; frequentava a casa do mestre Graça, de Portinari, onde se reunia com os maiores escritores e mesmo assim passou por este momento de hiato em sua história. A autora iniciou a sua escrita em 1944 com o romance *Estrada da liberdade* e finalizou em 1979 com o romance *A correnteza*.

As narrativas de Alina Paim, propostas para a elaboração desta pesquisa, apresentam questionamentos acerca da condição social do trabalho da escrita para as mulheres. Como, por exemplo, o desejo de escrever, de ter conhecimento para vencer o patriarcado, ou qualquer outra forma de imposição de ideias, partindo de questionamentos como: Quais são as relações estabelecidas entre as personagens dos romances de Alina Paim? Como se dá o processo do trabalho da “escrita de si” como resistência?

Essas são questões que norteiam esta pesquisa, com o ensejo de contribuir para a inserção dos romances de Paim na historiografia literária, para compreender o percurso das produções de Alina Paim, uma vez que a autora contribuiu com a literatura brasileira, assim como Portinari e Jorge Amado tiveram apoio e financiamento do PCB, no entanto não havia permanecido na história da literatura brasileira.

Inserida no século XX, a obra de Alina Paim, assim como de Rachel de Queiroz, Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles, entre outras, traça um percurso de escritura que mergulha no universo da mulher e de suas lutas, denunciando opressões e propondo reflexões acerca das exigências sociais. Nesse sentido, a escrita de Alina Paim se destaca porque traz uma perspectiva intimista gestada dessas inquietações, articulando uma condição de igualdade

⁶ Nas citações utilizaremos a sigla AHP para o romance *A hora próxima*.

entre os direitos dos homens e das mulheres. Não em um discurso que determine a predominância de um grupo sobre o outro em relação às diferenças, mas como possibilidade de inserção das mulheres no mercado de trabalho. Assim, da perspectiva intimista de suas narrativas, suas primeiras protagonistas estão em busca de um trabalho e de sua independência.

Portanto, seus romances são caracterizados por uma estética realista particular ao se concentrar em personagens femininas em contato com atividades sociais. Desde as primeiras obras, *Estrada da liberdade* (1944), *Simão Dias* (1949), observamos que as protagonistas fazem duplo movimento psicológico e social: ao se introjetar em um universo de dúvidas existenciais ao mesmo tempo que aponta as estruturas de exploração da mulher e do trabalho assalariado. Nessas obras são detectáveis alguns traços autobiográficos, pois mescla elementos de sua própria vida com a ficção, criando narrativas que refletem suas experiências pessoais e seu posicionamento político. Essa técnica literária é própria de uma “escrita de si”, que envolve o ponto de vista feminino e as propostas de ações coletivas.

O texto literário, principalmente escrito por mulheres, tem se mostrado como um lugar promotor de profundas discussões sobre assuntos relacionados aos diversos estratos sociais, culturais, políticos e sobre a trajetória intelectual da mulher. Acerca disso, Constância Lima Duarte (2003), ao delinear o percurso dos textos escritos por mulheres, investigou e identificou os elementos, os recursos estéticos comuns entre as escritoras e o movimento feminista, a fim de incluir na historiografia da literatura brasileira as obras literárias escritas por mulheres; assim evidenciamos que a literatura das escritoras do século XX tem sido produzida a partir de experiências pessoais, reflexões sobre momentos históricos, questionamentos acerca da ordem social, insatisfações pessoais.

Se nas primeiras obras a perspectiva do trabalho da professora se sobressai, em *A hora próxima* (1955), as esposas dos ferroviários grevistas ganham a cena, e em *O sol do meio-dia* (1961); a jovem escritora nordestina está no centro da narrativa. Essas obras trazem particularidades estéticas e políticas do realismo socialista, pois foram publicações que sofreram interferências e adequações conforme pedidos de integrantes do PCB⁷.

O interesse pela obra de Alina Paim surgiu a partir do primeiro contato com a literatura de escritores sergipanos. Isso ocorreu durante a I Semana de Letras, organizada pelo curso de Letras da Faculdade José Augusto Vieira (FJAV), em 2006, quando tivemos acesso ao grupo de pesquisa Gelic, da Universidade Federal de Sergipe (UFS), coordenado pela professora Dr^a. Ana Leal Cardoso e pelo professor Dr. Carlos Magno Gomes. O grupo desenvolveu

⁷ Em sua pesquisa de mestrado Gabriel Silva registra diversos dados que comprovam essas interferências como a publicação do anúncio do livro em 1954, mas adiado para que a obra sofresse reformas (2022).

inicialmente pesquisas em duas linhas: Memórias, identidade cultural e gênero - voltada para questões identitárias na literatura; e Imaginário sociocultural na literatura – que se dedicava ao estudo dos mitos e do resgate em obras de escritores/as sergipanos/as.

A nossa proposta inicial para a pesquisa era de realizar uma análise das manifestações e das relações sociais, e as condições de trabalho para as mulheres a partir das personagens presentes nos romances estudados. Diante desse desafio, traçamos a análise das diversas personagens dos cinco primeiros romances, que vão do sonho de ser professoras ao de se tornarem escritoras, com marcas autobiográficas presentes nessas obras. Por essa constatação, fomos percebendo peculiaridades de uma escrita intimista que se voltava para o social. Tais marcas são próprias de uma “escrita de si” de resistência tanto ao sistema patriarcal conservador, como aos rígidos critérios da estética socialistas como defenderemos nesta tese.

Neste trabalho, vamos mapear a presença da “escrita de si”, na produção de Paim entre 1944 a 1961. Particularmente, escolhemos as obras pela ordem de escrita e não apenas de publicação, dando destaque para a primeira, terceira e quinta obra. Respectivamente, *Estrada da liberdade*, *Simão Dias* e *Sol do meio-dia*. Portanto, selecionamos as duas obras que trazem mais elementos autobiográficos e uma obra da fase do realismo socialista. Nessa quinta obra, a “escrita de si” se intensifica pelo engajamento da intelectual representada pela protagonista Ester, envolvida com as lutas pelos direitos dos trabalhadores.

As memórias de Alina Paim são perceptíveis em seus textos, essas relações são apontadas como autobiográficas pelas críticas Ana Leal Cardoso (2010) e Elódia Xavier (2009) e pela própria autora quando se refere ao romance *Simão Dias*, pois é uma obra que traz o nome da cidade e de alguns parentes com quem morou depois da morte de sua mãe. Esse romance, em particular, tem aproximação maior com as abordagens autoficcionais, pois há uma relação direta entre fatos ficionalizados e diversificados dados biográficos da autora, como veremos no último capítulo.

Ao propor a revisão de suas obras iniciais pela estrutura como os dados biográficos são explorados na escrita literária, comentaremos rapidamente alguns conceitos básicos com uma pequena reflexão sobre as fronteiras entre o autobiográfico e o autoficcional. Partimos de Philippe Lejeune (2008), no texto “Autobiografia e ficção”, que apresenta a discussão sobre o termo autobiografia, sendo esse considerado um gênero literário em que “o autor narra a sua própria vida”. É um texto geralmente escrito em primeira pessoa e segue uma ordem cronológica dos fatos, buscando estar o mais próximo possível da realidade. O caminho proposto por Lejeune para esse estudo é a partir do pacto autobiográfico, no qual há um “acordo entre o autor e o leitor de que o texto autobiográfico é um relato verdadeiro da vida

do autor” (2008, p. 16). No caso dos primeiros romances de Alina Paim, temos muitos trechos em que esse pacto pode ser firmado. Todavia, no todo, a obra apresenta uma escrita intimista que transita por diferentes “escritas de si”.

Quanto à autoficção, definimos como um gênero literário em que o autor deve mesclar elementos autobiográficos com elementos de ficção, criando uma narrativa, na tentativa de distinguir o que é real do que é imaginário. Nessa situação, o autor se utiliza, muitas vezes, de sua própria vida como ponto de partida, mas manipula os fatos e as personagens, a fim de construir uma narrativa que não é estritamente verdadeira, desafiando as fronteiras entre a realidade e a ficção. O principal autor que discutiu a autoficção foi Serge Doubrovsky (1977) ao utilizar o termo em seu romance *Fils*. Para o autor, a autoficção é uma forma literária que se baseia nas experiências pessoais do autor, mas que transcende os limites da autobiografia tradicional ao incorporar elementos da ficção. Na autoficção o autor tem “a liberdade de reinventar sua própria vida”. Por esse ângulo proposto por Doubrovsky, podemos classificar *Estrada da liberdade* como uma obra autoficcional, visto que a trajetória biográfica de Alina Paim é recontada na trajetória da protagonista Marina.

Eurídice Figueiredo, no artigo “A autoficção e o romance contemporâneo”, publicado em 2020, afirma que

O formato da autoficção se assemelha ao do romance na maneira de contar histórias, seja de maneira fragmentária, seja de maneira mais coesa e contínua; a parte de ficção não significa fabulação, inventividade ou fantasia, mas o tipo de linguagem. O autor de autoficção dá intensidade e vivacidade a sua narrativa compactando pessoas para criar personagens e magnificando acontecimentos que na vida real podem ter sido insignificantes, o que equivale a dizer que ele faz (quase?) exatamente a mesma coisa que o autor de romances (Figueiredo, 2020, p. 239).

Pela perspectiva de Figueiredo as duas obras comentadas de Alina Paim se enquadram como textos autoficcionais, pois trazem diversos personagens “compactados” de acontecimentos reais vividos por ela. Sabemos que a tarefa de classificar as obras de Paim apenas com uma etiqueta não é simples, nem pretendemos fazer nesta tese. Nosso principal objetivo é ampliar a fortuna crítica sobre a obra da autora para investigarmos como elementos de sua vida foram incorporados aos primeiros romances e como eles são pouco utilizados nas obras *A hora próxima* (1955) e *O sol do meio dia* (1961). Dois romances produzidos sob a orientação da estética socialista como veremos adiante.

Para melhor justificar nosso recorte, apresentamos as três obras selecionadas,

relacionando-as a diferentes vertentes da “escrita de si”. *Estrada da Liberdade* (1944)⁸, o romance inaugural, que teve grande impacto na sociedade pelo fato de trazer denúncias sociais, questionando a postura conservadora da educação religiosa, que não preparava as professoras para enfrentar a dura realidade do povo brasileiro nas periferias de grandes cidades. As experiências da protagonista Marina se aproximam das relatadas por Alina Paim quando esteve internada no convento da Soledade, em Salvador. Além dessa aproximação entre a vida da autora e da protagonista, há referências a crianças vulneáveis que não conseguiam aprender por falta de condições básicas como alimentação e saúde, como nos revelou Paim em diversas entrevistas. Alina Paim precisava compartilhar as informações adquiridas com a sua experiência, descrevendo estratégias de resistência aos sistemas opressores como as rígidas normas de controle da sexualidade da mulher.

O romance *Simão Dias* (1949)⁹, considerado autobiográfico pela própria autora, traz a denúncia de maus tratos vividos por Paim na educação que recebeu das tias, quando ficou órfã de mãe. O romance questiona os valores patriarcais que vinculavam a educação aos afazeres domésticos. Lutando contra esse contexto repressor, a protagonista Do Carmo e sua tia Luísa buscam na educação formas de superar a misoginia. Luíza passa a ser uma inspiração para Do Carmo, pois tinha estudado fora da cidade. Com uma formação educacional, a protagonista sonha em abonar aquele destino traçado para ela.

A narrativa *Sol do meio-dia* (1961)¹⁰, que retoma a formação da escritora, com os embasamentos políticos e sociais, no processo de uma “escrita de si” engajada e resistente a toda forma de imposição exterior. Nesse romance, a protagonista perpassa por vários campos. O da observação do ser humano que convive com ela em uma pensão; o da militância política, desde a eufórica participação em atos e missões até a decepção de se sentir abandonada, deixada de lado; os caminhos necessários para chegar a uma editora até a importante decisão de escrever, se identificando enquanto escritora. Apesar de ser um romance da estética socialista, os percalços da protagonista diante das decepções com as cobranças do partido se aproximam da censura que Paim sofreu desde a escrita do romance anterior *A hora próxima* (1954). Portanto, também é uma obra que nos coloca diante da ficcionalização de traumas da escritora.

Pela perspectiva do realismo socialista, a literatura engajada de Paim segue orientações

⁸ Estamos utilizando a segunda edição, publicada pela editora da Assembleia Legislativa de Salvador, em 2014.

⁹ A edição utilizada é a terceira, publicada pela editora do Diário Oficial do Estado de Sergipe, em 2015.

¹⁰ O volume da primeira edição foi adquirido em um sebo do Rio de Janeiro, no ano de 2007. Está autografado para o “Mestre Nelson, com a alegria do reencontro, um abraço de Alina Paim”, com data de 18 de maio de 1961, Rua Almirante Guilherme, 366, apto. 301, Leblon. Ninguém havia feito a leitura desse volume, pois todas as folhas estavam sem o corte superior, sendo impossível folheá-lo, foi necessário que uma gráfica fizesse o corte e a costura com uma capa dura para a realização da leitura.

de uma estética didática que ensina valores da luta trabalhista, por isso também traz preocupações em torno do papel da intelectual em seus romances escritos na década de 1950. Entre os teóricos que nos ajudam a pensar essa questão, vamos retomar a perspectiva de Jean Paul Sartre, a partir do ensaio “O que é literatura?” (1947), no qual ele inicia distinguindo os tipos de escritores, dentre eles está o escritor engajado e o puro. Considerando o engajado como aquele que reconhece suas responsabilidades diante da sociedade e utiliza a sua escrita, e texto como ferramentas, como mecanismos para promover mudanças e denunciar as injustiças. Enquanto o escritor puro é o que se isola do mundo externo e busca somente a expressão estética, sem preocupações políticas e sociais.

Para Edward Said (2005), em “Representações do Intelectual”, o papel do intelectual é o de comentar/envolver-se nas questões políticas de seu tempo, assumindo um papel de liderança, isto é um intelectual “orgânico”. Na concepção de Said, o intelectual deve representar e articular uma mensagem para o público, deve ser movido por ideais coerentes e com seus valores, não pode ser atraído por governos ou outros sistemas, deve estar preocupado com a mudança social, confrontando e contestando a autoridade e o poder político.

Mas o compromisso do escritor com as questões políticas devem ser relativizadas para que sua literatura não fique a mercê de uma ideologia. Sartre discute também essa problemática ao defender o conceito de liberdade na literatura, argumentando que o escritor é livre para escolher o que escrever, mas ao mesmo tempo é prisioneiro das circunstâncias históricas e culturais que moldam sua visão de mundo. Sendo assim, a literatura não apenas reflete a realidade, mas também a interpreta e a transforma, oferecendo novas perspectivas e possibilidades de compreensão do contexto histórico onde a obra nasce.

Cabe ressaltar a difusão, na literatura brasileira de dois momentos do realismo: o social e o socialista, que comportam diferenças relacionadas ao contexto histórico e ideológico, e a forma como foram abordados pelos escritores. Enquanto o realismo social estava mais ocupado em retratar as condições sociais e econômicas do país, como a escravidão, a urbanização e a corrupção; o realismo socialista, por outro lado, buscava promover uma arte alinhada com a ideologia comunista, à propaganda política, retratando os trabalhadores como heróis. Escritores intelectuais aliados ao PCB, como Graciliano Ramos, por exemplo, buscavam os ideais partidários, no entanto discordavam das imposições implicadas sobre as obras literárias.

De acordo com Gabriel Moura Silva, no fim dos anos 1940 e durante a década seguinte, o PCB se aproveitou da legalização do partido para divulgar uma literatura de cunho panfletário, pois havia um espaço político para divulgação do comunismo no Brasil por meio

das produções literárias, que se inspiraram inicialmente no modelo da literatura regionalista, pois “acreditavam na existência de uma certa correspondência entre o modelo estético soviético e os romances sociais brasileiros, amplamente produzidos a partir de 1930” (2019, p. 96). Todavia, esse modelo estético não dava conta das preocupações políticas que eram propostas pela estética socialista, já que o problema social era muito grave, era necessário transformá-los e um dos caminhos era o da revolução proletária.

O romance *A hora próxima* (1955) é um produto dessa consideração entre a intelectual engajada e o realismo socialista. A autora foi solicitada para registrar o ocorrido em Cruzeiro (MG), para tanto decidiu que iria registrar de acordo com o relato das pessoas que vivenciaram todo o processo da greve dos ferroviários. Assim, Alina Paim nos apresenta um cenário bastante desafiador para a sociedade operária, principalmente para as mulheres e as crianças, que estavam vivenciando uma situação de extremo descaso. Sem suportar as dificuldades e a fome, as mulheres tomam uma atitude genuinamente heroica: elas pararam as ferrovias em Minas Gerais e deflagram greve.

Essa obra lhe rendeu várias divergências com o partido e com intelectuais de esquerda e de direita, questionando as passagens mais panfletárias. Sobre esse romance, Gabriel Silva constata que houve diversas tentativas de adequação aos princípios do realismo socialista e como resultado “o romance evidencia a conscientização do operariado enquanto classe; as ações do PCB como mediador do movimento, tendo em seus militantes a figura do herói positivo; além de promover a participação feminina ao protagonismo da greve” (2019, p. 124).

Voltando ao debate sobre autobiografia e autoficção, observamos que as suas duas primeiras obras têm em comum a raiz da “escrita de si”, a qual se refere a um tipo de escrita que parte da experiência pessoal do autor, mas não necessariamente busca narrar uma história de vida de forma linear como na autobiografia. A “escrita de si”, portanto, explora as experiências individuais do autor e suas reflexões sobre temas como identidade, memória, subjetividade, entre outros. No segundo momento, nas quarta e quinta obras, ela adere à estética do realismo social e passa a se projetar em sua obra como uma intelectual de esquerda preocupada em discutir os problemas do seu contexto social sem deixar de lado o intimismo realista característico de sua literatura.

Alina Paim usa, nesse segundo momento, a “escrita de si” como possibilidade de construção de novas subjetividades, contrapondo os modelos tradicionais com padrões normativos, abrindo espaço para a voz da mulher, mesmo para uma obra que exigia o tom objetivo. Assim, sua literatura amplia os espaços da mulher na luta socialista, resgatando a memória de mulheres que estiveram na linha de frente desse movimento grevista, reforçando

o lugar da intelectual compromissada com a luta do povo por uma sociedade mais igualitária.

Cabe destacar também que Alina Paim e outros autores envolvidos com o partido obtiveram reconhecimento em países onde a estética do realismo socialista passou a ser divulgada como uma estratégia de propaganda governamental, por isso suas obras foram traduzidas para o russo¹¹ e para o alemão. A divulgação da obra de Paim no Brasil também ficou a cargo de editoras envolvidas com a divulgação dessa estética como a Leitura e a Vitória. Ela também contou com prefácios e orelhas de livros destacando seu perspicaz olhar socialista; nas obras e nos prefácios há elogios dos seus “padrinhos” Jorge Amado e Graciliano Ramos, para *A hora próxima* e *Sol do meio-dia*, nas quais a narradora cita excertos dos manifestos comunistas.

A estética intimista politizada de Alina Paim levanta questões sobre os limites entre o biográfico e o ficcional na literatura. As narrativas analisadas nesta pesquisa revelam os desafios entre as fronteiras tradicionais, entre a vida e a arte, sugerindo uma complexidade entre experiência pessoal e a criação literária. Como explica a pesquisadora Eurídice Figueiredo sobre a “escrita e si” na literatura contemporânea, explorando obras dos autores que utilizam elementos biográficos em suas narrativas, como o enfrentamento de ditaduras, de questões políticas e sociais, destacando a importância de compreender as complexidades envolvidas na interseção entre o vivido, o memorado, o imaginado e o fabuloso, tornando tênue a linha entre a realidade e a ficção.

Para o desenvolvimento desta tese, buscamos traçar uma metodologia com arcabouço teórico a partir das seguintes conceituações. Sobre os estudos da crítica feminista, tomamos como aporte teórico Constância Lima Duarte (2003), Elódia Xavier (2012), Ana Leal Cardoso (2009, 2019) e Iracélli Alves (2015), entre outras. A pesquisa com os romances de Paim nos proporcionou a discussão acerca do engajamento da autoria da intelectual, para tanto tomamos como fundamento teórico os estudos de Edward Said (2005), Michel Foucault (2004) e Jean-Paul Sartre (1948), remetendo-nos ao estudo da autoficção e da escrita de si a partir de Philippe Lejeune (2008), Eurídice Figueiredo (2007), Margareth Rago (2000), entre outros.

A estrutura da tese está organizada em quatro capítulos, a fim de proporcionar melhor compreensão do estudo desenvolvido.

O primeiro capítulo tem como título “Contexto social e atuação intelectual de Alina Paim” que desenvolve uma discussão a partir da atuação da romancista enquanto intelectual no

¹¹ Anexo 1 - O romance *A hora próxima* foi traduzido para o russo em 1957, como divulgado no periódico Leitura (RJ) - 1923 a 1973 In: HEMEROTECA Digital Brasileira. Biblioteca Nacional. Seção: Periódicos. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>.

meio político e cultural do país, ganhando expressivo destaque para o romance inaugural, com destaque sobre a estética realista e os conflitos com as mulheres escritoras.

No segundo capítulo, abordamos “A proposta de uma recepção ideológica para Alina Paim”, que traz uma discussão sobre a influência do realismo social, com o propósito de apresentarmos a recepção das obras de Alina Paim por meio da sua biografia, participação nos jornais da época, apreciação dos romances através dos prefácios e uma fortuna crítica, propondo uma reflexão sobre a recepção da “escrita de si” presente nos romances da escritora.

No terceiro capítulo, cujo título “A resistência da escrita intimista”, fizemos um levantamento teórico e metodológico sobre a relação entre o realismo socialista, a “escrita de si” e o lugar da intelectual engajada.

No quarto capítulo, intitulado “Do autobiográfico ao Realismo Social Intimista”, dedicamo-nos à análise dos romances, observando a origem das personagens escritoras, trabalhando com *Estrada da liberdade*, em seguida a relação entre autoficção e realidade presentes em *Simão Dias*, dando continuidade com a verificação da concretização da “escrita de si” desenvolvida em *Sol do meio-dia*, em um processo de resistência política e cultural frente aos enfrentamentos enquanto mulher, intelectual e escritora.

Em seguida, traçamos as considerações finais, retomando os nossos objetivos, com o fito de elencarmos as conclusões alcançadas ao longo do desenvolvimento desta tese, defendendo que a estética dos romances de Alina Paim está definida como de autoficção, a partir da “escrita de si” engajada com os problemas sociais envolvendo homens e mulheres, o que influenciou na formação da escritora intelectual. Delineamos, a seguir, a atuação da intelectual e a relação com o contexto socialista.

1 CONTEXTO SOCIAL E ATUAÇÃO INTELECTUAL DE ALINA PAIM

Os estudos de resgate de Alina Paim têm um compromisso com a reescrita da história literária e da história política do Brasil, já que ela foi deixada de fora dos principais manuais de história e de literatura brasileira do século XX, mesmo com uma atuação participativa junto a Graciliano Ramos, Jorge Amado e Cândido Portinari, para falar dos comunistas mais famosos que conviveram com a sergipana entre os anos de 1940-1960. Entretanto, no que se refere à presença do seu nome sendo mencionado nos mais completos tratados de história da literatura brasileira, não encontramos nenhuma citação, menção as suas obras literárias, a saber Bosi (1980), Candido (1975), Gonzaga (1990), Moisés (1989), exceto o “Dicionário crítico de escritoras brasileiras”, de Coelho (2001).

Diante deste silenciamento em torno de seus romances, não é à toa que, em 2009, Alina Paim declara a grande surpresa e alegria por suas obras estarem sendo lidas e pesquisadas. “Vou ser sincera, tomei um grande susto, quando minha filha disse-me, naquela tarde em que telefonou para cá, que uma professora de Sergipe gostaria de falar comigo, e que essa tal moça estava pesquisando a minha obra” (PAIM, 2017, p. 251). Dois anos após este evento, a romancista Alina Paim faleceu, em 1º de março de 2011. Para a pesquisadora Ana Leal Cardoso, a literatura de Alina Paim tem fôlego e “instaura um universo próprio à investigação, tamanho é o ímpeto das forças sociais e culturais que se entrelaçam e integram a sociedade contemporânea, ali representada, o que ‘casa’ com os parâmetros da crítica feminista” (2009, p. 37).

Consideramos que a realização desta pesquisa esteja entrelaçada com o propósito de proporcionar a leitura das obras de Alina Paim pela perspectiva humanizadora, independentemente de qualquer viés ideológico, por tratar-se de uma literatura voltada à representação dos menos favorecidos. Ressaltamos que a particularidade de sua tessitura literária por meio do ponto de vista da mulher deve ganhar mais visibilidade em seus estudos, contextualizando sua obra com as produções do realismo social e socialista. Tais estratégias literárias são próprias das produções dos anos de 1950 e 1960, dialogando com as questões políticas e estéticas daquele período.

A essência socialista já estava em sua alma desde a infância, pois sempre estava preocupada com os menos favorecidos, incomodava-se com as injustiças sociais. Apesar de ter sido orientada a mudar trechos de suas obras nos anos de 1950, Paim ressalta que não sofrera imposições ou determinações por parte do partido, “[...] nunca o partido interferiu na minha produção, embora eu soubesse que a obra deveria estar engajada, preferencialmente” (Paim,

2017, p. 265). Para este trabalho, independente das orientações do partido a que estava filiada, sua literatura supera as diretrizes políticas por meio de uma escrita intimista que privilegia o ponto de vista da mulher. Trata-se de uma autora que defende os direitos humanos, denunciando as inúmeras injustiças sociais, as mazelas escondidas no interior das famílias, das instituições públicas e privadas, mesclando a realidade observada e as memórias vividas.

Na sequência, vamos retomar dados históricos e reflexões iniciais sobre o lugar de Alina Paim na história, discutindo as condições da intelectual e escritora frente às lutas pessoais e políticas.

1.1 A ATUAÇÃO INTELECTUAL DE ALINA PAIM

Nesta seção discutiremos a relação entre a autora e o texto literário, observando a “escrita de si” como processo de resistência e de engajamento da intelectual presente nos romances de Alina Paim, levando em conta sua atuação no PCB e seu desejo de uma literatura voltada para as problemáticas sociais. Tal relação muito próxima ao partido nos proporciona novas reflexões sobre sua obra, questionando se a recepção direcionada para uma abordagem ideológica não foi uma estratégia equivocada do contexto de lançamento de seu romance como tentaremos aprofundar no próximo capítulo. Estamos interessados em saber como o intimismo psicológico de suas protagonistas pode ser visto como uma resistência às exigências de uma escrita socialista. Por ser uma intelectual de esquerda, Alina Paim ficou à sombra de seus colegas intelectuais, merecendo mais estudos para avaliarmos como ela conseguiu resistir a uma censura partidária e se libertar da fórmula imposta nos anos 1950 pelo PCB.

Com a filiação ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), na seção Rio de Janeiro, Alina Paim tornou-se membro do Departamento Feminino do Comitê Democrático Botafogo-Lagoa, em 1944; ela inicia então uma atuação intelectual engajada com as causas do partido (Alves, 2015). Em entrevista para a professora Ana Leal, concedida em 2009, a romancista relata que ingressou no PCB com o apoio do seu esposo Isaías Paim e que teve a oportunidade de conhecer e de conviver mais de perto com Graciliano Ramos, Jorge Amado e Candido Portinari.

Alina Paim teve importante atuação com os intelectuais do partido, “em 1947, a autora se inclui entre os escritores que, em homenagem ao centenário de Castro Alves, assinam o documento a ‘afirmar a fé patriótica e democrática que emerge da sua obra, como um programa permanente de pensamento e ação a serviço do povo’” (Oliveira, 1998, p. 19). No mesmo ano ela foi eleita secretária da nova diretoria da Associação Brasileira de Escritores (ABDE), para

o biênio seguinte. Nesse espaço de tempo outros intelectuais integravam a diretoria, como Graciliano Ramos, Astrojildo Pereira, Manuel Bandeira e Orígenes Lessa.

Além disso, ela foi representante nos congressos da ABDE; em 1952 participou da Conferência Interamericana pela Paz, em Montevideu, atuando como delegada da comissão. Em janeiro de 1963 participou do Congresso de Mulheres, em Havana, com a temática do progresso das mulheres na sociedade. Foi à URSS e Tchecoslováquia em excursão com outros intelectuais do PCB. Como percebemos, Alina Paim esteve envolvida em diversas ações partidárias, que lhe renderam a divulgação de sua obra no Brasil e nos países socialistas.

A exemplo, verificamos que o jornal *Leitura* publicou várias reportagens e entrevistas divulgando o trabalho de Alina Paim. Quando anunciava uma nova obra, seus romances anteriores eram citados, dando ênfase a sua origem nordestina e ao fato de ser professor como na divulgação do lançamento de *O sol do meio-dia*. Em “A professorinha de Estância já tem História Literária”¹², Barboza Mello destaca a jornada dos romances escritos e publicados, enfatizando o modo singular como Alina Paim chegou com os primeiros escritos à editora *Leitura*, a fim de publicá-lo. “Em 1945, com a *Estrada da liberdade*, de Alina Paim (este era o nome da professorinha adolescente) a Editora *Leitura* lançava uma escritora que viria a ter posição definitiva entre os nossos bons romancistas”. Destacando também as traduções do romance *A hora próxima*, para o russo e para o chinês, e ressalta que o texto *Sol do meio-dia* é o livro com a capa mais cara até aquele momento no Brasil.

As cinco primeiras obras são densas e repletas de personagens do povo, trazendo as marcas de uma literatura voltada para propor reflexões sobre injustiças sociais. A escolha do romance se justifica por ela optar por longos enredos, envolvendo diversos tipos humanos na caracterização de seus personagens. São homens, mulheres, crianças em relacionamentos familiares, sociais e políticos elaborados pela motivação de querer compreender o ser humano. Paim não escreveu apenas para as mulheres, escreveu para o povo, ela tinha muita preocupação com a humanidade, mas não podemos negar que as condições de vida das mulheres na sociedade era o seu foco principal atrelado ao relacionamento delas com a sociedade e com os homens ao seu redor.

A sua dedicação ao representar o povo é uma marca pontual de sua literatura. De acordo com E. Said, no texto “Representações do Intelectual”, ela pode ser vista como uma intelectual, pois assumiu o lugar de porta-voz para a sociedade de situações concretas, reais, dos desafios vividos pelos que não são ouvidos. Entre suas atuações, Said destaca que: “uma das tarefas do

¹² Esse romance foi anunciado em 1960, mas lançado em 1961. Anexo 2- **Jornal Leitura** (RJ), em 1960, Edição n. 37, página 22, *Leitura* (RJ) - 1923 a 1973 - DocReader Web (bn.br)

intelectual reside no esforço em derrubar os estereótipos e as categorias redutoras que tanto limitam o pensamento humano e a comunicação” (2005, p. 10). Lendo Alina Paim como intelectual, devemos considerar a sua participação na história da literatura, com uma escrita marcada pelas influências do neorrealismo ou regionalismo social, ao qual pertencia o romance de 1930, com forte influência do socialismo, comunismo.

Vale destacar que as primeiras obras de Paim têm marcas estéticas do Romance de 30, ora considerado por parte da crítica literária como Romance Regionalista, período em que a literatura feita por nordestinos ganhou destaque por seu vínculo com os dilemas sociais como as narrativas de José Américo de Almeida, que com sua obra *A Bagaceira* (1928), marcou o início do romance regionalista no Brasil. Na sequência, outros nomes surgiram como Rachel de Queiroz com o romance *O Quinze* (1930); José Lins do Rego e seu *Menino de engenho* (1932), Jorge Amado e seu romance *Capitães de Areia* (1937); e Graciliano Ramos com sua obra emblemática *Vidas Secas* (1938), entre tantos outros.

Mesmo com várias atuações políticas e culturais, Alina Paim é muito pouco lembrada. Talvez tenha sido punida por seu caráter de intelectual feminina, por ser uma mulher que questionou estruturas de poder como a educação religiosa e o patriarcado. Essa atuação como intelectual é marcante em algumas obras como quando se opõe à rígida educação religiosa em *Estrada da liberdade* (1944), ou quando denuncia as opressões sofridas pelas mulheres nas famílias patriarcais e latifundiárias em *A sombra do patriarca* (1950)¹³, ou quando foca nas injustiças sociais, descrevendo as opressões sofridas pelos trabalhadores das ferrovias em *A hora próxima* (1955), portanto, nessa fase, Paim agia como uma intelectual em suas obras. Conforme afirma Said, o papel do intelectual é repensar as relações de poder de modo geral, sem esquecer as advindas das instituições acadêmicas, igrejas e entidades profissionais: “a meu ver, o principal dever do intelectual é a busca de uma relativa independência em face de tais pressões. Daí minhas caracterizações do intelectual como um exilado e marginal, com o amor e autor de uma linguagem que tenta falar a verdade ao poder” (Said, 2005, p.15).

Após o governo militar dos anos 1960, Alina Paim foi submetida a uma dupla censura: como intelectual de esquerda e como escritora dos pobres. Ela era uma porta-voz de seu tempo e uma das mulheres que procurou divulgar a estética socialista no Brasil ao seu modo como veremos no terceiro capítulo. Said aponta para a necessidade de se ter uma identificação de quem são os intelectuais de cada tempo histórico, ressaltando que nenhuma revolução ou contrarrevolução ocorreu sem o apoio, sem as ideias de um intelectual, entretanto há a

¹³ Nas citações utilizaremos a sigla ASP para o romance *A sombra do patriarca*.

possibilidade de este ser reduzido a um indivíduo sem importância ou interferência na sociedade. Assim, o autor considera o fato de “o intelectual ser um indivíduo com um papel público na sociedade, que não pode ser reduzido simplesmente a um profissional sem rosto, um membro competente de uma classe, que só quer cuidar de suas coisas e de seus interesses” (Said, 2005, p. 25).

O papel ou a função do intelectual está, para o autor, além do que se pode esperar do indivíduo pensante, ou do articulador de novas ideias, sendo que “a questão central para mim, penso, é o fato de o intelectual ser um indivíduo dotado de uma vocação para representar, dar corpo e articular uma mensagem, um ponto de vista, uma atitude, filosofia ou opinião para (e também) um público” (Said, 2005, p. 25). Há, para o autor, uma visão acerca do intelectual como aquele que pensa a sociedade, que tem conhecimento, que possui aproximação do público, buscando refletir também possibilidades de melhoria para o que está além dos escritos.

Nos romances, os intelectuais encontram espaço para a realização de descrições sociais, isso a partir do século XIX, conforme aponta George Lukács em “Teoria do Romance” (1962), pois foi a partir do gênero literário “romance” que o homem, o sujeito passou a ser integrante central das narrativas, ou seja, os seus conflitos, dilemas, problemas sociais passaram a integrar, a protagonizar as histórias, cabendo ao intelectual a realização das descrições e provocando a sociedade, sem tomar partido, buscando a valorização do indivíduo, pontuando aquilo que pode ser particular, singular e universal.

O romance, ora compreendido como uma evolução da epopeia, considera, desde então a individualidade do sujeito imanente que pode ser problematizada, uma vez que passará à representatividade do seu estado de alma e a sua interioridade, os seus ideais. Esse processo se dá na forma interior do romance, corroborando com o que Lukács afirma que tal processo “é a marcha para si do indivíduo problemático, o movimento progressivo que o leva a um claro conhecimento de si” (1962, p.90).

Ao teorizar sobre o romance, Lukács eleva a autenticidade do ser que corresponde à obra de arte, na qual se faz necessário o processo dos fatos sociais em que o homem está inserido, sendo então o “resumo de tudo o que está atrás e ponto de partida para novas obras, que estão já presentes no embrião da nova forma” (Lukács, 1962, p.195).

Através desta certeza, o autor, criador do romance, passará a declarar, em sua escrita, o essencial da alma, a aventura de descobertas da essência da vida que pode ser encontrada no romance, assegurando a descoberta de si mesmo, da imanência, expressada e contida nas experiências vivenciadas pelo autor (Said, 2005). Nesse debate, temos a influência de George

Lukács (1962), que teorizou sobre o realismo crítico como uma forma de arte, que representava o mundo de acordo com a perspectiva socialista, através do reflexo¹⁴ da sociedade na arte.

Como crítico literário e teórico marxista, Lukács (1962) discutiu sobre as implicações do realismo social na literatura e na cultura, argumentando que este deve ser crítico e dialético, ou seja, que deve analisar criticamente as condições e os conflitos presentes na sociedade, bem como as mudanças e as lutas de classe que se intensificaram por todo o mundo. É na literatura que o leitor irá se deparar com uma visão mais crítica e realista do mundo.

No texto literário que apresenta características de um realismo socialista, de acordo com Lukács, o texto não é neutro, pois a obra deve ter um compromisso social e político de forma clara, sendo definida como uma literatura engajada para a transformação da sociedade a caminho de um socialismo, promovendo as classes trabalhadoras ao defender seus direitos, e os valores socialistas. O movimento visava a realização desse processo por meio da arte e da literatura, defendendo os direitos das classes trabalhadoras e apoiando a transformação da sociedade em direção a uma ordem socialista. A literatura realista socialista, portanto, não apenas retratava a realidade social, mas também tinha o propósito de influenciar ativamente a opinião pública e promover a agenda política do socialismo.

Para Said, valores universais como a verdade e a liberdade deveriam ser defendidos pelos intelectuais, independente do momento histórico e da estética literária, quando enaltecem as competências, os jogos de palavras e frisam as situações locais. Todavia, essa tarefa não é simples nem fácil, pois diversas entidades continuam a calar esse sujeito político, pois “os governos continuam a oprimir abertamente as pessoas, graves erros judiciais ainda acontecem, a cooptação e inclusão de intelectuais pelo poder continuam a calar sua voz, e o desvio dos intelectuais da sua vocação é ainda muitas vezes uma realidade” (Said, 2005, p. 31).

Mesmo com essas adversidades, a obra de Paim lutou por uma sociedade mais democrática. Como escritora, ela refletiu sobre as realidades da vida cotidiana, proporcionando uma leitura crítica de seu tempo, como discute Lukács.

Esta poesia é a poesia dos homens que lutam, a poesia das relações inter-humanas, das experiências e ações reais dos homens. Sem essa poesia imanente não pode haver narrativa autêntica, não pode ser elaborada nenhuma composição épica apta a despertar interesse humanos, a fortalecê-los e avivá-los. [...] O homem quer obter na literatura narrativa a imagem clara da sua práxis social. (1962, p. 164)

¹⁴ Entendemos reflexo na arte como o processo de criação literária pela mimese no pensamento aristotélico. É reflexo porque o autor do texto observa a realidade, pensa sobre ela e a recria no texto ficcional, ou seja, a escrita literária como reflexo da realidade.

É salutar observarmos que o realismo socialista trouxe uma abordagem literária que, muitas vezes, serviu a objetivos e princípios políticos e ideológicos específicos em países comunistas. Lukács, alinhado à ideologia comunista soviética, apontou a literatura como um veículo para a transformação social e política que influenciou as produções das narrativas do século XX, embora tenha sido criticada também por limitar a liberdade artística e a restrição à diversidade de vozes literárias.

Alina Paim esteve envolvida em diversas lutas sociais que promoveram o protagonismo da mulher, sobretudo valorizando diretrizes políticas do PCB, que eram próprias do socialismo, “prometendo à mulher, oportunidades iguais aos homens; liberdade das doutrinas cristãs; além da aprovação de medidas que de fato davam mais autonomia ao feminino, como o aborto e o estímulo ao acesso à educação e trabalho, inclusive nas funções predominantemente masculinas” (Silva, 2022, p. 65).

Em relação aos romancistas como representações do intelectual, deve-se pensar como direciona Said, que suas articulações diante dos conflitos sociais não devem ter como intenção o fortalecimento do seu próprio ego ou se colocar numa posição social favorável, nem deve estar em busca de agradar a determinados governos, ao contrário,

As representações intelectuais são a atividade em si, dependentes de um estado de consciência que é cética, comprometida e incansavelmente devotada à investigação racional e ao juízo moral; e isso expõe o indivíduo e coloca-o em risco. Saber como usar bem a língua e saber quando intervir por meio dela são duas características essenciais da ação intelectual. (Said, 2005, p. 33)

Esta representação dialoga com a escrita de Alina Paim, e aferimos este movimento de busca pela verdade social e pela integridade do intelectual nos movimentos que os romances proporcionam ao leitor, apresentando, refletindo sobre a integridade do ser em meio aos conflitos sociais, mais especificamente a condição da mulher.

No livro “Em defesa dos Intelectuais”, publicado em 1972, Sartre apresenta a discussão sobre a função social do intelectual, para isso, distribui o livro em três momentos. No primeiro, Sartre critica a ideia de um intelectual que se coloca acima da sociedade como um todo; o autor precisa estar engajado nas discussões e lutas sociais e políticas pelo seu lugar na sociedade, consciente do quanto pode influenciar a todos.

No segundo, Sartre traz à tona a discussão de um intelectual engajado, ou seja, aquele que está a serviço dos marginalizados, do que não tem influência social no âmbito econômico, mas pode apoiar os ideais de um escritor engajado por uma sociedade com mais equidade e justiça para todos.

E, ainda, Sartre pontua criticamente a condição do intelectual que se considera alheio aos problemas sociais, ou que se coloca em uma condição de neutralidade, pois o escritor engajado está à disposição de interesses políticos e ideológicos, atuando com sua subjetividade na produção e divulgação de conhecimentos que contribuem com as transformações sociais. É possível também estabelecer algumas conexões entre o texto de Sartre e a noção de "autoria de si", embora seja importante notar que o termo "autoria de si" pode ter diferentes interpretações e abordagens.

Sartre (1994), ao enfatizar a responsabilidade individual dos intelectuais ao se envolverem em questões sociais e políticas, argumenta que os intelectuais não podem se isentar de suas responsabilidades perante a sociedade. A noção de "autoria de si" também envolve a ideia de que os indivíduos são responsáveis por criar e dar forma as suas próprias vidas, tomando decisões autênticas e assumindo a responsabilidade por essas decisões.

O autor ainda defende a importância da liberdade e autenticidade na vida de um intelectual engajado. Ele acredita que os indivíduos devem agir de acordo com seus valores e convicções autênticas, em vez de seguir cegamente normas ou convenções sociais. A ideia de "autoria de si" também está relacionada à busca da autenticidade, na qual os indivíduos são encorajados a criar suas próprias identidades e viver de acordo com seus próprios princípios (Sartre, 1994).

Tanto o conceito de intelectual engajado quanto o de "autoria de si" podem estar ligados ao compromisso com a transformação social. Os intelectuais engajados, segundo Sartre, devem usar sua influência e voz para promover mudanças positivas na sociedade. Da mesma forma, a "autoria de si" pode envolver o compromisso de moldar ativamente sua própria vida em direção a um objetivo pessoal ou social mais amplo.

Embora essas conexões possam ser traçadas, é importante ressaltar que o conceito de "autoria de si" pode ser mais diretamente associado a outros filósofos existencialistas, como Michel Foucault, que explorou profundamente a ideia de que os indivíduos têm o poder de se autodefinir e construir suas identidades. Portanto, a relação entre o texto de Sartre e a "autoria de si" pode ser mais indireta, mas ainda há elementos filosóficos compartilhados entre os dois conceitos.

[...] qualquer que seja o caminho que você tenha seguido para chegar a ela, quaisquer que sejam as opiniões que tenha professado, a literatura o lança na batalha; escrever é uma certa maneira de desejar a liberdade; tendo começado, de bom grado! ou à força você estará engajado. Engajado em quê? perguntarão. Defender a liberdade, afirmação precipitada. Trata-se de tornar-se o guardião dos valores ideais, como o "intelectual" de Benda antes da

traição, ou será que é a liberdade concreta e cotidiana que é preciso proteger, tomando partido nas lutas políticas e sociais? A questão se liga a outra, simples na aparência, mas que nunca é levantada: "Para quem se escreve?" (Sartre, 1994, p. 53).

Sartre explora a escrita como uma forma de expressar a liberdade individual, o que implica também compromisso e responsabilidade. Sendo que o escritor é quem desempenha papel fundamental na criação de significado e na expressão da liberdade individual. O escritor é entendido como um agente ativo na compreensão e na representação do mundo a sua volta.

Conforme Sartre (1994), é o ser intelectual que está continuamente em oposição, na condição de si mesmo e da sociedade, como também entre a verdade e as ideologias dominantes, inserindo-o em um constante conflito social e pessoal.

De acordo com Antônio Gramsci, no livro "Os intelectuais e a organização da cultura", quando afirma que "Todos os homens são intelectuais, poder-se-ia dizer então: mas nem todos os homens desempenham na sociedade a função de intelectuais" (1982, p. 7). Para essa compreensão ele divide em dois grupos, o primeiro composto por professores, religiosos, administradores, denominados de o grupo dos intelectuais tradicionais, os que sempre faziam o mesmo, com o mesmo discurso e atitude. Por outro lado, estariam os operários, os técnicos, os líderes culturais, ou seja, os considerados intelectuais orgânicos, ou ainda, os que podem ser usados pelos conquistadores de poder e de controle dos grupos sociais, empresariais, culturais. Aqueles que devem assumir a condição de interlocutor entre o proletariado e o estado, a fim de uma hegemonia cultural.

O intelectual tem como função na sociedade promover o conhecimento, sem especular estereótipos, sem podar o pensamento humano, numa busca por liberdade de expressão. Apresentamos, a seguir, uma perspectiva da "escrita de si", nas obras de Alina Paim, considerando o seu engajamento com o realismo social.

Um aspecto importante a ser considerado sobre os objetivos do intelectual, segundo Said, está relacionado à identidade nacional, ao apego à cultura, aos costumes de um determinado povo, pois faz-se necessário verificar que o grupo identitário não é uma entidade divina ou natural, mas "um objeto construído, fabricado, às vezes até mesmo inventado, com uma história de lutas e conquistas em seu passado, e que algumas vezes é importante representar" (Said, 2005, p. 44). Neste sentido, o autor aponta para a necessidade de desapego à cultura local a fim do intelectual debruçar-se nos elementos universalizantes. E Alina Paim traz esses elementos para o romance quando volta o seu olhar para as necessidades da mulher, da criança, do pobre, do órfão e dos que não têm acesso à educação.

Afastar as particularidades da escrita do intelectual deve ser compreendida como uma maneira de construir argumentação racional, principalmente a frente de temas polêmicos. A exemplo desse processo, Said dialoga com o texto de Virgínia Woolf, “Um teto todo seu” (1928), quando parte da proposta de uma argumentação natural para expor a sua temática relacionada à representação do sexo frágil, entretanto, em seu texto, a autora tem a possibilidade argumentativa de extrair o patriarcado da língua e do poder, promovendo “uma nova sensibilidade em relação à posição da mulher, ao mesmo tempo subordinada e por vezes esquecida, mas também escondida” (Said, 2005, p.45). A representação da intelectual nos romances escritos por mulheres, e aqui especificamente nos seus romances carrega este trabalho de possibilitar uma leitura acerca da condição peculiar das mulheres, para que, pela argumentação racional, deixem de ocupar um lugar na cultura social de valores secundários e escondidos, oclusos.

Muitas vezes o intelectual carrega uma imagem representada pelo exilado, considerado um indivíduo sem pátria e sem raiz, reconhecidas as suas dificuldades pelo autor, pois exilado não é aquele que quer seguir sem pátria, sem origens, pelo contrário, é o ser que leva dentro de si as suas raízes,

Portanto o exilado vive num estado intermediário, nem de todo integrado no novo lugar, nem totalmente liberto do antigo, cercado de envolvimento e distanciamentos pela metade, por um lado ele é nostálgico e sentimental, por outro, um imitador competente ou um pára clandestino (Said, 2005, p. 57).

Observamos também o intelectual como aquele que é profissional, sendo classificado como um amador, pois para exercer a sua função ele necessita falar as verdades que enxerga, que reflete, e para esta realização acaba sendo dissociado de qualquer e de toda instituição que tente impedi-lo de dissertar sobre os problemas sociais na realidade.

A partir da década de 1930, a literatura no Brasil e o papel dos intelectuais estavam em constante evolução em razão das significativas mudanças sociais e políticas. Nesse contexto, as mulheres também desempenharam papéis importantíssimos e fundamentais como intelectuais.

Podemos enumerar algumas dessas intelectuais que foram ativistas nas causas sociais, como também se destacaram enquanto escritoras, a exemplo de Rachel de Queiroz (1910-2003), escritora, jornalista e intelectual, com destaque ao romance *O quinze* (1930), que abordou a seca no Nordeste e as dificuldades enfrentadas pelo povo nordestino; ela também defendeu o feminismo escrevendo sobre as questões de gênero. Cecília Meireles (1901-1964), poetisa, professora e intelectual, com uma vasta produção poética como *Mar absoluto* (1936), que explorava temas líricos, espirituais e sociais. Patrícia Galvão (1910-1962), também conhecida

como Pagu, foi escritora, jornalista, militante política e intelectual notória na década de 1930, escrevendo sobre questões feministas e políticas, sendo uma das pioneiras do movimento feminista no Brasil. Essas intelectuais, que desempenharam papéis cruciais na produção literária e na reflexão sobre a sociedade brasileira, abordaram questões sociais, culturais e políticas de maneira significativa e contribuíram para o desenvolvimento da literatura brasileira e do pensamento crítico na época.

Essas escritoras brasileiras não apenas produziram obras literárias de grande impacto, mas também se engajaram ativamente em questões sociais e políticas, usando sua escrita como forma de promover a conscientização e a mudança social.

Considerando o romance de Paim, *Estrada da liberdade* (1944), Marina não é demitida do colégio de freiras por discordar das condutas impostas no processo de aprendizagem, mas pela relação empregatícia entre diretora e professora, pois não pode manifestar a sua opinião. Em *A sombra do patriarca* (1950), Lorena deseja estudar e é impedida pelo patriarcalismo imposto pelo avô e pela mãe, Anita não pode escolher suas leituras, pois há textos pecaminosos, como os que apresentam as verdades das relações sociais. O romance *Simão Dias* (1949) apresenta o dilema de Do Carmo e sua tia Luísa, pois encontram empecilhos familiares que as impedem de buscar o conhecimento por meio dos estudos, há sempre uma tarefa doméstica a cumprir, afastando-as dos diferentes saberes. No texto *A hora próxima* (1955), as mulheres que lideravam a greve censuram a professora que tenta apontar o melhor caminho para as negociações com os diretores da ferrovia e com o prefeito, assim como as grevistas. E em *Sol do meio-dia* (1961), Ester abandona o caminho da militância no PCB por não ter espaço para expor os seus pensamentos e intuições, sua subjetividade, ela é excluída da editora porque quer falar demais, entretanto são esses fatores que a encorajam a tornar-se uma escritora, uma intelectual.

Por vezes, o profissionalismo neste campo de atuação acaba inibindo o intelectual pelas exigências de atuação social, nos diferentes saberes, o que interfere no campo da observação e que “também mata os prazeres do arrebatamento e da descoberta, ambos irredutivelmente presentes na índole do intelectual” (Said, 2005, p. 81). Além da especialização exigida para o intelectual na atualidade, há também a exigência por uma linguagem correta, tendo a obrigatoriedade de citar as fontes adequadas, ou seja, as autoridades certas para ser aceito por elas, como também estar à disposição daqueles que organizam e investem nas pesquisas, as denominadas agências fomentadoras de conhecimento; são imposições como essas ao intelectual que interferem na produtividade mantendo a verdade dos fatos sociais que tem problematizado a atuação dele para a sociedade.

Cabe destacar que, mesmo os colegas de partido não conseguem fazer uma crítica de forma adequada sobre as opções artísticas de Alina Paim, pois privilegiam seu compromisso social, sem haver aprofundamento em seu estilo e na forma como a própria autora se insere em sua ficção. Para Jorge Amado, no prefácio de *Sol do meio-dia*, há um destaque para a personalidade da autora meio contraditória quando diz: Alina Paim “jamais fez vida literária, sem pertencer a grupinhos. Para ela existe a literatura, não a vida literária. Jamais separou sua literatura da vida” (Amado, 1961, p. 7). Essa preocupação de desvincular a literatura de Paim da proposta do PCB era uma estratégia de vendagem, pois sabemos que naquele contexto havia muita censura para os escritores filiados.

As críticas às instituições religiosas estiveram presentes nas suas primeiras obras. Encontramos relatos que apresentam situações problemáticas a partir da atuação da escrita de Alina Paim, a exemplo do romance *Estrada da liberdade*, que de acordo com os estudos de Iracélli Alves,

Parece que o livro foi recebido com certo alvoroço em Salvador, sendo retirado das livrarias e queimados no convento onde Alina Paim estudou e em outros internatos da cidade. Em entrevista, a escritora contou que foi procurada por um grupo de jovens, ex-estudantes de internatos, que lhe contaram “sobre a fogueira” que foi feita com os exemplares de *Estrada da liberdade* no colégio em que estudavam. [...] No romance a autora faz críticas duras à instituição, acusando as freiras de hipocrisia. Guardiãs da moral, as freiras-personagens mantinham um “cemitério de anjos”, sugerindo que a prática do aborto era comum entre elas. Denunciou o tratamento elitista dispensado às alunas: se ricas, bem tratadas; pobres, humilhadas (Alves, 2020, p. 194-195)

Denúncias do cotidiano social são constantes nos romances da escritora, e são elaboradas a partir das suas vivências, experiências e observações. Na próxima seção faremos uma contextualização das relações do realismo social com os escritores e suas obras literárias.

1.2 DO REALISMO SOCIAL A ESTÉTICA SOCIALISTA

No Brasil tivemos os romancistas da década de 1930 com um considerável arcabouço para a realização de uma literatura que objetivasse as denúncias das mazelas sociais. Entretanto só denunciar a fome, a seca, a miséria, as desigualdades sociais, a falta de estrutura educacional não era suficiente. Fazia-se necessário incluir nos romances denominados de “proletários”, a ideologia socialista. Para isso começaram a ser criadas as associações de escritores, editoras comunistas, como foi o caso da editora Vitória, do Editorial e Jornal Leitura, de jornais que se empenhavam em noticiar a favor das ideologias comunistas.

Inserido em um contexto histórico entre as décadas de 1930 a 1950, o realismo social foi marcado por mudanças como a industrialização e a urbanização das cidades mais desenvolvidas do país, o êxodo rural intenso, possibilitando um momento de conscientização das desigualdades sociais e a luta por direitos trabalhistas para homens e para mulheres. De acordo com Afrânio Coutinho, no texto “A Literatura no Brasil”, os principais temas abordados pelos escritores estavam voltados para a exploração dos trabalhadores, a urbanização desordenada, a corrupção política, a migração rural-urbana e as condições de miserabilidade das classes baixas, dando voz aos marginalizados e excluídos dos grandes centros urbanos (Coutinho, 2004, p. 179-180).

Enquanto o realismo socialista tinha como base a crítica soviética, com seus propósitos e metodologias inseridos no texto literário para a difusão da cultura, apresentava, como afirmou Jorge Amado, tratar-se de um modelo que,

[...] exige do artista uma representação veridicamente concreta da realidade no seu desenvolvimento revolucionário. O caráter verídico e historicamente concreto desta representação artística da realidade deve se combinar com o dever de transformação ideológica e da educação das massas no espírito do socialismo (Amado, 1952, p. 167).

Entre os escritores que abraçaram o realismo social, incluímos Graciliano Ramos, Jorge Amado, Érico Veríssimo, Rachel de Queiroz, José Lins do Rego e Alina Paim, que apesar de não estar inserida nos manuais de história da literatura, publicou o primeiro romance em 1944, com o apoio e as orientações de Graciliano Ramos, o mestre “graça” como ela costumava chamá-lo. As obras com temas regionalistas, em que os escritores buscaram denunciar o atraso social onde a população estava inserida, sem motivações para o futuro, nem solução para os problemas que afligiam os marginalizados. Romances que criticam as desigualdades sociais e as injustiças enfrentadas pelos mais pobres, sendo reconhecidos tanto pela sua qualidade literária quanto pelo seu engajamento social.

A partir de 1945, quando o PCB saiu da clandestinidade, o partido começou a investir na continuidade da editoração dos seus produtos. São organizadas as editoras Vitória, Leitura e Horizonte, com foco na literatura marxista, nas traduções dos clássicos socialistas e da publicação de romances que devem seguir o propósito ideológico do partido.

Conforme o estudo de Fabiana Lisboa Ramos Menezes, na dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Sergipe, cujo título “Pelos trilhos da memória: Alina Paim e o realismo socialista em *A hora próxima*”, em que discorre sobre o processo de formação das bases ideológicas comunistas no Brasil, principalmente pelo viés da

cultura, literatura e intelectualidade nos anos de 1930 a 1950, momento em que os escritores entraram em contato com essa proposta;

Mesmo com um certo anacronismo em relação às circunstâncias que separam a URSS e o Brasil, a tarefa de implementação do Realismo Socialista foi concretizada em 1942. No entanto, a importação do projeto soviético encontrou rejeição entre os escritores que davam sustentação ao Partido. Uma discordância considerável partiu de Graciliano Ramos; sua postura quanto ao Realismo Socialista, pelo demonstrado em suas biografias, fora de recusa e desinteresse (Menezes, 2016, p.55).

Diversas medidas foram tomadas a fim de manter a integração entre os intelectuais que estavam alinhados ao PCB, que precisou enfrentar as medidas adotadas pelo governo Vargas, com o golpe do Estado Novo, em 1937, afetando principalmente os agentes culturais como os romancistas, tradutores e jornalistas.

De acordo com a tese do pesquisador Vinícius de Oliveira Juberte, cujo título “A editorial Vitória e as edições comunistas no Brasil: da legalidade ao Golpe” (1944-1964), do Departamento de História da Universidade de São Paulo, apurou que a editora Vitória atuou fortemente com traduções dos textos com a base ideológica comunista, entre esses a escritora Alina Paim,

A Vitória teve pelo menos cerca de cinquenta tradutores durante os seus vinte anos de existência. Sobre eles, alguns apontamentos. Constavam nessa lista desde figuras como Ruth Rowe, constante em periódicos como a revista O Cruzeiro, tradutora de Contos de Natal (1944) de Charles Dickens, que nada aponta ter qualquer ligação com o partido ou o comunismo, a nomes de reconhecida importância entre a militância, como Alina Paim, escritora e uma das tradutoras das obras de Lenin. É de sua responsabilidade individual a tradução de A Luta pela Unidade da Classe Operária Contra o Fascismo, de Giorgi Dimitrov (1946). Em parceria com seu marido Paim Júnior, traduziu História da Época do Capitalismo Industrial, de A. Efimov e N. Freiberg (1945), Que Fazer? Problemas Candentes do Nosso Movimento e Um Passo Adiante, Dois Passos Atrás, ambos de Lenin (Juberte, 2023, p. 52).

Na tese de Iracéli da Cruz Alves, cujo título “Feminismo entre ondas: Mulheres, PCB e política no Brasil”, a pesquisadora apresenta as exigências para a produção literária de acordo com o realismo socialista de 1950. Como ponto central, Arruda Câmara é apresentado como um censor a fim de analisar se os textos dos intelectuais estariam ou não de acordo com os requisitos do manual russo, que

Atuando como censor literário, Arruda Câmara matou e ressuscitou personagens de Jorge Amado; tentou impedir que romances de Alina Paim fossem levados à URSS para tradução; ridicularizou poetas e romancistas do

PCB; trabalhou, sem sucesso, para deixar inéditos manuscritos de Graciliano Ramos, pois o escritor se recusou a transformar sua arte em instrumento de propaganda política. Para ele, a literatura era essencialmente revolucionária, portanto, não precisava virar cartaz (Alves, 2020, p. 212).

Essas divergências e coerções dividiram os intelectuais pela impossibilidade de escreverem de acordo com a estética de cada um. Nessas condições, Alina Paim foi criticada pela sua forma de narrar e construir as personagens, pois consideravam que faltava um herói revolucionário, personagens com expressão comunista, era preciso, ainda, apresentar ao leitor a ideia do proletariado consciente das suas atitudes e pensamentos (Alves, 2020), ou seja, a romancista sofreu dupla censura, a do partido e a do governo.

De acordo com a pesquisa de Juberte, os censuradores apresentaram o seguinte parecer diante do romance *A hora próxima*.

O relatório de proibição do livro *A hora próxima*, de Alina Paim, de 1955, traz a seguinte análise feita pelo censor: ‘É um romance inspirado numa greve dos caminhos de ferro da Rede Mineira de Viação, com a luta dos trabalhadores e a atitude firme das 161 mulheres em papel predominante na reivindicação do salário com sabor pró-comunista, que se pode verificar a pág. 123-128. Julgo de proibir. O leitor: Jacques Rafael Sardinha da Cunha – Capitão’. Aqui o militar responsável deixa bastante evidente que, para além da questão da mobilização dos trabalhadores, a “atitude firme das mulheres” nessa luta é um traço incontestável do “sabor pró-comunista” da obra, logo, o protagonismo feminino foi fator de peso para a proibição da obra (Juberte, 2023, p. 60-61).

Alina Paim recebeu a proibição para publicar o romance, e mesmo assim os avaliadores do realismo socialista no Brasil apontavam que o romance deveria ser melhorado para atender as exigências dos parâmetros de publicação de acordo com a cartilha da escrita importada da URSS. Mesmo com o olhar dos críticos brasileiros, a romancista teve dois de seus textos traduzidos para os países socialistas.

Nos três primeiros romances de Alina Paim (*Estrada da liberdade*, *Simão Dias* e *A sombra do patriarca*), observamos que a autora explora algumas características do realismo social. Podemos notar essa influência na recorrente preocupação com a comunidade coletiva expressa no enredo. No primeiro romance é o ambiente escolar, a periferia, a pobreza extrema onde vive a vizinhança e a família da madrinha, Edite, Augusto e o filho Roberto. A descrição das desigualdades sociais entre o trabalhador (os professores) e o patrão (a madre do convento e o governo estadual), destacando a submissão do primeiro em relação ao segundo. Assim como a situação de Marina em relação ao pagamento do seu salário referente às aulas no convento: “Fora uma tolice aceitar a classe e ensinar sem saber quanto ia ganhar. Durante o tempo todo

em que falara com Madre Superiora sobre o emprego, não lhe saíra do pensamento o ordenado, mas... quando ia perguntar o quanto não tinha coragem” (EL, p. 13).

A ansiedade em saber quanto lucraria diante do trabalho realizado no primeiro mês, associada às necessidades pelas quais contabilizava, provocaram em Marina frustração e revolta,

Não quis olhar logo. Pensou ainda: ‘Devem ser uns trezentos cruzeiros. Se não for isso, menos de duzentos cruzeiros não pode ser’;
Olhou.
- É impossível! Houve engano. Madre Tereza trocou o envelope. Não pode ser menos de duzentos cruzeiros;
Mas, no envelope branco, havia somente cento e vinte cruzeiros. Era tudo que a correspondência trazia (EL, p. 15).

A partir de então, Marina passou a ter outra percepção das relações trabalhistas, especialmente sobre a profissão de professora, fazendo florescer o desejo por justiça e igualdade de direitos.

No segundo romance há os fatores de exploração do trabalho dos mais vulneráveis por seus patrões, a condição de vida fragilizada da comunidade da pequena cidade de Simão Dias. Como em dia de feira, quando Do Carmo ficava encarregada de entregar as esmolas, por ordem da avó Carolina. “Do Carmo abriu o portão, e os lamentos, ruído estranho de muitas vozes misturadas, umas tentando suplantando outras, tomaram por completo o campo de sua consciência” (SD, p. 55).

Está presente no romance *Simão Dias* uma forte característica do romance social, com o foco nas condições socioeconômicas e nas lutas das classes trabalhadoras. Assim como muitos escritores desse período que adotaram uma abordagem regionalista, destacando particularidades culturais e sociais de diferentes regiões do país, retratando as condições sociais, as lutas dos trabalhadores e as desigualdades locais.

O terceiro romance é o que apresenta maior aproximação com a estética do realismo social, como também com as obras dos demais autores de destaque do momento, quando o enredo parte das diferenças entre latifúndio e latifundiários, é o modelo de coronelismo do interior que vai prevalecendo, as desigualdades sociais e econômicas impostas pelas transformações do campo, a partir do processo de modernização do trabalho. É o caso das condições diferenciadas entre a troca do engenho de açúcar pela usina, por exemplo.

Em *A sombra do patriarca*, encontramos as duas realidades da zona rural presentes no nordeste do país. A grande casa do tio Ramiro, o dono da usina Fortaleza de cana de açúcar, e

ao lado a pequena moradia de tia Celina, o Curral Novo, que trabalhava ainda com o engenho de açúcar, entre um território e outro, as vidas de tantos escravizados.

A barriga de pele esticada está cheia de terra. Parece obsessão: terra, terra, terra. Nascem e crescem escravos de uma terra que nunca lhes pertencerá, de onde podem ser enxotados de um momento para outro. Bastará tio Ramiro desejar – e serão obrigados a abandonar seu teto de palha, a deixar a mandioca da rocinha e o milho embonecado, para outras mãos colherem (ASP, p. 33)

Outrossim, a estética literária do realismo social empregado por Alina Paim teve uma representação com forte influência das ideias e dos valores do socialismo e do comunismo, enfatizando aspectos positivos socialistas com forte crítica ao capitalismo.

O realismo socialista era fortemente e politicamente influenciado pelos governos socialistas e controlado por eles. Sendo as obras artísticas utilizadas como propaganda para promoção das ideologias do estado, para assim, retratar uma visão idealizada da sociedade socialista. Dessa forma, o quarto romance de Alina Paim, *A hora próxima* (1955), está voltado para essa determinação. Foi um romance encomendado, ou seja, a organização da Coleção para o Povo, coordenada pelo escritor Jorge Amado, solicitou que a romancista escrevesse sobre a greve dos ferroviários de 1950, que havia ocorrido em Minas Gerais e que tinha sido liderada pelas mulheres. No entanto, havia exigências específicas para a composição do romance, ele deveria destacar a luta de classes, entre operários e empresários, além do caráter didático, com ensinamentos socialistas.

O pesquisador Evandro José Santos Neto, no artigo “Jorge Amado e a estética do Realismo Socialista no Brasil”, relaciona as condições da delimitação do tempo representadas no romance, visto que devem obedecer aos critérios históricos, validando as lutas de classes entre as massas e a elite (Santos Neto, 2021). O autor enfatiza as deliberações expressas no estatuto da União dos Escritores Soviéticos, a partir do que declarou o escritor Jorge Amado, em 1952, na obra *O mundo da paz*, quando trata sobre a elaboração das personagens de uma narrativa.

Continuando, falaremos da história dos estudos sobre a relação de Alina Paim, da intelectual e da relação com a literatura.

1.3 AS LUTAS DAS MULHERES NO MODERNISMO BRASILEIRO

Diante do processo de ação das mulheres nos bastidores, tentaremos destacar diversas situações de acordo com os estudos do professor Luiz Gonzaga de Souza, com ensaios reunidos no livro “Memórias de Economia: ensaios a realidade brasileira”, publicado em 2003,

com edição eletrônica pela Universidade Federal da Paraíba, (UFPB), que aponta os caminhos sociais e econômicos do Brasil no período pós-regime militar e as consequências da política nacional. No capítulo intitulado “Mulher na sociedade atual”, o autor faz uma abordagem da condição da mulher no período mencionado.

Historicamente, a mulher começou a alcançar o mercado de trabalho quando, na maioria das vezes, os homens foram para as batalhas das duas Guerras Mundiais, sendo necessário que muitas passassem a conduzir os negócios da família, realizando as atividades antes consideradas apenas para os homens. Consequentemente, muitos deles não retornaram para casa, outros voltaram com deficiências, mutilações, e as mulheres precisaram levar adiante os projetos de trabalho, desempenhar as atividades dos maridos a fim de poderem cumprir os compromissos e as despesas da família, tendo que, respectivamente, deixar as tarefas domésticas e o cuidado com filhos e marido em segundo plano, ou terceirizando a maternidade (Souza, 2004),

é inevitável que as mulheres sintam cada vez mais a necessidade de uma identidade social que não seja exclusivamente definida a partir do papel econômico do homem. As mulheres, menos presas ao lar devido à maior facilidade de desempenho das tarefas domésticas e maternidades menos frequentes, e, por outro lado, mais instruídas e preparadas, naturalmente desejam utilizar suas capacidades, seus conhecimentos e sua competência para assegurar a sua própria independência e participar de modo mais completo e influente na vida da sociedade (Souza, 2004, p. 64-65).

Nesse sentido, podemos verificar uma mudança de paradigmas na sociedade como um todo, a partir do momento em que a mulher busca com mais afinco o mercado de trabalho, de forma oficializada. Alina Paim representou, nos romances estudados aqui, este processo em que as personagens protagonizam a busca de um posicionamento na sociedade por meio do trabalho formal, apresentando as dificuldades desde a ideia de assumir uma profissão, as precárias condições para isso, as críticas recebidas, as consequências relacionadas à família diante da mudança de papéis.

No século XX, houve a consolidação do sistema capitalista, o que provocou diversas mudanças na sociedade, nas empresas e nas famílias. Na década de 30, por exemplo, a imagem feminina vinculada às propagandas passou a ser direcionada ao consumismo de diversas formas, ora como mãe de família para a compra de diversos produtos, mesmo que não tivesse utilidade, a aquisição se dava apenas pela imagem sedutora dos objetos (Souza, 2004).

A mulher presente a partir da década de 30 pode ser caracterizada como insegura diante

das inúmeras transformações sociais e políticas pelas quais o mundo atravessava. Mudanças que tiveram continuidade com a Segunda Guerra Mundial, a Guerra Fria, os conflitos com Vietnã, Coreia, as conquistas chinesas, que deterioravam os planos sociais e políticos também da América do Sul. Enfim, a mulher e a sociedade estavam mergulhadas nas mudanças, nas novas ideias de sociedade e, principalmente, de trabalho.

No texto de Moema Toscano e Mirian Goldenberg, com o título “A revolução das mulheres: um balanço do feminismo no Brasil”, publicado em 1992, observamos que a mulher da década de 60 apresentava maior segurança na tentativa de ocupar todos os espaços, querendo manter a família, a organização da sociedade, buscando a sua própria valorização a partir do seu potencial. Entretanto, o trabalho desempenhado pelas mulheres continuava em condições de desvalorização frente ao praticado pelos homens. Pois há na sociedade um temor de que se a mulher se afastar do seio familiar pode promover, desencadear uma desorganização social, uma vez que pode provocar uma desestruturação da família. (Toscano; Goldenberg, 1992).

Mesmo com as transformações sociais, os valores relacionados à mulher não se modificaram, integrando a profissão ao lar, aos filhos e marido, percebemos essa realidade nos romances de Alina Paim quando as protagonistas Marina, de *Estrada da liberdade*, Luiza, de *Simão Dias*, Raquel, de *A sombra do patriarca*, as grevistas de *A hora próxima*, e Ester, de *Sol do meio-dia*. Além de discutirem as condições da mulher em sociedade, da importância do papel dela diante das transformações políticas, trabalhistas, sonham com a maternidade, o lar, a família. Essa mulher também começa a carregar um sentimento de culpa, de insegurança pelo fato de estar trabalhando e não conseguir cumprir o seu papel de mãe e esposa (Toscano; Goldenberg, 1992).

Conforme os estudos da professora e pesquisadora Margareth Rago (2000), com o artigo “Luce Fabri, o anarquismo e as mulheres”, quando discute o anarquismo latino-americano, com foco na presença das mulheres anarquistas na história, observando a problematização entre as relações de gênero no pensamento literário, compreendendo a estrutura de grande parte do proletariado existente no Brasil entre meados do século XIX e o início do século XX. Essa mão de obra, composta por mulheres, crianças imigrantes, era uma força de trabalho barata, com pouco custo e acessível para ser explorada. Numa postura política em que o governo brasileiro os atraía a fim de manter o funcionamento das lavouras, bem como as fábricas que estavam surgindo nas metrópoles brasileiras (Rago, 2000).

Quanto aos imigrantes que aqui chegaram em busca de uma terra prometida, sobretudo italianos, portugueses, espanhóis, alemães, russos, australianos, que fugiam de difíceis

condições econômicas ou políticas em seus países, encontravam-se muitas mulheres. Segundo Rago (2004),

De modo geral, um grande número de mulheres trabalhava nas indústrias de fiação e tecelagem, que possuíam escassa mecanização; elas estavam ausentes de setores como metalurgia, calçados e mobiliário, ocupados pelos homens. Em 1894, dos 5.019 operários empregados nos estabelecimentos industriais localizados na cidade de São Paulo, 840 eram do sexo feminino e 710 eram menores, correspondendo a 16,74% e 14,15%, respectivamente, do total do proletariado paulistano. Na indústria têxtil, encontravam-se 569 mulheres, o que equivalia a 67,62% da mão de obra feminina empregada nesses estabelecimentos fabris. Nas confecções, havia aproximadamente 137 mulheres. Já em 1901, um dos primeiros levantamentos sobre a situação da indústria no estado de São Paulo constata que as mulheres representavam cerca de 49,95% do operariado têxtil, enquanto as crianças respondiam por 22,79%. Em outras palavras, 72,74% dos trabalhadores têxteis eram mulheres e crianças. (Rago, 2004, p. 486)

Resumidamente, observamos nas estatísticas o trabalho escravizador imposto às mulheres, que após a abolição da escravidão foram direcionadas a setores sem nenhum tratamento de higiene, com péssimos salários; um grande quantitativo dessas mulheres eram negras inseridas no mercado como domésticas, cozinheiras, lavadeiras e prostitutas.

A desigualdade de trabalho entre homens e mulheres também ocorreu pela contribuição da construção social do patriarcado que atribui exclusivamente à mulher a atenção ao lar, aos filhos, ao serviço doméstico, colaborando com a desigualdade social, uma vez que além de todo esse trabalho muitas mulheres ainda exercem funções fora de casa, acarretando uma carga de responsabilidades e esforços muito maior, e com a remuneração, muitas vezes, inferior ao homem.

Entre os anos de 1890 e 1930, as mulheres, descritas muitas vezes como frágeis, sem proteção, inertes, promoveram inúmeras manifestações reivindicatórias através das operárias fabris, pois lutavam contra a exploração do trabalho nas indústrias frente a salários rebaixados. Situações como essas foram representadas pela escritora Alina Paim, no romance *A hora próxima* (1955), em que as esposas dos ferroviários estouraram a greve nas diversas estações, fazendo com que todas as linhas atuantes paralisassem e os salários atrasados dos maridos fossem pagos, houvesse reajuste como também o pagamento de toda a dívida nas mercearias, pois precisavam se manter, entretanto a dívida foi aumentando. A greve e as negociações foram lideradas pelas mulheres, com suas crianças, deixaram os lares para defender o bem maior, a justiça do trabalho dos esposos para a manutenção das casas.

Nos estudos da socióloga Helena Hirata, em “Globalização e divisão sexual do

trabalho” (2021), são trazidas reflexões sobre a inserção das mulheres no mercado de trabalho no Brasil que representou uma espécie de reserva de mão de obra, ou seja, uma forma de exploração do trabalho feminino, isso explica a importante discussão na relação de gênero quando se trata de trabalho, pois é necessário um esforço para a busca do reconhecimento e valorização das atribuições da mulher. Na história, de forma ampla, mulheres e crianças representavam menores gastos, tornando-os invisíveis e desvalorizados, dificultando a valorização da participação das mulheres no mercado de trabalho, considerando a importância da relação de gênero para essa problemática.

Constância Lima Duarte apresentou, em 2003, o estudo “Feminismo e literatura no Brasil”, no periódico Estudos Avançados, da Universidade de São Paulo, no qual provoca nos leitores um olhar sobre a literatura de autoria feminina produzida em nosso país. O texto nos possibilita a compreensão de todo esse movimento relacionado às condições de nossas escritoras e o desenvolvimento dele ao longo da história; a autora define as ondas do feminismo no país.

Duarte traz uma preocupação inerente aos estudos das escritoras literárias, que está voltado para a condição de, no início do movimento feminista, não ter um engajamento mais amplo até mesmo ao significado do conceito. De um lado, as lutas por direitos e relações justas entre homens e mulheres, por outro o receio de receber o título de feminista, pois havia um peso pejorativo sobre o termo.

Nesse sentido, há a necessidade de divulgar as lutas e as conquistas das primeiras mulheres que conseguiram denunciar, expor as desigualdades sociais, em que a mulher só perdia. Para tanto, a autora seleciona, didaticamente, os principais fatos por ordem cronológica, os quais denomina de ondas do feminismo.

Penso que o “feminismo” poderia ser compreendido em um sentido amplo, como todo gesto ou ação que resulte em protesto contra a opressão e a discriminação da mulher, ou que exija a ampliação de seus direitos civis e políticos, seja por iniciativa individual, seja de grupo. Somente então será possível valorizar os momentos iniciais desta luta – contra os preconceitos mais primários e arraigados – e considerar aquelas mulheres, que se expuseram à incompreensão e à crítica, nossas primeiras e legítimas feministas (Duarte, 2003, p. 152).

A autora esclarece as principais atuações do movimento feminista no Brasil, na busca por uma melhor divulgação da historicidade desses momentos vivenciados por tantas mulheres que contribuíram diretamente para a mudança de mentalidade, com informações que estiveram presentes na sociedade e na literatura. “As décadas em que esses momentos-onda teriam obtido

maior visibilidade, na minha avaliação, ou seja, em que estiveram mais próximos da concretização de suas bandeiras, seriam em torno de 1830, 1870, 1920 e 1970” (Duarte, 2003, p. 152). A partir dessas datas, Duarte explora a participação da mulher no desenvolvimento do feminismo no Brasil.

A primeira onda teve como fundamento a luta para que as mulheres pudessem ter o direito ao conhecimento básico, ler e escrever, pois até meados do século XIX essa era uma condição restrita para uma pequena parcela. Uma temporalidade marcada a partir da publicação do texto *Direito das mulheres e injustiça dos homens* (1932), escrito por Nísia Floresta, uma potiguar que conseguiu realizar seus estudos na Europa, e teve a oportunidade de escrever livremente e marcou o início do movimento feminista no Brasil.

a nossa primeira onda, mais que todas as outras, vem de fora, de além mar, não nasce entre nós. E Nísia Floresta é importante principalmente por ter colocado em língua portuguesa o clamor que vinha da Europa, e feito a tradução cultural das novas idéias para o contexto nacional, pensando na mulher e na história brasileira. [...] Na deglutição geral das idéias estrangeiras, era comum promover-se uma acomodação das mesmas ao cenário nacional, e é o que ela faz. Tanto que o título de seu livro contém não apenas a idéia dos rights of woman, mas também “a injustiça dos homens” (Duarte, 2003, p.154).

Segundo Duarte, Nísia Floresta teve a capacidade de observar a realidade de nosso país, as heranças culturais, os preconceitos típicos daqui e revela, principalmente, que as mulheres são capazes de realizar atividades extraordinárias, seja no lar, seja no trabalho. Homens e mulheres são diferentes sim, mas a mulher não deve ser colocada à deriva, pois tem potencial e qualidades a serem exploradas, pois “Nossas mulheres precisavam, primeiro, ser consideradas seres pensantes, para então, depois, pleitear a emancipação política” (Duarte, 2003, p. 154)

Outras escritoras se destacaram neste período, como Ana Eurídice Eufrosina de Barandas, publicando o texto *A philosopha por amor* (1845). Joana Paula Manso de Noronha, em 1952, lança o jornal no Rio de Janeiro, “Jornal das Senhoras”, o que viabilizou a publicação e o conhecimento de outras obras e escritoras. Júlia de Albuquerque Sandy Aguiar, escreveu *O belo sexo* (1962), publicado no Rio de Janeiro.

Podemos considerar que a segunda onda surge por volta dos anos 70 do século XIX, um momento marcado por inúmeros jornais, cujo tema discorre sobre os direitos das mulheres, sobre os saberes e as possibilidades de trabalho a partir do conhecimento, sendo considerado um período mais jornalístico do que literário.

O periódico mais importante dessa fase foi “O Sexo feminino” (1873-1896), sob a direção de Francisca Senhorinha da Mota Diniz, que motivava as mulheres ao estudo, pois acreditava que todas eram capazes, inteligentes, no entanto estavam tendo seus direitos ignorados, e só conseguiriam conquistá-los a partir do conhecimento.

Outra incansável pelas conquistas das mulheres foi Josefina Álvares de Azevedo (1851) que,

À frente do jornal, Josefina realizou um intenso trabalho de militância feminista, sendo incansável na denúncia da opressão, nos protestos pela insensibilidade masculina por não reconhecer o direito da mulher ao ensino superior, ao divórcio, ao trabalho remunerado e ao voto, e em incentivar as compatriotas à ação (Duarte, 2003, p. 157)

Era necessário que as mulheres pudessem ter formação profissional, que pudessem atuar em outras esferas da sociedade, médicas, biólogas, juízas, engenheiras, para tanto necessitavam de estudo em nível superior, o que ocorreu com poucas delas, pois só poderiam estudar no exterior, pois até então eram aceitas apenas para o trabalho operário nas fábricas.

A terceira onda marcada pelo início do século XX, quando as mulheres continuavam a lutar pelo direito ao conhecimento, visto que o desejo era de poder atuar em diversos campos da sociedade. Um nome que teve bastante influência foi o de Bertha Lutz (1894-1976), uma bióloga, formada em Sorbonne, lutou incansavelmente pela igualdade dos direitos das mulheres e homens. Bertha conseguiu participar de momentos importantes junto aos parlamentares, nas revistas e jornais da época até fundar a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (Duarte, 2003).

Outro campo também explorado pelas feministas da década de 1920 é o da sexualidade, a luta pela libertação das mulheres de uma exploração sexual que perpassava pela família e pelo espaço de trabalho. O destaque é para Ercília Nogueira Cobra (1891-1938), que publicou *Virgindade inútil – novela de uma revoltada* (1922), *Virgindade anti-higiênica – preconceitos e convenções hipócritas* (1924), *Virgindade inútil e anti-higiênica – novela libelística contra a sensualidade egoísta dos homens* (1931), ideias polêmicas que custaram até mesmo a prisão da escritora (Duarte, 2003).

A reivindicação dos direitos trabalhistas iniciou no final do século XIX, após a abolição da escravidão por alguns setores como dos burocratas civis e militares, os ferroviários. Nas primeiras décadas do século XX, as organizações sindicais são implantadas pela conquista da pauta de alguns direitos trabalhistas tais como jornada fixa de trabalho, férias, condições de higiene, assistência à saúde. Porém, essas reivindicações estavam

direcionadas apenas ao trabalho no interior das indústrias e também aos homens, e não atingia a nenhuma especificidade das mulheres e nem das crianças, de acordo com a socióloga e professora Paola Cappellin Giuliani, do Departamento de Sociologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, a partir do texto “Os movimentos de trabalhadoras e a sociedade brasileira”, publicado no livro “História das mulheres no Brasil”, organizado por Mary Del Priori, em 2004.

Em 1918, tivemos a participação de Gilka Machado (1893-1980) na produção literária, com a presença em concursos, promovendo a discussão da ruptura dos padrões masculinos para a sociedade feminina, foi através do livro de poemas eróticos, *Meu glorioso pecado*, que promoveu emancipação sexual das mulheres, como também o rótulo de imoral, através da crítica dos conservadores.

O estado do Rio Grande do Norte antecipou as decisões nacionais, aprovando o voto feminino e ainda elegendo uma mulher como prefeita em 1929, sendo Alzira Soriano, a primeira da América do Sul, a terra de Nísia Floresta fez jus as suas lutas. O voto feminino foi conquistado a partir de muitas manifestações, passeatas e resistência das mulheres, que comprovaram a importância do pensamento feminino no campo político.

Outro nome que marcou a terceira onda do feminismo na literatura brasileira foi o de Rachel de Queiroz, com marcos da história, no que concerne à emancipação da mulher, mas também a condição dos excluídos da sociedade. Quando estreou com o romance *O quinze* (1930), com situações críticas sobre a população marginalizada, provocou escritores, políticos, ao ponto de duvidarem de sua autoria, assim como,

[...]confessou o escritor Graciliano Ramos: O quinze caiu de repente ali por meados de 1930 e fez nos espíritos estragos maiores que o romance de José Américo, por ser livro de mulher e, o que na verdade causava assombro, de mulher nova. Seria realmente de mulher? Não acreditei. Lido o volume e visto o retrato no jornal, balancei a cabeça: Não há ninguém com esse nome. É pilhéria. Uma garota assim fazer romance! Deve ser pseudônimo de sujeito barbado. Depois, conheci João Miguel e conheci Raquel de Queirós, mas ficou-me durante muito tempo a idéia idiota de que ela era homem, tão forte estava em mim o preconceito que excluía as mulheres da literatura (Duarte, 2003, p. 164).

Coube a Rachel de Queiroz apresentar ao público leitor que a mulher não escreve apenas sonetos, e folhetins, mas também romances com complexidade das personagens diante das condições sociais da vida, num trajeto que envolve cidadania, emancipação feminina e conquista dos espaços sociais, culturais, acadêmicos, políticos. Em 1947, já eram mais de 560

escritoras no país, de acordo com a Exposição do Livro Feminino, organizada por Adalzir Bittencourt (1904-1976), ela que era além de escritora, advogada e feminista. A exposição repercutiu por todos os canais informativos, evidenciando a força das mulheres na literatura, na música, nas artes (Duarte, 2003)

A quarta onda do feminismo, datada na década de 1970, contou com grandes mudanças na sociedade, na estrutura familiar, na colocação das mulheres nos diferentes campos de atuação profissional. Uma marca bastante contundente foi a dedicação ao Ano Internacional da Mulher, em 1975, com a instituição do 08 de março, em alusão às operárias que sacrificaram suas vidas em vista de melhores condições sociais para as mulheres do mundo todo (Duarte, 2003).

Uma das problemáticas discutidas pelas feministas foi no campo da sexualidade. No Brasil, a disseminação do anticoncepcional, a busca pelo prazer, o controle da família, o aborto foram ganhando espaço nas discussões das revistas, dos programas televisivos, da literatura, dos jornais. No parlamento, as mulheres também se reuniram em combate à ditadura militar e a censura, pela aprovação da igualdade de direitos.

Na literatura houve grande destaque para as escritoras que apresentavam reivindicações e questionamentos que se aproximam dos propostos pelas feministas, a exemplo temos as escritoras Nélida Piñon, Lygia Fagundes Teles, Clarice Lispector, Marina Colasanti, Lya Luft, Helena Parente Cunha, Hilda Hilst, dentre outras tantas. Como também foram surgindo os grupos de trabalho, de pesquisa sobre as mudanças da mulher na sociedade, os congressos temáticos para discussão do papel da mulher no meio universitário, contribuindo com a divulgação das razões pelas quais as mulheres têm lutado (Duarte, 2003).

Considerada como mantenedora do equilíbrio doméstico, a mulher quando era imersa no ambiente de trabalho, era quase invisível, com péssimas condições, sem reconhecimento da sua contribuição social e econômica. As organizações sindicais passam a ser questionadas também em relação aos salários destinados à trabalhadora, que precisou deixar o seu lar, a educação dos filhos para trabalhar fora de casa a fim de, muitas vezes sozinha, sobreviver e garantir o alimento para os filhos, conforme o artigo “Os movimentos de trabalhadoras e a sociedade brasileira”, de Paola Cappellin Giuliani¹⁵, 2004.

Nos anos 80, o país passou por um processo de redemocratização, o que iria afetar também as relações sindicais, com a redefinição das modalidades de trabalho, dos representantes sindicalistas, com novas negociações, representações de classe. Os sindicatos

¹⁵ O artigo faz parte do compêndio organizado por Mary Del Priore, “História das Mulheres no Brasil”, pela editora Contexto.

passaram por um contínuo processo de questionamento, inovação e críticas.

Desde a Colônia temos vozes femininas que preconizam a Abolição dos escravos, a instauração da República, a introdução do sufrágio universal. Unidas por um elo de solidariedade feminina, podemos vincular a inglesa Mary Wollstonecraft à francesa Flora Tristan e à brasileira Nísia Floresta. O direito à cidadania política – o direito ao voto – é alcançado pelas brasileiras em 1932, antes de vários países da Europa, como França e Itália. No entanto, não podemos deixar de reconhecer que as aspirações à cidadania no mundo do trabalho, as que buscam proporcionar iguais oportunidades entre homens e mulheres, passam por um demorado silêncio, interrompido entre 1979 e 1985 (Giulani, 2004, p. 538).

A conquista de muitos direitos sociais alcançados pelas mulheres não significou garantia de mudança na prática social. A exemplo do direito ao trabalho que não garante as condições efetivas para o desenvolvimento das atividades e da remuneração, reconhecendo-o pela sua importância e pronta execução. Na saúde, por exemplo, a mulher enfrenta diversas situações como a maternidade, parto, problemas pós-parto, doenças cancerígenas e muitas mulheres que pertencem a esses grupos são percebidas não como trabalhadoras, mas excluídas, sem assistência até pelo serviço público, com essas condições há dificuldades em alinhar trabalho e vida pessoal, “mas permanece claro que em todos os grupos as mulheres reivindicam direitos e não favores” (Giulani, 2004, p. 542).

Giulani (2004) afirma ainda que a busca por melhores condições de trabalho por parte das mulheres tem provocado algumas transformações na sociedade, como, por exemplo, uma politização da realidade doméstica, a saída da mulher do seio familiar, a reflexão sobre a coletividade, a busca por integração na cultura sindical com papéis importantes das mulheres nas lutas sociais. Muitos foram os movimentos que contaram com a participação delas para conquistarem os direitos para o enfrentamento também dos problemas sociais, tais como em 1968 o Movimento Nacional contra a Carestia, em 1970 o de Luta por creches. Vale ressaltar que são atividades que discutem, questionam as condições sociais da mulher como mãe, esposa, dona de casa e participante ativa do mercado de emprego.

Durante o final dos anos 1940 e a década de 1960, as mulheres no Brasil enfrentaram desafios e também viram avanços em várias áreas. Aqui estão alguns dados e eventos históricos relevantes para as mulheres durante esse período. Em 1946, a nova Constituição do Brasil foi promulgada, garantindo o direito de voto às mulheres. Isso marcou avanço importante delas na participação política.

Nos anos 1950, começaram a surgir movimentos femininos no Brasil, buscando maior visibilidade e direitos para as mulheres. O período foi marcado por debates sobre o papel da

mulher na sociedade. Durante a década de 1960, houve aumento significativo da presença das mulheres no mercado de trabalho, especialmente nas áreas urbanas e industriais. Isso foi impulsionado pela industrialização e urbanização do país. A década de 1960 vivenciou aumento na conscientização sobre a importância da educação para as mulheres. Houve um movimento crescente para garantir o acesso igualitário à educação para meninas e mulheres. O golpe militar de 1964 trouxe consigo um período de repressão política, afetando diversos setores da sociedade. As mulheres, que já estavam envolvidas em movimentos por direitos, enfrentaram desafios adicionais pela repressão política e pela censura.

Apesar do contexto repressivo, as mulheres não deixaram de se envolver em movimentos de resistência. Algumas se destacaram na luta contra a ditadura militar, como as “Mulheres de Luta” que protestaram contra a prisão e tortura de opositores políticos. É importante notar que, apesar dos avanços em termos de direito de voto e aumento da presença feminina no mercado de trabalho, as mulheres ainda enfrentavam desigualdades e discriminações durante esse período. A luta por direitos e igualdade de gênero continuou a se desenvolver ao longo das décadas seguintes.

A partir dos anos 80 do século XX, as mulheres continuaram tendo ocupação no mercado de trabalho com percentual maior e também com melhor qualificação profissional, porém sem o alcance dos cargos mais elevados. Esse fator se deve à leitura de que as mulheres não teriam tanto interesse nos espaços de cargos públicos ou que a carreira fosse interrompida pela maternidade, porém ainda estão condicionadas aos valores e à cultura do patriarcado, fortemente marcado na sociedade trabalhista (Leone, 2017).

Apesar de tantas conquistas nos inúmeros campos de conhecimento e da vida social, persistem nichos patriarcais de resistência. Basta que lembremos do salário inferior, da presença absurdamente desigual de mulheres em assembleias e em cargos de direção, e da ancestral violência que continua sendo praticada com a mesma covardia e abuso da força física. Com certeza vivemos outros e novos tempos, e o movimento feminista parece atravessar um necessário e importante período de amadurecimento e reflexão (Duarte, 2003, p. 168).

Refletimos sobre a condição das mulheres no campo das conquistas trabalhistas, a evolução, as lutas, entretanto encontramos em alguns setores da sociedade mulheres que são condicionadas a trabalhos operários, sem validade de sua opinião, com salários desiguais, semelhante ao que vivemos outrora nas décadas de 1930 e 1940. Ainda há muitas conquistas a serem realizadas no que se refere aos ideais e às decisões das mulheres.

Como visto neste capítulo, as inquietações de Alina Paim frente ao conservadorismo da sociedade brasileira são uma vertente em suas obras, ora como uma questionadora das rígidas disciplinas religiosas, ora denunciando as desigualdades trabalhistas. Portanto, ela se projeta como uma intelectual do século XX no Brasil. Sua participação na vida pública e política fica mais evidente quando analisamos sua relação com a imprensa e a forma como o partido começou a divulgar as suas obras, como analisaremos no próximo capítulo.

2 A RECEPÇÃO POLÍTICA DOS ROMANCES DE ALINA PAIM

Este capítulo traz importante contribuição para os estudos da recepção da obra de Alina Paim a fim de tentarmos entender por que sua obra literária ficou esquecida depois das primeiras publicações, mesmo ela pregando uma literatura de propaganda, porém somente após a legalização do Partido Comunista, a divulgação de suas obras será intensificada. Depois do acesso que tivemos aos jornais da época, podemos dizer que ela recebeu uma campanha de divulgação de suas obras, o que limitava seus leitores, pois a ênfase recaía sobre viés político ideológico. Então, diante da boa divulgação, temos outro questionamento: esses veículos de informação eram lidos por quais público? Tais questionamentos ainda precisam ser melhor estudados, mas nossas inquietações continuam.

Por enquanto, vamos fazer um levantamento sobre como a obra de Alina Paim tem sido recepcionada pela crítica acadêmica na atualidade. No segundo momento, vamos retomar alguns de seus prefácios e as orelhas de suas obras que traziam informações não só sobre o livro que estava sendo lançado, mas também sobre obras anteriores. Por fim, vamos apresentar reflexões de como houve uma propaganda partidária em torno dos seus primeiros romances, reforçando seu papel como intelectual e mulher atuante nos anos em que esteve filiada ao PCB.

2.1 A FORTUNA CRÍTICA DE ALINA PAIM

A primeira pesquisa a qual tivemos acesso data de 1998, a dissertação de mestrado elaborada por Ilka Maria de Oliveira, com o título “A literatura na revolução: contribuições de Astrogildo Pereira e Alina Paim para uma política cultural do PCB nos anos 50”, pelo curso de Teoria Literária do Instituto de Estudos da linguagem, da Unicamp, com orientação da Professora Doutora Marisa Philbert Lajolo. A autora fez um rastreamento, a partir do crítico literário Astrogildo Pereira, sobre a elaboração e consolidação de uma cultura política socialista através dos jornais e revistas filiados ao PCB e as produções ficcionais, partindo do romance *A hora próxima*, de Alina Paim, a fim de propor um novo cânone a partir do momento político das décadas de 1920 a 1950, assim como a propaganda da literatura para o grupo específico.

Em 2006 conhecemos o projeto da professora Ana Leal Cardoso, que iniciou com a descoberta da escritora, em seguida o projeto tomou forma sendo registrado nos órgãos de fomento “Alina Paim: resgate e memória de uma escritora sergipana”, o qual possibilitou o desenvolvimento de inúmeros trabalhos acadêmicos.

Está ao nosso alcance o registro de um livro dedicado ao centenário de Alina Paim, organizado pelos pesquisadores Ana Leal Cardoso, Antonielle Menezes Souza e Márcio

Carvalho da Silva, publicado no ano de 2019, cujo título “Centenário de Alina Paim: uma poética na tessitura do tempo”, obra que traz uma homenagem com trabalhos científicos, um reconhecimento das atividades desenvolvidas pela romancista. A idealização desta coletânea foi a de reunir os trabalhos mais significativos realizados por alunos e professores do Programa de Pós-graduação em Letras da UFS e do projeto de pesquisa coordenado pela professora Ana Leal: “Resgate da escritora sergipana Alina Paim”.

O livro reúne oito artigos, que, em sua maioria versam sobre as questões míticas representadas nos romances de Paim, a saber: o primeiro trabalho que abre esta coletânea, escrito por Ana Leal Cardoso e Antonielle Menezes Souza com o título “O imaginário da serpente nas narrativas de Paim”, as autoras trazem o mito da serpente numa releitura da relação entre as personagens femininas dos romances da escritora. O segundo é de Ana Paula Barbosa Andrade, intitulado “A heroína no vale das sombras: uma leitura mítico-simbólica do romance *A sombra do patriarca*”, cujo estudo de viés mitocrítico faz uma leitura das personagens do romance de Paim. Marcio Carvalho da Silva segue com o título “A trajetória heróica de Raquel pelas terras desconhecidas do patriarca”, apresentando o mito da donzela guerreira.

Há ainda pesquisas na perspectiva da literatura infantil como o de Aline Suelen Santos com o tema “Entre o mágico e o real: o faz de conta em *O lenço encantado*, uma leitura entre a fantasia e a realidade”. Com temática semelhante, Lígia Patrícia Alcântara Costa discute “O real e o maravilhoso em Lobato e Paim”, apresentando um estudo comparatista, tematizando a família e o meio rural. A leitura simbólica está presente no texto de Daniele Barbosa de Souza Almeida, com o tema “Isabel em trajes de Medeia: uma leitura mítico-psicológica em *A correnteza*”, é a simbologia relacionada aos mitos e às personagens do romance de Paim que promovem a leitura acadêmica e científica. Também no texto de Carla Vanessa Santos Andrade com a pesquisa “O sagrado na poética de Alina Paim”. E para o desfecho do livro, encontramos uma discussão acerca da memória com o texto de Fabiana Lisboa Ramos Menezes, cujo título “História e memória em *A hora próxima* de Alina Paim: pelos trilhos da memória de Zé de Barros e do velho Tião”, uma leitura que mescla história e memória, contadas por personagens masculinos, sobre a ação das mulheres na greve dos ferroviários de 1955.

Outro livro também organizado pela professora Ana Leal Cardoso é um compêndio de artigos “Alina Paim: resgate de uma narrativa poética”, publicado em 2019, no qual encontramos dez autores que pesquisam sobre a romancista, a entrevista realizada em Campo Grande três anos antes da morte da escritora e fotos memoráveis da vida de Alina Paim. Esse é um livro que buscou consolidar a pesquisa acerca da ficção de Paim, permitindo-lhe visibilidade no âmbito dos estudos literários.

O livro é prefaciado pela professora Elódia Xavier, apresentando o primeiro passo para o encontro com a escritora sergipana, que estava em uma caixa de livros doados, livros velhos, a qual a professora Ana Leal teve a oportunidade de verificar e encontrar um título que chamou sua atenção, *A sombra do patriarca*, a partir da leitura dessa obra nasce o projeto Alina Paim: resgate e memória de uma escritora sergipana, cujo objetivo inicial foi o de resgatar, garimpar os escritos dessa autora, até aquele momento, desconhecida no meio acadêmico sergipano (Cardoso, 2019).

Dentre os artigos que compõem o livro, encontramos “O cerco rompido: leitura de *O círculo*, de Alina Paim”, por Maria Lúcia Dal Farra, que analisa o estilo memorialista da autora, buscando os aspectos estéticos da escrita de Paim. A professora Christina Ramalho apresenta a leitura “Marina (Alina) e as várias dimensões do ‘tornar-se mulher’: um olhar sobre *Estrada da liberdade*”, dialogando com Simone de Beauvoir, apresenta a protagonista do primeiro romance de Paim como uma precursora da mulher para o século XX. Proposta semelhante é a da pesquisadora Margareth Edul Prado Lopes com o texto “A mulher escritora e a identidade de gênero em Alina Paim: uma leitura da personagem Catarina”, um estudo sobre a protagonista da trilogia de Catarina, destacando o processo de maturidade da mulher/escritora, as relações familiares e os conflitos interiores que permeiam as personagens femininas de Paim.

No artigo “Isabel, renascida da água e do espírito: leitura de um perfil psicológico em *A correnteza*, de Alina Paim”, estudo realizado pela professora Rosângela Soares, o qual esclarece a jornada íntima da protagonista Isabel e as técnicas ficcionais de Paim, inserindo o leitor como coparticipante da narrativa. O professor Afonso Henrique Fávero apresenta “Sobre *Simão Dias*, de Alina Paim”, no qual discute a condição da infância sofrida da protagonista, com uma narrativa entrelaçada entre a memória da autora e a ficção, o autor traça também uma comparação com os romances *Infância*, de Graciliano Ramos e *Menino de engenho*, de José Lins do Rego. A professora Martha Suzana Magalhães traz o estudo “*Estrada da liberdade* visões do ensino numa obra literária”, apresentando uma análise de cunho mais pedagógico acerca das dificuldades da realidade de sala de aula, que está descrita no romance de Alina Paim.

A pesquisadora Rosa Gens discute “Fantasia e formação ética na ficção para crianças e jovens de Alina Paim”, apresentando as categorias da ficção utilizadas pela escritora para tratar de temas éticos numa linguagem atrativa para os jovens, a saber a presença do humor, de valores morais, de linguagem poética presentes nos textos *O lenço encantado*, *A casa da coruja verde*, *Luzbela vestida de cigana*. A professora Aline Suelen Santos traz a temática “O mito e o maravilhoso em *O lenço encantado* de Alina Paim”, discutindo a poética do maravilhoso, do

imaginário e do mito como chave de leitura para os textos infantojuvenis de Paim. Já em “O universo maravilhoso de *Luzbela vestida de cigana*”, da professora Maria Goretti Ribeiro, traz um levantamento teórico, histórico acerca do maravilhoso, discutindo dois pontos fundamentais que se complementam, que são a sabedoria da maturidade e a inocência da infância.

De autoria da professora Ana Leal Cardoso, a idealizadora de todo o projeto de investigação, resgate e visibilidade dos escritos de Alina Paim, encontramos duas leituras de sua autoria. “A personagem Isabel e a experiência do sagrado em *A correnteza*, de Alina Paim e A tessitura do faz de conta em *A casa da coruja verde*, de Alina Paim”. O primeiro com o foco no mito do sacrifício, discutindo a possibilidade do ser humano se refazer a partir da experiência com o sagrado. O segundo traz o mito do velho sábio para discutir a importância do simbólico nos contos de fadas. O livro traz ainda a transcrição da primeira etapa da entrevista com Alina Paim, fotos da escritora ainda bebê, dos seus avós, a certidão de batismo e uma última foto com sua filha Teresa e a pesquisadora Ana Leal Cardoso, realizada em 2009.

Em meio digital sob produção de uma edição própria, o livro “A romancista Alina Paim”, do jornalista Gilfrancisco Santos, publicado em 2008, reúne uma entrevista realizada por e-mail, que contém 43 perguntas e os prefácios dos romances assinados por romancistas de renome. Podemos observar que o viés do professor difere da professora Ana Leal Cardoso, que busca mais o viés literário no diálogo com Alina Paim, enquanto aquele está mais atrelado ao aspecto histórico e político relacionado aos romances da escritora. Ambos trazem detalhes da infância, dos estudos no colégio de freiras, da militância com o Partido Comunista do Brasil. Encontramos algumas divergências, a exemplo da infância de Paim, no texto de Gilfrancisco Santos, na pergunta de número 34, sobre a marca fundamental da Bahia para a formação intelectual e política de Alina Paim, temos a seguinte resposta:

AP – Fui levada para a Bahia com três meses de idade, cresci, me eduquei e vivi na Bahia. Conheci Estância quando tinha dezoito anos, como prêmio de meu pai pela minha formatura em professora – sempre tive muito carinho por Sergipe, meus pais eram sergipanos, todo mundo era sergipano. (Paim, 2008, p. 38)

Na entrevista com a professora Ana Leal Cardoso, quando a pesquisadora pergunta se ela tinha ido mesmo para Simão Dias, a escritora responde:

Alina Paim: Sim, e já estava com seis anos. Colocaram-me lá o ano inteiro, quando chegava o fim do ano eu passava dois meses de férias com meu pai. Foi assim até eu completar onze anos; fui, na qualidade de interna, para o colégio das freiras da Soledade, em Salvador.

Ana Leal: Por que Salvador?

Alina Paim: Porque nós morávamos em Salvador quando minha mãe morreu, meu pai gostava muito de lá. (Paim, 2019, p. 252).

Essa informação nos faz perceber a curiosidade sobre a romancista Alina Paim, no campo da pesquisa acadêmica, no campo jornalístico e político. Interessa-nos mais uma observação sobre as condições diferenciadas das duas entrevistas, apontadas na transcrição do texto de Cardoso (2019).

Alina Paim: Não há de que. Vou ser sincera, tomei um grande susto quando minha filha disse-me, naquela tarde em que telefonou para cá, que uma professora de Sergipe gostaria de falar comigo, e que essa tal moça estava pesquisando minha obra. Outro dia um jornalista de Sergipe ligou, querendo uma entrevista, não lembro o nome dele. E não veio aqui. Conseguiu nosso telefone. Disse apenas que queria que eu respondesse algumas perguntas, pois estava escrevendo sobre o Partido Comunista, apenas mandou algumas perguntas, talvez quatro ou cinco. Eu as respondi através da ajuda de uma amiga da minha filha, que escreveu tudo direitinho - espero eu -, depois as enviou para ele através do computador. Queria saber sobre minha relação com o Partido Comunista. Foi só isso. (Paim, 2019, p. 250)

Verificamos, portanto, o teor diferenciado das entrevistas, concluindo a importância *sui generis* da obra literária de Alina Paim em tantos aspectos, histórico, político, ficcional.

Outra obra publicada pelo jornalista Gilfrancisco Santos é sobre o romance *A hora próxima*, cujo título é “Alina Paim: a greve na rede mineira de viação”. O autor apresenta uma pesquisa realizada na Biblioteca e no Arquivo Nacional, apresentando-nos textos publicados em jornais e periódicos da época, como *O momento* (BA), *Época* (SE) e *Leitura* (RJ), a repercussão da greve e a relação de Alina Paim com a participação política frequente. O livro foi elaborado pelas edições GFS e publicado pelo Tribunal de Contas do Estado de Sergipe – TCE, com o apoio de Clóvis Barbosa de Melo, em 2016.

Verificamos que as pesquisas relacionadas a romancista Alina Paim estão voltadas para as discussões literárias e históricas. No campo literário, constatamos no repositório institucional da Universidade Federal de Sergipe¹⁶ diversos trabalhos acadêmicos entre monografias, dissertações e teses.

Encontramos as seguintes monografias de conclusão de curso do Departamento de Letras: “O perfil de infância em *A casa da coruja verde* de Alina Paim”, Cleysiane Almeida Rezende, (2008); “Representação do feminino em *Simão Dias*”, Renata Santos Rosa (2015); “Opressão, subordinação e transgressão em *A sombra do patriarca*, de Alina Paim”, Rosilene Santos de Jesus (2016); “A representação da mulher na obra *A sombra do patriarca*”, Bruna da

¹⁶ O levantamento realizado no Repositório Institucional da UFS foi com base nos arquivos encontrados até o dia 20 de dezembro de 2023.

Cruz Menezes (2017); “O regionalismo e a transposição do regional no romance *A sombra do patriarca* de Alina Paim”, Adriano Neris Silva (2017); “Dentro da democracia, da família feliz, todos gozam do uso da voz e da palavra : um olhar sobre a obra *a Sétima Vez*, de Alina Paim”, Samah de Oliveira Santos (2019).

No Programa de Pós-graduação em Letras identificamos dez dissertações de mestrado e uma tese de doutorado, faremos a abordagem do tema defendido por cada pesquisador. No texto “A Trajetória heroica em *A Correnteza*, de Alina Paim: uma leitura mítico-psicológica”, pesquisa defendida por Daniele Barbosa de Souza Almeida, em 2010, apresenta a discussão da temática em que analisa o heroísmo de Isabel, protagonista do romance *A correnteza*, observando a construção textual da romancista diante dos mitos clássicos e as relações estabelecidas entre o individual e o coletivo. De acordo com Daniele Almeida,

Acreditamos que estudar o significado do mito do herói em *A correnteza* traduz-se não apenas em uma tentativa de enriquecer o conhecimento referente à obra de Paim, mas num modo de compreender a forma arquetípica que as leis orgânicas da existência humana estão sendo aplicadas em determinada época. [...] consideramos a hipótese de que Isabel vivencia não só as etapas do mito do herói e do processo de individuação descrito por Jung, mas que outros temas arquetípicos como o da Mãe Terrível, representado sobretudo pela figura de Medéia, a disputa clássica entre irmãos e a figura da mulher tecelã eclodem na narrativa (Almeida, 2010, p. 14).

Observamos que a pesquisa gira em torno dos estudos míticos, considerando os arquétipos representados a partir da protagonista Isabel, em uma jornada que Alina Paim propõe como a recuperação da alma, a reconciliação da personagem consigo mesma, sugerindo uma mudança de vida a partir da consonância com as pessoas que estão ao seu redor.

Em 2011, a pesquisadora Fabiana dos Santos apresentou a sua dissertação de mestrado com o título: “O imaginário da educação no romance *Estrada da liberdade*, de Alina Paim”. Trazendo como objetivo analisar o processo de formação da educadora Marina, protagonista do romance em análise a partir do *Bildungsroman*, observando como se estrutura a mulher e a professora, e a atuação na sociedade, apresentando as fragilidades do espaço educacional, tanto o privado quanto o público, nas duas vertentes, tanto como educanda quanto educadora. A pesquisadora considera que

A importância da escritora sergipana Alina Paim para a nossa pesquisa se deve ao fato de ela pertencer a uma geração de mulheres que trazem temáticas que englobam tanto questões próprias do sujeito social, quanto do sujeito psicológico; em outras palavras, muitas das suas personagens não apenas metaforizam a luta da mulher para crescer na carreira, tendo filhos ou cuidando de suas casas e maridos, mas igualmente sofrendo um terrível

conflito entre viver a solidez de uma vida já ‘estabelecida’ e as exigências interiores de uma reavaliação total de si mesma, o que somente é possível quando da maturidade (Santos, 2011, p. 9).

O que Alina Paim buscou elaborar com os seus romances pode ser analisado a partir desta dualidade apresentada pela pesquisadora, que está entre o social e o psicológico, representado no romance pela protagonista Marina, em um processo de formação e de aprendizagem. A transformação dela numa perspectiva da visão proletária e realista socialista, a partir da concepção da vida de uma coletividade, seja no espaço escolar, seja na casa da madrinha, ou com o grupo de amigos, sendo sempre entremeados pela formação instrutiva.

A pesquisa “O mito da tecelã na narrativa de Alina Paim”, elaborada por Rafaela Felex Diniz Gomes Monteiro de Farias, em 2013, revela para os leitores e demais pesquisadores da romancista uma análise das obras *A sombra do patriarca* (1950) e *A correnteza* (1979), na qual se discutiu o mito da tecelã, numa busca por esta representação a partir das protagonistas, como também dos elementos culturais, sociais e religiosos, importantes caracterizações para pensar o sujeito enquanto ser social e psicológico, e como esse se adequa na contemporaneidade.

Uma leitura mais apurada de *A correnteza* nos permitiu observar, através da ação da protagonista, para quem a vida “era um novelo”, que parecia controlar o destino de determinadas pessoas em prol da realização do sonho da casa própria; com base nessa hipótese decidimos investigar os mitos clássicos presentes nas obras elencadas. O fato de ser costureira e trabalhar com tapeçaria instigou-nos a analisar o mito da tecelã, objeto desta pesquisa, não só na obra citada, mas também em *A sombra do patriarca* por percebermos aspectos semelhantes em ambas. Neste sentido, procurar-se-á resgatar o mito da tecelã, que simboliza a arte e a cultura do tear como construções histórica, cultural, social e política. Buscar sua subjetividade/complexidade será indispensável para compreender as transformações culturais relacionadas a essa arte, através dos tempos (Farias, 2013, p. 9).

A pesquisadora compreende como elemento de fundamental importância para a formação da vida moderna a presença do mito, possibilitando ao sujeito compreender-se enquanto ser social, cultural, pertencente a um grupo, ao coletivo. É o artista se fazendo presente no texto a fim de contribuir com a formação elementar para estar em sociedade, com seus valores, buscando espaços mais harmônicos.

A pesquisadora Aline Suelen Santos elaborou a dissertação de mestrado com a temática “O mito e o maravilhoso na Literatura Infantil de Alina Paim”, apresentada em 2012. A autora trilhou o caminho da pesquisa mítico-simbólica, e para isso realizou análise das obras *O lenço encantado* (1962), *A casa da coruja verde* (1962), *Luzbela vestida de cigana* (1963). A pesquisa tem como fundamento a busca pela compreensão da formação do saber, do conhecimento a

partir dos elementos arquétipos presentes no texto literário, especialmente as referências que compõem o imaginário infantil. Outro aspecto importante e que possibilita o diálogo com as demais pesquisas envolvendo os romances da escritora é sobre as contribuições de Alina Paim para a literatura nacional.

Na pesquisa de Aline Santos, a análise parte dos principais elementos que constituem as três obras literárias como, por exemplo, o ambiente onde os enredos são desenvolvidos, o espaço da casa como escola, a figura do amigo que se torna professor das crianças. No entanto, não ensina apenas conteúdo das matérias, mas também os valores da vida e para esse processo a escritora se utilizou do imaginário, do fantasioso. Os textos de Alina Paim foram lidos e analisados numa perspectiva comparativa com os textos de Monteiro Lobato, de acordo com os fatores do enredo, da construção dos valores humanos, considerando o mundo maravilhoso onde as crianças estão inseridas.

As obras elencadas partem de uma proposta que prioriza a liberdade infantil e colocam as crianças como partícipes do conhecimento. As narrativas mostram a escola como peça fundamental ao processo de aprendizagem dos infantes; e os livros são concebidos como objetos de grande valor, por isso merecem ser guardados em um lugar especial, pois deles são colhidas histórias que contribuirão para a instrução das crianças. Além disso, em *A casa da coruja verde*, especificamente, a autora retoma um assunto muito pertinente: a questão do aposentado, entendido na sociedade moderna como algo desprezível, privando-o do convívio social salutar (Santos, 2012, p. 99).

Alina Paim, permanentemente, constrói nos espaços dos textos literários a mensagem da valorização ao processo de aprendizagem, da condição do ser humano como educador, independente da profissão, condição social e cultural, sendo temáticas recorrentes nos textos da autora.

“O arco da memória: literatura e história em *A sétima vez*, de Alina Paim”, uma pesquisa por Ninalcira de Lemos Sampaio (2012), que apresenta um estudo sobre a representação da memória no romance de Paim. A memória é um fator recorrente nos textos da romancista, e encontramos de forma mais estruturada e enfática a partir da personagem Teodoro, que por sinal é o único romance em que o protagonista é masculino. A partir desse personagem, um idoso de 67 anos, quando que apresenta as suas memórias do período da repressão pela ditadura, juntamente com o preconceito pela sua idade, em que parece estar fadado ao nada, à solidão, como uma forma de testemunho daquela época, para a qual a pesquisadora considera o romance pertencente a uma literatura do trauma, pelo teor dos detalhes dos fatos ocorridos, esquecidos e lembrados.

Sendo parte constitutiva do mundo social, as visões de mundo representadas através de obras literárias não são criações de um indivíduo destacada da sociedade. Elas partilham experiências e trazem à baila os mais diversos grupos sociais e, por esses motivos, são coletivas. A experiência aludida em *A sétima vez* é a experiência de uma sociedade que vivenciava o terror de uma ditadura civil-militar. Teodoro, personagem de Alina Paim, é o sumo de vários sexagenários que se calaram e foram afetados pela engrenagem repressora e cruel de tempos onde falar contra o que era determinação do Estado era um ato criminoso. O verdadeiro sujeito da criação de Alina Paim é o coletivo, podemos dizer, é da captação do clima de insegurança da época que também a autora vivenciou que a mesma constrói a narrativa de Teodoro (Sampaio, 2012, p. 13).

É a partir de Teodoro que Alina Paim imprime suas memórias, neste que foi o seu último romance, que assim como ela, vivenciou momentos marcados por guerras, conflitos ideológicos, revoluções políticas e sociais, enfim, acontecimentos que não devem ser esquecidos, e o texto literário é esse espaço de construção e revelação de memórias.

“Pelos trilhos da memória: Alina Paim e o realismo socialista em *A hora próxima*”, dissertação apresentada, em 2016, pela pesquisadora Fabiana Lisboa Ramos Menezes, em que propõe uma análise literária a fim de pontuar as características do realismo socialista presente no romance dela. O texto em análise é o XI da Coleção Romances do Povo, coordenada por Jorge Amado, financiada pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB), é o único romance da coleção escrito por mulher e brasileira. Nele, Alina Paim reconstruiu a greve dos ferroviários de Minas Gerais, a qual foi estourada pelas mulheres e filhos dos trabalhadores da ferrovia. Para tal feito, a escritora foi a campo vivenciar aquele espaço de greve, o que lhe provocou alguns problemas, como ter sido perseguida, pelo fato de ser uma intelectual comunista.

A relação entre Memória, História e Literatura se estabelece na recriação de um fato histórico, em que os personagens assumem a função de propagar as militâncias sindical e partidária, enfatizando o apoio dos familiares, a participação das mulheres, ora como lideranças paredistas, ora com funções domésticas, sempre evidenciando o caráter comunista das ações. A produção artística está inteiramente ligada ao realismo socialista, em que a ficção deveria respaldar as lutas sociais a fim de criar nos leitores uma cultura de enfrentamento ao regime político estabelecido ao mesmo tempo em que se defenderia a implantação de um governo socialista (Menezes, 2016, p. 9).

Nessa perspectiva, Fabiana Menezes desenvolveu a pesquisa, relacionando arte literária, memória e sociedade, observando as condições da escritora, como também do romance, diante das propostas do PCB. É extraordinário o que Alina Paim consegue alcançar com o romance *A hora próxima*, pois é possível atender ao pedido partidário, para a escrita de um romance ideológico, mas também constrói uma narrativa que se preocupa com o estado literário, sendo

então reconhecida como intelectual engajada. A escritora narra, caracteriza os personagens tipos e denuncia as diversas situações de repressão, exploração e miséria daqueles trabalhadores.

O pesquisador Marcio Carvalho da Silva trouxe ao público, em 2017, a pesquisa “A saga de Raquel nas terras do Patriarca: o mito da donzela-guerreira na narrativa de Alina Paim”, que buscou na protagonista Raquel as características, os conceitos do arquétipo da donzela-guerreira, como este mito foi construído ao longo do romance *A sombra do patriarca*. De acordo com a perspectiva leitora do pesquisador, consideramos que

No romance ASP, através da voz da protagonista Raquel, assiste-se ao convite do seu tio Ramiro, poderoso latifundiário da cana-de-açúcar, para retornar às suas raízes a fim de conhecer os demais parentes, o que parece caracterizar o princípio de uma saga e seu processo de heroicização. A jovem inocente parte de um grande centro urbano, Rio de Janeiro, chega ao universo rural patriarcal e se choca ao entrar em contato com as injustiças e dramas de pessoas do lugar, o estado de miserabilidade, sofrimentos físicos e psicológicos dos empregados da moderna Usina Fortaleza, tratados de forma análoga à escravidão; identifica-se com o sofrimento das mulheres e solidariza-se com a exploração dos trabalhadores. Percorrendo as terras da usina entra em contato com a decrepita Vila de Santa Clara – refúgio dos operários – por fim, conhece a antiga sede do engenho, a primitiva Fazenda do Curral Novo, comandada pela família da tia Celina (irmã mais nova do tio Ramiro), na propriedade habita a maioria dos seus familiares, lugar de grandes mistérios e revelações (Silva, 2017, p. 14)

É diante do cenário apresentado pelo autor que se constrói a trajetória de Raquel, associada ao mito da donzela-guerreira, já que enfrentará o poderoso tio Ramiro, o representante do ideal de latifundiário e patriarca. É no espaço do texto literário que Alina Paim evidencia a ruptura contra todo tipo de exploração do mais fragilizado socialmente, pois a transgressão ao modelo patriarcal pode até ter origem na voz feminina, porém o seu ideal de rompimento com as explorações sociais está para o ser humano.

“Imagens do sagrado na obra *A correnteza*: uma leitura mítico-simbólica” é o título da pesquisa de Carla Vanessa Santos Andrade, no ano de 2018, na qual buscou compreender a relação entre os elementos do sagrado identificados ao longo do romance e a composição do feminino, assim como das representações míticas e simbólicas que constituem o romance em análise, considerando a busca de identidade da protagonista, assim como os seus desejos capitalistas.

Nesse cenário cheio de mitos e símbolos observamos a viagem interior realizada pela protagonista da obra AC, o processo de purgação e remissão dos males cometidos ao longo da vida, onde acabou desembocando em sua morte e renascimento, simbólicos. A percepção de que há uma dimensão mais

profunda é necessário para colocar o indivíduo em um patamar mais profundo, para ampliar a visão e redirecionamento da alma para cura. Esta busca incessante da espiritualidade que volta e meia surge no ser humano é a necessidade de transcender, encontrar algo que não reside na instância do humano, mas só os símbolos e ritos podem trazer. Ao isolar-se na torre, a protagonista do romance AC foi buscar o seu renascimento através da ascensão espiritual. A antiga Isabel, egoísta e maléfica morreu, para uma nova, cheia de esperanças nascer, dessa forma a morte não foi o seu fim, mas o seu novo começo (Andrade, 2018, p. 77).

A trajetória de Isabel é por uma busca de realização, de compulsão capitalista e de arrependimento, um percurso de maturidade, que visto pelo sagrado, é um caminho de arrependimento, de mudanças do interior, como também de renascimento.

Na pesquisa “Uma leitura histórico-social do abandono em *O Sino e a rosa*, de Alina Paim”, da pesquisadora Michelle Pereira de Oliveira, de 2019, temos a oportunidade de uma discussão entre literatura e sociedade a partir de uma problemática que envolve as crianças: o abandono. A escritora encontrou espaço na literatura para suscitar uma discussão pertinente. O problema da criança abandonada no romance analisado remonta ao fato de deixarem os bebês na roda dos expostos do convento, a fim de que as religiosas possam cuidar deles, como a personagem Catarina, norteando a composição da Trilogia de Catarina.

Catarina, a menina abandonada na Roda dos Expostos, amparada por uma instituição de religiosa de caridade, sob os cuidados das irmãs vicentinas, em um ambiente, impregnado de normas, regras, incertezas, medos e solidão. O romance de Paim consegue nos conduzir pela história de uma criança que sonha em ter uma família, mas essa criança não se detém apenas na personagem Catarina, é uma representação de tantas outras meninas e meninos que sonham e sofrem igual dilema. Ou mesmo, que passam por infortúnios ainda piores quando não encontram amparo e quando são submetidos as mais atrozes condições de uma vida marginalizada pela sociedade (Oliveira, 2019, p. 109).

Considerar o abandono como uma prática milenar pela perspectiva de que a criança é um ser frágil, trabalhoso e que pode não sobreviver, pode ser lido como uma “cortina de fumaça” para um problema social presente em diferentes localidades, trazendo uma temática universal, que é a desigualdade social. O romance de Paim possibilita a reflexão sobre a condição de abandono de menores, como também nos faz pensar nas diversas situações pelas quais se submetem os menores excluídos, que são ignorados pela sociedade.

Na dissertação de mestrado de Monique Martins Parente, de 2023, com o título “Uma leitura do Mítico-Simbólico feminino na tessitura do imaginário paimiano em *A casa da coruja verde*, de Alina Paim”, encontramos uma pesquisa dedicada à representação dos elementos

simbólicos que expressam o sentido do feminino na personagem Catita. De acordo com a pesquisa,

As produções infanto-juvenis de Alina Paim estruturam-se a partir do maravilhoso e do mítico, elementos comuns às narrativas provenientes da tradição oral. A figura da velha sábia e da fada, dentre outras, se manifestam em personagens que impulsionam o enredo e estabelecem o elo entre a obra e a realidade vivenciada na sociedade capitalista. Com isso, a romancista tece o imaginário de modo que possibilita a imersão no maravilhoso sem romper com o plano real e sócio-histórico (Parente, 2023, p. 7).

A pesquisadora trabalhou tanto com as relações míticas e simbólicas no imaginário de formação para o feminino, quanto buscou o diálogo entre os elementos arquetípicos e a maneira como Alina Paim constrói essas representações no campo social e cultural.

Como tese de doutorado, tivemos acesso ao texto de Fabiana dos Santos que, em 2021, apresentou à sociedade acadêmica o texto: “Louisa May Alcott e Alina Paim: uma leitura comparada da formação das protagonistas em *Mulherzinhas* (1868) e *A sombra do patriarca* (1950)”. Um estudo que buscou analisar pelo viés comparativo e pelo estudo do romance de formação a produção dessas escritoras como influenciadoras para a imagem da mulher na sociedade, considerando que a mulher enquanto escritora deve ser reconhecida como geradora de produto cultural e de conscientização da sua voz para as mudanças e transformações sociais, além de melhores condições na elaboração da escrita do romance literário.

Dentre os romances de Alcott e Paim, escolhemos *Mulherzinhas* (1868; 2005) e *A sombra do patriarca* (1950), respectivamente, por entender que ambos apresentam características que coadunam com a proposta do *bildungsroman*³ (romance de formação) e permitem uma leitura acerca das vivências socioculturais das mulheres e os desafios enfrentados por elas. Ao enveredarmos na pesquisa sobre a construção dessas personagens, nosso objetivo foi compreender e dialogar sobre o processo de transformação que se opera nas protagonistas Josephine e Raquel, tendo como base a instrução e elementos externos que estão ligados a elas, tais como, família, traços culturais, entre outros, propiciando uma reflexão sobre representação da figura feminina na literatura e na sociedade (Santos, 2021, p. 8).

Diante das discussões apresentadas por Fabiana dos Santos, verificamos os diferentes caminhos que possibilitam mudanças nas personagens femininas presentes em ambos os romances, as quais representam transformações também no ser feminino, inserido na sociedade, com cultura e personalidade própria. Sendo assim, são relevantes as evoluções das personagens que refletem na formação das mulheres e da sociedade.

Nos estudos acerca dos romances de Alina Paim, observamos vertentes diferenciadas, algumas direcionadas à pesquisa da representação do mito, outras sobre as condições da mulher, a crítica feminista, há, ainda, trabalhos que discutem a relação da sociedade com a literatura. A partir de denúncias, das lutas de classes, mantendo um cunho social, preocupada com a humanidade, discutindo ao longo de seus romances como Coelho definiu suas obras: “o despotismo dos fortes sobre os fracos, o amor como caminho de realização ou de destruição dos seres humanos, a desumanidade do sistema de exploração da força-trabalho, que caracteriza a sociedade brasileira em geral” (Coelho, 2001, p. 39).

Outra vertente de pesquisa é sobre a participação da escritora no Partido Comunista Brasileiro, como o trabalho da professora Iracélli da Cruz Alves, cuja pesquisa de doutorado “Feminismo entre ondas: Mulheres, PCB e política no Brasil”, realizada pelo Programa de Pós-graduação em História, pela Universidade Federal Fluminense, concluída no ano de 2020. Na tese, Alves propõe uma investigação acerca da participação de Alina Paim na elaboração do movimento feminista no Brasil, contribuindo com as conhecidas primeira e segunda ondas do movimento. De forma particular, o feminismo construído a partir das orientações comunistas, para isso a historiadora analisa a trajetória de militância da escritora Alina Paim a partir dos romances *A hora próxima* (1955) e *Sol do meio-dia* (1961). A pesquisadora apresenta entrevistas concedidas pela autora a diversos jornais da época, traz relatos das apreciações críticas das obras literárias e a relação com o partido comunista, as orientações para os trabalhos a serem publicados de acordo com as instruções do partido.

Alina Paim completaria sua agenda política e intelectual escrevendo textos para a imprensa comunista e não comunista. Além do jornal *Momento Feminino*, onde se ocupou da seção de Puericultura e publicou contos, colaborou com revistas literárias, como *Esfera*, dirigida por Silvia Leon Chalreo e Maura de Sena Pereira, e *Leitura*. Também se ocupou das revistas especializadas em “assuntos femininos”, como a revista *Walkyria* e *O Cruzeiro*, além de escrever para os jornais cariocas *Correio da Manhã* e *Voz Operária* (do PCB). Geralmente publicava contos, muitos dos quais fragmentos dos seus romances já publicados ou inéditos. Também escreveu alguns poucos artigos analisando os assuntos do momento. (Alves, 2020, p. 199-200)

É destacado o compromisso de Alina Paim com a militância política, entretanto o que os intelectuais e políticos que compunham a frente para disseminação da militância comunista no Brasil não esperavam é que a escritora teria a sua marca particular de escrever, o seu próprio estilo. Alina Paim soube defender, ao longo dos seus romances, o seu olhar intimista e social, sem dissociações, uma vez que se reportar aos problemas introspectivos já é um movimento

acerca das consequências das problematizações externas, sociais, culturais, econômicas e políticas.

Mesmo enfrentando as críticas como a de que não iria muito longe com os seus romances, que contém uma escrita ora memorialista ora socialista, um olhar ímpar diante dos problemas sociais, principalmente os enfrentados pelas mulheres, Paim supera as expectativas negativas e publica 14 romances, o que possibilitaria ao longo dos anos pesquisas com fundamento nos aspectos que representam a escrita, o estilo e os que estão mais arraigados aos fatores psíquicos e políticos (Alves, 2020).

Além da tese de doutorado, a pesquisadora Iracélli da Cruz Alves tem realizado leituras dos textos de Paim que ultrapassam o conhecimento da memória histórica; são pesquisas com fatores relacionados também às exclusões e dificuldades enfrentadas pelas mulheres na sociedade, nas diferentes esferas sociais. Como o texto “Mulheres comunistas na Bahia: contribuições para a fundação da federação de mulheres do Brasil e para o movimento pela paz”, publicado na revista eletrônica discente de história, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, centro de artes, humanidades e letras, no ano de 2016.

Outros temas pesquisados pela professora Iracélli da Cruz Alves são “Feminismo, comunismo e expectativa democrática no Brasil: disputas em torno da construção de uma Frente Única de Mulheres (1945 – 1949)”, “Feminismo, PCB e o debate sobre o trabalho doméstico entre as décadas de 1940 e 1960: relações, intragênero e as dimensões de raça/classe”, trazendo como foco na análise do trabalho, principalmente, doméstico, os seus direitos e a ligação delas com o PCB, uma problematização que sai do âmbito do lar, da casa para o patamar jurídico, conferindo a essas mulheres uma efetiva participação do campo da sociedade civil.

Ressaltamos outro artigo da mesma autora “Literatura e Feminismo: Representações da liberdade das mulheres em Alina Paim”, publicado em 2019, nos anais da ANPUH, quando a pesquisadora discute a participação das mulheres analisando as desigualdades sociais, principalmente no Nordeste. A leitura parte da narrativa *A sombra do patriarca* (1950), observando a crítica ativa da protagonista Raquel diante das condições de miserabilidade vivenciada entre seus familiares, especificamente as mulheres. No tocante ao tema da liberdade, verificamos a idealização, as discussões em torno do que o PCB esperava das mulheres, não só no Brasil, mas em todas as áreas de sua atuação.

Tomando como referência a narrativa ficcional, nossa intenção é evidenciar como a autora, à época filiada ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), idealizou a liberdade das mulheres e, em que medida, suas interpretações se relacionam tanto com as elaborações dos movimentos feministas do período,

quanto com leituras do PCB. A finalidade é demonstrar, através das janelas abertas pelo romance, parte do debate feminista travado no tempo da escrita, qual seja, final da década de 1940. (Alves, 2019, p.1)

Os estudos no âmbito da história têm realizado pesquisas voltadas para a participação de Alina Paim em dois momentos importantes. O primeiro está direcionado à militância da escritora no PCB, com atuação na produção cultural e literária do país. O segundo mais direcionado às entrevistas concedidas pela autora, pela produção e participação em revistas.

Podemos verificar no estudo do pesquisador Gabriel Moura Silva, com trabalhos apresentados e publicados em anais, e na dissertação de mestrado, cujo título “O comunismo é como o vento. Quem segura o vento quando ele começa a soprar?: Produção cultural e cultura política na trajetória intelectual de Alina Paim (1944-1956)”, da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), de 2022. Nessa pesquisa há a concentração acerca da atuação de Alina Paim na revista *Momento Feminino*, no período que compreende de 1947 a 1956, como uma intelectual responsável pelo processo de cultura política comunista no Brasil, bem como a contribuição dela para a formação e divulgação da cultura do partido.

Em 25 de julho de 1947, uma sexta-feira, chegava as bancas dos principais centros urbanos brasileiros, a primeira edição do periódico *Momento Feminino*, criado, dirigido e escrito pelas mulheres ligadas ao PCB, sendo pensado como “um órgão educacional e orientador da mulher brasileira. E todo o jornal é um desenvolvimento dos problemas das mulheres de todas as condições sociais, desfilando no palco de papel” (Silva, 2020, p.156)

A cooperação de Alina Paim à revista *Momento Feminino* foi através de contos¹⁷ que envolviam a condição feminina frente à sociedade, contribuindo com a formação ideológica e cultural do partido, aliando a militância à produção literária.

Encontramos estudos sobre a romancista publicados a partir de grandes simpósios e congressos, a exemplo da Anpoll, Abralic, Ampuh, Senalic/Silc, revistas científicas, anais de congressos e periódicos, além de inúmeros trabalhos de conclusão de curso em diversas universidades e faculdades.

A professora e pesquisadora Elódia Xavier é autora de um estudo sobre as representações do corpo nos textos literários de autoria feminina, “Que corpo é esse?” (2007). Uma das definições é em relação ao corpo liberado, uma vez que “a narrativa de autoria feminina, da década de 90 para cá, vem apresentando protagonistas mulheres que passam a ser sujeitos da própria história, conduzindo suas vidas conforme valores redescobertos através de

¹⁷ Os contos referidos traziam trechos de seus romances, ou textos encomendados sobre a educação das mulheres.

um processo de autoconhecimento” (XAVIER, 2007, p. 169). Perfazendo um caminho de reflexões acerca da própria condição de vida, da existência, em busca da sua identidade, assim está representada a mulher nas narrativas. Ou seja, em constante construção da liberdade, podendo descobrir-se enquanto ser humano, vivenciando suas potencialidades, sonhos, desejos e sexualidade, definindo suas escolhas, seus caminhos; é dessa forma que a autora nos permite compreender o corpo liberado.

No artigo intitulado “A construção de um corpo liberado: a trilogia de Catarina, de Alina Paim”, publicado em 2011, no periódico Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, a autora apresenta a trajetória para construção do corpo liberado, representado em três narrativas de Alina Paim (*O sino e a rosa*, *Chave do mundo* e *O Círculo*) todos publicados em 1965, que são denominados de a Trilogia de Catarina, cuja protagonista percorre toda sua história de vida, desde o nascimento, a orfandade até a vida profissional e familiar.

Catarina, escritora por vocação, revê toda sua vida, entremeando várias temporalidades, num processo labiríntico, sem perder o fio da meada. Da roda dos enfeitados à condição de esposa e mãe, o narrador enfatiza aqueles momentos onde a integridade da protagonista esteve ameaçada, prevalecendo sempre o corpo liberado (Xavier, 2011, p. 71)

Xavier afirma, ainda, que a trilogia de Catarina nos possibilita pensar em uma autobiografia, entretanto, considerando a pesquisa aqui desenvolvida, podemos assegurar que Alina Paim desenvolve, com mais afinco a autoficção mais intimista, em um processo de “escrita de si”, partindo das suas experiências e memórias para a ficção, como bem pontuou a professora Xavier (2011, p. 72), “[...] dada a intimidade entre narrador e protagonista [...]”. Além do fato de Catarina, também ser escritora, assim como a própria Alina Paim, e enquanto na escrita textual ambas mesclam, é uma “mistura de realidade e ficção”, conforme afirma Xavier (2011, p. 76).

Percebemos um caminho de amadurecimento tanto da protagonista quando da autora, ora registrados nos textos literários. Da publicação de um romance para outro, verificamos elogios de grandes escritores, como Graciliano Ramos, no prefácio do romance *Simão Dias* “A estreia, recebida em louvores, jogou a moça na literatura. Alina fez vários livros. Este, o terceiro, deixa longe a *Estrada da liberdade*, manifesta um valor que o trabalho da juventude apenas indicava” (RAMOS, 2015, p. 29). Podemos observar aqui uma maneira de ressaltar o amadurecimento da escrita da autora. Como atesta Xavier,

[...] se pode falar em Catarina como um corpo liberado, pois quando se tem a chave do mundo, tem-se a liberdade de escolha de abrir a porta desejada. E esta liberdade vem respaldada pelo amadurecimento, pela longa e dura aprendizagem (Xavier, 2011, p. 78).

A busca de Catarina se configura à busca de Alina Paim, as conquistas no campo literário, político, social, familiar e amoroso, uma busca de si, presente em sua escrita.

Outro estudo relevante sobre a escrita de Paim é o que também fora realizado pela professora Elódia Xavier (2012), cujo título “A casa na ficção de autoria feminina”. A pesquisadora buscou o estudo da representação da casa, com seus diferentes espaços, conquistas, objetivos particulares que estão presentes nos textos de autoria feminina, de diferentes épocas. Dentre essas autoras, encontramos a análise do romance *A correnteza* (1979), de Alina Paim.

Ao propor a análise do romance de Paim com o viés da presença da casa no desenrolar da narrativa, Elódia Xavier discute a dimensão de “casa jaula”, enfatizando a relação entre a protagonista Isabel com a casa. Essa relação ultrapassa os limites da convivência com os demais familiares e vizinhos, pois a casa era o sonho da protagonista durante toda a vida. E é na própria casa que a protagonista vivencia um momento de intensa memória, reflexão e arrependimento, a ponto de não querer mais a tal casa (Xavier, 2012).

[...] apesar de se sentir de ‘âncoras fincadas’, isso vai se revelar uma ilusão, diante da crise que se instala com o ‘relâmpago, trovão e instantâneo apagar de luzes’. (p.6) Sozinha, no escuro, vai se dando conta de sua solidão, e o passado volta com seus fantasmas. Esse é o conteúdo da narrativa: o processo memorialístico entremeado de reflexões sobre a vida passada. (Xavier, 2012, p. 54)

Para conquistar a casa, Isabel roubou o noivo da irmã, trabalhou como costureira e guardava todo o dinheiro, independente das necessidades dos filhos, perde uma das filhas porque precisava realizar uma cirurgia e, enquanto mãe, não permite gastar o dinheiro da casa para salvar a filha, enfim, tudo é pelo sonho de ter uma casa grande. E, no final, estando sozinha, sem família, sem sonhos, sem sentido para continuar na casa, vive um final trágico.

O final, que poderia ser feliz porque ela decide se desfazer da casa, não ocorre, por conta da agressão dos garotos vizinhos que a apedrejam. Ela tenta se salvar, saindo dali, mas está grudada às paredes, presa na **casa jaula**. Como Cristo, pregado na cruz, seu ‘corpo rijo, morto de qualquer ação, pregado na parede, jungido à casa-grande’ (p. 30). (Xavier, 2012, p. 55)

A análise de Xavier (2012) nos permite um olhar para a condição da mulher contemporânea, a que busca a realização dos seus sonhos, mas que acaba não enxergando o que de fato faz sentido na vida da mulher, para sua própria realização.

A partir dos estudos de Elódia Xavier (2007), com o texto “Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino”, no qual discute acerca da condição da mulher no enfrentamento às heranças do patriarcado representado a partir das personagens de obras literárias escritas por mulheres. Verificamos o trabalho da professora Danielle Barbosa de Souza Almeida, cujo título “O corpo em *A sombra do patriarca*, de Alina Paim”, apresentado em diversos congressos e publicado em anais e revistas científicas, tomamos como referência a publicação na revista Interdisciplinar, n. 5 de 2008. Com esse estudo em destaque, a condição da mulher no texto literário a partir do corpo possibilita a inclusão de Alina Paim nos estudos de historiografia literária, resgatando a memória da escritora sergipana.

A pesquisa da professora Danielle Barbosa se propõe a identificar os tipos de corpos presentes no romance supramencionado, analisando como eram as relações com o patriarcado, ora representado pela figura do tio Ramiro. Das tipologias do corpo analisadas, foram encontrados o corpo liberado, o invisível, o disciplinado e o subalterno. Portanto, trata-se de um romance amadurecido, com engajamento social e estético, com características de um romance de formação, que através das personagens consegue problematizar a condição das mulheres na sociedade e no espaço do patriarcalismo (Almeida, 2008).

A professora Cíntia Schwantes, da Universidade de Brasília, elaborou a pesquisa intitulada “Como romancear a Revolução ou *A hora Próxima*, de Alina Paim”, publicada na revista Literatura e Autoritarismo, em 2012. A discussão do artigo é sobre a estrutura do romance contestado pelo próprio partido em que Alina Paim atuava, entretanto “ele realiza um feito nada desprezível: o de seguir a linha ideológica do Partido, utilizando os pressupostos do realismo socialista, sem trair a matéria romanesca utilizada pela autora, uma greve que realmente aconteceu” (Schwantes, 2012, p. 1).

No estudo do professor Carlos Magno (2014), intitulado “Escritoras Marginalizadas”, publicado no periódico Caligrama: Revista de estudos românicos, da Universidade de Minas Gerais (UFMG), discute sobre a necessidade de se resgatar os textos e a biografia da escritora Alina Paim, que fora silenciada política e literariamente, pois não encontramos menção as suas obras nem ao seu nome nos manuais de história da literatura brasileira, muito menos nos livros didáticos.

Como uma escritora que escreveu sobre as lutas das mulheres na sociedade, com dez romances publicados, com temas sociais, políticos, culturais, e quatro de infante juvenis pode

ser esquecida, ou melhor, marginalizada? A estética da narrativa de Alina Paim está relacionada ao modernismo realista, com a mulher no centro das obras, a busca pela igualdade de direitos, a dominação masculina na sociedade patriarcalista, as lutas de classe e a inclusão da mulher nas discussões políticas por meio de uma escrita leve, sem julgamentos, com coerência, com personagens próximas da realidade, enredos que se confundem com a vida da autora. Posto isso, é necessário ampliar o cânone literário, incluindo na história literária as produções de Alina Paim.

No texto “Literatura e feminismo: desafiando o cânone”, publicado na edição Memórias da Borborema 3, pela Abralic, (2014), o pesquisador Carlos Magno dá continuidade à discussão acerca da estrutura do cânone literário, no sentido de exclusão das escritoras, como foco de sua reflexão, os romances de Alina Paim. Sendo o feminismo uma das estratégias de construção para a crítica literária, o que torna a escritora importante para os estudos literários, sendo essencial para a composição do cânone histórico.

[...] ressaltamos as profícuas relações entre literatura e feminismo que propuseram uma mudança de paradigma no que se refere ao cânone, ao reconhecer que a seleção tradicional de textos literários não é mais aceita como única [...]. Portanto, como destacado neste trabalho, o feminismo pode ser considerado uma das mais contundentes formas de contestar o cânone e sua tradição. (Gomes, 2014, p. 24-25)

As pesquisas citadas até o momento representam uma parcela do que tem sido discutido, analisado, verificado sobre os textos da escritora Alina Paim, para tanto prosseguiremos com a discussão no âmbito das relações que envolvem pesquisas com a temática da mulher no trabalho formal, uma abordagem histórica para compreensão dos estudos literários.

Observamos que muito pouco se tinha analisado do quanto o estilo de uma “escrita de si” vai se manter durante o período em que Paim sofreu grande cobrança do PCB. Assim, daremos continuidade ao debate sobre sua obra nos concentrando no romance *Sol do meio-dia*.

Consideramos a análise da professora Elódia Xavier, cujo título “Alina Paim: as duas faces da mesma moeda” apresentado em 2009, no IV Seminário Internacional Mulher e Literatura: memórias, representações, trajetórias, quando discute as relações temáticas dos romances da escritora, observando que o romance social e o romance psicológico, o externo e o interno não se separam. O leitor chega a essa conclusão diante da leitura de Alina Paim, principalmente, porque os seus romances são construídos com referência às representações das experiências vividas na infância, na juventude. O escrever de Paim está alicerçado e enraizado no “eu” intrínseco, existencial, promovendo um movimento autoficcional, mesmo sendo

entrecruzados por denúncias sociais, de convivência do ser humano, imbrincados por reflexões sociais que impactam o indivíduo em sua particularidade e na coletividade (Xavier, 2009).

Em Alina Paim, verificamos os romances sob a perspectiva da presença da escrita do eu, com as memórias de uma escritora que se insere na narrativa a partir das protagonistas, as quais também estão em busca de se tornarem escritoras, professoras, críticas, manifestando seus pensamentos e ideias. Elas estão sempre em busca da liberdade de atuação da mulher na sociedade, analisando a trajetória de três protagonistas, Marina, Do Carmo e Ester, quando comportam em si as relações com o eu artista.

A discussão sobre a presença da arte nas obras comentadas nos permite citar as reflexões que Carlos Magno Gomes traz no artigo: “A artista e a sociedade no romance de autoria feminina (2007)”, quando discute sobre a representação da artista e da sua arte na literatura brasileira. Segundo o autor, essa temática deve-se à necessidade de refletir a própria narrativa, fenômeno provocado a partir do século XX. Através de um processo metanarrativo, busca-se inserir nas obras a própria arte de narrar, incorporando, muitas vezes, elementos como a paródia e a ironia como forma de questionar o leitor e de se autoquestionar, possivelmente construindo a identidade da artista feminina.

Pensamos a escrita de Alina Paim para a perspectiva de uma inclusão na historiografia brasileira, corroborando os estudos do professor pesquisador Carlos Magno Gomes, cujo ensaio “Ensino de Literatura: dos gêneros à historiografia”, no qual apresenta a necessidade de mudança do cânone literário, que pode ocorrer a partir dos estudos de literatura comparada, especificamente pelos estudos de autoria feminina, com o resgate de escritoras esquecidas pela história, pelo autoritarismo político, social e cultural. Trazendo para prática dos estudos de literatura nas escolas em um formato inclusivo a leitura dessas escritoras. (Gomes, 2013)

O autor do ensaio apresenta uma perspectiva de estudo literário voltado para a valorização do próprio texto entre os leitores, como também na perspectiva de um sistema estético-cultural que precisa ser ampliado, isso deve ocorrer a partir do resgate de autores excluídos ao longo do tempo, e que têm seus textos carregados de herança cultural. Nessa proposta, evidenciamos o quanto o ensino de literatura pode favorecer uma ampliação do conhecimento das narrativas, com diferentes abordagens, com práticas interdisciplinares, a fim de discutir as relações textuais e culturais em torno da identidade nacional, das questões de gênero, sexualidade, raça, etnicidade (Gomes, 2013)

Para este processo de inclusão das escritoras brasileiras no cânone, a literatura comparada tem contribuído bastante, principalmente quando se busca o diálogo do texto literário com outras disciplinas, ou campos de conhecimento, como “[...] também com um

objetivo de revisão, o feminismo tem apresentado intervenções políticas ao resgatar diversas escritoras esquecidas pelo cânone [...]” (Gomes, 2013, p. 35), através de um trabalho a partir dos estudos de gênero, dos estudos culturais, buscando as escritoras silenciadas. “Essa historiografia é fundamental para um novo ensino de literatura que atenda a uma demanda social de revisão das representações culturais” (Gomes, 2013, p. 35).

Para o desenvolvimento da proposta de uma nova historiografia, pesquisadores de todo o país têm realizado um árduo trabalho “arqueológico para a renovação da história literária” (GOMES, 2013, p. 36). Como premissa do trabalho de inclusão das escritoras excluídas pelo cânone, o autor apresenta diversos trabalhos que têm sido realizados ao longo do século XX, seguidos pelas orientações do GT “A mulher na Literatura”, vinculado à Anpoll, liderados pelas professoras “Constância Lima Duarte, Elódia Xavier, Norma Telles, Zahidé Muzart” (Gomes, 2013, p. 36).

A pesquisadora Elódia Xavier, ao elaborar um estudo sobre o corpo liberado, inclui Alina Paim no desenvolvimento da historiografia literária, possibilitando que a escritora tenha seus romances conhecidos tanto pela introspecção presente, quanto pelas denúncias sociais, marca mais contundente por apresentar um engajamento político (Gomes, 2013). “Com essa análise, Elódia Xavier ressalta o modelo de resgate que também inclui Alina Paim no sistema literário, pois coloca suas representações em tensão com a das escritoras contemporâneas” (GOMES, 2013, p. 42). Destacamos a importância do trabalho de historiografia com o resgate das escritoras para um ensino mais inclusivo.

Parafraseado Xavier, Carlos Gomes afirma que “com esse elaborado texto de sutilezas e lutas, a obra de Alina Paim se destaca pela representação dos excluídos e da luta de direitos da mulher” (GOMES 2013, p. 41). É recorrente nos romances de Paim a presença da mulher, com suas lutas sociais, busca por igualdade de direitos, enfrentamentos na lógica patriarcal, no espaço do trabalho, na elaboração da escrita, constantemente em seus romances.

Sendo assim, “esse trabalho historiográfico de estudo das representações femininas na literatura deve ir além das fronteiras feministas, pois se trata de um patrimônio cultural coletivo” (GOMES, 2013, p. 43), portanto, propomos, a partir desses estudos, uma revisão ao incluir o debate de Alina Paim como uma escritora que usou tão bem a “escrita de si”, essencial e necessário que as pesquisas tenham seus resultados divulgados para além do meio acadêmico, que possa chegar à sociedade; é o que buscamos para os estudos dos romances de Alina Paim.

2.2 OS PREFÁCIOS DOS ROMANCES DE ALINA PAIM

Nessa seção da tese, comentaremos como as cinco primeiras obras de Alina Paim são prefaciadas e apresentadas posteriormente por intelectuais de esquerda para depois analisarmos como foram recebidas pela crítica. Com isso, traçaremos o perfil estético dessa primeira recepção de seus romances. Destacamos inicialmente que tanto os prefácios como as resenhas críticas e matérias de divulgação de suas obras reforçam que Paim se filia ao realismo socialista. Todavia, em nossa pesquisa, defendemos que houve um direcionamento tendencioso dessa crítica para mostrar apenas esse viés, deixando de lado as marcas intimistas do seu realismo; mesmo tendo que seguir alguns requisitos da estética socialista na década de 1950, quando escreveu *A hora próxima* e *Sol do meio-dia*, mostraremos que houve amadurecimento de sua narrativa intimista, que articula um lugar de fala plural, superando as limitações da estética panfletária por seu estilo introspectivo.

Antes de partirmos para a recepção crítica de suas obras, veremos como cada uma propõe uma leitura social em seus prefácios. Considerado por Gérard Genette, no estudo “Paratextos Editoriais” (2009, p. 145), o prefácio é como “toda espécie de texto liminar (pré-liminar ou pós-liminar), autoral ou alógrafo, que consiste em um discurso produzido a propósito do texto que segue ou que antecede”, é então um paratexto editorial relevante, pois consiste em coletar e declarar as impressões acerca de um determinado texto para os seus leitores. Passaremos a leitura dos prefácios dos romances de Alina Paim, como também os comentários verificados nas orelhas de alguns desses textos.

No romance *Estrada da liberdade*, não localizamos prefácio ou apresentação no que tange à edição que estamos utilizando. Contudo, no romance *Simão Dias*, publicado pela editora Casa do Estudante em 1949, sendo que é a terceira obra escrita por Paim no período de agosto a dezembro de 1946, e *A Sombra do Patriarca*, foi escrito no Rio de Janeiro, no período de outubro de 1945 a fevereiro de 1946, sendo então o segundo romance escrito por Paim. No entanto, o primeiro foi publicado pela editora Globo em 1950 e o segundo pela editora Casa do Estudante em 1949. Essa informação é importante para constataremos o amadurecimento das experiências estéticas de Paim, pois há a aproximação de estilos, que vão ganhando mais consistência à medida que ficam mais introspectivos como defendemos nesta pesquisa.

Diante dessas informações, analisamos o prefácio contido no romance *Simão Dias*, escrito por Graciliano Ramos, com dedicatória para Arthur Ramos, mencionado pela própria escritora na entrevista com a professora Ana Leal Cardoso (2019), que ele foi grande apoiador dos seus textos e da sua profissão, sendo assim ele analisa o texto e afirma que

O que surge com intensidade é a existência das mulheres – complicações, desarranjos, pequeninos problemas. Há umas admiráveis tias velhas, rendeiras, beatas, calejadas nos mexericos. E há também a criança atormentada, a melhor criação de Alina. Vê-se bem que a romancista cochilou nas orações compridas, trocou bilros na almofada e aguentou muito puxão de orelha. Foi bom. Essas aventuras lhe fornecem hoje excelente matéria (Ramos, 2015, p. 30).

Consideramos o olhar de Graciliano Ramos sobre este romance como uma chave de leitura da escrita de Alina Paim, a partir de “si”, enquanto mulher, escritora, engajada nas situações políticas da sociedade, que transcendem no seu texto partindo de um realismo social capaz de alcançar diferentes espaços e gerações.

No romance *A sombra do patriarca* não localizamos prefácio, nem outro paratextual. Assim como no romance *A hora próxima*, não há prefácio, nem apresentação. Foi publicado pela Editorial Vitória, é o volume XI da Coleção Romances do Povo, dirigida por Jorge Amado. Única mulher brasileira a ter um romance publicado na referida coleção, os demais textos são de autores estrangeiros, com suas obras traduzidas.

O quinto romance de Alina Paim ficou em primeiro lugar no Concurso da Associação Brasileira do Livro, em 1960, sendo publicado no ano seguinte pelas edições ABL. O romance *Sol do meio-dia* foi classificado como o melhor na categoria Romance da década de 60. Único romance em que a editora elaborou um concurso para a confecção da capa, cujo vencedor foi José Antônio Nunes do Couto. O romance é dedicado às filhas da romancista, Luiza e Maria Tereza. O prefácio é de Jorge Amado, que imprimiu suas considerações sobre o desenvolvimento da romancista.

Modesta e tímida, essa sergipana conquistou seu lugar definitivo em nossa literatura sem jamais fazer vida literária, sem pertencer a grupos, sem uma concessão, afastada dos meios literários e da publicidade fácil, das igrejinhas e do disse-que-disse. Para ela existe a literatura e não vida literária, o que não significa ter-se a romancista trancado numa torre de cristal pois jamais se negou a seus deveres de cidadão, jamais separou sua literatura da vida (Amado, 1961, p. 7).

Observamos que o prefácio de Jorge Amado tenta negar o fato de as obras anteriores terem tido boa recepção por parte de intelectuais de esquerda e terem sofrido censura por parte do PCB. Como observaremos na sequência da tese, ela fazia parte dos escritores comprometidos em divulgar a estética socialista no Brasil e que tinha Jorge Amado como um dos representantes máximos. Ele foi um dos responsáveis pela indicação de tradução das obras de Paim. Como

ponto positivo desse prefácio, Amado reconhece que se trata da obra mais lapidada de Paim e destaca a ascensão da escrita da romancista.

A menina da “Estrada da liberdade” que irrompeu pelo romance brasileiro em 1945 e nele impôs sua presença, soube construir seu caminho e crescer de livro para livro. Para chegar à maturidade deste “*Sol do meio-dia*” que será sem dúvida um dos acontecimentos literários importantes do ano. Estou certo do sucesso deste romance não só junto aos intelectuais mas também entre o grande público pois ele é construído com a experiência vivida e o amor ao ser humano (Amado, 1961, p. 8).

Outro ponto positivo da apresentação feita por Jorge Amado está no reconhecimento de sua experiência vivida e o amor ao ser humano, que são pulsantes em *Sol do meio-dia*, na presença de uma personagem que se constrói escritora por meio de um processo intimista, mas que não deixa de olhar para os problemas sociais. Essa perspectiva intimista é subversa ao realismo socialista, imposto a sua arte, mas que ela abandona de vez na Trilogia de Catarina de 1965.

Localizamos, na orelha esquerda do romance *Sol do meio-dia*, dois comentários divulgando a segunda obra de Paim. O primeiro sobre o livro Simão Dias, que retoma trechos do prefácio de Graciliano Ramos para essa obra: “A autora observa, estuda com paciência, tem a honestidade rigorosa de não tratar de um assunto sem dominá-lo inteiramente”. Essa é uma caracterização de Alina Paim que permaneceu em toda a escrita dela. O comentário de Constantino Paleólogo¹⁸, referindo-se sobre o mesmo livro, informa que: “A romancista apresenta-nos uma galeria de tipos realmente vivos e marcantes, que nos perduram na memória, que somos forçados a incorporar ao conhecimento que temos das diferentes e desconcertantes máscaras sob as quais costuma aparecer a enigmática face do animal humano”. O crítico define então a construção narrativa de Alina Paim, no romance com o mais elevado teor autobiográfico da trajetória da romancista.

Entre a orelha esquerda e direita do romance *Sol do meio-dia*, verificamos o comentário de Dalcídio Jurandir¹⁹, também sobre Simão Dias, no qual expressa que

¹⁸ Homônimo do último imperador bizantino e com sobrenome revelador de ascendência grega, Constantino Paleólogo Efeteriades (1922-1966) realizou, nos poucos anos que viveu, uma obra consistente e diversificada. Jornalista dinâmico, militou na prestigiosa revista O Cruzeiro, em cuja redação circulava “elegantíssimo, bigodinho aparado, testa alta, olhar inteligente, sempre fumando de piteira”, segundo depoimento posterior do então aspirante a diplomata/escritor Victor M. de Moraes, seu carona habitual a bordo de “um luzidio Aero Willys cor de vinho, novinho em folha”. (Rui Ribeiro, 2015) <https://www.linguagemviva.com.br/309.pdf>

¹⁹ O paraense Dalcídio Jurandir (1909-1979) ainda é um “importante desconhecido” no cenário da literatura brasileira. Admirado por autores como Milton Hatoum e, antes, por Jorge Amado – que viram nele altos valores literários e a expressão singular dos povos amazônicos -, o escritor ainda aguarda o reconhecimento ampliado – algo que seria justo, décadas depois de encerrada a sua saga romanesca, o “Ciclo do Extremo Norte” (dez romances). (Kil Abreu, 2023) <https://cenaaberta.com.br/2023/02/10/dalcidio-jurandir-o-romancista-das-aguas/>

Dominando o seu tema, a romancista sabe da simplicidade e nitidez dos quadros, vigor e humanidade às cenas. Suas figuras, sobretudo as femininas, estão soltas no romance como se estivessem em suas casas. Escrevendo limpamente, sem rodeios, sem falso pudor, mas também sem brutalidade e lânguido lirismo, Alina Paim se coloca entre os legítimos romancistas do Nordeste (Jurandir, 1961).

O destaque está para as personagens femininas, como também para a escrita de Alina Paim, a leveza que está sob a criação de suas personagens, com enfrentamentos, porém livres no texto. Na orelha direita apreciamos comentários de Valdemar Cavalcanti²⁰ e Eloy Pontes²¹, ambos sobre *Estrada da liberdade*. O primeiro informa que “Para pintar certos aspectos da natureza feminina, a jovem autora é de uma acuidade psicológica e de um frescor de expressão realmente apreciáveis”. O segundo declara que: “Alina Paim tem todos os recursos indispensáveis aos romancistas. *Estrada da liberdade* representa estreia segura e indiscutível”.

Na mira dos críticos e demais romancistas, a obra de Alina Paim recebe reconhecimento e valorização da sua escrita e da maneira como se tratam os problemas humanos e sociais, principalmente os que afetam as mulheres. Assim, pelo discurso da crítica literária daquele momento, a escritora teria condições *sine qua non* de compor a historiografia literária brasileira.

Na próxima seção passaremos à análise da recepção dos cinco primeiros romances de Alina Paim pelos jornais, pontuando o olhar dos críticos literários e demais aliados políticos.

2.3 A PROPAGANDA IDEOLÓGICA DA LITERATURA DE PAIM

Alina Paim ficou silenciada por um bom tempo no século passado, porém encontramos registros de que ela participava ativamente no âmbito cultural e na vida política do país desde o lançamento do seu primeiro romance, pela editora Leitura, que era uma editora de iniciativa do Partido Comunista Brasileiro. Para este estudo realizamos uma pesquisa na Plataforma da Biblioteca Nacional, no setor da Hemeroteca Digital Brasileira²², visitamos vários periódicos e coletamos 30 notícias sobre Alina Paim, entre o período de 1944 a 1979. Em seguida,

²⁰ A história de Valdemar Cavalcanti (1912-1982) se confunde com a própria trajetória da literatura nordestina e do jornalismo brasileiro. O alagoano completaria 104 anos no dia 29 de março. Jornalista, crítico literário e funcionário público (IBGE), Vavá, como era conhecido pelos amigos, fez parte de uma das maiores e mais refinadas safras de escritores regionais brasileiros. Um grupo de estudiosos que exerceu grande influência no Nordeste, entre filólogos, romancistas e críticos literários, como os amigos Graciliano Ramos, Jorge de Lima, Jorge Amado, Raquel de Queiroz, José Lins do Rego, Aurélio Buarque de Holanda, José Condé e Santa Rosa, entre outros. (Rafael Cavalcanti, 2016).

²¹ Eloy (ou Elói) Pontes (1890-1967), jornalista e escritor, manteve uma coluna literária no jornal O Globo, em que assinava E.P. Escreveu várias biografias nos anos 1930 e 40; e, neste sentido, a história da literatura não lhe fez justiça, pois não é especialmente fácil encontrar referências biográficas a ele. (Glória Amaral, 2021)

²² Os periódicos foram extraídos da plataforma <https://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>

realizamos a leitura de cada página selecionada e relacionamos as matérias em que pudéssemos verificar a recepção de seus romances de acordo com a nossa pesquisa. Desses, há notícias do jornal “A manhã”, “O Jornal”, “Correio da Manhã”, “Última Hora”, “Momento Feminino” e “Leitura”, todos eles cariocas.

No periódico jornalístico “Leitura”, encontramos oito reportagens entre os anos de 1944 e 1945 sobre o romance *Estrada da liberdade*.

Em junho de 1944, com o título “Leitura descobre uma romancista²³”, há a entrevista de Melo Lima com Alina Paim. Uma publicação contando como os editores se identificaram com o romance e questionamentos sobre a autora. A notícia informa que os editores precisavam executar o trabalho deles de analistas dos textos que iriam ou não ser publicados. Ficaram intrigados com o título, se ele era ou não uma boa tradução do espírito da obra e da autora. Osvaldo Alves após realizar a leitura do romance revelou que

Difícil contar numa redação onde todos conversam literatura para o desespero de alguém desambientado o enredo de um romance escrito com minúcias descritivas, introspecção, monólogos e muito de movimento e romanesco. Marina era uma personagem bem caracterizada, o romance escrito com vigor e naturalidade, tinha um capítulo onde se falava na propaganda franquista num colégio de freiras quer era uma dessas páginas tão bem realizadas que parecia de um romancista assim com a impiedosa e consciente serenidade de Graciliano Ramos e com o arrebato empolgante de Jorge Amado. Alina Paim condensara naquele capítulo uma acusação tão bem feita que o romance permanecia intacto em toda a eloquente segurança da sua técnica verdadeiramente clássica. Quem seria essa escritora que se apresentava assim, satisfazendo ao mesmo tempo o editor, os curiosos, as visitas e literatos que o tinham lido? (Lima, 1944, p. 40).

O romance tinha sido submetido à análise da editora, estava na fila para avaliação e as reações descritas pelos editores e literatos são de surpresa. Questiona-se ainda sobre a autora, se é uma mulher de 30 ou 40 anos; essa ideia se constrói pelo teor do texto, porém era de uma jovem de 25 anos. Uma jovem escritora sendo comparada aos grandes mestres como Graciliano Ramos e Jorge Amado. Na editora, o envolvimento dos presentes só aumentava, o então gerente da Companhia Editora Leitura, Augusto de Souza, português, estudioso de autores clássicos, não se conteve e manifestou seus comentários sobre a leitura do romance, realizada em voz alta.

[...] ‘essa escritora sabe de fato escrever’, estava-se vendo que ‘era uma escritora considerável’. O editor começava a ver no romance não simplesmente uma história que o satisfazia só no sentido literário. De tempo

²³ Anexo 3, Leitura, Jun Ano 1944\Edição 00019 (3) <http://memoria.bn.br/DocReader/115509/3044>

em tempo, dizia que o livro tinha atualidade, que certos problemas estavam ‘planteados’ com a segurança própria de uma pessoa ‘consciente’ (Lima, 1944, p. 40).

E, assim, foi decidido que o romance seria publicado. As emoções presentes no texto de Paim são latentes em todo o momento, são destacados problemas de vários tipos e níveis de complexidade, mas sem perder a sensibilidade expressa através da construção enunciativa na personagem Marina. Valdemar Cavalcanti, outro avaliador da editora Leitura também teve a oportunidade de ler o romance antes da publicação, lá mesmo na editora, também ficou bastante satisfeito com o que leu.

Alina Paim foi comunicada sobre a publicação do livro e foi conferir pessoalmente, momento este destacado pelo colunista ao vê-la.

Uma nortista, estava-se vendo, baiana, da cidade de Salvador, os olhos negros com um brilho extraordinário, e a pronunciar certas palavras como só os baianos as pronunciavam.

- Está aqui há muito tempo?

- Não ‘mutcho’²⁴. Vai fazer pouco mais de um ano.

- Trouxe o livro da Bahia?

- Não. Quando vim da Bahia trazia-o na cabeça, bem escondidinho. Eu lá pensava que pudesse escrever um romance capaz de interessar uma editora! Tinha que me preocupar primeiro com a vida, trabalhar... O senhor compreende, não é?

- Escreveu-o aqui mesmo, na Ladeira da Glória?

- Foi em Marambaia.

- Aquela Escola de Pesca do Estado do Rio?

- Lá mesmo. Passei um ano a ensinar os filhos dos pescadores de Marambaia... (Leitura, 1944, p. 41)

Observamos no diálogo acima as motivações de Alina Paim sobre a sua relação com a própria escrita, como lemos no romance em discussão à personagem Marina que supõe a escrita de um livro, mas quem deveria escrevê-lo seria Paulo. Registramos a condição da mulher escritora, que para a sociedade nos anos 1940 não era bem aceita, liam-se apenas obras escritas pelos homens.

Alina Paim continua relatando as condições dos seus alunos, as dificuldades enfrentadas, os dramas vivenciados em família e na sociedade e como ela, enquanto professora, poderia ajudá-los, ressaltando a sua vocação como professora, a sua inteira dedicação ao ofício, mesmo com as dificuldades enfrentadas. Nessa perspectiva, podemos fazer uma inter-relação entre as declarações feitas na entrevista com o teor autobiográfico presente no romance, as

²⁴ Alina Paim nasceu na cidade de Estância (SE), mas dos dez aos 18 anos viveu em Salvador, em colégio com regime interno, isso explica o sotaque baiano percebido pelo jornalista. No entanto, a expressão que aparece entre aspas ‘mutcho’ é característica de Sergipe.

colocações da escritora se entrelaçam com a protagonista Marina. Vale destacar a declaração de Alina Paim.

Escrevi ‘*Estrada da liberdade*’ – esclareceu como se pedisse desculpas por falar em seu romance – para as minhas colegas que ainda não conhecem as surpresas da vida, o que é a realidade, o que uma professora sem governo, sem amparo e confiança sofre no meio de tantas crianças que não são simplesmente problemas sentimentais a resolver, mas vidas que precisamos salvar a todo instante para que nós, professoras não morramos também a cada instante.... (Paim, 1944, p. 41).

A romancista fala sobre as motivações que a impeliram a escrever o primeiro livro, e desde então é evidente a sua preocupação com a vida dos mais fragilizados socialmente, sejam crianças ou adultos, a sua dedicação em compreender como vive o outro, como vive o ser humano é uma característica muito particular, que chega a impressionar quem a lê. Pela idade com que Alina Paim apresentava ideias amadurecidas sobre as lutas sociais, ressaltando o seu engajamento social, talvez naquele momento ela não tivesse dimensão do alcance dos seus escritos, como também da repercussão das ideias tratadas em sua obra. O propósito de uma literatura de reflexão crítica é latente em suas falas.

Não há recompensa senão o que um espírito forte por natureza consegue depois de muito tempo: consciência das coisas que o cercam, desejo de lutar não mais simplesmente pela necessidade de viver, mas também por uma questão de princípios como se tivesse salvando todas as ingênuas como a própria Marina. [...]. Digo-lhe sinceramente que escrevi o meu livro não como um desabafo, mas com consciência, certa de que, se encontrasse capacidade para realiza-lo literalmente, contribuiria um pouquinho para esclarecer a todas as moças que saem de colégios de freiras e daqueles colégios onde só se ensina o medo da vida e não o que é preciso para se merecer a vida e poder realmente ensiná-la. (Paim, 1944, p. 69)

Além da consciência sobre os valores de vida necessários para a formação das crianças, a autora ainda faz uma crítica à metodologia utilizada nos colégios internos e religiosos. Nessa mesma entrevista, Alina Paim declara sobre a construção do texto e a relação com a experiência de vida dela. Tais comentários são muito importantes para os argumentos de nossa tese de que sua obra traz um entrelaçamento autobiográfico próprio da “escrita de si”: “Eu mesma ensinei durante muito tempo na rua onde a personagem de *Estrada da liberdade* ensina. Sei o que é aquela vida...” (p. 69).

A entrevista de Melo Lima segue até o final com Alina Paim, apresentando reflexões a partir do próprio romance, descrevendo a descoberta de Marina sobre os relacionamentos entre homem, mulher, vocação, sociedade, como se estivesse falando de si mesma.

Em julho de 1944²⁵, na página 57 há um capítulo do romance acompanhado de um comentário, sem assinatura do comentador e sem a conclusão. O excerto do romance é do capítulo VI, página 67, quando Marina precisou atender ao pedido da diretora da escola pública para visitar as casas das crianças, a fim de realizar a matrícula dos que estavam fora da escola. Marina foi até o bairro chamado de Baixa do Estica. O jornalista que comenta o texto de Alina Paim afirma que

Este capítulo de **Estrada da liberdade** – 1º volume da ‘Coleção Leitura’ - foi escolhido pela própria autora, que o considerou capaz de indicar ‘o espírito do romance e da romancista’. Apesar de não ser o melhor capítulo, reúne pelo menos a maneira de escrever de Alina Paim, a maneira de viver da personagem e a maneira de ‘ver’ da pessoa consciente que é essa romancista nordestina que se apresenta na vida real como uma recém saída dum colégio de freiras, não obstante o ‘sorriso certo’ que tem tanto pelos assuntos literários como para os problemas políticos (Leitura, 1944, p. 57).

Na sequência do artigo há uma explicação sobre os procedimentos para a seleção dos romances submetidos à publicação pela editora Leitura, informando que são cinco leitores para a escolha dos textos. Em seguida, o jornalista começa a apresentar um romance que surpreendeu a todos na editora, “De repente, porém, nos surgiu um caso especial, provocado pelo romance de uma mulher que, como Alina Paim, é ainda inédita” (p.57).

O texto passa a ser comparado com Virgínia Woolf, Hermann Hess pelo teor introspectivo, ele estava se referindo ao romance *Perto do Coração Selvagem*, de Clarice Lispector, que foi publicado em 1943 pela editora A Noite. No artigo em discussão, fica evidente que a editora Leitura, mesmo conhecendo a intensidade do romance, optou por não o publicar, considerando que seria um livro apenas para escritores lerem. No entanto, o que chama a atenção é que há uma comparação com Alina Paim; tomaram a decisão em publicar o romance *Estrada da liberdade*, porém só ocorrera em 1944, um ano depois da publicação de Clarice Lispector que causou grande impacto nos leitores pela densidade introspectiva.

Na edição do mês de janeiro de 1945, do Jornal Leitura, encontramos um artigo jornalístico escrito por Ascendino Leite, cujo título apenas “Estrada da liberdade²⁶”, corroboramos com o posicionamento dele diante da análise após a leitura do romance.

O livro de Alina Paim constitui, neste particular, uma autêntica surpresa. É o tipo de romance social como poderia ser inventado ou criado por uma imaginação de mulher, romance contido nas limitações de uma grande naturalidade e de uma forma acentuadamente feminina de sentir e traduzir o

²⁵ Anexo 4, Ano 1944\Edição Julho (1), Leitura <http://memoria.bn.br/DocReader/115509/3044>

²⁶ Anexo 5, Ano 1945\Edição 0025 Janeiro, Leitura <http://memoria.bn.br/DocReader/115509/3044>

real. Livro escrito na terceira pessoa, afigura-se, entretanto, um depoimento psicológico de feitiço autobiográfico, a história de uma sensibilidade de mulher que se transforma e se afirmam, plena de teor humano, à medida que se lhe chegam o conhecimento e a descoberta do mundo (Leite, 1945, p. 18).

No fragmento acima surgem dois questionamentos, o primeiro acerca da autoria, um romance com densidade e complexidade social que atinge a sensibilidade de todos que o leem pelas diversas situações de miserabilidade narradas. O segundo questionamento é em relação à autoria feminina; espera-se um romance com o teor de realismo social, como o de Alina Paim, de autores já consagrados, mas não de uma mulher jovem. É uma narração “com uma beleza não menos pungente e uma eloquência não menos verídica, o quadro das desigualdades sociais sobrepondo-se, quase sempre, às aspirações mais legítimas do indivíduo” (p. 18). Observamos também que Leite, o crítico, expõe seu preconceito contra uma escritora ao naturalizar termos comuns daquela época, que diferenciam grandes escritores de escritoras, apesar de favorável à estrutura da crítica, é machista ao manifestar um padrão desejado: “uma forma acentuadamente feminina de sentir e traduzir o real”.

Na edição de fevereiro, a autoria do artigo é de Santos Moraes, com o título, “Na Estrada da liberdade²⁷”. Um espaço para apresentar ao leitor a dualidade desenvolvida pela romancista. São as realidades das crianças ricas que estudam no colégio de freiras e das crianças pobres que estão na Almirante Barroso. Ao retratar os dois universos, o crítico reconhece que Paim tem uma visão crítica da vulnerabilidade econômica das crianças que vivem em periferias. As diferenças destacadas são ressaltadas pelo jornalista, reafirmando a luta de classe apresentada por Alina Paim.

Situemos nesse ambiente uma escola pública e uma professora inteligente ensinando às infelizes crianças maltrapilhas. Imaginemos o choque de princípios e o despertar da consciência dessa jovem, educada num convento de freiras, cheia de preconceitos e de princípios falsos mistificada e iludida ao despertar a vida miserável e instintiva daquelas crianças soltas e desnudas, compreendendo a responsabilidade que lhe caberá então nos seus destinos, irmanando-se aos seus sofrimentos e procurando compreender-lhes as naturezas selvagens e rebeladas (Moraes, 1945, p. 37).

No discurso de Moraes, verificamos que se trata de crítica referente a divulgação da obra paimiana com destaque para seu recorte político. Ao analisarmos essas estratégias de divulgação, observamos que há uma campanha para divulgar a obra de Paim, no entanto, essa primeira recepção não identifica a perspectiva de um olhar feminista preocupado com a

²⁷ Anexo 6, Ano 1945\ Edição 0025, Fevereiro, Leitura <http://memoria.bn.br/DocReader/115509/3044>

formação da mulher em uma sociedade patriarcal e conservadora como apontada nos dias de hoje por Ana Leal Cardoso (2010). Em compensação, destaca-se o teor do realismo social desenvolvido pela escritora, uma vez que faz parte de uma estratégia de divulgação montada pelos editores da leitura.

Na edição do mês de março foi a vez de Fernando Tude de Souza²⁸ apresentar as suas impressões e comentários sobre o romance de Alina Paim, na matéria intitulada “A professorinha Marina²⁹”. O autor apresenta as suas motivações diante do texto da romancista, faz comparações entre a educação recebida no convento e a que a professora Marina precisou aprender para trabalhar na escola da periferia. O texto destaca também que Alina Paim soube cuidar de problemas tão graves da educação brasileira, envolvendo desde a formação docente às dificuldades econômicas e políticas do momento.

No livro de Alina Paim, na figura simpática de Marina, encontramos o drama da professorinha que vai ensinar o ‘primitivo do A. B. C.’ como disse o nosso grande José Américo, mas que não aprendeu nada da vida para a qual ela foi contratada pelo Estado, para preparar as novas gerações. Ela sai do convento onde tudo era proibido, onde a vida e os molecotes da Estrada da liberdade nunca foram objeto de consideração, onde uma vida de hipocrisia e de fantasias só recebia um vislumbre de realidade nos livros que andavam de mão em mão, às escondidas, sem tempo sequer para serem compreendidos nas leituras ultra-rápidas. Esta falta de realidade na formação das professorinhas que saem dos conventos permitiu que a meninada da Estrada da liberdade fosse ensinar muita coisa a que só sabia alfabetizar, mas que não sabia educar, porque não sabia o que é a vida (Souza, 1945, p. 13).

Na perspectiva da leitura de Souza, destacamos que a crítica às escolas religiosas é retomada e o questionamento explícito aos valores ensinados nestas instituições. O crítico deixa de lado o texto de Paim para fazer um comentário mais amplo sobre esse tipo de formação docente. Por esse olhar, observamos que há um tom de desabafo do crítico, ao optar por fazer uma declaração de agradecimento pelo trabalho desenvolvido por Alina Paim, pois traz à tona problemas sociais: o desamparo das crianças pobres, ou melhor, a “meninada da Estrada da liberdade”. Nesse duplo movimento, a professora só aprende o verdadeiro ofício de ensinar quando sente as dificuldades do chão da escola, quando aprende “o que é a vida”.

Em outra edição de Leitura, encontramos um artigo escrito por Alina Paim com temática semelhante a de Tude Souza. A matéria está intitulada “A Educação na Rússia¹⁴”, percorrendo sobre os pontos positivos do desenvolvimento da criança na escola russa, na qual ela destaca o

²⁸ 1945/1956. Convidada por Fernando Tude de Souza, diretor da Rádio do Ministério da Educação e Cultura – MEC, Alina passa a escrever para o programa infantil (textos para crianças e adolescentes) “No Reino da Alegria”, dirigido por Geni Marcondes. (GILFRANCISCO, 2015, p. 24)

²⁹ Anexo 7, **Ano 1945\ Edição 0027, Março, Leitura** <http://memoria.bn.br/DocReader/115509/3044>

fato de a educação ser direcionada para o trabalho, de acordo com os princípios socialistas e o investimento na formação dos professores.

A preparação da mestra visando a localidade em que irá ensinar evita a dispersão inútil de energia numa adaptação lenta e adquirida, às vezes, às custas de erros que a incompatibilizam com a coletividade dificultando e até em muitas ocasiões, impossibilitando, por completo, o desempenho de uma missão educativa (Paim, 1945, p. 47).

Alina Paim discorre aberta e claramente sobre a metodologia de formação educacional da União Soviética para o desenvolvimento das crianças, dos jovens dos homens que deverão defender os interesses do seu país. A precisão sobre esse conteúdo atesta o conhecimento que a autora detinha sobre as políticas socialistas, como fruto do seu trabalho de tradutora³⁰ dos livros como o texto de Lenin, e confirmando o seu engajamento político e social presente nos romances.

Em outubro de 1945, ainda sobre o romance *Estrada da liberdade*, o cronista Lealdo Campos apresenta a sua opinião sobre o romance memorialista no periódico *Leitura*³¹. O autor inicia seu comentário apresentando certo receio em falar da obra, sendo ele sergipano, confessa que iniciou a leitura temeroso em se decepcionar ou de perder tempo com a leitura. Porém, para sua surpresa, encontrou um romance empolgante, com temática importante, que ele define como a problemática do ensino no Brasil.

Mostra inteligentemente e habilmente a menina Alina Paim, pois a autora tem apenas vinte anos de idade, em que pé se encontra o ensino nos colégios de freiras: criando um mundo totalmente falso no espírito de suas alunas, além da ineficácia dos professores ao explicarem determinados pontos, quando não evitam explica-los. E, assim, quando estas meninas se formam e vem cá para fora, para a realidade, cumprem a difícil missão de ensinar, ficam desorientadas, como seres estranhos num ambiente inteiramente hostil. Este é o fundo, a tese que Alina Paim defende em seu livro (Campos, 1945, p. 70).

Mais uma vez notamos que a exaltação das estratégias usadas por Paim para questionar a educação que ela mesma recebeu é o ponto alto dessa resenha crítica. Outro aspecto importante que se repete é mostrar o quanto essas escolas, vistas como educação burguesa, estão distantes do povo brasileiro. Em contrapartida, percebemos que Campos reconhece a condição humanizada da protagonista, bem como de Paim ao retratar um tema tão importante

³⁰ Anexo 9, Tabela referente às obras traduzidas pela Editorial Vitória, contendo as obras traduzidas por Alina Paim e Isaías Paim, extraída da pesquisa “A Editorial Vitória e as Edições Comunistas no Brasil: Da Legalidade ao Golpe (1944-1964)”, de VINÍCIUS DE OLIVEIRA JUBERTE, 2023.

³¹ Anexo 10, **Ano 1945\Edição 0034, Outubro, Leitura** *Leitura* (RJ) - 1923 a 1973 - DocReader Web (bn.br)

politicamente: a educação dos jovens brasileiros. Nesses artigos, publicados pela *Leitura*, o reconhecimento da estética de Paim se aproxima das críticas de Graciliano Ramos, reforçando a perspectiva do realismo social, destacado até mesmo na escolha das maiúsculas para chamar a atenção da obra: “Em *Estrada da liberdade*, Alina Paim demonstra com vigor a sua força de romancista, grande capacidade de ficcionista nata. Se fôssemos descrever as passagens de profundo humanismo e que nos deixaram grande impressão, tal coisa seria difícil nesta pequenina e despretensiosa crônica” (Campos, 1945, p. 70).

Como verificado, a recepção da primeira obra de Paim foi cordialmente recepcionada pelos colegas de partido nos anos 1940, reforçando a propaganda de uma estética social, deixando de lado sua estética intimista e o cuidado com o ponto de vista feminino, que era uma novidade naquele contexto, mas não identificado em seus textos. Terá sido esse um dos motivos do esquecimento de suas obras? Ter tido uma recepção politizada e divulgada como propaganda de partido? A insistência em um recorte da obra publicado nas edições do periódico *Leitura*, que era da editora que publica essa obra. Essa visibilidade parece que restringiu a literatura de Paim a um viés apenas, deixando de lado seu questionamento sobre a educação patriarcal.

Quando acessamos ao jornal “*A manhã*”³², encontramos outro ponto de vista, assinado apenas pelas iniciais A. F., com uma crítica depreciativa ao romance *Estrada da liberdade*. Os comentários negativos são referentes à estrutura do texto e à composição do romance, considerado uma sequência de contos. Por tal estrutura, a resenha questiona a representatividade dessa literatura, denunciando que parece um panfleto político, pois o texto traz a lembrança medíocre dos textos proletários. Critica a autora por mencionar as freiras do convento no texto, por não se tratar de romance, mas de mera paixão política, como observamos no excerto a seguir:

Com isso, quero deixar bem claro o seguinte: ‘*Estrada da liberdade*’, que poderá ser um panfleto contra a Igreja, é um romance sem literatura. Raros são os episódios que escapam nenhum personagem subsiste a não ser o pequeno Roberto. Vazio o espaço poético. [...] Em uma palavra, romance que não é totalmente morto porque conta com um estilo e, sobretudo, com uma romancista que, para escrever romances, precisa esquecer as ideias (A. F., 1945, p. 3).

Essa crítica reconhece apenas a autora ao usar expressões como “romance que não é totalmente morto”, mas questiona o que era destacado como ponto positivo: as críticas ao

³² Anexo 11 - *A Manhã* (RJ) - Ano 1945\Edição 01095 (1), <http://memoria.bn.br/DocReader/115509/3044>

conservadorismo religioso. Portanto, a obra de Paim foi recepcionada em um contexto político em que o conservadorismo prevalecia.

Com essa promoção, Alina Paim passou a ser um nome conhecido nas rodas de intelectuais do Rio de Janeiro por duas décadas. Seus livros eram anunciados com antecedência, criando-se uma expectativa política em torno de sua literatura. Do material pesquisado, encontramos a maior divulgação acerca de seu primeiro romance. Trata-se de uma estratégia planejada do Editorial Leitura, que era mantida por membros do Partido Comunista Brasileiro. Daí as críticas ressaltando o compromisso social da escritora e a representação dos marginalizados socialmente. Assim, constatamos que a obra de Paim foi usada como propaganda das ideias do partido.

Localizamos, na sequência cronológica, uma notícia sobre o romance *A sombra do Patriarca*, publicada em 1950 na “Revista da Semana”, na coluna “Fora do prelo”, por Edmundo Lys³³, que faz uma apreciação a nível de escrita, de elaboração das personagens, enfatizando a temática do patriarcado presente no “Brasil rural” como ele mesmo denomina. Com a análise de elementos literários pontuais, o autor eleva a importância do texto de Alina Paim para a sociedade leitora, devendo ser inserida na historiografia literária. “Alina Paim é, entre as novas escritoras do Brasil, uma das de mais alto merecimento” (Lys, 1950, p. 45), que fora apreciado pelo seu texto, a forma de escrita, de abordagem das problemáticas sociais, sem imposições, mas compartilhando vidas.

Os sucessivos romances que nos tem dado vêm marcando uma vocação das mais firmes que conhecemos em nossas letras, justamente neste gênero em que as mulheres são arrastadas, com raras exceções, ao romanesco banal, ao sentimentalismo inconsequente, a toas as trivialidades que o gênero comporta. A romancista sergipana, entretanto, foge a esses limites por particularidades que a tornam uma figura invulgar, com todos os dotes indispensáveis para uma espécie de ficção em que se firmou desde o início, sabendo enriquecer suas histórias de um mundo real e chocante, de aspectos novos e de sentido superior (Lys, 1950, p. 45).

A recepção da obra de Paim era vista apenas pelo prisma social. A crítica insistia no viés político, deixando de lado as particularidades de sua estética. Os comentários de Lys são muito parecidos com os dados ao seu primeiro romance. Um ponto positivo dessa crítica é a identificação desse romance com a tradição regionalista. O fato de a escrita de Alina Paim ter proximidade com os problemas reais é ressaltado pelo crítico: “nos fornece vida mesmo, com

³³ Anexo 12, Ano 1950\Edição 044 (1) EDMUNDO LYS/ REVISTA DA SEMANA
https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=025909_05&pasta=ano%20195&pesq=%22Alina%20Paim%22&pagfis=2658

sangue, suor e lágrimas, e põe de pé à nossa frente, criaturas humanas, com as suas falhas e as suas intercadências, como é próprio da condição humana”. Vale destacar que *A sombra do patriarca* foi a segunda obra escrita por Paim, mas por motivos editoriais foi publicada após *Simão Dias*.

Passaremos a comentar a recepção crítica da quarta obra de Paim, o romance que nasce de uma encomenda feita pelo PCB, a autora foi pressionada a fazer um romance de propaganda. Uma obra que foi anunciada por diversas vezes, mas que teve várias reformulações para se adequar aos princípios do realismo socialista³⁴. Em 1955 é publicado o romance *A hora próxima*, o qual constituiu a coleção *Romances do Povo*, dirigida por Jorge Amado, publicado pela Editorial Vitória, que tinha como objetivo a divulgação de obras de escritores comunistas aqui no Brasil. Alina Paim foi a única escritora brasileira a ter o seu romance inserido na coleção. A escrita deveria partir das experiências dos grevistas, ferroviários mineiros, um ato liderado pelas mulheres desses trabalhadores. Ela participou de alguns episódios da longa greve, coletando dados para a construção de suas personagens. Entretanto, o fato de a escritora ter ido para o local da greve lhe causou alguns contratemplos. Ela passou a ser vista como *persona non grata* pelo governo do estado de Minas Gerais e recebeu um mandado de segurança, pelo fato de acompanhar as esposas dos grevistas.

No jornal “Última Hora”, há a reportagem de Mauritone Meira³⁵, com o título “Alina Paim (escritora com rosto de adolescente) faz romance (social) com a participação do povo!”, publicada em 1954. O fato de a romancista ter ido presencialmente ao local onde ocorria a greve levantou uma polêmica entre os romancistas, pois para ser romance teria que se adequar apenas à ficção, não poderia conter fatos verdadeiros, pois deixaria de ser romance e passaria a ser reportagem. Entretanto, alguns intelectuais de esquerda defendiam o realismo socialista e sugeriram a necessidade de produção de obras mais revolucionárias, buscando as diferentes realidades de vida para a construção do romance. A experiência de Alina Paim ficou conhecida e ela teve apoio dos próprios grevistas, que foram visitá-la. Eles queriam saber como se faz um livro, desejavam ser coautores do romance, como relata Paim em uma entrevista de 1954, anunciando o lançamento do livro, que foi adiado por várias vezes a pedido dos censores do PCB.

³⁴ Nessa época, o PCB estava divulgando o realismo socialista com a coleção “Romances do povo” da editora Vitória. A estética socialista é fortemente influenciada por Andrei Jdanov, conhecida também como jdanovismo. Portanto, é uma literatura partidária com seu estilo propagandista. Ela vigorou na Rússia entre 1930 e 1960. No Brasil, teve seu auge nos anos 1950.

³⁵ Anexo 13, Ano 1954\Edição 00999 (2) / **ÚLTIMA HORA - 1951 a 1984** – DocReader Web (bn.br)

Nos momentos de realização da obra aconteceu o fato inédito em literatura brasileira: os personagens visitaram a romancista:

- Recebi em meu trabalho a participação direta dos personagens. Durante esses quatro anos, entre o período de viagem (ao local), e a saída do livro, sempre que algum ferroviário vinha ao Rio me procurava. Pedia para ver como se faz um livro, me enchia de perguntas, queria ver uma cena em que figurasse, trazia recados, sugestões, acréscimos, alguma história que julgasse importante. Essa colaboração espontânea e consciente enriquece o nosso trabalho, torna mais legítimo nosso objetivo. Os ferroviários sentiam que a obra era também sua (Paim, 1954, p. 5).

Em meio às solicitações de ajustes, parece que não influenciaram o humor de Alina Paim, que já era considerada uma romancista humanizadora e tentou seguir seu estilo intimista mesmo diante de uma obra que retratasse acontecimentos históricos, pois ela não focou apenas nos acontecimentos da greve dos ferroviários, ao tecer personagens com um mundo interior pouco comum a narrativas propagandísticas.

É sobre essa concepção humanizadora de Alina Paim que discorre Ana Lúcia na entrevista “O Romance de uma Romancista”, de 1955, publicada no jornal “O Momento Feminino³⁶”, jornal vinculado ao PCB e tinha como finalidade divulgar notícias voltadas para formação/educação das mulheres. Nos primeiros parágrafos, a jornalista faz uma síntese do percurso literário de Alina Paim, ressaltando o aprimoramento de ideias e de técnicas, tecendo observações sobre a vida pessoal da romancista.

Esta jovem, autora consagrada de alguns dos bons romances escrito por mulheres brasileiras, iniciou sua vida na pequena cidade de Simão Dias, no Estado de Sergipe. [...] Mas a vida na pequena cidade era asfixiante para a jovem inteligente, que ansiava por transmitir, a quem quer que a quisesse ouvir, as experiências adquiridas em meio às crianças: a miséria, as doenças, o atraso em que se debatiam os seus alunos, quase todos filhos de operários ou pequenos camponeses da redondeza (Ana Lúcia, 1955, p. 4).

Já na apresentação da autora observamos que o texto projeta a imagem de uma escritora preocupada em registrar apenas o social. Em seguida, Ana Lúcia passa a relatar sobre o enredo dos três primeiros romances até chegar ao recém-lançado, *A hora próxima*, revelando para o leitor uma romancista que vivenciou os conflitos dos ferroviários, sentindo as dificuldades em que se encontravam; nesse momento, Ana Lúcia enfatiza que a escritora se transforma para falar sobre as condições dos grevistas.

³⁶ Anexo 14, **MOMENTO FEMININO** / ENTREVISTA / Ano 1955\Edição 0110 (2) / O Momento Feminino (RJ) - 1947 a 1956 - DocReader Web (bn.br)

- Imagine, diz ela, que as famílias se abastecem na cooperativa. Atrasando o pagamento, a cooperativa também não pode se reabastecer, a fome instala-se nos lares. Qual a mãe que poder ver morrer de fome seus filhos? Só há um recurso. É ir à greve. Daí a parte ativa que as mulheres tomaram na greve dos ferroviários.
- A solidariedade das mulheres aos seus companheiros – os ferroviários – foi outro dos grandes exemplos da compreensão da mulher: participando com eles nas comissões de salário, nos piquetes de segurança, nas comissões de solidariedade (Paim, *apud* Ana Lúcia, 1955, p. 5).

Mesmo sendo uma obra encomendada para relatar o fato histórico e seus agentes: os ferroviários, a perspectiva humanizadora e intimista de Paim vai prevalecer nesse romance, uma vez que sua aproximação e envolvimento com a dura realidade das famílias dos grevistas, passa a ser narrada e não prioriza apenas a luta de classes, mas abre espaço para descrever a luta pela sobrevivência de famílias inteiras. Percebemos em sua fala que houve união entre grevistas e suas esposas para que conseguissem alcançar suas reivindicações.

Em 1960, Alina Paim participa do concurso Manuel Antônio de Almeida, organizado pela Associação Brasileira do Livro (ABL) e conquista o prêmio de primeiro lugar, recebe uma quantia em dinheiro e a publicação do quinto romance, o *Sol do meio-dia*, com prefácio de Jorge Amado. Muitos jornais noticiaram o fato de uma jovem escritora, mulher, ter sido a vitoriosa do prêmio, oportunizando maior visibilidade enquanto romancista. Muitas críticas surgiram sobre essa premiação, uma delas destacamos aqui, a matéria de crítica literária publicada no Jornal do Brasil em 1961, por Assis Brasil³⁷, com o título “Literatura feminista (2)”.

Na matéria citada, o crítico faz comentários machistas a diversas autoras, são depreciativos sobre as obras dessas mulheres, que para o entendimento do autor, elas não fazem um romance de fato, sempre as comparando aos escritores clássicos e consagrados, configurando em seu discurso que só homens conseguem produzir com qualidade. Sobre Alina Paim ele afirma que:

Há no entanto, uma nova geração emergindo, já dentro de uma outra formação mental, com diretrizes próprias. Outra atuação da mulher, na ficção brasileira feminista – esta mais feminista que as outras – é aquela que se relaciona, abertamente, com os problemas sociais e as lutas de classes. [...] é o sintomático feminino em luta contra seu temperamento romântico. [...] Seria mais equilibrado um panfleto sobre as causas da morte de Getúlio, do que este lírico *Sol do meio-dia* (Assis Brasil, 1961, p. 2).

³⁷ Anexo 15, / Ano 1961\Edição 00211 (1) / JORNAL DO BRASIL / Jornal do Brasil (RJ) - 1960 a 1969 - DocReader Web (bn.br)

O discurso utilizado pelo crítico é altamente depreciativo, com marcas de machismo, de um ser superior a quaisquer escritoras brasileiras, critica a possibilidade de Alina Paim ter conseguido, no texto ficcional, trabalhar os ideais políticos, literários, sociais e subjetivos. Entretanto, em 1965, no jornal *Diário de Notícias* foi publicada a matéria de Wânia Filizola³⁸ enaltecendo a romancista: “Sem pressa ela vem construindo o seu mundo: realizando o registro da melodia cotidiana, feita de luta e fé; amargura e amor; sofrimento e esperança”.

Ao ser questionada sobre a criação de seus romances e a elaboração das personagens, se surgem espontaneamente ou se são criados através de estímulos externos, motivados por algum fator social, Paim relata que se trata de um longo processo de elaboração mental e depois de escrita: “– Pedacos de diálogos vão permeando situações também. Começa de maneira vaga, vai se amudando, progride de tal modo que tenho a impressão de estar sitiada. É hora de escrever” (Paim, 1965, p. 60).

Na trajetória dos cinco primeiros romances de Alina Paim observamos que ela transita de um realismo social, nas obras escritas entre 1940 e 1950 para o realismo socialista, nas duas escritas durante a década de 1950 e 1961. Identificamos também que depois das três primeiras obras, a autora se distancia de suas memórias para a produção de uma literatura contextualizada no debate político de sua época.

Já nos anos de 1960, Paim rompe com essas concepções estéticas e se volta para produção de obras infantis e para a escrita da Trilogia de Catarina (1965), obra vista pela crítica feminista Elódia Xavier (2009) como de maturidade da autora, pois temos a predominância do intimismo feminino e da força do discurso da mulher que se liberta dos valores patriarcais. Essa ruptura de estilo é reforçada pela própria autora em 1979, como verificamos na reportagem de Betriz Bonfim³⁹, publicada no *Jornal do Brasil*, na coluna Livro, intitulada “Com Alina Paim voltam ao romance temas do subúrbio carioca, *A correnteza*”⁴⁰. Nessa entrevista, Alina declara o seu respeito e apreço pela estética literária: “– Tenho um grande respeito pela forma. Nossa língua é uma herança cultural viva, dinâmica, sempre em crescimento. A linguagem deve ser tratada com respeito, mas sem medo, sem deixar se prender por regras que impeçam o conteúdo de manifestar-se em toda a plenitude” (Paim, 1979, s/p).

Na mesma edição e página há a matéria “Límpida e transparente”⁴¹, escrita por Jorge de Souza Araújo que enfatiza a princípio o desconhecimento da romancista para muitos leitores,

³⁸ Anexo 16, Ano 1965\Edição 13080 / **Diário de Notícias (RJ)** - 1960 a 1969 - DocReader Web (bn.br)

³⁹ Anexo 17, Ano 1979\Edição 00069 / **Jornal do Brasil (RJ)** - 1970 a 1979 - DocReader Web (bn.br)

⁴⁰ O romance *A correnteza* não faz parte do nosso *corpus* de pesquisa, porém trouxemos a reportagem pelas considerações que a jornalista apresentou sobre o histórico de Alina Paim.

⁴¹ Anexo 17, Ano 1979\Edição 00069 / **Jornal do Brasil (RJ)** - 1970 a 1979 - DocReader Web (bn.br)

tendo em vista que o último romance tinha sido publicado há mais de uma década.

Muitos dos leitores de hoje provavelmente não estão familiarizados com o nome de Alina Paim, nem lhe conhecem a trajetória de vida e de romancista. Assim este seu romance *A correnteza* representará para eles uma primeira apresentação. Tendo amargado dissabores políticos que lhe deixaram fundas marcas a ex-professora primária, sergipana de Estância, tem tanto a testemunhar do que viveu e a exprimir-se ficcionalmente, um pouco em consequência desse testemunho que seu reaparecimento literário deve ser saudado com entusiasmo [...] Despojada das galas vanguardosas e realizando uma narrativa tradicional, a escritora consegue impor o seu trabalho pela naturalidade com que exerce o seu ofício literário (Araújo, 1979, s/p).

A matéria jornalística permite encontrarmos uma chave na trajetória literária de Alina Paim; as lacunas temporais provocadas ora por situações pessoais, ora pelo envolvimento político que pode ter contribuído para o apagamento do seu nome, de ter sido excluída da historiografia literária. Entretanto, na análise da recepção de suas obras, observamos que a crítica literária insistia em um viés social, deixando de lado seu intimismo que estamos denominando de “escrita de si”, por ser uma literatura que age nos bastidores de uma sociedade de muitas desigualdades sociais. A voz do narrador de Paim se confunde com essa voz coletiva do Povo.

3 ABORDAGENS AUTOBIOGRÁFICAS E AUTOFICIONAIS

Como observado no capítulo anterior, a obra de Alina Paim vem recebendo diferentes recortes de recepção, seja no direcionamento para uma literatura memorialista, social e socialista em seu momento de lançamento, seja pela perspectiva do resgate proposto pela crítica feminista, seja pelo papel da intelectual engajada pelas pesquisas da área de história e, sobretudo, nos últimos anos, pelos estudos comparados e das remitologizações identificáveis nas pesquisas coordenadas por Ana Leal Cardoso. A partir dessa fortuna crítica, tentaremos construir um caminho de interpretação para sua obra unindo as perspectivas da teoria da literatura sobre as fronteiras entre o ficcional e o autobiográfico em sua obra para construir uma perspectiva metodológica comparatista, explorando as pistas deixadas pelos leitores/críticos de Alina Paim e por suas próprias entrevistas. Com isso, formulamos a hipótese de que ela conseguiu se sobressair da estética socialista por meio de uma estética intimista voltada para a construção da identidade do outro. Consideramos que as particularidades do ponto de vista da mulher em sua literatura vão além dos recortes já apontados pelos leitores/críticos ao produzir uma “escrita de si” voltada para o outro. Essa perspectiva se destaca para além do engajamento social.

3.1 OS CAMINHOS DA AUTOBIOGRAFIA

Os textos de Paim podem ser relidos a partir do debate sobre autoficção e autobiografia; dessa maneira ressaltamos a condição de o gênero textual estar situado entre a autobiografia e a “escrita de si” engajada socialmente. Necessário se faz refletir sobre estes conceitos, pelos quais são problematizados a relação com a escrita do eu presente nas narrativas, de modo mais intenso no romance *Sol do meio-dia* (1961), em que enfatiza a busca pela arte da escrita, suas implicações com a leitura, a vida política, social e literária.

Optamos por não discutir os entraves de limites entre o gênero literário memorialista e o autobiográfico, entretanto é necessário levantarmos alguns apontamentos. A autobiografia é definida a partir dos escritos de Philippe Lejeune, no livro “Autobiografia e ficção”, de (2008), que estabelece uma relação entre a construção desse gênero com uma literatura íntima, “é necessário que haja relação de identidade entre o autor, o narrador e o personagem” (Lejeune, 2008, p. 15), considerando assim o que se denominou de pacto autobiográfico.

De acordo com a tese de doutorado de Ana Faedrich Martins (2014), cujo título “Autoficções: do coceito teórico à prática na literatura brasileira contemporânea”, o pacto autobiográfico, inaugurado por Lejeune, a pesquisadora contesta o ideário de autonomia do

texto, optando pelo processo de interação entre a leitura, o autor e o leitor. O que está fundamentado na veracidade da identidade entre as partes, do autor com o compromisso com o texto, do narrador que assume o discurso enunciativo do autor, e do leitor que encara o texto como sendo uma verdade do sujeito-autor e o identifica a partir do desenrolar da narrativa por meio das personagens.

Conforme Martins, (2014), a dimensão de que a relação com a verossimilhança no texto é um dos pilares que diferencia a autobiografia da autoficção, pois naquela o autor deve estar inteiramente comprometido com os fatos apresentados, pois ele está envolvido legalmente com a história narrada, porém na estrutura do gênero ficcional tem-se o princípio da invenção, da criação, do recontar a história. Outra marca destacada por Lejeune (2008) é acerca do tempo, quando se trata de texto autobiográfico a marca temporal é o passado, como relato retrospectivo, enquanto a autoficção está para o presente, como uma marca de extensão do eu, a partir de diferentes momentos e fases da vida do autor, é uma maneira de presentificar a história vivida na dimensão da escrita autoficcional.

Corroboramos com o estudo do professor Afonso Henrique Fávero, no artigo “Sobre *Simão Dias*, de Alina Paim (2019)”. Neste texto, o pesquisador se debruça sobre a teoria de Lejeune, apresentando o pacto autobiográfico estabelecido pelo escritor. Sendo um plano de ficção composto por experiências pessoais a fim de construir a narrativa.

Simão Dias enquadra-se, naturalmente, nesta última situação, configurando-se assim como romance, não obstante a transferência de aspectos da vida de Alina Paim ao sentido geral da obra. Além disso, a contingência de a narrativa ser em terceira pessoa ajuda a afastar uma caracterização plena de um texto de memórias (Fávero, 2019, 121).

Nos três romances de Alina Paim, identificamos, localizamos situações vivenciadas por ela, sejam acontecimentos de sua infância, sobre as mudanças de cidade, a convivência com os parentes, a escolha da profissão de professora primária, a descoberta da escritora em si, o convívio no convento, a mudança para o sudeste, a militância no partido comunista, a busca pelo companheiro amoroso, situações que foram deflagradas em seus escritos e que permitem ao leitor conhecer as ideias da autora e refletir também sobre as diversas denúncias de desigualdades sociais, de gênero e da profissão.

Temos como convicção estarmos diante de construções ficcionais que, no entanto, são entrecortadas de fatores influenciadores da vida da autora. Neste sentido, observamos traços e características de autobiografia, não necessitando que a personagem carregue o mesmo nome da autora, ou que o nome da autora dê o título ao romance, porém há situações, informações,

acontecimentos vivenciados pela autora que não podem ser ignorados no discurso literário das obras citadas.

Acontecimentos como as protagonistas que nasceram no nordeste, entre o centro-sul de Sergipe e o limite com a Bahia, migraram para o sudeste, são jovens leitoras, professoras ou escritoras, em uma escala progressiva na sequência dos fatos – conhecem os autores que fundamentam a luta de classes, participam ativamente das problemáticas sociais, filiam-se ao PCB. Temos uma série de situações, de elementos que apresentam os traços da “escrita de si”, com uma reflexão e reescrita a partir do elemento ficcional, como o conceito de mimeses, segundo Auerbach (2015).

Eurídice Figueiredo, no artigo “Régine Robin: autoficção, bioficção e ciberficção (2007)” trata as questões dos limites entre os gêneros literários na contemporaneidade, para as quais ela denomina de “borrões que embaçam”. Como separar autobiografia e ficção, os tipos de “escrita de si”, “com sujeitos instáveis que dizem eu sem que se saiba exatamente a qual instância enunciativa ele corresponde” (Figueiredo 2007, p.21). Conforme explica a autora, ao citar Doubrovsky (1977), “quando se escreve autobiografia, tenta-se contar toda sua história, desde as origens. Já na autoficção pode-se recortar a história em fases diferentes, dando uma intensidade narrativa própria do romance” (Figueiredo, 2007, p. 22), levando-nos a compreender que na autoficção há a criação de personagens e de uma invenção literária para a biografia.

De acordo com Raquel Almeida, no artigo “Autobiografia, autoficção e Künstlerroman: problematizando as fronteiras teóricas através da leitura de obras de Rachel Jardim, de (2009)”, o gênero literário autoficção em si mesmo representa um conflito teórico. O fato de trazer em seu bojo narrativo as categorias tanto de autobiografia quanto de ficção, entretanto com circunstâncias diferenciadas, mas que na contemporaneidade se aglutinaram. Um conflito teórico que se dá pelo fato de que na autobiografia o que encontramos é uma abertura da vida pessoal, íntima de um indivíduo, no caso do próprio escritor da obra. A ficção se estrutura na construção sobre circunstâncias de algo que não é real, porém toma como fundamento a realidade para construir as narrativas ficcionais.

Desde a década de 1930, temos vislumbrado uma série de mudanças nas narrativas, ocidentais e, principalmente, brasileiras, mudanças que levaram, por exemplo, à mescla de alguns gêneros, que passaram a ser considerados híbridos, a exemplo da autoficção, a qual estamos explorando aqui e que verificamos nos textos de Paim. Sabemos que a vida do autor influencia na construção da narrativa, entretanto, podemos observar uma narrativa com uma nova “escrita de si”, considerada descentrada, fragmentada. (Figueiredo, 2010)

De acordo com Bakhtin em “Estética da criação verbal”, (2003), quando o autor escreve uma autobiografia, ele deveria tornar-se outro, deve estar em uma instância enunciativa diferenciada, todavia o que observamos é certa instabilidade ao referir-se ao eu, uma instabilidade dos sujeitos, dessa maneira, “o sujeito deve tornar-se outro em relação a si mesmo, olhar-se com os olhos de um outro. [...] pois o acontecimento estético, para se realizar, necessita de dois participantes, pressupõe duas consciências que não coincidem” (Bakhtin, 2003, p. 20).

No texto autoficcional, é preciso compreender que o ser narrado é fictício, mesmo tomando como referência narrativa a sua própria história, a autoficção, na busca de uma experimentação das possibilidades de ser, de poder vivenciar (ficcionalmente) todos os outros, todas as outras personalidades que estão na mente do narrador, afirma Figueiredo no texto “Autoficção feminina: a mulher nua diante do espelho” (2010, p. 93).

Em outro artigo “A autoficção e o romance contemporâneo”, a professora Eurídice Figueiredo (2020) remete a ficção à condição de dificuldades para escrever enfrentadas por Proust, sendo relacionada a autora a reflexividade, ou seja, a representatividade do autor diante dos seus conflitos concernentes ao trabalho com a escrita que também se encontram narrados na ficção. “Quando o protagonista de um romance é um escritor às voltas com seu ofício, como na Recherche, de Proust, o pacto de leitura fica embaralhado de imediato, porque o leitor não pode deixar de pensar que se trata do próprio escritor” (Figueiredo, 2020, p. 235).

O leitor pode ter a tendência de buscar as confissões do autor no texto desta natureza, entretanto o romance autoficcional não é necessariamente confessional, pois continua sendo fictício. Quando a narrativa traz a condição do personagem com a função de escritor, assim como o autor do texto, essa relação se estreita cada vez mais, possibilitando uma leitura em busca de analisar as maiores dificuldades do autor com o seu trabalho de escrita.

A obra de Proust possibilitou uma mudança no conceito de romance no século XX, uma vez que contribuiu para elevar a compreensão entre o texto autobiográfico com um conteúdo não confessional. Proust buscava analisar que as narrativas pudessem ser maleáveis, pois sua escrita pode estar entre o ensaio e o romance, ou seja, ele estava possibilitando a criação de um terceiro gênero, o híbrido, entretanto não se trata de desenhar os fatos vividos por ele, mas, como Barthes (1988) denominou, fatos desviados. “Barthes estabelece um paralelismo entre a vida vivida e a vida escrita: entre as duas não há analogia, mas homologia. Ao contrário do que afirma a *doxa*, que a arte imita a vida, não é a vida de Proust que encontramos em sua obra, é sua obra que encontramos na vida de Proust” (Figueiredo, 2020, p.235).

O professor Evando Nascimento apresenta uma discussão intitulada “Matérias-primas:

entre autobiografia e autoficção”, publicada em 2010, nos Cadernos de Estudos Culturais, apoiado na teoria de Serge Doubrovsky (1977), quando sugere o termo autoficção para as narrativas em que os nomes sejam de autor, personagens, narrador que coincidem com a realidade.

Confere ao estudo de Nascimento a perspectiva de que só pode existir um “eu” porque existe o outro, assim ele define a autoficção como *alterficção*, construindo uma paráfrase com Doubrovsky, em que “o eu não passa de uma ficção do outro” (Nascimento, 2010, p. 62). E, na construção do conceito de *alterficção*, o autor faz referência ao gênero textual diário, pois quem o escreve pode colocar em detalhes os seus pensamentos, acontecimentos e de forma mais aprofundada, o que vai sendo evidenciada a precisão do outro na descrição do dia a dia.

O autor faz um levantamento do gênero autobiografia, o que o deixa em alerta, pois o termo autoficção não deveria ser engessado no rótulo de um gênero textual, o que incomoda veementemente o autor.

A graça e o frescor da invenção doubrovskyana é ter sido uma provocação literária ao papa do sacrossanto gênero da autobiografia, Lejeune. Converter autoficção num gênero com características definidas e repetidas à saciedade, parece-me uma traição ao impulso inventivo original (Nascimento, 2010, p. 64).

Quando falamos em autoficção, precisamos ter o esclarecimento de que na escrita desse texto o elemento ficcional tem um nível elevado de importância, está acima da consciência autoral. Então, mesmo identificando fatos, acontecimentos relacionados à biografia do autor, o que engrandecerá a ficção é como esses fatos são narrados, se no tom ficcional ou no detalhamento da memória autoral.

Ao dialogar com a genealogia de acordo com os estudos de Derrida, Nascimento aponta para o questionamento de muitos estudiosos do texto literário sobre o limite entre o verdadeiro e o ficcional, sendo que é provavelmente impossível manter uma linha de limitações na escritura do texto literário. O autor acrescenta que “o literal e o literário se contaminam simultaneamente, impedindo uma decisão simples por um dos pólos, com a ultrapassagem da fronteira” (Nascimento, 2010, p. 65). Defendendo a autoficção como texto fascinante, exatamente por transitar entre o real, o verdadeiro e o fictício.

Outra característica importante para ser discutida é acerca da inventividade de que a autoficção não é “autolaudatória”, ou seja, não há uma busca textual por enaltecer ou desculpar o autor, ao contrário, é no espaço da autoficção que encontramos as fragilidades da vida, numa história pessoal inacabada (Nascimento, 2010).

Dessa maneira, o elemento fictício presente no texto encontra-se na condição de impossibilidade absoluta de se demarcar a limitação entre eles, não está na delimitação de espaços, dos territórios já marcados, ou seja, entre ficção e realidade, o que para muitos estudiosos vêm a necessidade de informar, localizar um divisor entre narrador e autor.

Neste sentido, podemos corroborar com o autor de que a autoficção evidencia que todo o discurso deve imprimir as marcas do sujeito, pode ser o mais neutro, sempre haverá nele a presença do sujeito que provocou o enunciado. “O que fascina e estranha na autoficção, quando bem realizada, é a dimensão ficcional do real, e não tanto a referencialidade imediata da literatura, como em princípio se poderia supor” (Nascimento, 2010, p. 69). Com a inventividade de poder ler o texto ora como autobiografia, bem escrita, ora como romance na forma de ensaio, ou seja, a autoficção não se enquadra em um gênero especificamente, mas provoca o leitor a estar presente no decorrer do texto literário.

Como temos visto neste capítulo, as abordagens autobiográficas e as marcas da autoficção se aproximam em muitos aspectos da “escrita de si”, quando narram episódios relacionados ao sujeito escritor. Para melhor compreender essas particularidades a partir da amplitude da “escrita de si”, vamos retomar as contribuições de Michel Foucault para esses estudos. Essas questões ficaram muito latentes nos estudos literários contemporâneos, que têm atestado um volume de autores que estão buscando a sua própria subjetividade a partir de textos memorialísticos, autobiográficos e autoficcionais. Tais narrativas buscam a presença dos pensamentos, dos sentimentos do autor, com elementos linguísticos que marcaram a sua própria história, que agora passa a ser contada nos textos.

3.2 TRAÇOS AUTOFICCIONAIS NAS LEITORAS DE PAIM

Neste tópico, retomamos as reflexões sobre as nuances autoficcionais nas primeiras narrativas de Alina Paim a partir da relação entre as leituras citadas em suas obras e o gosto por leitura de obras literárias que questionam os papéis tradicionais e a sociedade capitalista. Vale lembrar que o percurso que Alina Paim seguiu até se tornar escritora inicia com a sua chegada ao Rio de Janeiro, o impedimento de poder atuar na educação, em razão do diploma ser restrito ao território baiano, a dedicação às reuniões do partido político, fato que a fez querer escrever. Como referência da protagonista Ester, recém-chegada ao Rio de Janeiro, que também enfrentou as dificuldades para trabalhar, buscou a filiação ao partido comunista, com inúmeras tentativas até a descoberta para tornar-se escritora, fazendo memória das leituras realizadas sob orientação do professor Virgílio, possibilitando um olhar sobre a condição humana para o

trabalho da escrita literária.

Diante da apresentação das personagens paimianas, analisaremos mais detalhadamente adiante, é que justificamos a escolha pela discussão sobre a autoficção no processo da “escrita de si”. De acordo com o estudo de Figueiredo (2020), ao citar os escritos de Barthes na tentativa de escrever romances, ele escreve textos fragmentados como o “Roland Barthes por Roland Barthes” (1988), com teor autobiográfico, havendo nele uma mescla entre o imaginário e o ensaio, um processo em que se deve observar uma diferenciação entre o eu enunciador e o eu civil, considerando a formação da personagem a partir da vivência do eu. As reflexões do autor se mesclam com a construção das personagens, deixando nelas as características do eu, ou seja, “o eu são vários outros” (Figueiredo, 2020, p. 237).

O termo autoficção só passou a ter maior conotação nos estudos literários a partir de 1992, com a realização de um colóquio, mas a partir do ano 2.000 tomou proporção incontornável com a publicação de várias obras com teor autoficcional, como Philippe Sollers (*Femes*), Robbe Grillet (*Le miroir qui revient*), possibilitando também a leitura dos romances de Alina Paim sob a lente deste gênero literário.

No decorrer dos anos, a autoficção foi encarada com menosprezo, como um texto de gênero bastardo, entretanto na contemporaneidade ganhou maior espaço, fortalecendo-se, principalmente no que concerne ao seu conteúdo, no sentido dos indicativos de autobiografia frente à ficção.

A meu ver, a tendência hoje é se considerar autoficção sempre que a narrativa indicar que se inspira nos fatos da vida do autor. Em relação ao nome do protagonista, ele pode coincidir com o nome do autor (ou algum apelido) ou estar ausente. A autoficção seria uma nova versão do bom e velho romance autobiográfico, que nunca teve sucesso junto à crítica, a qual o considerava um filho bastardo (Figueiredo, 2020, p. 239)

No que concerne ao processo de escrita literária, podemos considerar, a partir de Doubrovsky⁴² (Martins, 2014), o qual verifica outra possibilidade de diferenciação entre autoficção, sendo o processo de maior intensidade da invenção e da recriação da história e a autobiografia, sendo o processo em que se considera menos invenção dos fatos e maior fidelidade aos acontecimentos vividos pelo autor da narrativa. Doravante a essas diferenciações, observamos acerca do princípio do eu poético presente nas obras de autoficção, uma vez que a narrativa se desenvolve a partir de si, não como confissão, mas como ficção.

⁴² DOUBROVSKY, Serge. Autofiction: en mon nom propre. In: BAUDELLE, Yves; NARDOUT-LAFARGE, Elisabeth (Orgs.). Nom propre et écritures de soi. Québec: PUM, 2011.

Vejamos:

A narração não é uma cópia, ela é recriação de uma existência através das palavras, reinvenção da linguagem pelo Eu do discurso e seus Eus sucessivos. Por isso, é o modo ou modelo de narração que molda a “nossa” vida. A autobiografia clássica, segundo a fórmula de Jean Starobinski, é a biografia de uma pessoa feita por ela mesma. Ela será, portanto, cronológica e lógica, e se esforçará, apesar das inevitáveis lacunas da memória, para seguir o curso de uma vida, empenhando-se em esclarecê-la através da reflexão e da introspecção.

Pessoalmente, favoreci uma outra abordagem; meu modo ou modelo narrativo passou da HISTÓRIA para o ROMANCE. A própria concepção do sujeito mudou. De unidade através da narrativa, ele se tornou quebrado, dividido, fragmentado, em caso extremo, incoerente (Martins, 2014, p.23-24).

Compreendemos que Doubrovsky torna a permanência do eu que narra de forma enfática, ele narra a si mesmo, na recriação de sua história de vida, mas sem estar preso à cronologia de sua própria trajetória, e podendo estar diluído, fragmentado em diversos momentos das suas narrativas, possibilitando considerar uma chave de leitura para a trajetória romanesca de Alina Paim, quando nos deparamos com a vida da autora diluída ao longo dos três primeiros romances, como em um processo de formação da própria escritora, que, em fase de construção da artista se desnuda as suas memórias nas linhas narrativas, concretizando-se como escritora profissional.

De acordo com Santiago, em entrevista a Martins (2014), não é difícil diferenciar autoficção de autobiografia,

Basta que você evite o jogo quando se vale das categorias que já levantou anteriormente. Tomo a liberdade de copiá-las: falso/verdadeiro; mentira/verdade; real/imaginário; ficção/realidade; incerteza; identidade(s); fragmentação do sujeito. Se você coagular cada um dos elementos que estão unidos pela barra, coibir a incerteza e a fragmentação, você imediatamente criará um campo crítico lógico e coerente que servirá ou para definir autobiografia ou para definir autoficção. (Martins, 2014, p. 246)

Diante das colocações de Santiago e Martins (2014), verificamos que nos primeiros romances de Paim, há um teor mais autobiográfico. Por exemplo, em *Simão Dias*, a preservação dos nomes das tias solteironas (tia Iaiá, tia Elisa e tia Adélia), que “judiavam” da pequena Do Carmo, na qual se refletem muitas memórias da escritora, o título do romance é o mesmo nome da cidade onde residiram os seus parentes. Há, nesse romance, características contundentes do gênero autobiográfico, e outras ficcionais, o que nos permite defini-lo como autoficcional. O relato das atitudes, dos castigos impostos pelas tias traz riqueza de detalhes de uma memória de criança ferida.

Antes de partimos para mais indicações de elementos autoficcionais, vamos retomar

uma das marcas da “escrita de si” em Paim, a relação entre a formação intelectual de suas protagonistas e as leituras socialistas, que se aproximam muito dos livros comentados pela autora em suas entrevistas. Em diversas passagens de suas obras, identificamos as protagonistas sempre se relacionando com a leitura de diferentes níveis e categorias. Uma referência ao período em que Alina Paim termina o colegial e inicia o trabalho como professora, em *Estrada da liberdade* (1944) é a personagem Marina, professora colegial, em uma escola de freiras, onde estudou e concluiu o magistério, possui o nível de leitura destacado por alguns romances e novelas.

Na casa da madrinha, ela tenta incentivar o afilhado a ler e escrever. Quando Marina é aprovada em concurso público e começa a lecionar na periferia, senti a necessidade de realizar outras leituras. Ao se reencontrar com Maria José, amiga de escola, e conhecer o esposo dela, Miguel, passa a ser apresentada a leituras de sociologia, filosofia, romances com teor mais crítico; esse fator provoca na protagonista uma mudança de pensamento, de postura, de leitura sobre os fatos ocorridos no dia a dia, encorajando-a a questionar as instituições sociais e as pessoas ao seu redor.

Outro fator são as lembranças que Alina Paim tem das tias solteironas de sua primeira infância na cidade de Simão Dias, dos desafios para conseguir estudar são referências de sua infância presentes também no romance *Simão Dias* (1949), através da personagem Do Carmo, quando passa a infância com as tias solteironas pelo falecimento de seus pais, mas é com tia Luísa que ela mais se identifica, uma leitura da adolescente sonhadora e da jovem buscando suas realizações. Essa tia havia saído da cidade do interior de Sergipe para estudar na capital baiana, porém por não poder ficar morando sozinha teve que retornar à cidade de Simão Dias, casar-se com um rapaz prometido pelo seu pai. Entretanto, lutou para conseguir ministrar aulas para os jovens que sonhavam em estudar na capital e precisavam se preparar para o exame admissional do colegial. Neste ínterim, Do Carmo também sonhava em estudar fora e precisou brigar com as demais tias, com a avó para poder participar das aulas de tia Luísa, o que promoveu grande transformação na vida da menina, mudança de rotina, um novo olhar sobre a vida das tias, reflexão sobre o presente e o desejo de um futuro diferente.

Uma visita aos familiares de Sergipe, após concluir o colegial, está referenciada no romance *A sombra do patriarca* (1950) que apresenta a protagonista Raquel quando foi visitar os parentes na usina do tio Ramiro, conhecido como o grande patriarca. Lá, teve a oportunidade de conhecer Leonor, sua prima, com os inúmeros sonhos que só poderiam ser realizados longe da fazenda Fortaleza, dos olhos da mãe Tereza, do peso da palavra do avô Ramiro. Leonor queria ser livre, estudar e garantir a profissão dos seus sonhos, a medicina. Foi por meio de

Leonor e Oliveira que Raquel pode conhecer a literatura universal, como *Ressurreição*, de Tolstói, possibilitando-lhe uma visão crítica sobre a condição do ser humano, despertando o interesse também pela militância política.

No romance *Sol do meio-dia* (1961), a protagonista Ester é uma jovem que saiu de Paripiranga para o Rio de Janeiro em busca de realizar o sonho pessoal, o de não ter o mesmo fim que as mulheres de sua cidade, de poder ter uma vida diferente de sua mãe. A jovem queria muito estudar, quando completou o primeiro colegial, chorava para que pudesse estudar na capital, mas o pai não deixava e nem tinha condições para mantê-la longe de casa. Foi então que o vizinho, professor Virgílio, a acolheu, ensinando as diversas literaturas universais, a traduzir o francês e a datilografia. Quando Ester conseguiu ir para a capital carioca buscou colocar em prática o que aprendera com o professor. Entretanto, encontrar um emprego não foi fácil, até que a jovem compreende a sua função social, a de ser escritora, fazendo menção à possível trajetória de Alina Paim, no processo de escrita do romance, na observação dos conflitos dos que estão ao seu redor, buscando o outro a partir da “escrita de si” em um engajamento social.

Tendo as prateleiras da despensa como testemunhas, a palmatória havia cantado muito. Dentes cravados nos beijos para sufocar os gritos que lhe subiam da garganta. Do Carmo jurara ali mesmo pela alma da sua mãe que iria namorar de verdade com o filho de Rufino Sacristão. (Paim, 2015, p. 42)

As dores dos bolos de palmatória não atingiam somente o âmbito físico, mas também os sentimentos, o âmbito emocional, psicológico, como no excerto em que a protagonista não sente repulsa ao possível namoradinho, pelo contrário, busca desafiar tia Iaiá, de que iria sim namorar o rapaz pelo qual estava sendo torturada pela tia.

Quanto às relações entre suas protagonistas e o papel de intelectual, destacamos a do *Sol do meio-dia* (1961), Ester, cuja trajetória de escritora se assemelha bastante com a autora, apresentando-nos uma trajetória da militância política no partido PCB até o processo de escrita. Esse caminho de luta em engajamento é percorrido por meio de um processo de formação, que culmina com a conclusão que sua profissão será de escritora. Os acontecimentos se encontram e se entrelaçam na narrativa. Observamos que muitos personagens fazem referência a figuras do PCB, mas ela opta por não utilizar os nomes das pessoas, até porque da última vez que o fizera, rendera-lhe grandes desafetos com os familiares e com a própria cidade de Simão Dias (SE).

No romance *Sol do meio Dia*, o ativismo de esquerda de Paim se projeta de forma

equilibrada, ressaltando seu amadurecimento estético, voltado para lapidar uma autoficção engajada com a própria arte de escrever. A autora explora o papel político da mulher por meio da consciência psicológica de Ester, dialogando com suas experiências estéticas anteriores, todavia inovando no equilíbrio psicológico da protagonista e sua consciência crítica diante da tarefa de escrever sobre o povo e para o povo. A partir de Ester, observamos uma mulher que interage mais com os problemas sociais, reforçando “experiências intensas, miúdas e constantes de construção de outros modos de pensar, agir e existir em prol da autonomia feminina”, conforme afirma Margareth Rago (2013, p. 28).

Para muitos, o texto de Paim não passou de literatura panfletária, partidária por sua militância no Partido Comunista Brasileiro (PCB). Entretanto definimos três fases da escrita de Alina Paim, sendo a primeira fase autoficcional com os romances *Estrada da liberdade*, *Simão Dias* e *A sombra do patriarca*; a segunda fase, seguindo o modelo do realismo socialista imposto pelo partido com os romances *A hora próxima*, *Sol do meio-dia* e *A sétima vez*; a terceira fase mais intimista com Trilogia de Catarina (*O sino e a rosa*, *A chave do mundo* e *O círculo*), *A correnteza*.

Trazemos aqui a construção da escrita, da narrativa, o espaço onde se permitiu às palavras o desabrochar da significação em meio as divergências políticas, econômicas, sociais, no âmbito das desigualdades étnicas, de gênero e de cultura. É fato que a autora constrói um enredo em que há a diferenciação na ordem social, questionando através da protagonista Marina as diversidades, as injustiças, as imposições daqueles que detêm o lugar de fala e o poder sobre os sujeitos subalternados. Outrossim, a autora se envolve com uma “escrita de si” como a descrição de quando Marina foi transferida para a escola da baixa do Estica, e observa suas alunas a exemplo de: “Maria, uma pequena moreninha, de cabelos lisos e pretos como os de uma índia achava graça de Marina estar cansada de tão pouco. [...] Um vento quente suspendia poeira fina e avermelhada, crianças nuas brincando sentadas na terra quente”. (Paim, 2014, p. 67).

Há uma marca recorrente nos textos de Paim que se destaca para uma escritora do início do século XX, mulher, nordestina, professora: a preocupação com o ser humano, com a humanização do homem. Como afirmou Jorge Amado, no prefácio do romance *Sol do meio-dia* (1961) “[...] uma unidade marca a sua obra: a compreensão e a solidariedade humanas. Essa moça silenciosa e acanhada sabe todos os segredos da alma feminina, penetra fundo no coração do ser humano”. (Amado, 1961, p. 8). Compreendemos a “escrita de si” que se apresenta como uma resistência pulsante no texto de Alina Paim. O romance *Sol do meio-dia* se destacou em meio à sociedade, todos o aguardavam, principalmente após as repercussões do romance

anterior, *A hora próxima*, romance traduzido para o russo e para o chinês, seguindo a proposta do realismo socialista.

A tendência de trazer para a narrativa a condição do ser humano, caracterizada nas personagens fora identificada desde a primeira versão dos seus escritos, analisados por Graciliano Ramos. Refletindo sobre a relação que o escritor tem com as suas memórias e lembranças, entrecruzado com o fluxo do tempo, da rememoração. Alina Paim encontrava-se residindo no Rio de Janeiro, casada com Isaías Paim, atuando como professora voluntária na escola de Marambaia, quando resolve começar a escrever, comenta o seu desejo com o marido, mas nada lhe mostra sobre a sua escrita. Ao terminar, vai à cafeteria Colombo, pois sabia que lá era o local de encontro com os grandes escritores brasileiros. Encontra-se, então, com Graciliano Ramos e solicita a leitura da sua narrativa. Após 15 dias, volta a conversar com ele, no que lhe apresenta estar diante de um romance, e que poderia ajudá-la a lapidar a escrita. Alina Paim passa a se encontrar constantemente com o renomado autor, a fim de aperfeiçoar a sua linguagem. (Alves, 2019). É no tempo de maturidade que o leitor tocará as experiências vividas por Paim, transcendidas em texto literário, como aponta o próprio mestre Graça, no prefácio do romance *Simão Dias* (2015):

A autora observa, estuda com paciência, tem a honestidade rigorosa de não tratar de um assunto sem dominá-lo inteiramente. As suas personagens são criaturas que a fizeram padecer na infância ou lhe deram alguns momentos de alegria, em cidadezinhas do interior. Nenhum excesso de imaginação”. (Graciliano Ramos, 2015, 29)

Foi neste processo de mergulho na literatura que Alina Paim passou a viver os seus dias, com suas ideias políticas, no sentido de ser contrária aos abusos de poder, de dominação, as injustiças sociais, combatendo o capitalismo desordenado. Embora a autora tenha sido filiada ao partido comunista, de haver nos romances os indicativos do partido, ela seguiu a trilha das narrativas para a qual o seu imaginário construía.

A pesquisa da professora Cíntia Schwantes, da Universidade de Brasília, intitulada “Como romancear a Revolução ou *A hora Próxima*, de Alina Paim”, publicada na revista *Literatura e Autoritarismo*, em 2012, reflete sobre o romance da escritora sergipana, no qual se instaura uma escrita que marca a trajetória de Alina Paim pelo denso teor de realismo socialista. O romance foi publicado em 1955, após uma série de revisões, a fim de que o texto pudesse ser aprovado pelo partido, precisaria estar mais próximo, mais alinhado à proposta do Partido Comunista Brasileiro. E o que “[...] ele realiza um feito nada desprezível: o de seguir a linha

ideológica do Partido, utilizando os pressupostos do realismo socialista, sem trair a matéria romanesca utilizada pela autora, uma greve que realmente aconteceu” (Schwantes, 2012, p. 45).

No enredo do romance analisado está o desenrolar da greve dos ferroviários, liderada pelas esposas, mulheres e crianças que, em vista da defesa da sobrevivência do coletivo, para que os maridos não fossem demitidos ou prejudicados financeiramente, enfrentam a grande greve. Mesmo com todo o processo social, político e econômico, as mulheres descritas no romance estão em busca dos seus direitos legais, conseguem apreciar a humanização da comunidade. Fato registrado, por exemplo, pelo nome atribuído à locomotiva 437, que a partir de então passa a ser chamada carinhosamente de Joana, remetendo a força da destemida Joana d’Arc. Um nome feminino, forte, imperativo que também irá abrigar as mulheres e crianças nos dias duros da greve.

Na caracterização das personagens, o narrador de *A hora próxima* não poupa em explorar as imoralidades sofridas por aquela população que protestava sobre as condições pelas quais vivenciavam a fim de sobreviver, principalmente dos que se apresentavam contra os grevistas. “A moralidade dos personagens que são inimigos de classe é posta em causa: quem é incapaz de solidariedade humana e se posiciona a favor de uma sociedade injusta e desigual, o faz porque não possui os princípios morais mais básicos”. (Schwantes, 2012, p. 51).

No romance, podemos verificar que enquanto uns lutam pelo coletivo, há outros personagens que querem interferir para furar a greve, de todas as instituições, quer sejam elas política, religiosa, familiar, escolar. Fato esse que representa o que a escritora vivenciava no aspecto da intelectualidade, uma vez que compunha o grupo pensante do PCB, ao lado de Graciliano Ramos e Jorge Amado. Porém tornara-se alvo de críticas dentro do próprio partido, passando por censura interna ao partido, mesmo o romance tendo sido recomendado para publicação na coleção “Romances do Povo”, pela editora Vitória, tudo relacionado ao partido.

[...] o romance teve sua publicação, esperada para 1952, retardada, em consequência da censura interna do Partido, em particular por causa da crítica feita por Diógenes Arruda, que se alinhava com um grupo que se opunha ao de Alina e seu marido Isaias Paim (Schwantes, 2012, p. 46).

Sob a pena de um realismo socialista, somos conduzidos a refletir sobre as diferenças de classe, as mazelas sociais, os marginalizados, os detentores de poder; deparamo-nos com uma escrita preocupada, dedicada à humanidade, às condições de vida, às vivências coletivas, às injustiças sociais e ao reflexo dela sob os menos favorecidos; estamos diante de narrativas humanizadoras. Na seção seguinte, iremos nos deter às verificações de como a “escrita de si”

se estabelece nos romances propostos para esta tese na perspectiva de uma escrita engajada, bem como o lugar da intelectual trabalhadora representada nos textos.

3.3 A INTELLECTUAL NOS ROMANCES DE PAIM

A atuação dos escritores intelectuais durante diferentes contextos políticos faz parte da história literária também, pois há momentos em que o escritor precisa deixar seu gabinete para enfrentar a realidade social. Esse engajamento pode ser só político, mas muitas vezes foi também estético. Para ampliar esse debate, vamos considerar as reflexões de Jean-Paul Sartre sobre o engajamento do escritor, intensificadas principalmente na década de 1940, quando o filósofo passou a questionar o papel do escritor durante a Segunda Guerra Mundial e os anos subsequentes. No livro “Que é a literatura?” (*Qu'est-ce que la littérature?*), publicado em 1947, ele explora as ideias sobre o papel do escritor na sociedade e o compromisso político.

De acordo com Sartre, ao promover o engajamento político por parte dos escritores intelectuais, defendendo a ideia de que deveriam ser ativos nas questões políticas e sociais de seu tempo, implicando assim um envolvimento direto e consciente dos intelectuais nas lutas enfrentadas por esses grupos, acreditando que os intelectuais tinham uma responsabilidade moral e política de se envolverem nas questões políticas de seu tempo.

Em 1944, Alina Paim já era engajada na luta política como membro do Partido Comunista Brasileiro. Vale lembrar que no momento da escrita do romance *Estrada da liberdade*, ela já havia vivenciado, presenciado situações, circunstâncias de miserabilidade social. Aliás, desde a sua infância tinha acompanhado as desigualdades sociais nas diferentes cidades por onde passou sua infância. Tais envolvimento políticos podem ser notados em sua atuação profissional como na representação de suas personagens. Partindo dessa constatação, neste tópico, vamos tomar para discussão o papel da mulher intelectual Alina Paim e de suas protagonistas.

Ao traçarmos uma linha do tempo para as ações políticas de Paim, ela pode ser vista como um escritora trabalhadora, intelectual engajada que contribuiu eficazmente com a literatura brasileira, a qual estava de fato comprometida com as causas políticas e sociais, participando ativamente através da literatura, da escrita de manifestos, assumindo cargos de liderança na Associação Brasileira dos Escritores (ABDE), participando de congressos no exterior como, por exemplo, o Congresso de mulheres, em Havana, em 1962. Alina Paim tem participação ativa como escritora, entrevistada, conteúdo para notícias em diversos jornais, tais como: Momento Feminino, Correio da manhã, O jornal, Revista A Careta, Diário de Notícias,

Tribuna da Imprensa, Revista da Semana, Imprensa Popular, Última Hora, entre o período de 1947 a meados de 1970.

Em entrevista ao jornal “Última Hora” (1954), concedida a Mauritôni Meira⁴³, motivada pelo anúncio da publicação do romance *A hora próxima* (1955), a romancista declara: “Penso, segundo minha experiência pessoal, que os romancistas precisam sair de seus gabinetes e da autocontemplação. Devem olhar a vida brasileira, ver profunda e apaixonadamente a vida de nosso povo” (Paim, 1954, p.6), corroborando aqui com a discussão que Sartre empreendia desde a década de 40. Nos romances de Alina Paim que nós estudamos aqui, verificamos a discussão do trabalho realizado pelos diversos tipos femininos, além de escritora, assim como a própria autora.

As suas personagens exercerem papel de liderança, sendo assim iniciamos essas proposições com *Estrada da liberdade*, no qual encontramos Marina que inicia a docência no convento onde obteve a sua formação; posteriormente é aprovada em concurso público e passa a lecionar na periferia, em uma escola da Liberdade, na cidade de Salvador. Ora, Alina Paim também obteve sua formação pedagógica no colégio de freiras na mesma cidade, conseguiu o título para lecionar, mas só o fez como voluntária na cidade do Rio de Janeiro, mais precisamente a uma comunidade em Marambaia. Todavia, o romance se passa na capital baiana e retrata a periferia daquela cidade.

Marina morava com a madrinha, Edite, que não trabalhava fora de casa, era doméstica, cuidadora do lar, do filho, do marido e da afilhada, controlava o que cada um poderia comer, porém não tinha nenhum tipo de reconhecimento pelo esposo Augusto. Marina questiona em que a madrinha estaria pensando, ao lançar um olhar pensativo.

Devem ser as coisas de dona de casa. Luz. Armazém. A lavadeira. Sinhá Ernestina que vivia falando em ir embora. A professora Raquel. Roberto. Seu Augusto demorando de chegar.

- Em que era que pensava, madrinha?
- Olhando seu vestido pensei que precisava pedir um a Augusto.
- Não se incomode não, quando eu receber dinheiro do Governo lhe darei um ótimo. Bem bonito.
- Então não peço mais a Augusto.
- O quê?

Marina encarou D. Edite, resoluta:

- Pede sim. Não seja tola. Ele sabe comprar, todos os dias, gravata, camisa e meias. Para casa é que não tem dinheiro. Não faça isso, pede o vestido e ganha o meu. Fica com os dois (EL, p. 61).

⁴³ Anexo 13

Marina compreende as necessidades da madrinha, da dona de casa bem mais do que o próprio Augusto. Entretanto, foi surpreendida com as condições de trabalho em que suas alunas viviam, como Azenete: “Pouco a pouco fora contando sua vida. O pai estava desempregado, a mãe lavava roupa e esperava outro menino, ela trabalhava a manhã inteira e comia mal (EL, p. 99)”. Não só Azenete trabalhava com a mãe, todas as crianças viviam a mesma situação em casa, era preciso trabalhar para sobreviver.

No ambiente da Escola Almirante Barroso, Marina se depara com um nível cultural dos professores, diferente do espaço do convento e agora dos estudos junto à casa de Maria José, Miguel e Paulo. Ela observa a postura, principalmente das professoras, os diálogos versam, geralmente, sobre indecências, salário e reajuste, o que a deixa perplexa, como no caso do servente.

Fora nessa ocasião que Marina compreendera que se existia professoras que tratavam as crianças de “mamíferos” e de “miseráveis”, uma havia capaz de lutar para defender uma aluna de qualquer injustiça.

Helena fora procurar D. Edwiges no gabinete para queixar-se de que surpreendera o servente, na entrada dos quatinhos, apalpando os seios das mocinhas. Vira-o fazendo isso com uma de suas alunas.

- É verdade, mas ... ele é um bom servente, é meu braço direito na limpeza da escola.

Helena ficara furiosa.

- Então retirar a poeira vale mais do que a honra de umas mocinhas? Isso é uma miséria. Sou capaz de avisar a um jornal...

D. Edwiges fora obrigada a pedir a transferência do servente, mas ficara inimiga da professora (EL, p. 105).

Os problemas sociais e educacionais são levantados no decorrer da escrita de Alina Paim, que enquanto autora engajada, com uma “escrita de si” permeada pelas observações que realiza, obtendo conhecimento acerca das ideias, emoções do outro. Sobre educação, a personagem Marina apresenta as mazelas do ensino público, mas também do ensino em ambiente religioso e chega à seguinte conclusão. “Como iam longe as consequências de um sistema de educação. Era uma arma perigosa nas mãos de quem sabia manejá-la a serviço de seus interesses. E as freiras sabiam utilizá-las com técnica apurada” (EL, p. 153).

Enquanto no romance *Simão Dias*, as mulheres são as que trabalham em vista do sustento da casa, da ordem, a fim de cumprirem as obrigações com o pai, e com o marido. Como está presente na vida de dona Carolina, avó de Do Carmo, além de todo o trabalho com a organização da casa, com o tio Totonho, faz bordados em bilro, atende a encomendas de bolos e doces.

Sentada no tamborete de vovó Carolina, Do Carmo areava dezenas de formas de doce. Tia Elisa, auxiliada por Adélia, acomodava os bolos no grande tabuleiro forrado com a toalha de linho bordada. Era a encomenda do aniversário da filha do coronel Falcão, viúva do antigo prefeito (SD, p. 115).

Eram essas as condições daquelas mulheres que trabalhavam duro sozinhas, umas com as outras. Além das encomendas, ainda tinha a organização da casa, que por uma pulga, receberam xingamentos de todas as formas.

Nesta infernação até um santo falava sozinho. A casa atulhada de mulher, e ninguém se lembra de borrifar os tijolos com água de criolina. Me arrebento na coletoria para sustentar tanta gente, e de noite me arrenego com as pestes das pulgas. Era só o que faltava. Carolina, Carolina, isto vai de mal a pior, esta casa não tem governo. Se o sangue me subir à cabeça, faço das minhas, viro isto pelo avesso e boto a mulherada de crista baixa, balde e piassaba na mão, cumprindo as obrigações. Carolina, Carolina, quem avisa amigo é (SD, p. 118).

Poderia estar na casa dos avós, na igreja, na sala de aula, na rua com a meninada, em todos os momentos Do Carmo relembra os castigos, as palavras depreciativas que as tias lançavam sobre ela, com o sentimento de ser um peso, um fardo para os seus parentes.

O texto expressa as tristes lembranças de Do Carmo, menina órfã, que precisou conviver com as tias e os avós maternos a fim de ter um lugar para estar, para sobreviver, mas o ambiente narrado produz na menina uma aversão ao matrimônio, um desejo de fuga dos castigos e das humilhações. Quando o romance foi publicado, parecia se tratar de um manifesto contra as tradições conservadoras da sociedade.

Se fosse embora, não voltaria nunca. Não. Era preciso voltar um dia, apenas por algumas horas, para vingar-se de todos. Entraria na cidade pequena, importante, recebida pela filarmônica, fazendo discursos saídos no momento, confundiria tia Iaiá e a família inteira, olharia de cima, humilhando professora Otaviana (SD, p. 151).

Diante dos nossos estudos, a partir de dados biográficos incorporados ao texto literário, analisamos que o sentimento e os desejos de Do Carmo descritos no excerto acima configuram que apesar de ter sido definida como autobiográfica apontam para o futuro. E Alina Paim de fato voltou, mas voltou através do romance, sim ela deixou os parentes confusos. Como afirmara em entrevista concedida à professora Ana Leal Cardoso:

[...] Sabe, professora, com essa obra eu me vinguei das minhas tias solteironas, conservei até mesmo os seus verdadeiros nomes. Mestre Graça me fez repensar sobre isso, entretanto, eu estava decidida, queria que toda a família soubesse dos castigos que eu sofri naquela casa, das humilhações. Mas,

certamente, nem tudo é verdadeiro, tem que ter a ficção, a invenção. É parte da minha vida, meio autobiográfico, entende? (Paim, 2019, p. 264).

A autora nos permite afirmar que a escritora está inscrita no romance construído a partir das suas vivências e memórias, no entanto, trilhando o caminho da autobiografia, rumo a “escrita de si”.

No romance *Sol do meio-dia*, há a protagonista Ester que percorre o itinerário de uma jovem intelectual, apresentando os desafios de ser mulher, solteira, nordestina na capital carioca, militante do PCB, solidária aos problemas e dificuldades de quem convive com ela. Esse caminho está mesclado com as memórias da infância, as leituras realizadas, o processo de aprendizagem de uma língua estrangeira, os desafios de sair da casa dos pais, permeados por uma observação analítica sobre a postura, conduta e discurso das mulheres, das trabalhadoras, até o encontro com a identificação do ser romancista. Corroboramos com Ilka M. Oliveira, em sua dissertação de mestrado, ao resgatar o início da carreira da romancista:

Na mudança trouxera o projeto de um romance com o título *Leitura*, o qual seria publicado como *Estrada da liberdade* em 1944 pela editora *Leitura*. As memórias de professora aí transparecem num relato de alto teor autobiográfico, no qual descreve suas experiências com as crianças nos subúrbios de Salvador e a paulatina desmistificação do ensino clerical que recebera. Um tom de lirismo permeia o livro que explora as impressões de uma professora novata, seus objetivos de vida, seu processo de amadurecimento como mulher e profissional, de maneira talvez até mais efetiva do que o caráter de denúncia que parece pretender dar ao primeiro romance. De qualquer modo, a temática anticlerical parece antecipar a opção que a autora faria mais tarde pela militância comunista (Oliveira, 1998, p. 19).

Na pensão de dona Beatriz, Ester consegue alcançar os mais diversificados modos de vida, a organização das famílias, a relação entre os moradores da pensão, entre os funcionários frente às discussões feministas, como no excerto abaixo:

Joana sempre havia de seguir primeiro o interesse de dr. Lauro, mesmo retardando as suas ordens. Os laços que existiam entre eles deviam ser fortes, uma espécie de segunda filiação. Com a dificuldade de empregada ia tolerando e, às vezes, chegava a pensar que era preferível tê-la a seu serviço do que lidar com as outras que torciam o nariz a cada observação, a cabeça cheia de salário mínimo, vantagens de fábrica, oito horas de trabalho e asneiras semelhantes (SMD, p. 15-16).

Ao passo que a narradora apresenta a compreensão de dona Beatriz sobre o trabalho de Joana, comparando-o a de outras “empregadas”, percebemos uma desinformação sobre os direitos das mulheres que estavam sendo conquistados em relação ao trabalho, e que era ignorado por muitas “patroas” e “patrões”.

Na simplicidade das palavras, Alina Paim foi alcançando grande reconhecimento à época, como através do romance em análise, observado por Jorge Amado que o romance

[...] já consagrado com um alto prêmio, julgado já por figuras como as de Valdemar Cavalcanti, João Felício dos Santos e Plínio Bastos. [...] Ela atinge agora sua maturidade creadora. A menina da ‘Estrada da liberdade’ que irrompeu pelo romance brasileiro em 1945 e nele impôs sua presença, soube construir seu caminho e crescer de livro para livro (Amado, 1961, p. 8).

O avanço na escrita de Alina Paim também está relatado a partir da personagem Ester, nos detalhes relacionados à dedicação aos estudos, a escrita e a leitura.

Ester afiou a ponta do lápis, tirou na beira do jornal o negro das bordas da borracha, abriu o caderno na página onde, no dia anterior, começara a tomar notas. Na última reunião do círculo de estudos, coubera-lhe a tarefa de preparar o informe do próximo debate. A leitura ia correndo sem transtornos e logo surgiram dois esquemas e duas interrogações.

Levantou-se, foi à estante e voltou com outro volume. Folheou-o demoradamente, um vinco cavando-lhe a testa. Sorriu: ali estavam as cinco características do imperialismo. E trustes e consórcios? Onde encontrar a definição precisa de cada um deles? (SMD, p. 27).

A descrição de uma romancista intelectual e engajada apresenta discussões literárias e políticas que permeiam o romance a partir das experiências da escritora. Como em pequenos detalhes que poderiam ser despercebidos, mas quando nos deparamos com a simples explicação presente no romance, inferimos que poderia ser incômodo para a autora. Por várias vezes a escritora fora definida como “baiana”, entretanto ela nasceu em Sergipe, na cidade de Estância, e essa questão está presente no diálogo que Ester tem com Joana.

- A senhora tem mortos aqui no Rio?
- Não, Joana. Meu pai e minha mãe estão num cemiteriozinho do interior, lá em Paripiranga.
- É Pernambuco?
- Não. É uma cidadezinha célebre, território contestado por Sergipe e Bahia (SMD, p. 28)

O narrador nos provoca à reflexão sobre esse esclarecimento das origens, comparando com a de uma escritora, possibilitando reafirmar a sua matriz, uma vez que nascera em Sergipe, onde morou até os cinco anos. Depois passou a estudar em Salvador, no estado da Bahia até a conclusão do curso normal.

Para que Ester chegasse à escrita com o objetivo de tornar a sua profissão, precisou contar com a ajuda acolhedora do professor Virgílio. Em uma das tardes de estudo, eles

perceberam que não havia mais livros em português para ler, foi então que o professor lançou um desafio para Ester:

[...] Professor Virgílio andou da janela do meio à porta da alcova, refez o caminho e, na volta, estacou solenemente a seu lado.

- Você tem coragem, Ester?

- Tenho, professor Virgílio.

- Não é coragem fácil de uma hora só. Estou perguntando se tem coragem de verdade, para milhares de horas de coisas miúdas.

- Tenho mais dessa coragem, professor Virgílio, porque não sei matar onças.

- Então, Ester, vamos escarpelar o francês.

Naquela mesma hora teve início a empresa. Não imaginava que lhe dava a profissão que agora vivia: traduções do francês (SMD, p. 52).

No excerto, encontramos uma relação com dois momentos do processo de construção da escritora Alina Paim. O primeiro é sobre o trabalho com a tradução, que faz parte da bibliografia dela e era uma atividade importante para o PCB, que os intelectuais pudessem traduzir as obras dos socialistas. O segundo está relacionado à atuação do professor Virgílio em orientar as leituras da jovem Ester, trabalhando a escrita, a interpretação, a relação entre as personagens, o contexto histórico presente nos romances, algo semelhante realizado por Graciliano Ramos desde o primeiro romance de Alina Paim. No prefácio do romance *Simão Dias*, Graciliano Ramos revela que

Alina Paim chegou aqui há quatro anos, tímida, novinha, com jeito de freira à paisana.

O romance que nos deu pouco tempo depois não revelava nenhuma timidez e, logo nas primeiras folhas, desmentia a aparência religiosa. Exibia até muita coragem, dava às coisas os nomes verdadeiros, sem respeito exagerado às conveniências (Ramos, 2015, p. 29).

Sabemos que ao escrever o seu primeiro romance, Alina Paim pediu ao “mestre Graça” que avaliasse se o que tinha escrito era de fato um romance, pois era um autor respeitado, e sua opinião era fundamental, apesar de não o conhecer pessoalmente, a romancista destemida foi em busca da averiguação do mestre, como nos conta em entrevista realizada pela professora Ana Leal Cardoso:

Um homem encantador! Aproximei-me, humildemente, e pedi-lhe para dar uma olhada naquela pasta contendo algo que eu havia produzido, entretanto, não sabia dizer exatamente do que se tratava. Na ocasião, ele tomava um cafezinho com bolo de milho – ele gostava muito. Mestre Graça ficou surpreso com a minha aproximação. Muito educado, convidou-me para tomar um café. Sentei-me à mesa, lembro-me de que tremia muito, aquilo parecia algo do outro mundo: eu tomando café com Graciliano Ramos! (Paim, 2019, p. 258)

O mestre Graça pediu que Alina Paim retornasse à confeitaria Colombo após 15 dias para uma resposta.

“Alina, muito bom revê-la! Olha... é um romance e dos bons, porém, falta-lhe técnica. A partir de amanhã vá até minha casa, para que eu lhe ensine tudo o que sei do ponto de vista técnico”. [...] Meu Deus, eu fiquei numa felicidade tão grande! Graciliano queria encontrar-se comigo no outro dia porque ele tinha anotado todo o meu livro, queria que eu visse todos os comentários que ele havia feito (Paim, 2019, p. 259).

E no processo de formação da escritora, observamos o diálogo da construção da personagem Ester com a trajetória da própria romancista.

Encontramos inúmeros personagens nos romances de Alina Paim que estão inseridos em contextos socioculturais, com os mais diversos problemas. Neste romance não fora diferente, o enredo pode estar recheado de lirismo, de romantismo, entretanto a autora não deixa de provocar a reflexão do leitor sobre os problemas sociais, as dificuldades do povo, as condições políticas e uma leitura sobre a humanidade frente aos olhos da protagonista Ester, que se solidariza com as dificuldades de todos e deseja contribuir com melhorias para a sociedade.

Compreendemos, dessa forma, a transformação do eu artista em personagem diante do romance, mesmo que ele não utilize o próprio nome na criação literária; no processo de autobiografia é apresentada, portanto, uma reflexão sobre a sua própria arte, sobre sua escrita,

no sentido barthesiano do termo, uma escrita com o corpo, orgasmática e incontrolável. Nem sempre o nome da personagem estará explícito na autoficção, mas a identidade onomástica está ali, por meio do não dito, o pacto é igualmente estabelecido, através do jogo e do uso de máscaras ficcionais (Martins, 2014, p. 43).

No próximo capítulo iremos discorrer sobre a perspectiva da autora do texto literário como intelectual, discutindo as teorias sobre a “escrita de si”, dialogando com o imaginário presente em seus romances.

4 A ESCRITA DE SI COMO RESISTÊNCIA SOCIAL

Este capítulo retoma os debates propostos anteriormente sobre as diferentes perspectivas do romance autobiográfico, as interfaces do texto autoficcional e a inserção intelectual de Alina Paim na história literária. Tais abordagens conceituais não serão retomadas para não ficar repetitivo. Sempre que possível, iremos fazer referências aos estudos de Rago, Figueiredo, Alves, Foucault, Said, entre outros e outras teóricos, usados para dar sustentação aos nossos argumentos.

Inicialmente, destacamos que de acordo com Figueiredo, Rago e Martins, a autoficção é um gênero literário em que o autor utiliza elementos autobiográficos em uma narrativa ficcional. É importante ressaltar que, na autoficção, a fronteira entre realidade e ficção muitas vezes se torna tênue, e o autor não apenas compartilha aspectos de sua própria vida, mas também os manipula para criar uma obra de arte.

Enquanto no texto de gênero autobiográfico, o autor narra a sua própria história sem a camada da ficcionalidade, como a encontramos na autoficção. Diante do *corpus* desta pesquisa para a construção da análise seguiremos dois aspectos discutidos ao longo do texto: o do lugar da escritora e o do lugar da trabalhadora, a partir da “escrita de si” como resistência às imposições sociais e partidárias. Para tanto tomaremos os romances *Estrada da liberdade*, *Simão Dias* e *Sol do meio-dia* para enfatizarmos nossa discussão.

Mas antes vamos articular melhor o conceito de “escrita de si”. Essa subjetividade tanto está presente nos escritos memorialistas como em textos ficcionais e literários. Para Margareth Rago (2013), a “escrita de si” pode ser vista como uma ferramenta de posicionamento social e político, podendo desconstruir estereótipos de gênero e reivindicar o seu lugar na sociedade. Rago chega a essa conclusão ao estudar a vida de feministas brasileiras do final do século XX, que depois de passarem para a clandestinidade com o fim da democracia nos anos 1960, passaram a atuar em espaços não partidários, mas extremamente importantes para o bem-estar social coletivo como atuar em associações, comunidades carentes, cooperativas, entre outros.

Assim, explorando a perspectiva de como as próprias vidas das intelectuais e suas experiências estão “entrelaçadas com questões mais amplas de justiça social, igualdade de gênero e direitos humanos” (2013), Rago defende a “escrita de si” não apenas como uma forma de autoexpressão, mas também como uma ferramenta de resistência e transformação social. Tal particularidade presente nas atitudes de diversas feministas, que tiveram que se reinventar durante a repressão da Ditadura Militar, aproxima-se das estratégias literárias de Alina Paim articular seu realismo social a partir do olhar intimista de suas personagens. Isso acontece

sobretudo porque uma das marcas da “escrita de si” é a “subjetividade feminina” articulada com o desejo de mudanças sociais para todos/as (Rago, 2013).

[...] Assim como essas mulheres recorreram à prática da escrita de si para tentar se reinventar, costurando suas subjetividades a partir de suas trajetórias, conflitos, frustrações e vitórias, utilizando essa escrita como ferramenta política, inspiradas pelas lutas feministas, do mesmo modo Margareth, ao reinscrever essas vivências, dando a elas uma acolhida aberta e generosa, pefilando-as lado a lado, contextualizando essas narrativas, justamente destaca o aspecto feminista e disruptivo dessas experiências. Elas são assim potencializadas, apresentadas como parte de histórias locais, mas ainda de uma história nacional e internacional (Silva⁴⁴, 2013, p. 16).

Assim, a marca da subjetividade é muito importante para entendermos como os traços pessoais são incorporados ao texto de Paim. Para compreender melhor essa “escrita de si”, traçaremos algumas reflexões sobre a força da subjetividade em textos em que ela prevalece. Michel Foucault, no texto “Ética, sexualidade, política”, organizado por Manoel de Barros Mota, parte do pensamento sobre a possibilidade de estética presente na narrativa de si mesmo e do outro, partindo da cultura greco-romana, com foco nos dois primeiros séculos do império.

Foucault (2004) discute como proposição para a “escrita de si” o texto de Vita Antonii, de Atanásio, como uma escrita voltada à ideia de uma confissão, em que o sujeito poderia utilizar a prática da escrita para evitar práticas ilícitas, ou como ele denomina de práticas vergonhosas. Como uma possibilidade de fugir dos atos e pensamentos pecaminosos, pois o texto escrito pode ser lido por outros, então estar na presença do olhar do outro evitaria o cometimento de pecados.

Ninguém fornicaria diante de testemunhas. Da mesma forma, escrevendo nossos pensamentos como se devêssemos comunicá-los mutuamente, estaremos mais protegidos dos pensamentos impuros, por vergonha de tê-los conhecidos. Que a escrita substitua o olhar dos companheiros de ascese: enrubescendo tanto por escrever quanto por sermos vistos, abstenhamo-nos de qualquer mau pensamento. Disciplinando-nos dessa maneira, podemos forçar o corpo à submissão e frustrar as armadilhas do inimigo (Foucault, 2004, p. 144-145).

No caso da estética socialista, o romance tenta se organizar em uma grande narrativa para propor uma reflexão sobre a revolução, todavia isso se faz por meio de metáforas e de uma tessitura literária que distingue a literatura do panfleto. Essa peculiaridade é muito importante para entendermos o porquê da literatura de Paim se sobressair a propaganda partidária. Esse

⁴⁴ Texto extraído do prefácio do livro “A aventura de contar-se”, de Margareth Rago (2013), por Márcio Seligmann Silva.

duplo movimento de ler e escrever é uma das marcas da escrita de si, que Foucault destaca desde os tempos clássicos. Essa formação para a escrita é muito comum nas ficções de Paim e dialogam com a premissa defendida por Foucault, “Em todo caso, os textos da época imperial que se relacionam com as práticas de si constituem boa parte da escrita. É preciso ler, dizia Sêneca, mas também escrever” (Foucault, 2004, p. 146). No caso de Paim, escrever de forma estética para não deixar que o discurso panfletário prevaleça.

Pensar que seus livros eram publicados por editoras comunistas e voltados para a formação do trabalhador da época, permite entendermos que eram vistos como lições para o povo, trazendo um esboço de uma carta visionária. A exemplo do que Foucault (2004), as cartas, as correspondências podem ter duas possibilidades de função, a princípio a atitude da escrita pode promover no sujeito a liberdade para expor a sua subjetividade observando os princípios éticos, normativos, regularizadores em seus pensamentos, enquanto quem recebe a correspondência busca mergulhar nos sentimentos do redator, os sentidos éticos, as paixões. Essa relação entre a escritora e seus leitores é identificada nas obras que estamos analisando nesta tese.

Nas articulações de Foucault (2004) observamos diversas possibilidades de “escritas de si”, mas gostaríamos de destacar que os hypomnematas, que são cadernos com textos escritos na antiguidade, os quais trazem as memórias e experiências acumuladas, podem ser usados como uma metáfora das obras da fase do realismo socialista, pois já foram escritos na fase madura da escritora e trazem a experiência não só dela, mas dos intelectuais vinculados ao PCB. Suas obras e os cadernos são importantes para a formação do sujeito que se projeta pela prática da manifestação da mudança do discurso (*logos*) para a ação (*ethos*), constituindo-se a partir daquilo que ele leu, ouviu, disse, viu.

Por essa perspectiva, Foucault nos coloca diante de um paradigma, em que se constitui o ser, pois o Eu é formado a partir do momento em que lê, reflete os seus discursos e os de outrem, encontrados no ato da escrita de si, nas correspondências e contemporaneamente nas narrativas, portanto,

O papel da escrita é constituir, com tudo o que a leitura constituiu, um corpo. E é preciso compreender esse corpo não como um corpo de doutrina, mas sim – segundo a metáfora da digestão, tão frequentemente evocada – como o próprio corpo daquele que, transcrevendo suas leituras, delas se apropriou e fez sua a verdade delas: a escrita transforma a coisa vista ou ouvida ‘em forças e em sangue’. Ela se torna no próprio escritor um princípio de ação racional (Foucault, 2004, p. 152).

Ao observarmos as narrativas produzidas na década de 1950, localizamos diferentes momentos em que as personagens, preferencialmente as mulheres, têm encontros com a leitura e com o processo de escrita, como a protagonista Ester, do romance *Sol do meio-dia* (1961), uma intelectual de esquerda que lia muito para se preparar para escrever. Essa obra condensa a metáfora da escritora que passa por uma formação da intelectual para enfim poder escrever suas experiências para ajudar ao povo.

Ester se destaca também por ter um perfil de observadora da vida das pessoas que convivem com ela na pensão de dona Beatriz. Ao ouvir diversas versões críticas de acontecimentos políticos e sociais e de questionamento de valores religiosos e capitalistas, vai se formando enquanto uma mulher preparada para ser escritora, isto é, capaz de formar uma “escrita de si”, como um conjunto de experiências que podem contribuir para as mudanças sociais, considerando que,

As mulheres passaram a participar de todos os campos da vida social e política: seus temas foram levados aos sindicatos, às centrais de trabalhadores, aos partidos políticos, aos coletivos e às universidades, e criaram-se instituições especificamente voltadas para as questões femininas e, posteriormente, para as de gênero. Evidentemente são muitos problemas que emergem a partir de então, mas, sem dúvida alguma, a visibilidade que a “questão feminina” ganha é um ponto de partida fundamental para qualquer diálogo ou negociação possíveis (Rago, 2013, p. 26).

Rago destaca a participação das mulheres na sociedade de forma ampla, uma vez que vivenciando os problemas sociais é possível refletir sobre eles para então lutar por mudanças sociais, entretanto essas experiências são transpostas no texto como “escritas de si”.

No artigo “Do que falamos quando falamos de escrita de si”, Maurício Chamarelli Gutierrez busca explorar o conceito de “escrita de si” a partir de Foucault e de Diana Irene Klinger. De acordo com Gutierrez (2022), o contexto significativo da nomenclatura “escritas de si”, tese difundida por Foucault (1983), em que Klinger (2006) cria uma chave de leitura para o conceito. A autora aponta os pensamentos acerca da “escrita de si” que por ora é apresentado “seguido por um comentário sobre a crise do sujeito e a morte do autor (leia-se: na modernidade) dando talvez a impressão de que haveria passagem direta e simples entre esses tempos – e concepções de escrita – díspares” (Gutierrez, 2022, p. 43).

Klinger aponta as complicações direcionadas aos gêneros literários, à autobiografia e à autoficção, sendo que para o primeiro há a necessidade da confiança no Eu da escrita, na verdade expressa por ele ao falar de si; para o segundo a incerteza desse mesmo Eu, de uma

tecitura entre a verdade de si com a ficção literária e subjetiva, quando faz suas ponderações sobre a “escrita de si”, a autora afirma que,

O sujeito que “retorna” nessa nova prática de escritura em primeira pessoa não é mais aquele que sustenta a autobiografia: a linearidade da trajetória da vida estoura em benefício de uma rede de possíveis ficcionais. Não se trata de afirmar que o sujeito é uma ficção ou um efeito de linguagem, como sugere Barthes, mas que a ficção abre um espaço de exploração que excede o sujeito biográfico. Na autoficção, pouco interessa a relação do relato com uma suposta “verdade” prévia a ele (Klinger, 2008, p. 22).

Michel Foucault discute em “O que é um autor?”, obra publicada em 1969, acerca da importância ou não da representação do autor na produção escrita. Para isso ele retoma as condições do autor em outros tempos, como na Idade Média, em que as narrativas eram transmitidas a partir da oralidade e o autor daquelas informações não assumia nenhum tipo de importância para que a sociedade soubesse quem teria escrito aquelas palavras.

Diante da indiferente manifestação sobre a autoria dos textos, como Foucault declara ao citar o discurso da personagem de Beckett, no texto *Esperando Godot*, afirmando “Que importa quem fala, alguém disse que importa quem fala” (Foucault, 2011, p. 53). Partindo dessa reflexão, o autor aponta o princípio da ética na escrita contemporânea, isso porque busca a escrita como prática do pensamento, não como o resultado de uma escritura, defendendo a presença do autor no texto, o autor que escreve não deve desaparecer dos seus próprios escritos, sejam eles realistas, fictícios, autobiográficos.

No tocante à condição do desaparecimento do sujeito autor a partir da escrita, com a idealização de que o texto vive e o autor morre, Foucault apresenta alguns clássicos literários que se utilizaram de ferramentas no desenvolvimento da narrativa a fim de manter vivo o autor. Esse que se utiliza de exemplos como os das narrativas gregas que eram destinadas a manter vivos os heróis. “De modo distinto, a narrativa árabe – estou a pensar nas Mil e uma noites – tinha também como motivação, como tema e pretexto, adiar a morte: contavam-se histórias até de madrugada para afastar a morte, para evitar o momento em que o narrador se calaria” (Foucault, 2011, p. 54).

A partir dessa reflexão, Foucault provoca o leitor sob a perspectiva da presença do autor na obra literária, indagando-nos da necessidade ou não de encontrarmos o autor real no texto, ou de buscarmos a voz autoral nos escritos. Compreendemos que o autor não se afasta do seu texto, da sua subjetividade, ambos estão intrínsecos no desenrolar da narrativa. O que caracteriza, portanto, a função-autor no discurso narrativo, apresentando-nos quatro pontos essenciais para identificação dele.

A primeira característica está voltada para uma apropriação, o discurso do autor não é simplesmente um ato, mas um bem, pertence ao texto narrativo. A segunda está voltada para o anonimato da autoria do texto literário, que nem sempre será exercida de forma universal, a exemplo da antiguidade em que muitos textos literários eram lidos sem a identificação dos seus autores, dificultando a continuidade dessas obras. A terceira função está designada ao que conhecemos como o processo de construção do autor, o que não é formulado com a atribuição de certo discurso a um determinado indivíduo, pois a autoria de um texto literário exige do sujeito “uma instância “profunda”, um poder “criador”, um “projeto”, o lugar originário da escrita” (Foucault, 2011, p. 62). E a quarta característica pode ser conferida no arcabouço de signos que retomam a perspectiva do autor, que são os pronomes, as colocações verbais, os adjetivos, os advérbios que interligam leitor e autor diante do texto.

Teria sido com certeza necessário falar do que é a função autor na pintura, na música, nas técnicas, etc. No entanto, atendo-nos ao mundo dos discursos, como gostaria de o fazer esta tarde, creio ter dado mesmo assim ao termo autor um sentido demasiado restrito. Limitei-me ao autor entendido como autor de um texto, de um livro ou de uma obra a quem se pode legitimamente atribuir a produção. Ora, é fácil de ver que na ordem do discurso se pode ser autor de mais do que um livro – de uma teoria, de uma tradição, de uma disciplina, no interior das quais outros livros e outros autores vão poder, por sua vez, tomar lugar. Diria, numa palavra, que tais autores se encontram numa posição “transdiscursiva” (Foucault, 2011, p. 65).

Essas reflexões sobre a autoria comentada por Foucault nos ajudam a entender o fenômeno literário das obras vinculadas à estética socialista: *A hora próxima* e *O sol do meio dia*. Ora, Alina Paim, como leitora voraz de romances, discursos e textos dos líderes de esquerda, projeta nessas obras uma “escrita de si” como propagadora de uma experiência a ser seguida. Da mesma forma, se levarmos em conta a “escrita de si” como fenômeno da narrativa de experiências, essas duas obras sintetizam desejos estéticos de um partido e de um grupo que preferia fazer política a valorizar a literatura.

Dessas duas constatações presentes em documentos, cartas, notícias e divulgação da sua obra, como já mostramos até aqui, defendemos que sua resistência está justamente por fazer uma literatura preocupada com uma abordagem particular de escrever, que está presente nos seus romances anteriores como veremos nos próximos tópicos, ao compararmos como a intelectual se projeta em suas narradoras e como essa narradora manifesta um projeto estético intimista.

4.1 AS NUANCES AUTOFICCIONAIS DA *ESTRADA DA LIBERDADE*

O romance *Estrada da liberdade* (1944), que inaugura Alina Paim no campo literário do país, traz como protagonista a jovem Marina. Uma menina órfã de mãe, por isso destinada a estudar em um convento na modalidade de internato. Após concluir o curso secundário, começa a atuar no magistério na mesma escola onde fez seus estudos. Neste período, passa a morar em Salvador com a madrinha, dona Edite, seu padrinho e o filho do casal, enquanto seu pai permanece no interior de Sergipe.

Alina Paim tinha apenas 23 anos quando escreveu o seu romance de estreia, e como ela mesma comenta em entrevista concedida a Ana Leal Cardoso, em 2009, e publicada em 2019, “Bem, esse livro que escrevi durante o tempo em que vivíamos em Niterói, em 1943, nasceu por acaso. Levei quatro meses escrevendo-o, entretanto, não sabia do que se tratava, veio à minha mente como um presente” (Paim, 2019, p. 257-258). Esta declaração nos faz compreender que Alina construiu uma “escrita de si” ao longo do tempo, a partir de suas experiências de vida. Depositou no romance as suas memórias, sentimentos, desejos de denúncia dos problemas sociais do país, em busca por soluções.

É assim que, desafiando as fronteiras entre ficção e realidade, Alina Paim se insere no âmbito literário. A escritora participou de uma vida intelectual ativa e desempenhou papel importante na divulgação dos ideais socialistas no Brasil. Além disso, sua vida profissional merece destaque por ter participado diretamente da Associação Brasileira de Escritores (ABDE) no cargo de tesoureira, ter ocupado várias páginas de diferentes jornais como “Momento Feminino”, “Correio da Manhã”, “O Jornal”, “Última hora”, “Imprensa Popular”, “Diário de notícias”, nas décadas de 40 a 60 do século passado. Uma mulher atuante de seu tempo e que muito dessa experiência profissional é retomada com traços biográficos, ora com aspectos da autoficção e, por fim, por uma “escrita de si” consciente da importância de passar sua experiência para os outros.

Quanto às diferenças entre autobiográfico e autoficcional vamos retomar o debate proposto por Eurídice Figueiredo, que faz uma comparação entre autoficção e romance, ambos contêm narrador, personagens, ambiente, intrigas, enredo, entretanto no texto autoficcional há a fabulação, as invenções narrativas, figurando acontecimentos pessoais no texto ficcional, incluindo ou não o seu próprio nome nas personagens, descrevendo o seu pensamento, a sua maneira de ler a vida, e se relacionar com as pessoas, no entanto, buscando a inventividade para traduzi-las no texto escrito, com a vivacidade de quem conta a própria história, realizando a escrita de si.

Na autoficção não se pode deixar em suspenso a função do sujeito narrado, ele pode trazer a memória biográfica do autor, porém ele é um ser textual, produzido por meio da linguagem, ou seja, é um sujeito fictício; pode até parecer-se com a pessoa que compõe a narrativa, mas é feito de palavras, não viveu, está presente no papel. Outrossim, “é preciso pensar na arte da composição narrativa, e isso só se consegue com artifício, portanto, não se pode pensar em restituir ‘toda a verdade’ do acontecimento porque o acontecimento pertence ao domínio do vivido e a escrita literária pertence ao domínio da linguagem” (Figueiredo, 2020, p. 240).

A autobiografia está para o plano artístico, com objetivo de homenagear alguém importante, uma celebridade, por isso mesmo ser considerado um texto estetizado, diferentemente da autoficção, em que o autor está presentificado no texto e não segue, obrigatoriamente, a sua estrutura cronológica, não há a obrigatoriedade legalizada sobre o que está sendo narrado, como também não necessita elencar todos os detalhes de sua vida. O autor de autoficção insere no texto alguns momentos, fragmentos, episódios vividos com marcas típicas de pessoas que contribuíram com a sua própria história, tendo liberdade para recriar as suas próprias experiências, mantendo ou não o seu próprio nome, o de parentes, amigos. Há maior liberdade para escrever, não há exigência para manter a linearidade no processo discursivo (Martins, 2014).

Encontramos dados autobiográficos nos romances de Alina Paim, entretanto grande parte das memórias são transformadas em ficção, ou seja, um romance escrito nos anos 40 do século XX, em que a autora combina elementos da autobiografia com elementos da ficção, criando uma narrativa que, embora baseada em experiências pessoais também incorpora elementos inventados, desafiando as fronteiras entre a realidade e a ficção, sendo, portanto, autoficcional.

Podemos estabelecer um diálogo com a ficção de Graciliano Ramos, *Infância* (1945), declarada como autobiográfica em que o autor a constrói desde o seu período de alfabetização, o aprender a ler e escrever, trazendo a ideia dessas atividades como libertadoras, possibilitando a verificação da autobiografia até a formação do escritor.

Buscamos tecer nesta pesquisa dois fundamentos recorrentes nos romances de Alina Paim, um deles sobre a mulher trabalhadora, que encontramos constantemente representadas em suas personagens, como também a profissão de escritora. É uma condição tão evidente, que a autora assim inaugura em seu primeiro romance, na primeira página a situação em que Marina comete o mesmo erro da maior parte das mulheres ao iniciar um trabalho, aceitá-lo sem a negociação dos valores para seus honorários, como declara a personagem ao reconhecer que

“foi tolice aceitar a classe e ensinar sem saber quanto iria ganhar” (EL, p. 13). Isso ocorreu quando Marina recebeu o seu primeiro salário, submetendo-se às ironias da freira para lhe pagar o que lhe era devido à profissão.

Lemos a protagonista Marina a partir da caracterização das condições biográficas da própria Alina Paim, assim como o seu romance foi recebido pela crítica à época, como autobiográfico. Até mesmo pelos estudos que até então se conheciam, porém, tomando a teoria da autoficção apresentada por Serge Doubrovsky, em 1977, em que o autor inaugurou um novo estilo de escrita que misturava elementos de ficção e autobiografia, lançando assim o termo autoficção, que, diante de nossa leitura, Alina Paim já desenvolvia desde 1944. Tendo consciência de que nessa proposta de escrita o autor utiliza a sua própria vida e experiências como matéria-prima para a narrativa, mas não se limita à mera narração dos fatos.

Anna Faedrich Martins (2014), em seus estudos, descreve a autoficção como uma exploração da própria identidade e da relação do autor com sua própria vida e obra, buscando romper com a distinção entre o autor e o narrador, tornando a narrativa mais subjetiva e reflexiva. Uma condição para que o texto de autoficção, frequentemente, se relacione com questões de memória, autoria, subjetividade e o ato de escrever, em um constante desafio das convenções tradicionais da autobiografia e da ficção.

Nessa perspectiva, trazemos uma das críticas mais pontuais acerca do romance *Estrada da liberdade*, realizada por Newton Braga⁴⁵, no Correio da Manhã, em 18 de março de 1945, na coluna “Uma voz da província” ao afirmar que

Estrada da Liberdade – Alina Paim – Cia. Editora Leitura – Uma mocinha acaba o curso normal num Colégio de Irmãs e é nomeada professora numa escola pública suburbana. A ação se passa na capital baiana e não consigo evitar a impressão de que a história tenha muito de autobiografia. Um bom livro? Não acho. É a revolta primária contra as desigualdades sociais e contra as deficiências e absurdos da educação num colégio religioso, mas, e isso é que o faz fraco, expressa em tom primário e com as figuras recortadas muito a propósito: fulano e sicrano são ótimos, cheios de virtudes; beltrana e aquele outro são uns miseráveis e hipócritas. A autora dá os condimentos habituais de romances de intenções sociais não apenas tácitas e encerra o volume com tom de alegoria. Caberia aqui a questão de saber se comentando um livro, devemos tomar em consideração o fato de seu autor ser ou não um estrepante. Por injusto que pareça, eu acho que não. Um livro é mercadoria a venda e é obra que o autor acha madura. E assim deve ser recebido, até como homenagem ao autor. Estou tratando assim, sem tal consideração, o livro de Alina Paim. Resta assinalar, a favor dela o jeito fácil de escrever, com conversas bem naturais. Mas tudo muito incoerente: sem nada de mais nem nada de menos, o que faz a obra inofensiva e inoperante. (Braga, 1945, p. 43)

⁴⁵ Anexo 18, Correio da Manhã, 18 de março de 1945, Edição 15452 **Correio da Manhã (RJ) - 1940 a 1949 - DocReader Web (bn.br)**

Na crítica de Newton Braga, podemos considerar alguns aspectos, como o fato de o texto estar atrelado ao gênero autobiográfico⁴⁶ se de fato o fosse, geraria no leitor a necessidade de um compromisso com a verdade, entretanto por se tratar de uma autoficção, estilo não discutido à época, o qual apresenta uma abordagem literária que influencia os escritores a explorar as narrativas pessoais de maneira mais fluida e criativa. É a crítica que o jornalista apresenta ao pontuar o estilo de escrita de Paim, como um jeito “fácil de escrever, com conversas bem naturais”, mostrando-nos que a escrita de Paim estava para o estilo contemporâneo, extrapolando as fronteiras do gênero literário, inaugurando uma nova forma de escrita.

Outro fator que pode ter aguçado a crítica de Braga pode estar relacionado ao enredo do romance, o qual nem todos os leitores aceitavam, consideravam como temática de viés comunista. Entretanto, o que Alina Paim vivenciou nas escolas da periferia de Salvador e do Rio de Janeiro a lançaram em defesa daquele povo e diante da violência contra a infância dos seus alunos, a fizeram escrever em prol da humanização dos seres, e que a levaram para as propostas que o Partido Comunista Brasileiro defendia naquele momento histórico.

Trazemos a discussão de Eurídice Figueiredo (2020) acerca da autoficção, pois permite que o autor explore sua própria vida, experiências e emoções, muitas vezes distorcendo problemas reais ou criando personagens que são versões ficcionais de si mesmos. Uma escrita que desafia as fronteiras entre realidade e ficção, convidando o leitor a refletir sobre a natureza da verdade e da identidade; "Na autoficção, o autor é ao mesmo tempo narrador e personagem, e a obra é uma mistura de memória e imaginação, de fatos e ficção" (Figueiredo, 2010, p. 91).

Em *Estrada da liberdade*, a protagonista Marina é professora, estudou em colégio de freiras até concluir o magistério, ou curso normal, na cidade de Salvador, órfã de mãe, o pai residia em Sergipe, com os demais parentes, os quais irão aparecer no segundo romance *Simão Dias*, quando a autora caracteriza as personagens conforme sua memória de infância, narrando o dia a dia das tias, dos avós, da cidade do interior, o trabalho desempenhado pelas mulheres da região.

Os demais personagens que irão se destacar em *Estrada da liberdade* serão pontuados a cada realidade, ou melhor, a cada ambiente construído ao longo do texto.

⁴⁶ Lejeune havia legitimado a autobiografia no campo da literatura através da noção de pacto autobiográfico. Tal noção, derivada da pragmática, delega à recepção a definição do estatuto da narrativa, entretanto, para que o leitor diferencie uma autobiografia de um romance autobiográfico, é preciso, na obra, haver identidade nominal entre autor, narrador e personagem.

No convento, Maria José, Carmem e Augusta, as meninas enquanto estudantes inquietavam a vida das religiosas e dos padres, uma vez que moravam lá, tinham conhecimento de alguns segredos que tiravam o sossego deles. “Circulava o boato de que havia um subterrâneo ligando o convento das freiras ao dos padres. Nos recreios o assunto principal era esse” (EL, p. 46). Esse comentário provocou a ira da madre superiora ao saber dos boatos, acusando-as de maus pensamentos, sendo punidas na nota das disciplinas.

Madre superiora aparece em dois contextos, o primeiro quando Marina era estudante e o segundo quando ela passa a ser contratada para sala de aula. E o narrador vai apresentando a madre com suas contradições, “Os atos de Madre Superiora estavam em contradição com seus ensinamentos de humildade, submissão à vontade divina, caridade para com o próximo” (EL, p. 50). As contradições não eram relativas apenas ao ensino, mas também à administração do colégio, pois tudo era decidido por ela. Acerca disso, Marina não se esquivou em manifestar as suas opiniões, entretanto pagou o preço ao ser demitida por não concordar com as imposições da madre.

No convento, Marina foi a única professora a não aceitar o acordo com as freiras de “abrir mão” do salário no período de férias, um direito que foi estabelecido por decreto governamental e que as freiras não iriam pagar, pois precisavam concluir os projetos de reforma do prédio. Na cena, ou seja, na reunião, todos os demais professores aceitaram as condições da madre, exceto Marina.

- Para cumprirmos, fielmente, o decreto do Governo referente aos senhores, necessitamos de alguns milhares de cruzeiros. Três meses... Nosso estabelecimento não é rico, em nossa santa Ordem temos o voto de pobreza. Parou examinando o rosto de todos.
 - Confiando na generosidade de meu corpo docente, resolvi pedir um sacrifício! Desejava que os senhores renunciassem as prerrogativas conferidas pelo decreto...[...]
 - D. Marina concorda?
 - Madre Superiora, não concordo.
- Sentiu que todos, admirados, a olhavam. Madre Superiora duvidava do que ouvira. (EL, p. 170).

No dia seguinte à reunião em que Marina expôs o seu pensamento, chegou a resposta, havia sido demitida do colégio. “Nessa ocasião ela tinha sido um obstáculo, e fora posta a margem”. (EL, p. 173).

Na casa da madrinha Edite, onde Marina ficou morando quando saiu do convento, quando não tinha condições de morar sozinha. Convivendo com a madrinha, Marina apresenta reflexões acerca da condição do trabalho feminino, de ser esposa, dona de casa, mãe. Há o filho

Roberto que passa a ter Marina como sua melhor companhia, sentindo o desejo de estar ao seu lado, conversar, aprender a ler e a escrever. E o esposo Augusto, através do qual a protagonista faz críticas ao patriarcalismo, a condição econômica da família, que desperta o desejo dela ser mãe, porém não quer estar submissa a um homem. Há também as personagens que compõem a vizinhança como D. Cafinha, através dela o narrador apresenta o cotidiano da periferia, das curiosidades, das maldades das crianças, umas com as outras, assim como das mulheres.

Diante da relação entre a madrinha Edite e o senhor Augusto, Marina levanta questionamentos de revolta quanto às condições da mulher. Ela acompanhou as condições precárias da casa, do controle da alimentação à mesa, uso da energia, da água, pois o senhor Augusto trabalhava fora, mantinha as contas da casa, mas Edite era quem tinha que fazer o controle de tudo. Após a confirmação de que a madrinha estivera à beira da morte em razão de um aborto realizado em casa, por uma enfermeira contratada pelo senhor Augusto, provocou em Marina grande revolta.

Marina olhou tudo outra vez, sem poder penetrar a beleza da noite, surda aos encantos das estrelas pequenas e longínquas. A conversa da tardinha não lhe saía do pensamento. Era estúpida a situação que obrigara a madrinha a curvar-se as determinações de seu Augusto. Era injusta e abominável a atitude de senhor, que ele adotava, apenas porque concorria com o dinheiro para as despesas (EL, p. 117)

O discurso de Marina dialoga com a terceira onda do feminismo, como assegura Duarte (2003), em que as mulheres lutaram pela dignidade da cidadania, do reconhecimento do seu trabalho, ter direito a fazer escolhas políticas, mas também pessoais por meio do estudo superior, a fim de poder garantir melhor trabalho social.

A mulher seria uma arrumadeira, uma cozinheira, trabalhando de manhã à noite, sem merecer consideração alguma, e, na cama deveria prestar-se a satisfação dos desejos do senhor que gozaria sem se preocupar em saber se aquilo agradava-a, trazia-lhe prazer, ou causava-lhe repugnância (EL, p. 117).

Um discurso atualizado diante das condições de trabalho da mulher, até os dias atuais essa tem sido a bandeira de luta pelas conquistas de espaço das mulheres, como também a visibilidade, o reconhecimento do seu trabalho diário, corroborando com Rago ao discutir o processo de “escrita de si”, uma vez que ao questionar minúcias e detalhes, ela questiona para todas as mulheres.

No entanto, Mariana não perde as esperanças, como boa parte das mulheres em nossa sociedade: “Queria casar-se um dia, ter filho, mas não suportava ter um senhor. Desejava um

companheiro, um homem em que pudesse colaborar em seus trabalhos, estudar juntos e de quem se orgulhasse como pai de seu filho” (EL, p. 117).

Marina faz uma comparação entre o relacionamento da madrinha Edite e o de Maria José, observando a postura dos esposos, Augusto e Miguel, refletindo a postura de cada um na relação conjugal, as estruturas de base que fazem com que haja respeito um pelo outro. Nesses termos, mesmo conhecendo as precariedades críticas da condição da mulher, prevalecem os sentidos adquiridos durante a sua formação educacional e religiosa.

Na escola da periferia, Almirante Barroso, a diretora Edwiges é apresentada como representante do governo, é com ela que Marina irá discutir as condições precárias, de miserabilidade das crianças, nesse sentido o que a escola pública pode fazer em favor delas. A partir das demais professoras, o narrador apresenta ao leitor a perspectiva do magistério, o comportamento delas na escola pública comparado com a escola privada. As crianças da escola podem ser representadas pela aluna Azinete, com problemas familiares, econômicos e sociais.

No dia de chuva na escola estadual Almirante Barroso, como reflexo do povo humilde que mesmo assim, com inúmeras dificuldades lutava por estudar.

Lá vai Mariinha arrastando os tamancos cheios de lama, o vestido ensopado, rôto no ombro. Não pode ficar assim. O mesmo trabalho de sempre: tirar os vestidos, enxugar os corpinhos trêmulos de frio... e colocar a carteira num canto escondido, perto do armário. Antônio e Marina ficaram apenas com a calça de algodãozinho encardido, Valdelice que está com os seios esboçados, ficou com a toalha sobre os ombros
- Não, senhora. O outro tamanco lascou e papai só recebe dinheiro no sábado (EL, p. 53).

Ao passo que Marina conhece a realidade de miséria, pobreza, abandono, fome em que as crianças da Estrada da liberdade vivem, ela começa a se revoltar contra o sistema governamental, os esquemas da direção da escola para obter mais recursos e principalmente o não interesse dos governantes e da população em busca de mudanças. Para a diretora e o médico “Não é nada, com um prato de feijão passa, é fome. É assim mesmo. Você perderá outras crianças, vá se acostumando.” (EL, p. 54).

Na casa da amiga, Maria José, do tempo em que estudava no convento ela conhece Miguel seu esposo, Paulo amigo da família. Neste espaço o narrador desenvolve a atividade que se tornará recorrente nos demais romances de Alina Paim, sendo uma marca de suas protagonistas; a descoberta de leitura dos autores socialistas, espaço para a leitura, para o debate, e o estudo dessas obras. Foi o que ocorreu com Marina, que compara as leituras realizadas no período do colégio, no convento com as novas descobertas.

Miguel, esposo de Maria José, que possibilitava a Marina refletir sobre as relações sociais que envolvem o processo educacional, tem uma função para a construção do pensamento dela:

– Miguel diz que falta uma finalidade, um ponto de vista, não encontro o termo. (Parou buscando recordar-se da expressão exata). Sim, falta um credo que dirija o interesse dos funcionários públicos tornando úteis as suas atividades. Diz ainda que se eles acreditassem em alguma coisa produziram muito, deixariam de ser fúteis, sem personalidade; de bonecos manejados pelos chefes de repartição tornar-se-iam seres conscientes”. (EL, p. 41, 42).

Com este discurso de Maria José, Marina teve interesse em conhecer Miguel, e quando isso ocorre, verificamos uma atitude recorrente nos romances de Paim, o incentivo à leitura de obras socialistas, que tem como objetivo ampliar a reflexão dos sujeitos leitores.

Marina fica inquieta e deseja encontrar uma possibilidade de mudança, o que começará a ocorrer a partir da leitura de romances indicados por Miguel, os dois primeiros são *Capitães da Areia* e *Jubiabá*, ambos de Jorge Amado, o que possibilita a personagem compreender a sociedade. Os constantes diálogos com Miguel e as leituras indicadas por ele estavam mudando as concepções de vida para Marina, atribuindo o caráter de formação da escritora engajada: “Segurando o volume pensou ainda em Miguel. Os últimos livros que ele lhe emprestara cresciam, cada vez mais em intensidade, revolucionavam as ideias e destruíam a concepção errada que formava do mundo” (EL, p. 95).

Os encontros passam a ocorrer com maior frequência com Maria José, Miguel e demais amigos discutindo as leituras, o processo de debate coletivo, a realidade, as condições da sociedade, o que a tornava mais humana, fazia pensar sobre as diferenças entre os demais professores de ambas as escolas, analisando o comportamento, o que passava a ser ensinado nas escolas e compreende que é necessário alertar as moças que estudam no convento, “Aquilo tudo num livro serviria mais. Diria com detalhes, usando as mesmas palavras das freiras, quanto mais real mostrasse aquele ambiente e descobrisse todas as mesquinharias, mais influência teria sobre as alunas” (EL, p. 163).

Crescia em Marina o desejo de justiça, de humanização para todos, independentemente de classe social, fazia duras críticas ao comportamento dos professores da escola pública, apontando que a educação precisava de mudanças.

Outro despertar provocado em Marina refere-se ao desejo pela maternidade, cada vez que se encontrava com Maria José e observava as transformações na amiga, ela se questionava sobre quando seria mãe, chegando a declarar este desejo. Questionamos, a partir dessa informação, um desafio atual vivenciado por muitas mulheres trabalhadoras, o de querer

investir em sua profissão e o de querer investir em sua vocação. “– Maria, quando vejo você e Miguel tenho vontade de me casar. Quero ter um filho. A vida da mulher só deve ter significação unida a de um companheiro. E os dois serão completos tendo filhos” (EL, p. 126).

Dentro do processo de “escrita de si”, destacamos que nessa primeira obra, o processo de formação da autora está vinculado à valorização da leitura para estabelecer os seus fundamentos e critérios e no ato da escrita, que perpassará em seus romances, a narrativa apresenta a busca pela expressão artística, uma luta contra obstáculos criativos e as influências que moldam a visão única do artista. A autora traz a tensão entre a vida artística e as demandas da sociedade, bem como as lutas internas do artista consigo mesmo. Trata-se de um percurso literário que concentra na narrativa o desenvolvimento mais ideológico de um protagonista, destacando as complexidades da jornada do artista para encontrar sua voz e identidade criativa.

Marina sentiu vontade de esclarecer todas aquelas moças entregues a influência das freiras.

Se pudesse avisá-las...

Enquanto se dirigia para a Almirante Barroso, Marina achou um meio de avisar às moças do convento. Havia de contar tudo a Paulo, faria uma sugestão. Aquilo tudo num livro serviria mais. Diria detalhes, usando as mesmas palavras das freiras, quanto mais real mostrasse aquele ambiente e descobrisse todas as mesquinharias, mais influência teria sobre as alunas.

Ia contar a Paulo, ele devia escrever o livro.

Melhor – talvez fizessem o livro juntos (EL, p. 163).

O narrador registra a literatura vista como uma estratégia, um projeto de mudança social, a necessidade da escrita diante das condições sociais, e que se repetirá nos demais romances, até a formação da escritora. Refletindo sobre o recurso da memória construída ao longo da sua jornada literária, tendo o livro como uma fórmula de revolução, observamos também o procedimento da “escrita de si”, sempre preocupada em se colocar no centro da escrita, pois de acordo com a entrevista de Alina Paim,

[...] Falei para meu marido, que logo sugeriu para colocar no papel tudo o que eu pensava. [...] Certa manhã, enquanto Paim banhava, disse-lhe: ‘marido, aqui tem três pastas: o original e duas cópias datilografadas. Quero uma ajuda sua por favor, leia e diga-me se isso é um romance’ (Paim, 2019, p. 258).

Alina Paim contou com a ajuda, a colaboração de Isaías Paim para a validação do seu primeiro romance, enquanto Marina pensa em colaborar com o companheiro Paulo para a escrita de um livro.

No período das férias, Marina viaja para visitar seu pai, no interior de Sergipe, onde trabalha com o tio em uma usina (parece antecipar aqui o enredo de *A sombra do patriarca*). Quando entra no trem, a personagem começa a refletir sobre tudo o que vivera durante todo ano. A decepção com o salário recebido no convento, como uma forma de exploração do seu trabalho, a ironia e hipocrisia presentes nos sorrisos das freiras. A possibilidade de ter vencido no concurso, a descoberta das misérias vividas por tantas crianças. Novos amigos, novas leituras, o olhar sobre as casas pobres, a comparação entre o matrimônio da madrinha, uma relação de exploração e desvalorização e o de Maria José com Miguel. Enfim, “A Estrada da liberdade fora sua escola e seus mestres: Alvaísa, Carlos Goes, Arcanja, Mariinha, Alfredo e Azenete e todos os pequenos de pernas sujas de lama e barriga vazia. Eles eram os milhares” (EL, p. 177) “Tornara-se mais humana” (EL, p. 178).

Assim como Marina vai passar as férias em Sergipe, Alina Paim também registra em entrevista que, pelo fato de ter concluído os estudos no convento da Soledade, ganhou como presente uma viagem a Sergipe, pois “o pai estava entusiasmado porque a superiora já o havia chamado e dito que teria surpresas. Disse-lhe que eu formaria com o máximo de distinção” (Paim, 2019, p. 256).

Na viagem de férias, o narrador anuncia a existência do tio poderoso, rico, dono de usina, onde o seu pai trabalhava. Aqui o tio é chamado de Natércio, porém no terceiro romance a autora irá apresentar ao público o tio Ramiro, no romance *A sombra o Patriarca* (1950). O leitor não fica preso ao que seja biografia ou não na escrita de Alina Paim, que continua apresentando a sua “escrita de si”, trazendo a literatura para dentro da literatura. Contudo, há pistas referentes ao projeto literário que são colocadas nos textos, intercalando realidade e ficção, uma escrita inovadora para a década de 1940, que buscava educar, formar o povo, o que possivelmente pode ter afastado a escritora dos grandes e importantes manuais de história da literatura brasileira.

Nessa primeira obra, observamos a relações da “escrita de si” com a autoficção. Mesmo não se nomeando igualmente, nem pretendendo fazer uma autobiografia, o primeiro romance de Paim nasce de um projeto que relata sua formação pela educação religiosa e como essa educação tornou-se inóspita diante das agruras sociais. Esse exercício de escrever a partir de sua experiência vai ser retomado na terceira obra escrita, *Simão Dias*. Nessa, Paim retoma fatos vividos antes de sua formação no internato em Salvador e traz diversos nomes de sua família, reforçando marcas estéticas que borram as fronteiras entre o autobiográfico e o autoficcional como veremos a seguir.

4.2 UMA ESCRITA AUTOBIOGRÁFICA EM *SIMÃO DIAS*

O romance *Simão Dias* (1949) traz maior aproximação com a autobiografia. Encontramos nele uma cronologia que mais se aproxima com as vivências da própria escritora, uma narrativa que está mais diretamente ligada aos fatos decorridos desde a sua infância, como a manutenção dos nomes de alguns parentes, da descrição dos ambientes, do cotidiano da cidade, das condições ímpares dos moradores da vizinhança e dos seus sentimentos de infância.

Romance inserido no contexto estético literário da terceira fase do modernismo brasileiro, conforme Coutinho (2004), pode ser observado através da escrita de Paim, com a caracterização das personagens tipo, habitantes da cidade que dá o título ao romance, a aproximação com os aspectos psicológicos, oriundos de suas experiências de parte da infância vivida na casa dos avós, após o falecimento da mãe, mantendo os nomes de alguns parentes no texto ficcional, atribuindo o conceito de romance autobiográfico. Outro importante fator a ser observado são os problemas descritos, retratados pela autora, as condições sociais da região, a situação de precariedade e submissão em que vivem as mulheres, vistas como elemento central da narrativa.

Acerca dos traços psicológicos e sociais presentes em *Simão Dias*, pode o leitor se questionar sobre o espaço que a escrita de Paim pode ou deve ocupar, como classificar os seus romances, se sociais ou psicológicos; encontramos a resposta no discurso da própria autora em entrevista concedida a Mauritôni Meira, do jornal Última Hora, em 1954. Sobre essa questão Paim afirma que,

Considero um pouco arbitrária essa divisão. Penso que todo romance psicológico já é um romance social. Com a importância cada vez maior da vida social, o romance reflete com mais densidade, interesses, acontecimentos, aspirações coletivas. O romance psicológico é no fundo romance social. Por exemplo: um “Adolfo”, de Benjamin Constant, um “Vermelho e Negro”, de Stendhal, são típicos romances sociais, expressando através da psicologia dos indivíduos, a vida da sociedade. Balzac é por excelência, um romance social. O exemplo de romance psicológico que está em Proust, reforça nosso argumento, Proust fez romance social ao fazer a análise e a pintura de seus personagens. A diferença hoje é que existe uma corrente que pretende explorar o “psicologismo” mais como simples maneira, uma posição política, tentando desviar o romance dos tradicionais caminhos que vem seguindo dentro da vida social. Mesmo assim fazem romance social, tomam como romancistas, uma posição política definida (Paim, 1954, p. 6).

Uma entrevista que provocou a sociedade de escritores, pois a autora deflagra uma nova fase, que para se fazer romance o escritor tem que sair do seu gabinete, precisa ir ao povo, conhecer as diferentes realidades de vida, e como ela mesma afirmou “todo romance

psicológico já é um romance social”, pois não há como dividir o indivíduo. Alina Paim olha para o ser humano como um elemento completo e complexo. A entrevista havia sido motivada pela propaganda do lançamento do romance *A hora próxima* (1955), para o qual a escritora de fato saiu do seu território, foi a campo conhecer as pessoas/personagens e esses mais tarde a procuraram para contribuir com a escrita e publicação do livro.

Em *Simão Dias*, Alina Paim apresenta-nos a personagem, protagonista, Maria do Carmo, com uma carga biográfica de sua infância, uma liberdade de escrita acerca das condições políticas do final da década de 1940. A escritora observa o espaço do texto para realizar diversas denúncias, o que acaba não agradando a família, principalmente por manter a realidade de sua temporada na casa dos avós na ficção. Corroborando com o trabalho desenvolvido por Rosa Gabriely M. Fontes (2018), cujo título “A representação feminina no contexto social dos romances *O Cortiço* e *Simão Dias*: um estudo comparado”, ao afirmar que “é como se ela estivesse ali de favor e, por isso, tem que ajudar com os afazeres domésticos para compensar a sua moradia, desde pequena é ensinada a cuidar da casa e a fazer as coisas que uma mulher adulta faz dentro do lar” (Fontes, 2018, p. 38).

A artista está inserida no romance a partir das suas memórias, pela ficção, como também pela formação da artista, perpassando a infância, pelo desejo de ser como tia Luísa, de ter a liberdade de escrever suas confidências, de lecionar preparando os jovens para estudar nas capitais.

Do Carmo vivia na casa dos avós maternos, Bernardino e Dona Carolina, junto às tias solteironas Iaiá, Elisa e Adélia, tia Luísa era casada. Narrado em terceira pessoa, segue costurando as lembranças da autora, que refletem as dores de infância, sob a tutela dos parentes, os quais a colocam nas obrigações da casa, como passar o dia fazendo as rendas de bilro.

Tia Iaiá era a mais cruel, quem mais castigava Do Carmo, que por tudo e por nada apanhava de palmatória, ficava de castigo por qualquer coisa. Muitas vezes parecia se vingar da menina por se ter caído no esquecimento dos homens.

Aos sábados, após suas obrigações, Do Carmo sempre ia à casa de tia Luísa, no entanto ela estava estranha, olhar distante, sempre triste, magra, então a tia resolve que,

- Vou subir, Maria. Não é para descansar, como já disse há pouco. Vou escrever coisas que estou sentindo.
- Por que, tia Luísa?
- Não sei dizer, Maria, mas é preciso senão sufoco. Está vendo este caderno amarelo? - continuou abrindo a gaveta do balcão. - Se um dia me acontecer qualquer coisa, você tem que queimá-lo. Fará isto para mim?” (SD, p. 65).

A personagem de tia Luísa traz a representação do sentido da “escrita de si” mais explanado por Foucault (2004), o de expurgar os sentimentos mais íntimos e pessoais. Sendo assim, ele esclarece que a “escrita de si”, ou autoria de si, refere-se ao processo pelo qual os sujeitos se engajam em práticas discursivas e reflexivas para explorar, compreender e moldar suas identidades, suas subjetividades. Essas práticas podem incluir diários, cartas, confissões, autobiografias e outras formas de escrita pessoal.

Enquanto Luísa se desdobra entre cuidar da loja, da casa, do marido e das aulas, as irmãs continuam mergulhadas nas fofocas, na amargura do passado, no tempo em que ficaram esperando um grande amor e que nunca chegou, nos julgamentos da vizinhança, desconfiando de todos e Do Carmo vai, pouco a pouco assimilando essa lógica de pensamento da vida, as diferenças entre homem e mulher, continua a trabalhar com as tias seja bordando, fazendo doces ou limpando a cozinha com a avó dona Carolina.

A avó representa o governo, é o sustento da casa, tanto com as obrigações corriqueiras quanto com as encomendas de doces e bolos. Em dona Carolina, está também a raiz do racismo, do preconceito, como quando está diante de Maria Pequena, a engomadeira e se manifesta também com o Argelino, o menino que deve fazer as entregas das encomendas, outro momento é em relação aos pedintes que aparecem aos sábados na feira. “— Veja se vai chegar em casa do coronel com as vendas arregaçadas, como se estivesse farejando. E nada de regalias, tratar todo mundo com respeito: ‘Sim, senhora’, ‘não, senhora’, cada um em seu lugar. Pouca conversa. Em boca fechada não entra mosca” (SD, p. 116).

Do Carmo fica admirada com tia Luísa, que não tem receio de responder aos insultos do pai Bernardino, pois a tia tem marido, casa de sobrado, loja e alunos. Do Carmo começa a desejar ser como tia Luísa, mas vê a impossibilidade diante de tantas humilhações por não ter pai nem mãe e o avô não possuir posses. “Seria bom ser como tia Luísa: ganhar dinheiro e falar grosso. Dinheiro que rendesse como o de tia Luísa; o de Iaiá e Adélia tinha jeito de cágado, andava devagar, chegava pingando aos bocados” (SD, p. 15), com o olhar diante da emancipação das mulheres, ela prossegue criticando o conservadorismo.

Os sonhos da menina Do Carmo são colocados como impossíveis diante do querer do avô, o que nos possibilita o registro de mais uma denúncia, de que as mulheres não poderiam sonhar, pois o sonho só era possível diante do querer paterno. “Seria bom ser como tia Luísa. Coisa difícil. Quem iria gastar para que ela estudasse? Sem pai nem mãe, devia receber caçada o que lhe desse, ficar agradecida e beijar na mão. A mão do avô não beijava mais, estava resolvido” (SD, p. 15), pois beijar a mão do patriarca como sinal não de respeito, mas de submissão para sobreviver, para ter o direito a receber o pão de cada dia.

O diretor do grupo também lhe dissera isto uma vez. [...] E ele dissera, olhando d. Agripina: ‘Garota esperta, irá longe. Deve ser aproveitada’. Ficara radiante, mas baixara voo ouvindo o comentário da professora: ‘- É difícil. O avô não tem posses’. Sentara-se devagar, olhos cheios de água, ouvidos doendo de ouvir ‘Irá longe, irá longe’ e o coração responder: ‘Não vai para lugar nenhum. Você não tem pai nem mãe’. (SD, p. 126)

Se lermos “ao pé da letra” a afirmação de Graciliano Ramos “Nenhum excesso de imaginação”, podemos refletir sobre as dores físicas e psicológicas que a escritora sentira e que a fizeram construir e concretizar os seus sonhos.

A partir da reflexão de Do Carmo, podemos verificar a possibilidade de a menina estudar, diante de suas capacidades e a impossibilidade diante da sua orfandade. Ao tomar conhecimento do sofrimento de Do Carmo, tia Luísa a convida para fazer o curso à tarde na turma dos alunos que irão estudar em Aracaju. “Você estudará, Maria, terá dinheiro seu, sua vida será diferente. Farei tudo pra você não passar o que estou passando” (SD, p. 139), a tradução de liberdade feminina tão almejada durante o romance, não só por tia Luísa, mas também pela avó Carolina, tia Iaiá, tia Elisa, tia Adélia dentre outras tantas mulheres citadas ao longo do romance.

Tia Luísa trabalhava na loja de tecidos do marido Terêncio, mas também quis garantir fazer o que lhe dava alegria, ensinar. E na sala das aulas particulares, onde comandava os estudos dos futuros jovens na capital, refletia sobre a condição de cada um, principalmente a diferença entre os meninos e as meninas. “Os meninos irão conseguir se estabelecer, mas as meninas terão que retornar em vista de um casamento ou de cuidar da família, podendo se tornar mais uma solteirona” (SD, p. 90).

Após a morte de Terêncio, Do Carmo segue para a casa de tia Luísa a fim de ajudá-la nas tarefas necessárias, e declara que,

Não queria voltar nunca ao tempo de criança, sofrer sem piar, engolir choro quando o coração doía ferido por palavras imprudentes e injustas, sufocar lágrimas com um nó na garganta, porque menina que chora sem apanhar está fazendo manha, e para manha só há um remédio – palmatória. Criança aguenta muita judiação, recebe o torto e direito pontapés dos grandes. Sentia alívio quando se media com tia Luísa. (SD, p. 254)

Do Carmo e tia Luísa, juntas, tornaram-se mais fortes, conquistando voz na sociedade, podendo fazer e ser o que desejassem, a força das duas mulheres fez sentirem a liberdade. “Juntas abandonariam Simão Dias. Longe daquelas serras, havia de revelar-lhe o segredo da

liberdade da mulher, para que Maria não ferisse as mãos despedaçando as amarras do balão cativo” (SD, p. 265).

A determinação de Luísa e de Do Carmo reflete a escolha pelos estudos e por uma profissão. Podemos comparar o trabalho da professora Luísa com o das suas irmãs e o de sua mãe, dona Carolina, no qual o primeiro possibilita a liberdade e o segundo aprisiona às obrigações do lar, do cuidado com o marido sob ameaças, julgamentos e agressões verbais.

Quanto à perspectiva da escrita de si, Simão Dias traz diversos elementos autobiográficos uma estratégia narrativa de privilegiar o espaço da mulher. Tais marcas estéticas são definidoras das primeiras obras de Paim. Nesses primeiros romances, prevalece um olhar intimista para o passado. A autora ainda escreve a partir de suas experiências, e suas narrativas se aproximam de escritas autobiográficas, pois não querem revelar uma verdade, “mas uma forma de construir uma narrativa sobre a própria vida” (Lejeune, 2008, p. 16).

4.3 A “ESCRITA DE SI” NO ROMANCE *SOL DO MEIO-DIA*

Nesta seção vamos argumentar o quanto a literatura de Paim consegue se desvencilhar das amarras estéticas impostas pelo realismo socialista por meio de uma “escrita de si” intimista. Como já antecipamos, as obras *A hora próxima* e *Sol do meio-dia* são as que nascem de projetos do PCB de divulgação de uma literatura mais didática, um romance de propaganda, encomendado, assim como fora com a primeira. Todavia, Paim consegue resistir ao sufocamento dessa estética em seus romances com uma tônica memorialista, voltando o olhar para os problemas da sociedade.

Na sequência, contextualizaremos essas duas produções antes de passarmos para identificar as marcas dessa escrita de resistência.

De acordo com a pesquisa de Gabriel Moura Silva (2022), com o tema “O Comunismo é como o vento, quem segura o vento quando ele começa a soprar?”⁴⁷: Produção cultural e cultura política na trajetória intelectual de Alina Paim (1944-1956)”, durante o período mencionado, houve uma mudança significativa na produção de ideias, com o fortalecimento do stalinismo e a prevalência de um ideal único e centralizador. A intelectualidade brasileira, especialmente ligada ao PCB, adotou essas ideias, particularmente após 1947, quando o partido voltou à clandestinidade. Durante esse tempo, o realismo socialista se tornou o modelo estético oficial da cultura política comunista no Brasil. O PCB intensificou a intervenção pública de seus

⁴⁷ A oração “O comunismo é como o vento, quem segura o vento quando ele começa a soprar? Está no romance *A hora próxima*, (1955)

intelectuais em diferentes órgãos, como a ABDE, que se tornou uma extensão do partido em 1949.

Apesar da repressão nos meios de comunicação ligados ao PCB, discursos e artigos que promoviam a estética do realismo socialista eram republicados regularmente. Compreender as apropriações do realismo socialista no Brasil requer uma análise complexa. No final dos anos 1940 e na primeira metade dos anos 1950, o realismo socialista atingiu seu ápice no país, enfatizando o papel do partido na formação da consciência revolucionária do proletariado e na superação das injustiças sociais. “Os discursos que originaram a estética realista socialista, proferidos por Andrei Zhdanov, em 1934, são republicados sistematicamente; além de diversos artigos políticos-pedagógicos e, que apenas pelos títulos, indicam suas intencionalidades” (Silva, 2022, p. 110).

Nesse contexto, Alina Paim é convidada por Jorge Amado a escrever sobre a greve dos ferroviários, ao que ela concorda e se desloca para Cruzeiro (MG), a fim de conhecer de perto a realidade, ouvir as histórias e poder contar no romance intitulado *A hora próxima*, que só foi publicado em 1955, após uma série de ajustes solicitados pelo próprio partido e ter sido censurado pelo governo. O que observamos é que mesmo sendo um romance de cunho histórico, precisando seguir as ideologias impostas pelo partido, com referências ao manifesto comunista, Alina Paim ainda consegue imprimir sua subjetividade diante dos fatos ocorridos naquela situação.

No romance *A hora próxima*, um grupo de mulheres com suas crianças param a locomotiva 437, enfrentam o delegado, o prefeito, o padre, o olhar censurador das outras mulheres, no entanto, Jandira, Dolores, Marieta, Cecília, Leonor, D. Palmira lideram a greve com o objetivo de seus maridos receberem os salários atrasados, alcançarem um reajuste, e a manutenção da quitanda. No decorrer da greve, uma criança morre de fome, outra adoece, muitas histórias de famílias que sofrem com a estrutura do trabalho na ferrovia.

Jandira, Sílvia, Telésforo, d. Palmira e Angélica encaravam o delegado, à espera do discurso. Reparando melhor a cara do homem, julgaram mais acertado substituir discurso por descompostura. Com os olhos faiscantes, indignado, antes de falar passou a língua nos beiços ressequidos.

- Que querem vocês acomodadas na linha? Vamos, todo mundo para suas casas, se não saírem por bem, sairão pela força.

Cravando as unhas na palma da mão, Jandira avançou dois passos e, de cabeça erguida, olhando firme dentro dos olhos do delegado, respondeu num desafio.

- Queremos que nossos maridos sejam pagos! Queremos o abastecimento da Cooperativa!

Malcriada hem? – pensou o delegado. Cortaria essa ousadia pela raiz, apertaria os freios. De rédea curta, mulher pode querer tudo, dinheiro, seda, tapetes e

vinho, até a lua, mas nos limites do bairro, varrendo a casa, esfregando as panelas, sossegada como ovelha. (AHP, p. 15-16).

São situações de enfrentamento entre as mulheres e as autoridades da cidade em que elas são humilhadas, tratadas com indiferença e para a negociação não são ouvidas e nem tem a possibilidade de fala.

No interior do romance verificamos alguns momentos panfletários referentes aos manifestos, de apoio ao sindicalismo, a luta dos operários, ou seja, informações necessárias para que o romance se adequasse às imposições do realismo socialista para poder ser publicado.

Nas oficinas havia o preto Sebastião que sabia de cor o ‘Manifesto’, fora quem primeiro lhe falara em comunismo. Em torno do preto, reuniam-se quase sempre os analfabetos e sua voz se fazia ouvir horas seguidas. ‘Proletários de todos os países uni-vos’. E dentro do silêncio pesado de emoção, mais forte que a miséria era a esperança que nascia. [...] Silvio não tinha boa memória mas a voz do preto imprimira em sua lembrança pedaços do ‘Manifesto’. ‘Homens livres e escravos, patrícios e plebeus, mestres e oficiais, em uma palavra, opressores e oprimidos...’ e a luta se desencadeava pelos séculos até chegar a hora deles, do homem que falava e dos que o escutavam contendo respiração” (AHP, p. 111).

A narradora vai percorrendo os fatos, elencando com os discursos socialistas, entremeando com as emoções, romances e esperança de que as diversas famílias envolvidas na greve ferroviária pudessem ter condições de vida melhores.

Essa obra nos remete ao debate da importância dos escritores se envolverem com as questões sociais. De acordo com Edward Said (2005), os intelectuais têm a “responsabilidade de se engajarem ativamente com questões sociais, políticas e éticas de seu tempo”. Esse intelectual não deve apenas analisar e criticar, mas também agir de forma direta e comprometida com os problemas reais, a fim de promover mudanças significativas. No caso da escritora Alina Paim, verificamos que ela não apenas interpreta a realidade, mas passa a viver os problemas dos trabalhadores e suas famílias, quando se desloca para as cidades onde estavam os principais focos da greve antes de escrever *A hora próxima*.

Quando relacionamos a “escrita de si” ao processo de acúmulo de experiência e sabedoria, podemos destacar que Paim explorou não só sua formação como leitora, mas foi a campo conviver com os operários e lutar com eles. Assim, essa fase de sua literatura é definida por compartilhar tais experiências políticas, reforçando uma “escrita de si” preocupada com o social, com o outro, em uma relação de alteridade.

Em *A hora próxima*, a postura engajada da autora segue as orientações da estética socialista ao privilegiar a luta como uma aprendizagem. São inúmeras mulheres envolvidas no

processo, desde o primeiro piquete até a negociação com os políticos, delegado, diretor da agência ferroviária. Jandira, Angélica, d. Palmira, Margarida, Dolores, Rita e Leonor, essas mulheres foram capazes de parar uma locomotiva, a 437, com um brado para que o maquinista parasse, as crianças presentes também gritavam “- É a fome! – É a miséria! – É a greve! A greve! A greve!” (1955, p.8). Mulheres donas de casa, mães, e conhecedoras do funcionamento das máquinas, podiam até operar nos trilhos, tinham conhecimento como seus maridos. Elas protagonizaram um momento histórico. Tal narrativa relata fatos ocorridos e são ficcionalizados, no que se transforma em um romance do povo.

Essa obra é a que mais segue as orientações da estética imposta pelo PCB. Ela obteve uma boa divulgação, mas foi questionada quanto a sua qualidade, pelos colegas intelectuais de esquerda que consideraram com um panfleto partidário. Diante de tantas críticas, consideramos que Alina Paim passou por um processo de revisão desses procedimentos de criação até apresentar o romance *Sol do meio-dia*, que traz uma perspectiva mais intimista da estética social. Mesmo sendo uma obra que sofreu interferências dos censores da editora, esse romance retoma aspectos das primeiras obras e pode ser considerado o momento de maturidade da escrita social de Paim.

Mas devemos lembrar que esse romance foi o primeiro colocado no concurso de romances inéditos “Manuel Antônio de Almeida” em 1960, pela Associação Brasileira do Livro, cujo prêmio foi no valor de CR\$100 mil, conforme noticiado no jornal do Brasil, por Mauritônio Meira⁴⁸. Esse era um concurso promovido pelo partido por seus pares de escritores intelectuais. Portanto, mais uma vez é uma obra que recebe apoio financeiro de órgãos de esquerda. Sua recepção pelo olhar político talvez seja um dos motivos para essa obra ter sido esquecida rapidamente. A obra foi comemorada pelos colegas. Jorge Amado, no prefácio, afirma que esse romance traz a “língua viva e colorida” do povo. Mais uma vez, observamos que a apresentação de Paim como professora é uma estratégia de divulgação. Nesse momento, ela era uma das principais intelectuais do PCB, mesmo assim, nada dos seus atributos políticos são apresentados para o público leitor como podemos perceber nas palavras de Amado: “Tratando da professorinha no bairro operário denso de problemas na capital da Bahia ou de velhas solteironas nas cidades mortas do interior de Sergipe ou de valentes trabalhadoras nas greves das ferrovias, uma unidade marca sua obra: a compreensão e a solidariedade humanas” (1961, p. 8). Portanto, há a insistência em marcar Paim como uma escritora preocupada com o outro, sem valorizar uma escrita de si, carregada de experiência como intelectual de esquerda.

⁴⁸ Anexo 19. Jornal do Brasil, 1/06/1960, página 6, Rio de Janeiro.

https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_08&Pesq=Alina%20Paim&pagfis=5648

Junto a essa tentativa de invisibilizar a postura intelectual de Paim, o partido proibia abertamente a valorização do feminismo.

Assim, mesmo produzindo uma obra com o protagonismo feminino e com a sororidade entre as mulheres, Paim não podia admitir que era uma feminista por questões partidárias como podemos observar em sua entrevista à jornalista Beatriz Bonfim, ao jornal do Brasil⁴⁹, quase duas décadas depois, quando é questionada sobre o título de feminista:

- Claro que sou favorável à afirmação da mulher, mas não em contraposição ao homem. O problema da mulher não é isolado, como nenhum outro. Beatriz Bonfim: Alina admite que as suas preocupações em torno do problema da mulher tenham refletido em seus livros?
- Sinto-me mais segura quando construo uma personagem feminina, penetro mais no seu universo psicológico. Mas é bom não esquecer que há excelentes personagens femininas criadas por homens; e para citar só dois autores, recordemos as de Tolstoi, e de Érico Veríssimo (Paim, 1979, P. 11).

Assim, apesar de reconhecer que a mulher está no centro de sua literatura, ela ainda defende uma postura conservadora em suas falas. Todavia, sua literatura pulsa um intimismo feminino que vai além. Por ter focado no intimismo de personagens femininas transgressoras, para a crítica literária contemporânea não há como negar que sua ficção dialoga com as lutas feministas do século XX.

Como exemplo de um personagem feminista, temos a protagonista de *Sol do meio-dia*, a jovem Ester, uma nordestina que sonha com um bom trabalho na capital, todavia se depara com assédios e preconceitos e resolve ser uma escritora. Ester mora em uma pensão no Rio de Janeiro e namora Osvaldo, dedicando-se à militância do partido. Ela é uma jovem que conversa com os moradores da pensão de D. Beatriz e tenta ajudá-los. Essa pensão é um espaço de sujeitos que buscam dias melhores e sonham com mudanças,

Com essas marcas particulares da protagonista, uma mulher que tenta o mercado de trabalho, que se prepara com uma boa educação, mas é controlada por diversos discursos patriarcais e ideológicos passando, assim, a acreditar na escrita literária como uma saída social. Tecnicamente, é um romance que não apenas nos oferece uma visão do processo de criação da escrita de Alina Paim, mas também aborda questões políticas relacionadas ao lugar do intelectual na sociedade.

⁴⁹ Anexo 17. Jornal do Brasil, 16/06/1979, Edição 69. Rio de Janeiro.
http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030015_09&pagfis=142285

O romance é construído no espaço de uma pensão, uma casa amarela de dois andares. Dona Beatriz era a dona é uma mulher de olhar acusador e carente. Ela queria controlar a vida de todos que ali moravam, principalmente das hóspedes. Era casada, tinha uma irmã e um filho, o qual todos desconfiavam que o menino seria de Helena, sua irmã.

A protagonista Ester, que vivia no Rio de Janeiro, sem família, moça do norte, morava há 18 meses na pensão e costumava fazer diversas observações a respeito da postura dos demais pensionistas, mas as suas ponderações eram sempre no sentido de poder dialogar, conhecer, colaborar.

Enquanto Ester ficava a observar o silêncio permeando a pensão após o momento do jantar, era como se cada um voltasse a se isolar em cada quarto, com seus problemas individuais. Entre os dias de convivência nesse espaço, D. Beatriz ia tecendo ao vento comentários sobre a gravidez, as dificuldades de amamentar Jorginho, ou seja, ao longo da narrativa, essa postura de D. Beatriz vai deixando evidências de que a sua única preocupação é com as conveniências sociais, com os deveres de uma mulher perante a sociedade; ao contrário de Ester que buscava não estar isolada, tentava encontrar na militância a alegria de não estar só, muito menos triste.

Ester tinha sempre na lembrança a presença do professor Virgílio, o seu vizinho de infância, na cidade de Paripiranga, que a ajudou a ler, ensinou a traduzir e a datilografar. Ele se orgulhava de ter preparado a doce menina para a vida sem sombras, sem incertezas. Refletindo sobre o slogan da luta da militância: “Pão, terra e liberdade” (SMD, p.33), Ester diz que acrescentaria o Amor, “o amor no seu coração trazia o deslumbramento do sol do meio-dia, sol que não faz sombras” (SMD, p.34).

Observamos o caminho de crescimento, de amadurecimento de Alina Paim enquanto escritora, romancista e a relação com a protagonista construída, representando os conflitos da artista do romance, desde o desejo de escrever, que surgiu aos 12 anos, até a sua concretização, se reconhecendo como artista, como romancista.

A trajetória dessa protagonista também nos remete ao passado de Alina Paim no Nordeste, ao regatar as memórias vividas em Paripiranga (BA), os ensinamentos do professor Virgílio, como o francês e a datilografia, o que foi necessário e imprescindível para a manutenção dela na capital carioca e a definição de sua profissão, de romancista. Os esforços do professor em ensinar a literatura mundial, a língua francesa e a datilografia ocorreram diante do fato de Ester querer dar continuidade aos estudos, mas o pai por ora a impedira: “Sem ter quinze anos, saia abaixo do joelho e dente de siso, não fica longe de minhas vistas” (SMD, p.48). Esta era a recomendação do pai quando a filha manifestou o interesse em querer cursar o ginásio em Aracaju.

Que teria acontecido se não existisse aquela sala de janelas baixas como refúgio, quando depois da morte do pai compreendeu não haver mais ginásio, carreira de professora, nada do que ardentemente desejava? Que teria acontecido sem aquela amizade quando viu diante dos olhos como destino o casamento absurdo com filho de fazendeiro ou a sina amarga de solteirona? Possuiu dois pais: ao primeiro, devia a vida; ao segundo o futuro e o caráter (SMD, p. 51).

Ester questiona o direcionamento de sua vida, como também a condição de trabalho das mulheres de sua cidade. Quanto à pensão, ela se depara com uma série de histórias de homens e mulheres que tem muita dificuldade em exercer dignamente uma profissão ou um trabalho. Como as condições relatadas sobre a dona da pensão, Beatriz, uma mulher que aparenta uma grande força, mas diante da própria família se encontra a fraqueza, uma vez que tem na irmã Helena, a angústia de não controlá-la, de não conseguir fazer com que a imite, tinha mesmo era medo da irmã mais moça, medo de falar, cobrar, das respostas ríspidas, pois tinha ainda sob as costas a responsabilidade de dar prosseguimento e honrar toda a família, já que a mãe declara: “Você, minha filha, é o homem da família. Depois da morte de Gustavo, além da Providência, devemos nossa vida a você. Deus a abençoe, Beata” (SMD, p. 46).

Dona Beatriz aparenta uma grande fortaleza, entretanto o medo do julgamento das pessoas em relação a sua irmã Helena, sobre o seu filho e seu marido, a perturbam e todos acabam descobrindo a verdadeira face dela. Enquanto isso, Ester é a que observa os passos dos hóspedes, da própria dona Beatriz, das relações entre as pessoas que habitam aquele espaço da pensão, que ora se assemelha ao *Cortiço*, de Aluísio de Azevedo, mas “Nos cinco anos de pensão, tinha aprendido que o melhor sistema de viver sem aborrecimentos era cumprimentar a todos e passar a chave na porta do quarto” (SMD, p.61). Era o que Ester costumava fazer, mas nem todos a deixavam, sempre tinha alguém precisando de um conselho, de uma palavra amiga, de compreensão ou orientação.

Das famílias pensionistas a de Dr. Lauro se destaca, chama a atenção dos demais hóspedes o fato de um médico psiquiatra estar morando em uma pensão, como afirma a própria filha, Luciana “- Esperando o “O” com penachos, o senhor de médico passou a hóspede crônico de pensão” (SMD, p. 18). Um comentário que gerou reações no pai, confusão na hora do jantar, D. Áurea, a esposa tentando de toda forma acalmar os filhos e o esposo, sem sucesso, pedindo apoio até para Ester, que só observava, até que o filho Sérgio repentinamente dispara:

- Já é hora de abrir os olhos. Então não compreendeu ainda, papai, que médico não é nenhum privilegiado? Com o governo que aí está, médico vai ficar ainda mais miserável. O senhor pode viver com o dinheiro da Colônia? Não pode. Não foi obrigado a desfazer nossa casa para morar num quarto, se queria que

estudássemos? Quem faz isso, não passa de hóspede. Por mais que lhe doa o amor próprio, o senhor desceu do sacerdócio da medicina para a atuação prosaica de hóspede crônico. Se médico perdeu as antigas distinções da profissão liberal e se proletarizou, porque não se organiza e faz greve? Porque não sai para a rua em luta aberta por aumento de salário? Se a Associação Médica tivesse força de um sindicato dos Marítimos, há muito tempo o projeto mil-e-oitenta-e-dois tinha sido aprovado (SMD, p. 19).

O discurso do filho Sérgio deixa a todos impressionados, a insistência para que o pai acorde, pontuando a necessidade de conhecer o que está ocorrendo na sociedade, que assim como ele os demais precisariam mudar. Essa postura questionadora, reforça o quanto os médicos eram mal pagos, quando resolviam trabalhar para o povo. No plano ficcional, todos recorreram a Ester, se ela saberia o porquê do posicionamento de Sérgio, que passara por um processo de consciência política.

Por ser uma pensadora de esquerda, Ester faz um panorama do desenvolvimento capitalista e alienante em período eleitoral, as pessoas mergulhadas em compras, no turbilhão das propagandas políticas em pleno Leblon, para o qual ela define como uma cidade dentro de outra, e vai comparando com a pequena Paripiranga, “atordoava-a toda aquela gente pelas ruas, a entrar e sair de lojas, sem que nenhum acontecimento as tivesse puxado de suas casas, simplesmente porque era assim, havia gente e havia lojas, havia dinheiro e havia tempo” (SMD, p. 75).

A própria narradora faz uma análise sobre o teor de observação da protagonista Ester, uma característica observada por Graciliano Ramos sobre a escrita de Alina Paim, é o olhar detido sobre o outro que faz da sua escrita um lugar de reflexão sobre si, logo sobre os dilemas do outro. Como prossegue agora observando os jovens que são levados por uma onda de americanidade:

E os jovens? Metidos em blusões de todas as cores do arco-íris, com o cabelo tosado rente ao crânio, salvando-se apenas um chumaço em plataforma avançando para a testa, pareciam saídos da mesma fôrma, em partidas iguais: mesmo colorido de roupa, mesma configuração quadrada do rosto. O coração confrangia-se ao procurar neles a marca de nossos costumes, de nossos gostos, o modo brasileiro de vida. Copacabana deixava-lhe o sabor de fel de terra ocupada. Essa visão da juventude estrangulada no que existe de mais belo – candura e pureza, arroubo e entusiasmo – despertava-lhe um rancor mais profundo, que os argumentos políticos sobre monopólios e guerras. Tinha ímpetos de amontoar e tocar fogo no lixo das revistas em inglês e português de onde destilava o modo de vida americano, onde surgiam as fotos estrangeiras de que os jovens estavam se tornando cópias vivas, em alma e aparência (SMD, p. 75).

As observações empregadas pela personagem sobre o contexto da juventude brasileira, evidencia o conhecimento detido por ela. Não são observações aleatórias, são informações, conhecimentos, ensinamentos críticos embutidos na ficção, a fim de atender a estética do realismo socialista, porém com uma escrita própria da autora, que vai comentando, refletindo, observando a sociedade.

Nos romances que antecederam *Sol do meio-dia*, as protagonistas eram órfãs, Marina era estudante interna do convento e visitava o pai no período de férias; Do Carmo vivia com os avós por ser órfã de mãe, mas não há menção ao pai; Raquel é órfã de mãe, o pai a leva para conhecer o tio Ramiro na Usina Fortaleza e lá ela tenta descobrir informações sobre sua mãe; Ester apresenta lembranças do pai, de quando ele faleceu e pela primeira vez a figura da mãe ganha espaço. No entanto, as lembranças são de tristeza, de uma terra ressequida pela viuvez e sempre desacreditando de qualquer possibilidade de mudança.

Sem grande esforço de memória revia a mãe, cheia de desconfiança, cabelos escorridos e olhos baços, a apertar o papel pardo do telegrama.
- Ester, nem tudo que começa fácil termina bem. É besteira largar o certo pelo duvidoso. Você vai, quando se arrepender não conte com ninguém (SMD, p. 88).

Quando Ester foi demitida do escritório onde trabalhava como datilógrafa, ela entrou em desespero, encontrou Osvaldo que também havia sido dispensado e encontrou nele reconforto. Partiu então em busca de um novo emprego, junto a este fato uma reflexão sobre as relações de patrão e empregado, o que nos remete a pensarmos sobre os posicionamentos de dominador e dominado, da relação de poder exercida pelo eurocentrismo.

Não julgava difícil e vexatória a procura de emprego. Seria um negócio como outro qualquer, ia oferecer o seu trabalho em troca de um salário. Imaginava coisas simples: chegar de cabeça erguida, dizer o que sabia fazer e alegar a experiência anterior. Bastaria isso, pensava. A realidade mostrou-lhe um quadro bem diverso (SMD, p. 92).

A percepção de Ester difere das outras mulheres comuns, a visão dela era de uma intelectual, uma jovem que detinha um poder inegável, o do conhecimento, fazendo dela uma crítica ao sistema social, patriarcal e feminista.

Na sala de espera das companhias, encontrava moças ansiosas a pintar-se, alisar o busto e exibir pernas, prontas a avançar com precipitação ao menor gesto do contínuo. Era uma atmosfera deprimente. Parecia-lhe estar um mercado de escravas, onde era preciso agradar e mostrar habilidades, como se o emprego fosse um lugar num serrallo e a escolha dependesse de lábios carnudos, busto firme e pernas bem-feitas.

Ouviu e aprendeu muita coisa nestas salas de espera. Ali, vinha morrer muita ilusão sobre a situação da mulher, seu direito ao trabalho, sua independência e igualdade perante a lei. Que direito era aquele se lhe procuravam reduzir a dignidade? Que independência era aquela se havia um tremor de ansiedade e medo mais perto do sentir de escrava? Que igualdade era aquela se a aceitavam nos escritórios apenas para a explorar com mais sossego, pagando-lhe menor salário do que aos homens? (SMD, p. 92-93).

O questionamento sobre como se dava o funcionamento dos órgãos sociais, dialogando com a história, com as lutas vivenciadas por parte das mulheres, no fragmento acima, há essa abertura para a crítica sobre o próprio feminismo, sobre quais direitos estavam lutando, quem estava engajada na luta e para quem, uma vez que se reflete sobre as condições precárias de exploração daquelas com menor conhecimento.

Um fato interessante no mesmo parágrafo é sobre as críticas que a personagem Ester recebe por estar criticando as condições de trabalho das mulheres.

Na célula, neste período, choviam sobre ela as críticas contra sua visão unilateral, imbuída de paixões e, por isso, desgarrada do conjunto. ‘A companheira tem um desvio feminista’ – disse-lhe certa vez o secretário político. Fuzilou-o com os olhos, disciplinando o impulso de gritar-lhe: - ‘Conheça melhor as companheiras. Pontifique menos e enxergue mais’. Não lhe interessava saber que o desvio tinha raízes vivas no desespero das solteironas de Paripiranga, no definhamento da mãe, rolando para a morte porque não tinha profissão e recebia pão de favor, o pão que embucha na garganta de centenas de milhares de mulheres (SMD, p. 93).

A ficcionalização de problemas agudos de injustiça social na pena de Alina Paim tem a potência de alcançar a universalidade. Não importa o lugar, a época, o período, não importam as conquistas de direitos, sempre haverá uma mulher nas condições descritas nesse romance, ora como tantas que se tornam subservientes do sistema ideológico pulsante, ora as que resistem a quaisquer sistemas e seguem os impulsos do seu conhecimento e sentimentos.

Diante da problemática provocada pelas crises operárias e pelas condições impostas, Ester resolve continuar a procurar por emprego em outras localidades, pois defende a necessidade de preservar a dignidade da mulher que trabalha fora do lar. Até que subitamente Ester começa a se perceber melhor, a se questionar quanto aos dias e anos em que esteve sob as orientações do professor Virgílio.

Subindo a escada resolveu que se algum dia escrevesse um romance, nele não faltariam um beijo furtivo e o pensamento do jardim. Escrever! Seria para isso que o professor Virgílio levava anos a prepará-la no estudo, na capacidade de sentir e na arte de compreender o que sentia, no vagar de ouvir confidências e no escrúpulo de julgá-las? (SMD, p. 130)

Reaparece o desejo de escrever um romance, uma vez que outrora, no texto *Estrada da liberdade*, a protagonista Marina também sentiu a necessidade de (in)formar as demais estudantes de magistério como era a profissão na realidade, fora do convento. Agora, Ester retoma esta possibilidade, deseja escrever, acredita que esteja pronta, madura, para seguir a profissão de escritora, que se insere no texto a todo tempo manifestando a “escrita de si”.

Durante o período em que Ester esteve sob orientação do prof. Virgílio, ela aprendeu a ler e a compreender de fato os textos literários. Eles mergulhavam nas narrativas de tal forma que pareciam estar conversando sobre um fato, buscando solucionar problemas do cotidiano, mas na verdade estavam viajando entre as leituras dos clássicos da literatura brasileira, portuguesa e francesa.

Ester precisava trabalhar para se manter no Rio de Janeiro, não queria retornar para Paripiranga/BA porque não gostaria de ter a mesma sina das solteironas nem tampouco seguir os passos de sua mãe. Então passa a se dedicar mais ao partido comunista, ela relata os detalhes da viagem que precisou realizar e as críticas e ironias que encontrou neste percurso. “- Ester, por nada neste mundo estas credenciais devem cair em mãos inimigas. Em caso de prisão, amasse, mastigue e engula” (SMD, p. 156). Foi esta a recomendação de Marcos, a viagem foi realizada de trem, durou três dias, ficou hospedada em uma casa de companheiros, num quarto fechado, escuro, com o ferrolho para fora, até ser reconhecida como intelectual e ter a grata realização de dormir em quarto iluminado. E assim, mais leve, pode conhecer melhor a classe operária e formular um plano para sobreviver, poderia traduzir as obras para que os companheiros do partido pudessem ler e tomar conhecimento das ideologias e filosofias pelas quais lutavam.

Porém, ao retornar,

Ainda com a poeira da estrada, apresentou-se ao companheiro que lhe dera a tarefa.

- Hum! Já de volta? Conseguiu chegar até o fim? Não se desiludiu com a classe operária?

Um sorriso.

- Vocês intelectuais pequeno-burgueses embelezam a realidade, têm teias de aranha na cabeça.

O coração esfriou, os olhos secos pareciam lambidos por labaredas que ela não sabia de onde partiam. Faltou-lhe coragem de dizer do entusiasmo, da beleza que enxergara naqueles dias, do calor que agora lhe aquecia a vida. Temeu expor-lhe o plano, aquele sonho do trem, tão sincero e limpo, que seria o seu quinhão na luta, dado sem reservas, aquilo que estava na medida de suas forças. [...] Porque existia a dúvida contra ela? Tinha culpa se aprendera a ler, estudara, traduzia francês, encontrava-se por trás de um teclado ao invés de pentes de tear?

Encarou o companheiro e, num tom meio morto, fez o relatório da viagem, prestou contas da ajuda de custas e, automaticamente, desceu os degraus da escada cheia de penumbra. (SMD, p. 169-170)

E assim a narrativa de Paim vai se configurando em busca da humanização da sociedade. Pelo viés político, buscando a igualdade a partir do socialismo, porém fica registrado em seus romances um encantamento pelo ser humano, pela possibilidade de todos terem dignidade para viver. Entretanto, quando participa de forma mais efetiva das atividades do partido comunista se decepiona com as ideologias, as diferenças em relação à mulher e ao mais vulnerável, com a busca de manter vantagem sobre os mais enfraquecidos. Contudo, observamos que há uma denúncia contra o sistema opressor, herdado pelo capitalismo, com a dominação dos homens burgueses sobre os demais indivíduos da sociedade.

As relações opressoras também são narradas e verificadas no convívio com as mulheres que residem na pensão, através da conduta de D. Beatriz em relação às hóspedes como também em relação a sua irmã, Helena. Os julgamentos sobre as atitudes das demais mulheres, realizados por outras mulheres, sempre definindo a partir das conveniências que estão arraigadas aos séculos XVII e XIX.

Para os hóspedes da pensão de dona Beatriz, Ester é a que está mais atenta aos problemas alheios, podemos dizer, a que é mais sensível à condição de vida do outro, capaz de sentir as dores do outro, uma alteridade à flor da pele. “- Os problemas do povo estão com Ester – disse d. Beatriz, piscando com malícia. – Não compreendo como uma jovem inteligente se mete numa empresa de consertar o mundo. O mundo não tem remendo que lhe assente, nesta altura de sua ruína” (SMD, p. 233). Uma descrição que se assemelha à personagem bíblica com o mesmo nome, e trajetória semelhante.

Ester é surpreendida com os galanteios de Rafael, chefe na Secretaria de Publicidade, os dois passam a namorar e ficam noivos. Neste processo, Ester se vê obrigada a acompanhá-lo nas ocasiões sociais, nos compromissos com vários segmentos da sociedade. Ela passa a se vestir melhor, tem aumento de salário, se compromete com os compromissos do noivo, começa a se afastar do partido, mede o seu progresso pela altura do seu salto. Entretanto, começa a desconfiar de tantos apelos do noivo. Ester na verdade estava caindo em um golpe, pois Rafael estava de casamento marcado com outra pessoa, ele queria explorar a esperteza e a inteligência de Ester.

Mais uma vez Ester é resgatada pela literatura, desta vez foi pela Odisseia, ela se desperta pelo desejo de se reencontrar, e teria que queimar três pontes: o emprego, o

oportunismo político e o noivado. O necessário para que tivesse a certeza do que deveria fazer: escrever. Sim, o despertar para tradutora e escritora, essa foi a conclusão a que chegou Ester.

Sentiu de repente uma gratidão imensa a envolver todas aquelas mãos que desde sua infância a vinham ajudando a levantar-se de quedas, defendendo-a de perigos, apontando-lhe o rumo quando se achava desorientada, pressionando-lhe o ombro numa mensagem de solidariedade.

Abençoava aquelas mãos que vieram através dos anos mantendo a corda do relógio para que pudesse marcar com exatidão aquela hora que vivia com tanta fé na própria vida e em seus semelhantes. Estar diante das páginas em banco com a certeza de que ia cobri-las com uma história humana, a confiança no futuro que a dominava, o amor que sentia por Osvaldo, tudo isso fora construído num longo mutirão.

Cabia-lhe agora convidar os amigos.

- ‘Acerquem-se da mesa, amigos. Meu pai, professor Virgílio, ocupem a cabeceira. Tomem seus lugares. Vamos tio Martins, Maria da Penha, Osvaldo, Judite, seu Rocha, Sanches, Teodoro e Marta, Margarida e Henrique. Vocês construíram minha casa, devo-lhes esta festa’;

Com emoção, Ester abriu o caderno, tomou o lápis e começou a escrever. (SMD, p. 309)

Em *Sol do meio-dia*, a escrita de Ester traz uma metáfora da “escrita de si” na própria narrativa, mostrando o quanto a vontade de escrever, o engajamento da autora e a preocupação com o espaço da mulher se confundem no projeto literário de Alina Paim. Essa perspectiva da “escrita de si” enquanto conhecimento dialoga com as reflexões de Foucault: “o papel da escrita é constituir, com tudo o que a leitura constituiu, um ‘corpo’, como o próprio corpo daquele que, transcrevendo suas leituras, delas se apropriou e fez sua a verdade delas” (2006, p. 152). A verdade para Ester é poder escrever a partir de sua sabedoria acumulada, é passar a falar de si para chegar ao outro.

A reportagem de Raul S. Xavier, publicada no Editorial Leitura em 1961⁵⁰, confirma a busca constante de Alina Paim por um aperfeiçoamento da técnica de escrita sem abandonar o seu engajamento social, configurando o que temos defendido nesta tese, as múltiplas faces da “escrita de si” que brota no romance *Estrada da liberdade*, com o olhar fixo nas diferentes realidades da sociedade a sua volta, no desenrolar político e econômico do país e do mundo.

Alina Paim prossegue em sua carreira de romancista. Se “Estrada da liberdade” já denunciava a novelista consciente dos requisitos indispensáveis à feitura de um romance, este “Sol do meio dia” vale por uma prova dos nove da sua arte. Apresentando já o romance sinais inequívocos de esgotamento de recursos na sua técnica, sobretudo no plano da linguagem [...] O inegável porém é que a jovem escritora nortista oferece ao leitor uma história legível, em nada inferior às de outros autores nacionais (Xavier, 1961, p. 33).

⁵⁰ Anexo 20. “Sol do meio dia”, Raul S. Xavier. Editorial Leitura, 1961, Edição 50. *Leitura (RJ) - 1923 a 1973 - DocReader Web (bn.br)*

Partindo de um processo de conhecimento do ser humano, das necessidades culturais, políticas, emocionais é que Ester se encontra, se decide pelo amor de Osvaldo e segue a vida observando as vidas ao seu redor, refletindo e escrevendo. Conforme Rago (2013) que, ao trazer as reinvenções, reestruturações, fugas subjetivas e espaços de constituição do eu, um processo em que a autora do romance que constitui uma “escrita de si”, abordando as subjetividades das vidas observadas, assume não só a condição de narradora, mas também de orientadora na leitura para encontrarmos também nossos pensamentos, fugas e reinvenções nossas “[...] a escrita de si é entendida como um cuidado de si e também como abertura para o outro, como trabalho sobre o próprio eu num contexto relacional, tendo em vista reconstruir uma ética do eu” (Rago, 2013, p. 50).

A postura engajada de Ester reforça uma escrita de si preocupada com o coletivo, pois fala também do sistema de poder. Para Foucault, a escrita de si é uma prática histórica e culturalmente situada, que envolve reflexão e não está só para preocupações individuais, mas também está enraizada em sistemas de poder e de governo, além de uma parte de um projeto de construção da subjetividade e da moralidade na sociedade (2006, p. 152). Essa reflexão da escrita de Ester, a partir da experiência que ela teve, nos dá uma pista do quanto sua literatura se confunde com sua postura de mulher intelectual de esquerda.

Nas análises deste capítulo, há considerações de três exemplos de escrita de si na ficção de Alina Paim. Como o romance *Estrada da liberdade* traz muito da trajetória da própria autora em sua formação, consideramos que essa obra se aproxima de narrativas autoficcionais conforme Figueiredo. No segundo momento, defendemos que em *Simão Dias*, temos uma narrativa mais apegada a pessoas que participaram da vida da autora, por isso tem um tom mais autobiográfico como nos ensina Lejeune. Por fim, conseguimos constatar que a escrita de si presente em *Sol do meio-dia* está mais relacionada ao relato de experiências de uma intelectual de esquerda que se projeta na subjetividade do texto tanto pela preocupação de detalhar o intimismo dessa escrita como de ser uma escrita-poder, conforme as observações de Rago e Foucault, respectivamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso que trilhamos com Alina Paim possibilitou ampliarmos a recepção de suas narrativas, trazendo-nos reflexões acerca do estudo de suas obras pelos veículos de divulgação do PCB, e do estudo da escrita enquanto objeto de trabalho e ao mesmo tempo revelador de uma vida que nos surpreende a cada página, a cada livro, com pistas de sua vida a partir da “escrita de si” em suas personagens. Permitindo-nos encontrar a escritora presente em cada personagem, em cada trabalhadora de sua ficção ali está uma memória ou vivenciada ou observada pela autora, uma ficção integrada com o social. Ela se projeta em uma dupla “escrita de si”: fala dela para dizer das mulheres; fala dela para falar da literatura.

Alina Paim protagonizou um estilo de escrita próprio, quando defendeu uma “escrita de si” muito autêntica, principalmente nos três primeiros romances, quando teve uma forte influência da literatura social e no quarto e quinto romances com a literatura socialista. Uma inovação para a literatura escrita por mulheres na década de 1940, em meio às críticas dos mais conservadores, dos próprios militantes do partido comunista que exigiam dela um estilo panfletário que não condizia com o seu talento. A sua resistência está ancorada no estilo próprio, muito diferente de suas contemporâneas, ela bebeu da fonte do realismo socialista e do romance realista na elaboração de uma “escrita de si” resistente e engajada.

Tais particularidades nos convidam a repensarmos como uma ativista e intelectual do PCB conseguiu se desviar das pressões patriarcais e partidárias para produzir uma literatura particular voltada para o universo da mulher, por isso temos o propósito de investigar a escrita da romancista, destacando seu engajamento social e político por meio da “escrita de si” nos romances *Estrada da liberdade* (1944), *Simão Dias* (1949) e *Sol do meio-dia* (1961).

Alcançamos, portanto, a tese de que seus romances são reflexos da sociedade com a memória, a escrita e o engajamento político, por meio de uma “escrita de si” que privilegia o universo da mulher, com seus enfrentamentos sociais, patriarcais e políticos.

A abordagem da “escrita de si” em Paim vai além de meras memórias individuais, destacando experiências coletivas por meio de uma literatura intimista, conforme estudo de Rago (2013) acerca da aventura de contar-se. Dentro do contexto do realismo socialista, a obra de Paim segue uma estética didática, buscando transmitir valores da luta trabalhista e refletindo sobre o papel do intelectual em seus romances da década de 1950.

Segundo Jean-Paul Sartre (1947), o escritor engajado reconhece suas responsabilidades sociais e utiliza sua obra como uma ferramenta para promover mudanças e denunciar injustiças, enquanto Edward Said (2005) enfatiza o papel do intelectual como líder político, engajado em

questões sociais e confrontando o poder político. No entanto, Sartre ressalta a importância da liberdade na literatura, argumentando que os escritores são influenciados pelas circunstâncias históricas e culturais, embora tenham liberdade para interpretar e transformar a realidade. No contexto da literatura brasileira, há uma distinção entre o realismo social e o realismo socialista, com diferenças ideológicas e históricas significativas, refletindo as diferentes abordagens dos escritores em relação às questões sociais e políticas de seu tempo.

Analizamos a “escrita de si” presente em cada romance, diante do pressuposto de romances autoficcionais e autobiográficos engajados, para tanto nos debruçamos sobre *Estrada da liberdade* (1944), *Simão Dias* (1949) e *Sol do meio-dia* (1961), entretanto, nos desfrutamos da leitura dos demais romances, sendo citados ao longo da tese. Enquanto leitores, pesquisadores somos aguçados a buscar conexões com as outras obras e as suas articulações em jornais, e como essas obras foram recebidas, observando que há destinos diferenciados, mas o empenho enquanto inseridas na sociedade está a todo tempo presente o desejo de mudança da ordem patriarcal, frente a realização profissional, pessoal, política, econômica sem se desvincular das relações amorosas e da maternidade, que são aguçados pelas personagens.

Verificamos que diante de situações tão densas no processo de escrita a partir de suas personagens, ascende o desejo de se comunicar com o público leitor, como Mariana que quer escrever para denunciar, Do Carmo é a própria denúncia e Ester retoma o sonho de escrever, concretizando-o. Alina Paim traz a poeticidade do texto a partir da simplicidade das personagens, da descrição dos ambientes, diante das dificuldades vivenciadas pelas personagens a escritora continuou sendo capaz de escrever com subjetividade sem deixar de realizar as denúncias necessárias e de propor mudanças para a condição social das mulheres.

Enquanto os papéis identificados na sociedade as personagens promovem uma memória de fatos ocorridos no âmbito familiar de todas as formas. Como em *Estrada da liberdade*, Marina que deseja uma carreira profissional, mas não se permite ficar subjugada as ordens das religiosas do convento no tratamento profissional. Ela consegue aprovação em concurso público e então compara as duas realidades, revelando as hipocrisias sociais a partir do discurso dos que tem algum tipo de poder. Seja a madre do convento e demais professores, seja a relação entre o padrinho e a madrinha, entre a vizinhança.

Em *Simão Dias* a personagem Do Carmo desvela as relações familiares diante da condição de uma criança órfã de mãe e que ninguém pretende se dedicar a educar a garotinha. No entanto é na descoberta do desejo de querer aprender a ler, a escrever que sua trajetória pode ser modificada. Encontra a esperança de não repetir o destino das mulheres de sua cidade Simão Dias a partir da possibilidade do conhecimento.

Enquanto no *Sol do meio-dia* Ester, após desafiar a mãe com sua inteligência, vencer o pai que dizia que só poderia continuar os estudos na capital após o nascimento dos dentes sisos, ela consegue estudar com o velho professor Virgílio, aprende a língua francesa, a arte da tradução e a datilografia. Ferramentas importantes para que consiga conquistar o seu espaço na capital do Rio de Janeiro e se tornar escritora.

Podemos destacar o processo do trabalho da “escrita de si” a todo momento nos romances de Paim, quando identificamos o seu eu sendo representado pelas personagens. Os textos, apesar de serem narrados em terceira pessoa, não nos afastam dos relatos da autora.

Trafegamos um itinerário de leituras e pesquisas que consistiu em uma introdução acerca dos objetivos propostos para esta tese. Em seguida discutimos a atuação da intelectual frente à estética socialista que apresenta os conflitos sociais da mulher enquanto escritora. O texto aborda a atuação intelectual da escritora Alina Paim, focando na “escrita de si” como um processo de resistência e engajamento político e social a partir de Said, Sartre, Foucault, Rago. A análise se concentra na relação de Paim com o Partido Comunista Brasileiro (PCB) e seu desejo de criar uma literatura voltada para questões sociais. A escritora teve uma atuação significativa no PCB, o que influenciou fortemente sua produção literária, moldando sua visão e os temas abordados nos textos. Enquanto a “escrita de si” utilizada por Paim como uma forma de resistência às exigências de uma escrita socialista imposta pelo partido a partir dos anos 1950, assim como o intimismo psicológico de suas protagonistas serve como uma forma de resistência às ideologias partidárias.

Alina Paim focava nas condições de vida das mulheres na sociedade destacando suas lutas, nos textos encontramos a abordagem das opressões sofridas pelas mulheres nas famílias patriarcais e na sociedade, que é outra marca de suas obras, quando narra as injustiças sociais, retratando personagens do povo nas lutas cotidianas, as complexidades do ser humano e as relações sociais. A autora ainda enfrentou uma dupla censura, como intelectual de esquerda e como mulher escritora, apesar de suas contribuições significativas, ela foi muitas vezes marginalizada em comparação com outros escritores da época.

No segundo capítulo, tratamos da fortuna crítica de Alina Paim, da recepção de suas obras no meio jornalístico e a possibilidade de conhecermos os diálogos pertinentes nos romances com as ideologias políticas vigentes na época. A fortuna crítica de Alina Paim inclui diversos estudos que exploram sua contribuição à literatura e à política cultural do PCB. A dissertação de mestrado de Ilka Maria de Oliveira, defendida em 1998 na Unicamp, foi um dos primeiros trabalhos significativos, investigando a consolidação de uma cultura política socialista através da obra de Paim. O projeto “Alina Paim: resgate e memória de uma escritora

sergipana”, iniciado em 2006 pela professora Ana Leal Cardoso, resultou em numerosos trabalhos acadêmicos e um livro publicado em 2019 em homenagem ao centenário da escritora. A coletânea "Centenário de Alina Paim: uma poética na tessitura do tempo" reúne oito artigos que abordam desde questões míticas em seus romances até estudos comparativos entre Paim e outros autores, como Monteiro Lobato. A produção acadêmica sobre Alina Paim se expandiu, com várias monografias, dissertações e teses disponíveis no repositório da Universidade Federal de Sergipe, discutindo aspectos diversos de sua obra, desde a representação do feminino até questões de opressão e transgressão. Este conjunto de estudos destaca a importância literária, histórica e política da obra de Alina Paim, reafirmando seu papel significativo na literatura brasileira e na cultura política do século XX.

Na seção “O Prefácio dos Romances de Alina Paim” da tese examina como as cinco primeiras obras de Alina Paim foram prefaciadas por intelectuais de esquerda e analisadas pela crítica, destacando o realismo socialista predominante nas resenhas. Consideramos que, apesar do reconhecimento da crítica, o viés socialista influenciou a recepção inicial das obras de Paim, ofuscando outras dimensões de sua narrativa. Na abordagem da recepção dos romances de Paim pela crítica literária e aliados políticos em jornais da época. A crítica inicial elogiou a habilidade técnica de Paim, comparando-a a autores renomados como Graciliano Ramos e Jorge Amado. O primeiro romance foi destacado por sua representação realista e humanista das condições sociais e educacionais no Brasil da época.

A protagonista, Marina, reflete as preocupações de Paim com a educação e as desigualdades sociais, especialmente em relação às crianças pobres. No entanto, algumas críticas também surgiram. Por exemplo, crítica à estrutura do romance, considerando-a fragmentada e acusando-o de se assemelhar a um panfleto político. Essa visão contrastava com a maioria das análises que elogiavam a profundidade e a humanidade da obra. Além disso, Paim foi elogiada por sua capacidade de captar as complexidades da vida e das relações sociais, especialmente em contextos educacionais e de classe. Sua obra foi vista como uma contribuição significativa para o realismo social na literatura brasileira, embora algumas análises tenham sugerido que sua estética poderia ter sido limitada pela associação política e ideológica com o partido comunista. Alina Paim recebeu críticas mistas na época de suas publicações, mas foi amplamente reconhecida por seu engajamento social e sua representação vívida da vida no Brasil do século XX.

E no terceiro capítulo discutimos o arcabouço teórico a fim de compreendermos o lugar da intelectual engajada frente a “escrita de si” e o dilema da fronteira entre o autobiográfico e o realismo socialista. Os textos de Alina Paim são examinados à luz do debate sobre autoficção

e autobiografia. Eles ocupam uma posição intermediária entre a narrativa pessoal e a "escrita do eu" engajada socialmente, especialmente evidente em obras como *Sol do meio-dia* (1961), onde a arte da escrita se entrelaça com questões políticas, sociais e literárias. Philippe Lejeune define a autobiografia como um gênero que requer identidade entre autor, narrador e personagem, estabelecendo um pacto de veracidade. Ana Faedrich Martins complementa esta visão ao enfatizar que a autoficção desafia a autonomia do texto ao envolver leitor, autor e texto numa interação complexa, onde a verossimilhança é negociada.

A autoficção se diferencia da autobiografia ao permitir a invenção e a criação narrativa, muitas vezes presente na obra de Alina Paim, que utiliza elementos biográficos sem se prender à fidelidade estrita aos fatos. Essa liberdade narrativa é discutida por teóricos como Eurídice Figueiredo e Raquel Almeida, que exploram os limites entre ficção e realidade na contemporaneidade literária. Roland Barthes apresenta a exploração da escrita fragmentada e autobiográfica, enquanto Serge Doubrovsky estabelece a diferenciação entre autoficção e autobiografia, enfatizando a reinvenção da história e Cíntia Schwantes apresenta uma análise do realismo socialista e sua aplicação na obra de Alina Paim. Sendo a autoficção como gênero literário emergente de uma evolução do conceito desde os anos 1990 até a contemporaneidade, com destaque para a obra de Paim como exemplo significativo, como a fusão entre realidade e ficção, influências políticas e sociais, e o papel da intelectualidade na narrativa.

No quarto capítulo mergulhamos nos romances a fim de discutirmos de que maneira eles dialogam com o realismo social intimista, a partir de uma “escrita de si” que busca uma resistência a partir da subjetividade da escritora, envolvendo uma análise da figura da escritora como uma intelectual engajada, refletida através de suas obras literárias. Alina Paim, inspirada por suas experiências pessoais e engajamento político, retrata em seus romances as condições sociais e educacionais das mulheres e crianças brasileiras. Através de suas protagonistas como Marina, Ester e Do Carmo, ela expõe as injustiças, desigualdades e lutas enfrentadas por essas personagens, muitas vezes refletindo situações autobiográficas. A obra de Alina Paim não se limita apenas à denúncia social, mas também incorpora uma dimensão estética e reflexiva sobre o papel do escritor na sociedade, alinhando-se com as ideias de Jean-Paul Sartre sobre o engajamento intelectual. Sua escrita não só narra as vidas das mulheres comuns, mas também busca provocar uma reflexão crítica sobre as estruturas sociais e culturais vigentes.

Ao analisar seus romances como *Estrada da Liberdade*, *Simão Dias* e *Sol do Meio-Dia*, percebemos a construção de personagens femininas fortes, enfrentando os desafios de suas realidades com determinação e sensibilidade. A escrita de Alina Paim, influenciada por suas experiências como educadora e militante política, proporciona uma visão profunda e

multifacetada da sociedade brasileira, destacando-se não apenas como uma romancista, mas como uma intelectual comprometida com a transformação social através da literatura. Combinando análise teórica, através das ideias de Sartre sobre o papel do escritor engajado, com exemplos concretos dos argumentos desenvolvidos nos romances de Alina Paim, demonstrando como sua escrita transcende a mera representação para se tornar um instrumento de crítica social e política. O capítulo explora como a "escrita de si" em obras como as de Alina Paim não só documenta experiências individuais, mas também serve como um meio de engajamento político e social, desafiando convenções literárias e promovendo uma reflexão sobre identidade, memória, propaganda e resistência. Margareth Rago enfatiza que a "escrita de si" não apenas expressa a subjetividade, mas também atua como uma forma de posicionamento social e político. Para feministas brasileiras estudadas por Rago, durante a ditadura militar, a escrita se tornou uma ferramenta para desconstruir estereótipos de gênero e reivindicar espaços na sociedade.

Portanto, verificamos que o romance *Estrada da liberdade*, explora as memórias de Alina Paim contadas através da ficção. Em *Simão Dias* prevalece, na maior parte do texto, o gênero autobiográfico, no entanto ao lermos *Sol do meio-dia* verificamos o desenvolvimento de ambos, mergulhados no engajamento social e artístico, um romance que explora a trajetória da protagonista Ester em sua jornada criativa, desde a sua infância em que desejava os estudos até o desenvolvimento de suas habilidades e identificação como artista, como escritora, enfrentando os desafios pessoais e emocionais, além do processo criativo em sua “escrita de si”. Para então verificarmos que é neste processo que Ester se volta para a sua distinta vocação, com a lembrança de todos os que fizeram algo para que este dia chegasse:

Cabia-lhe agora convidar os amigos. – Acerquem-se da mesa, amigos. Tomem seus lugares. Vamos tio Martins, Maria da Penha, Osvaldo, Judith, seu Rocha, Sanches, Teodoro e Marta, Margarida e Henrique. Vocês construíram minha casa, devo-lhes esta festa. Com Emoção, Ester abriu o caderno, tomou o lápis e começou a escrever (SDM, p. 309).

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Daniele Barbosa de Souza. O corpo em *A sombra do patriarca*, de Alina Paim. **Interdisciplinar** - Revista de Estudos em Língua e Literatura, São Cristóvão-SE, v. 5, p. 169-178, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/interdisciplinar/article/view/1121> Acesso em: 14 maio 2019.
- ALMEIDA, Raquel Laurino. Autobiografia, autoficção e Künstlerroman: problematizando as fronteiras teóricas através da leitura de obras de Rachel Jardim. **Revista Literatura em Debate**, v. 4, n. 5, p. 141-151, jul.-dez., 2009. Disponível em: <http://revistas.fw.uri.br/index.php/literaturaemdebate/article/view/508> Acesso em 15 novembro de 2022.
- ALVES, Iracélli da Cruz. **A política no feminino: Uma História das Mulheres no Partido Comunista do Brasil – Seção Bahia (1942-1949)**. Orientadora: Márcia Barreiros. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2015. 238 p. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em História da UEFS, Feira de Santana, 2015. Disponível em: < https://www.academia.edu/43824050/A_POL%C3%8DTICA_NO_FEMININO_Uma_Hist%C3%B3ria_das_Mulheres_no_Partido_Comunista_do_Brasil_Se%C3%A7%C3%A3o_Bahia_1942_1949 Acesso em: 12 abril 2022.
- ALVES, Iracélli da Cruz. Feminismo, comunismo e expectativa democrática no Brasil: disputas em torno da construção de uma Frente Única de Mulheres (1945-1949). **Anos 90**, v. 29, p. 1-19, 2022. DOI: 10.22456/1983-201X.109808. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/1098088> Acesso em: 11 ago. 2023.
- ALVES, Iracélli da Cruz. Feminismo, PCB e o debate sobre trabalho doméstico entre as décadas de 1940 e 1960: relações intragênero e as dimensões de raça/classe. **Revista Mundos do Trabalho**, Florianópolis, v. 14, p. 1-21, 2022. DOI: 10.5007/1984-9222.2022.e87244. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/mundosdotrabalho/article/view/872444> Acesso em: 11 ago. 2023.
- ALVES, Iracélli da Cruz. Mulheres comunistas na Bahia: contribuições para a fundação da federação de mulheres do Brasil e para o Movimento pela paz. **Revista eletrônica discente de história**. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia: Centro de artes, humanidades e letras. Vol.3, n.6, 2016. Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/historiacom/indexx> Acesso em: 14 03 2023.
- ALVES, Iracélli da Cruz. Literatura e Feminismo: representações da liberdade das mulheres em Alina Paim. **30º Simpósio Nacional de História**, AMPUH, Recife, 2019. Disponível em: https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1563896251_ARQUIVO_ArtigoAnaisAnpuh.IracellidaCruzAlves.pdf Acesso em 10 maio 2022.
- AUERBACH, Erich. **Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental**. Tradução de George Bernard Sperber. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1980.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**. 2 v. 2. ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**. Momentos decisivos. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

CARDOSO, Ana Leal; SOUZA, Antonielle Menezes; SILVA, Márcio Carvalho (Orgs.). **Centenário de Alina Paim**: uma poética na tecitura do tempo. Aracaju: ArtNer Comunicação, 2019.

CARDOSO, Ana Leal. A obra de Alina Paim. **Interdisciplinar**, Ano IV, V.8, jan-jun de 2009, p. 35-45. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/1182> Acesso em 30 mar. 2022.

CARDOSO, Ana Leal. Alina Paim: uma romancista esquecida nos labirintos dos tempos. **Aletria**: revista de estudos de Literatura, Ano 2, V. 20, maio- ago de 2010, p. 125-132, DOI: <https://doi.org/10.17851/2317-2096.20.2.125-1322> Acesso em 06 dez. 2020.

CARDOSO, Ana Leal. A obra de Alina Paim. **Interdisciplinar** - Revista de Estudos em Língua e Literatura, São Cristóvão-SE, v. 8, p. 35-45, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/interdisciplinar/article/view/1182> . Acesso em: 16 fev. 2018.

CARDOSO, Ana Leal (Org.). **Alina Paim**: resgate de uma narrativa poética. Aracaju: ArtNer, 2019.

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário crítico de escritoras brasileiras**. São Paulo: Escrituras, 2002.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. 7. Ed. São Paulo: Global, 2004.

DEL PRIORE, Mary (org.); BASSANEZI, Carla (coord. de textos). **História das Mulheres do Brasil**. São Paulo: Contexto, 7. ed., 2004. Disponível em: <https://democraciadireitoegenero.files.wordpress.com/2016/07/del-priore-histc3b3ria-das-mulheres-no-brasil.pdf#page=336&zoom=100,0,0> Acesso em 25 Abril 2020.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. **Estudos Avançados**, v. 17, n. 49, p. 151-172, 2003. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/99500> . Acesso em: 22 ago. 2023.

FÁVERO, Afonso Henrique. **Sobre Simão Dias, de Alina Paim**. In: CARDOSO, Ana Leal (Org.). **Alina Paim**: resgate de uma narrativa poética. Aracaju: ArtNer, 2019.

FIGUEIREDO, Eurídice. Régine Robin: autoficção, bioficção e ciberficção. **Ipotesi**: Revista de Estudos Literários. Juiz de Fora, v. 11, n.2, p. 21-30. jul/dez 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ipotesi/issue/view/8266> Acesso em 18 maio 2021.

FIGUEIREDO, Eurídice. Autoficção feminina: a mulher nua diante do espelho. **Revista Criação & Crítica**, n. 4, p. 91-102, 2010. DOI: 10.11606/issn.1984-1124.v3i4p91-102. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/467900> . Acesso em: 16 fev. 2023.

FIGUEIREDO, Eurídice. A autoficção e o romance contemporâneo. **Alea: Estudos Neolatinos**, v. 22, n. 3, p. 232-246, set. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1517-106X/20202232322466> Acesso em 18 agosto de 2023.

FONTES, Rosa Gabriely Monteiro. **A representação feminina no contexto social dos romances o Cortiço e Simão Dias**: um estudo comparado. Orientadora: Luciana Novais Maciel, Aracaju, Faculdade Pio Décimo, 2018, Monografia. Curso de Licenciatura em Letras Português e Espanhol, Aracaju: Faculdade Pio Décimo, 2018.

FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política organização e seleção de textos**. Manoel Barros da Moua (Org.). Tradução de Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: MOTTA, M. B. da (Org.). **Ditos e Escritos III: Estética: literatura e pintura, música e cinema**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011. p. 264-298.

GENETTE, Gerard. **Paratextos editoriais**. Tradução Álvaro Faleiros. Cotia (SP): Ateliê Editorial, 2009.

GILFRANCISCO. **A romancista Alina Paim**. Aracaju: Edições GFS, 2008. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/401952509/224602812-Alina-Paim-pdf-1-pdff> Acesso em 06 dez. 2020.

GIULANI, Paola Cappellin. Os movimentos de trabalhadoras e a sociedade brasileira. In: PRIORE, Mary Del (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. Disponível em: <https://democraciadireitoegenero.files.wordpress.com/2016/07/del-priore-histc3b3ria-das-mulheres-no-brasil.pdf> Acesso em: 15 de set de 2022.

GOMES, Carlos Magno Santos. Escritoras marginalizadas. **Caligrama: Revista de Estudos Românicos**, [S.l.], v. 19, n. 1, p. 23-38, set. 2014. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/caligrama/article/view/5408/5348> . Acesso em: 10 out. 2021. doi:<http://dx.doi.org/10.17851/2238-3824.19.1.23-38>.

GOMES, Carlos Magno Santos. A artista e a sociedade no romance de autoria feminina. **ANAIIS do II Seminário Nacional e III Seminário Internacional Mulher e Literatura**. ILHÉUS: EDITUS, v. 1, p. 1-8, 2007. Disponível em: <http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/PDF/CARLOS%20MAGNO%20SANTOS%20GOMES.pdf> Acesso em: 28 jan 2023.

GOMES, Carlos Magno Santos. Literatura e feminismo: desafiando o cânone. In: SILVA, Antônio de Pádua. **Memórias da Borborema 3**. Feminismo, estudos de gênero e homoerotismo. Campina Grande (PB): Abralic, p. 13-26, 2014. Disponível em: <https://abralic.org.br/downloads/livros-produzidos-pela-gestao/03-MEMORIAS-DA-BORBOREMA.pdf> Acesso em: 07 jul de 2023.

GOMES, Carlos Magno Santos. Ensino de literatura: dos estudos de gênero à historiografia. **Associação Brasileira de Literatura Comparada**, v. 15, n. 22, p. 31-46, 2013. Disponível

em: <https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/2966> Acesso em: 18 de out. 2023.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

GUTIERREZ, Mauricio Chamarelli. Do que falamos quando falamos de escrita de si. **Revista Araticum**. v. 24 n. 1, Dossiê escritas de si - arte e política na expressão da subjetividade. https://doi.org/10.46551issn2179-6793RA2022v24n1_a02 UNIMONTES, 2022. Disponível em <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/araticum/article/view/59666> Acesso em: 14 abr 2023.

HEMEROTECA Digital Brasileira. **Biblioteca Nacional**. Seção: Periódicos. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digitall/>

HIRATA, H. Globalização e divisão sexual do trabalho. **Cadernos Pagu**, n. 17-18, p. 139-156, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644558> . Acesso em 15 maio 2021.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto Autobiográfico**: de Rousseau à Internet. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha; Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LUKÁCS, Georg. **Teoria do romance**. Tradução de Alfredo Margarido. Lisboa: Presença, 1962.

MOISÉS, Massaud. **História da literatura brasileira**. vols. II ao V. São Paulo: Cultrix: 1989.

NASCIMENTO, Evando. Matérias-primas: entre autobiografia e autoficção. **Cadernos de Estudos Culturais**, Crítica biográfica Campo Grande, UFMS, v. 2, n. 4, p. 59-75, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/44899> Acesso em: 19 out. 2023.

PAIM, Alina. **A correnteza**. Rio de Janeiro: Record, 1979.

PAIM, Alina. **A hora próxima**. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1955.

PAIM, Alina. **A sombra do patriarca**. Rio de Janeiro: Globo, 1950.

PAIM, Alina. **Estrada da liberdade**. 2. ed. Salvador: Assembleia Legislativa, 2014.

PAIM, Alina. **Simão Dias**. 3.ed. Aracaju (SE): Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe - EDISE, 2015.

PAIM, Alina. **Sol do meio-dia**. Rio de Janeiro: Associação Brasileira do Livro, 1961.

RAGO, Margareth. Descobrindo historicamente o gênero. **Cadernos Pagu**, n. 11, p. 89-98, 2013. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634465> . Acesso em: 28 maio de 2021

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: DEL PRIORE, Mary (org.); BASSANEZI, Carla (coord. de textos). **História das Mulheres do Brasil**. São Paulo: Contexto, 7. ed., 2004. P. 484-507. Disponível em: <https://democraciadireitoegenero.files.wordpress.com/2016/07/del-priore-histc3b3ria-das-mulheres-no-brasil.pdf#page=336&zoom=100,0,0> Acesso em 25 Abril 2020.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2013.

RAGO, Margareth; LUCE FABRI: O anarquismo e as mulheres. T.e.x.t.o.s de h.i.s.t.ó.r.i.a. **Revista do Programa de Pós-graduação em História da UnB**, v. 8, n. 1-2, p. 219-244, 2000. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/textos/article/view/27809> . Acesso em: 30 set. 2022.

SAID, Edward Wadie., **Representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993**. Tradução de Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SANTOS NETO, Evandro José dos. Jorge Amado e a estética do Realismo Socialista no Brasil. **Anais do VII Seminário do Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira**, FFLCH-USP, São Paulo, junho de 2021, p. 57-61. Disponível em: <https://literaturabrasileira.fflch.usp.br/sites/literaturabrasileira.fflch.usp.br/files/inline-files/57-61.pdf>, Acesso em 20 setembro de 2022.

SARTRE, Jean-Paul. **Em defesa dos intelectuais**. Tradução de Sérgio Góes de Paula. São Paulo: Ática, 1994.

SARTRE, Jean-Paul. **Que é a literatura**. 3. ed. Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 2004.

SILVA, Gabriel Moura. Fazendo da pena uma espada: colaboração intelectual de Alina Paim a revista Momento Feminino (1947 – 1955). In: **Anais I Seminário Nacional Mulheres e a Escrita da História (livro eletrônico): artes, letras e trabalho**. Juiz de Fora, MG: UFJF, 2019, p. 153-165. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/nucleodehistoria/wp-content/uploads/sites/597/2023/09/Anais-Mulheres-e-a-escrita-da-Hist%C3%B3ria-2020.pdf> Acesso em: 20 fev 2023.

SOUZA, Luis Gonzaga de. A mulher na sociedade atual. **Memórias de Economia**. Disponível em: <https://www.eumed.net/cursecon/libreria/2004/lgs-mem/lgs-mem.htm> Acesso em: 6 ago. 2021.

SCHWANTES, Cíntia Carla Moreira. Como romancear a revolução ou A hora próxima, de Alina Paim. **Literatura e Autoritarismo**, n. 20, 2012, p. 45-57. DOI: 10.5902/1679849X30662. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LA/article/view/306622> Acesso em: 18 out. 2023.

TOSCANO, Moema; GOLDENBERG, Mirian. **A revolução das mulheres: Um balanço do feminismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Revan, 1992.

XAVIER, Elódia. **Que corpo é esse?** O corpo no imaginário feminino. Florianópolis: Mulheres, 2007.

XAVIER, Elódia. **A casa na ficção de autoria feminina.** Florianópolis: Mulheres, 2012.

XAVIER, Elódia. A construção de um corpo liberado: a trilogia Catarina, de Alina Paim. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 33, p. 71-80, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/95855> . Acesso em: 18 out. 2023.

XAVIER, Elódia. Alina Paim: as duas faces da mesma moeda. **XIII Seminário Nacional e IV Seminário Internacional Mulher e Literatura:** memórias, representações, trajetórias. Universidade Potiguar, Natal, set, 2009.

ZHDANOV, Andrei Alexandrovich. **Escritos.** São Paulo: Nova Cultura, 2015, p. 115.

DISSERTAÇÕES E TESES

ALMEIDA, Daniele Barbosa de Souza. **A Trajetória heróica em A correnteza**, de Alina Paim: uma leitura mítico-psicológica. Orientadora: Ana Maria Leal Cardoso. 110f. 2010. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2010. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Letras. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/5767> Acesso em junho de 2019.

ALVES, Iracélli da Cruz. **A POLÍTICA NO FEMININO:** Uma História das Mulheres no Partido Comunista do Brasil – Seção Bahia (1942-1949). Orientadora: Márcia Barreiros. 238f. 2015. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2015. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em História da UEFS, Feira de Santana, 2015. Disponível em: < https://www.academia.edu/43824050/A_POL%C3%8DTICA_NO_FEMININO_Uma_Hist%C3%B3ria_das_Mulheres_no_Partido_Comunista_do_Brasil_Se%C3%A7%C3%A3o_Bahia_1942_1949 Acesso em: 12 abril 2022.

ALVES, Iracélli da Cruz. **Feminismo entre ondas:** mulheres, PCB e política no Brasil. Orientadora: Rachel Soihet. 350f. 2020. Tese (Doutorado em História), Programa de Pós-graduação em História, Instituto de História da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020. Disponível em: https://www.academia.edu/43823499/FEMINISMO_ENTRE_ONDAS_Mulheres_PCB_e_pol%C3%ADtica_no_Brasil Acesso em julho de 2022.

ANDRADE, Carla Vanessa Santos. **Imagens do sagrado na obra A correnteza:** uma leitura mítico-simbólica. Orientadora: Ana Maria Leal Cardoso. 80 f. 2018. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2018. Disponível em: <http://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/11475> Acesso em Junho de 2022.

FARIAS, Rafaela Felex Diniz Gomes Monteiro de. **O mito da tecelã na narrativa de Alina Paim.** Orientadora: Ana Maria Leal Cardoso. 98f. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2012, Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/5836> Acesso em Dezembro de 2020.

JUBERTE, Vinícius de Oliveira. **A Editorial Vitória e as Edições Comunistas no Brasil: da legalidade ao golpe (1944 – 1964)**. Orientadora: Marisa Midore Deaecto. 400f. 2023. Tese (Doutorado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023. Doi: 10.11606/T.8.2023.tde-22082023-121502. Acesso em: 03 de jan. 2024.

KLINGER, Diana Irene. **Escritas de si, escritas do outro: autoficção e etnografia na narrativa latino-americana contemporânea**. Orientador: Ítalo Moriconi Júnior. 205f. 2006. Tese de Doutorado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Literaturas de Língua Inglesa; Brasileira, Portuguesa e Língua Portuguesa e Linguística. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://www.bdttd.uerj.br/handle/1/61688> Acesso em 28 out 2022.

MARTINS, Anna Faedrich. **Autoficções: do conceito teórico à prática na literatura brasileira contemporânea**. Orientadora: Ana Maria Lisboa de Melo. 252f. 2014. Tese de Doutorado. Porto Alegre, 2014. 251 f. Faculdade de Letras, PUCRS. Disponível: <https://hdl.handle.net/10923/5746> . Acesso em: 5 jun 2022.

MENEZES, Fabiana Lisboa Ramos. **Pelos trilhos da memória: Alina Paim e o realismo socialista em *A hora próxima***. Orientador: Antônio Fernando de Araújo Sá. 131f. 2016. Dissertação (Pós-Graduação em Letras) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2016. Disponível em <https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/5706> Acesso em: Março de 2020.

OLIVEIRA, Michelle Pereira de. **Uma leitura histórico-social do abandono em *O sino e a rosa*, de Alina Paim**. Orientadora: Ana Maria Leal Cardoso. 113f. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2019. Disponível em: <http://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/11471> Acesso em: Agosto de 2022.

PARENTE, Monique Martins. **Uma leitura do mítico-simbólico feminino na tessitura do imaginário paímiano em *A casa da coruja verde*, de Alina Paim**. Orientadora: Ana Maria Leal Cardoso. 98f. 2023. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2023. Disponível em: <https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/18368> Acesso em: janeiro de 2024.

SAMPAIO, Ninalcira de Lemos. **O arco da memória : literatura e história em *A sétima vez*, de Alina Paim**. Orientador: Antônio Fernando de Araújo Sá. 103f. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2012. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/5846> Acesso em maio 2021.

SANTOS, Aline Suelen. **O mito e o maravilhoso na literatura infantil de Alina Paim**. Orientadora: Ana Maria Leal Cardoso. 108f. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2012. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/5817> Acesso em maio de 2021.

SANTOS, Fabiana dos. **Louisa May Alcott e Alina Paim: uma leitura comparada da formação das protagonistas em *Mulherzinhas* (1868) e *A sombra do patriarca* (1950)**. Orientadora: Ana Maria Leal Cardoso. 113f. 2021. Tese (Doutorado em Letras) -

Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2021. Disponível em:
<https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/15203> Acesso em: Dezembro de 2022.

SANTOS, Fabiana dos. **O imaginário da educação no romance *Estrada da liberdade*, de Alina Paim**. Orientadora: Ana Maria Leal Cardoso. 97f. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2011. Disponível em:
<https://ri.ufs.br/handle/riufs/5800> Acesso em Dezembro de 2022.

SILVA, Gabriel Moura. **O comunismo é como o vento. Quem segura o vento quando ele começa a soprar?:** Produção cultural e política na trajetória intelectual de Alina Paim (1944-1956). Orientador: Danilo J. Zioni Ferretti. 236f. Dissertação (Mestrado em História), São João del-Rei: Programa de Pós-Graduação em História da UFSJ. 2022. Disponível em:
<https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/pghis/DissertacaoGabrielMouraSilva.pdf>
 Acesso em maio de 2023.

SILVA, Márcio Carvalho da. **A saga de Raquel nas terras do Patriarca:** o mito da donzela-guerreira na narrativa de Alina Paim. Orientadora: Ana Maria Leal Cardoso. 100f. 2017. Dissertação (Pós-Graduação em Letras) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2017. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/5739> Acesso em junho de 2021.

OLIVEIRA, Ilka Maria de. **A literatura na Revolução:** contribuições literárias de Astrojildo Pereira e Alina Paim para uma política cultural do PCB nos anos 50. Orientadora: Marisa Philbert Lajolo. 168f. 1998. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1998. Disponível em:
<https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.1998.131477> Acesso em nov de 2023.

ANEXO 1

DUAS POLÊMICAS



REGISTRAMOS no mês que passou o início de duas polêmicas que deram um certo calor à nossa vida cultural. Que continuem os contendores nessa arena de ideias, sem ir, é bom que se diga, às vias de fato.

A primeira foi suscitada pelo aparecimento da revista «Tendências», importante publicação de Belo Horizonte. O sr. Otto Maria Carpeaux escreveu um longo artigo crítico, englobando os três principais trabalhos, de Fábio Lucas, Rui Mourão e Fritz Teixeira de Sales, dizendo encontrar neles contradições etc. Mas o de que não gostou o sr. Carpeaux foi da posição nacionalista do grupo mineiro, nacionalista no bom sentido. É bom que se diga, coisa que o sr. Carpeaux não entendeu. Audiatur de nascimento. Carpeaux veio da Europa tanguido pela avalanche de ódio e sangue do nazismo, e só de ouvir pronunciar a palavra nacionalismo tem amargas recordações. Não é para menos, é a velha história do «gato escaldado», mas no caso ele não tem razão. O nacionalismo de «Tendências» não é chovinismo, mas busca de um caráter próprio para nossa literatura e nossa arte, afinal, para a civilização brasileira, pelo que entendemos do debate.

Pois bem, o sr. Fábio Lucas, diretor de «Tendências», voltou à carga no mesmo jornal, com um longo artigo tão violento quanto o do sr. Carpeaux, em que o acusa de «diabólica maldade», «etom varineiro» e responde às afirmações do conhecido homem de letras. Diz em certo trecho que «uma das manias do sr. Carpeaux é querer forçar-nos a citar os livros que ele tem na prateleira e no fim promete prosseguir o debate no próximo número de «Tendências».

A outra polêmica nasceu da crítica do Sr. Franklin de Oliveira ao livro do prof. Pinto Ferreira «História da Literatura Brasileira», em que o autor se propoz fazer uma revisão da nossa literatura à base da interpretação marxista. O sr. Franklin de Oliveira não encontrou nada disso no livro e fez uma crítica arrasadora. O sr. Pinto Ferreira já de Recife respondeu com um artigo violento. O sr. Franklin de Oliveira voltou à carga, em resposta, enumerando ponto por ponto as contra-objeções do professor pernambucano para fulminá-las com uma montanha de citações de livros estrangeiros, o que demonstra que o antigo colonista de «Sete dias» está estudando de verdade. Vamos transcrever apenas o ponto 4, que é o menor e mais incisivo, não contendo nenhuma citação: «O objetivo central da polêmica... é o combate ao realismo socialista, procurando destruir uma obra que o defende». Não é verdade. Defendi o realismo socialista contra uma obra que o frusta. Estamos torcendo para que as duas polêmicas continuem...

«A SETA E O ALVO» DE OSVALDINO MARQUES

EM EDIÇÃO do Instituto Nacional do Livro (Biblioteca de Divulgação Cultural) acaba de sair o livro de ensaio do poeta e crítico Osvaldino Marques, «A Seta e o Alvo». Autor de dois livros do mesmo gênero, «Poliedro e a Rosa» e «Teoria da Metáfora & Renascença da Poesia Americana», Osvaldino Marques reúne nesse novo volume importantes ensaios, entre os quais aquele em que estuda a obra do sr. Guimarães Rosa, «Canto e plumagem das palavras», com o qual ganhou um Concurso Literário em 1956, promovido pela Revista IPASE.

Notícias do Mês

O jornalista Aristeu Achilles reuniu no livro «Liberdades Democráticas. Liberdade de Imprensa» uma série de estudos seus sobre a matéria.

James Amado concluiu seu segundo romance «O Levante do Pósto» tendo entregado os originais ao editor Martins que o lançará em maio do ano próximo.

A Editora Agir está anunciando uma edição das Obras Completas de Jorge de Lima, poesia e prosa, incluindo muitos trabalhos inéditos do grande poeta nordestino.

Completo nove anos de existência e circulação a Revista Branca, fato que foi comemorado com lançamento de um número especial.

Érico Veríssimo, que vem de publicar mais um livro de viagens, «México, história de uma Viagem», está agora empenhado em escrever o terceiro volume da trilogia «O Tempo e o Vento».

Hernani Donato, cujo livro «Chão Bruto» já vai para a quinta edição, está preparando um novo romance «Selva Trágica».

Já se apresentaram candidatos à vaga de Jorge de Lima na Academia Brasileira de Letras os seguintes escritores: Guimarães Rosa, Paulo Pinheiro, Chagas, Afonso Arinos de Melo Franco e Ivan Lins.

Verificou-se no Teatro Cocacabana um Festival João Vilaret-Antônio Bo o. O primeiro, famoso ator português, declamou poemas do segundo, não menos famoso poeta lusitano.

«Revista Branca» anuncia os seguintes livros para lançamento nos primeiros dias de novembro: «Recados sem Recados», poemas de Yone Sá Motta, com ilustrações de Sorensen; e «15 Histórias Curtas», livro de contos de estréia de Moisés Duék.

A Livraria Martins lançará ainda este mês o romance de Dalcídio Jurandir «Três Casas e um Rio».

Realizou-se em Curitiba, por iniciativa do Centro de Letras do Paraná, a primeira Feira do Livro, que obteve grande sucesso.

«CALENDÁRIO MARINHEIRO» DE HOMERO HOMEM

O poeta Homero Homem, também cronista e contista, lançará ainda este ano um livro de poesia que leva o nome de «Calendário Marinheiro» e será uma edição «Leitura».



O livro de Homero Homem, que é um calendário lírico de suas andanças pelo mar, de suas pescarias noturnas, de seus amores com os peixes e as águas, divide-se em quatro partes: «Manual do Pescador», «Água Geral», «Mar Agônico» e «Três Poemas em Prosa».

«A HORA PRÓXIMA» EM RUSSO



Alina Paim

Foi traduzido para a língua russa o romance «A hora próxima» de Alina Paim, que teve o melhor acolhimento por parte dos leitores daquele país. A tradução foi realizada por Jorge Kaluquin, jornalista e escritor que já viveu no Brasil, quando diretor da sucursal da agência Tass.

A romancista Alina Paim acaba de concluir um novo livro, seu quinto romance, que tem o nome de «Até lha de vidro». Explicando a simbologia do título, a romancista disse-nos que a telha de vidro, muito usada no interior, é o lugar por onde entra a luz nas casas escuras.

Alina Paim estreou em 1944 através da Editora Leitura com o livro «Estrada de Liberdade».

ANEXO 2



Alina Paim

A Professorinha de Estância já tem História Literária

Reportagem de BARBOZA MELLO

Em 1944, quando éramos editores e pensávamos lançar todos os jovens de talento deste país (que sonhadores!) fomos surpreendidos com a visita de uma menina de cabelos soltos, cacheados, 1,50 de altura, 48 quilos de peso, rosto bonito de ingênua, fala suave, e uma timidez inaceitável numa adolescente que queria ser escritora.

Trazia-a Osvaldo Alves nosso companheiro — atual desertor da literatura, depois de ter conquistado lugar de destaque na referida, com «Um Homem Dentro do Mundo».

— Aqui está uma escritora que deseja ser lançada por LEITURA.

A mocinha ao ouvir estas palavras quase desapareceu na cadeira. Creio mesmo que naquele instante ela perdeu metade do seu peso e do seu tamanho. Ficamos conversando, e a custo nos informando — ela falava tão baixo — das suas modestas pretensões. Tinha um romance para editar, que se chamava «Estrada da Liberdade». E, mais à vontade, foi contando como e porque o escreveu.

— Nascida em Estância, vivi minha meninice em Simão Dias — ia dizendo — saindo desta cidade sergipana com 10 anos, endereçada ao «Convento de N. S. da Soledade», em Salvador, situado, precisamente, na Estrada da Liberdade (que deu nome ao romance) onde permaneci 12 anos, sendo 8 como interna e 4 como professora. Deixando o Convento, casei-me e, sem pensar escrever livro, ia anotando num caderninho tudo de interesse que vivi naquele casarão. O resultado foi este romance que submeto à sua crítica.

Assim falou aquela adolescente professorinha de Convento sem denotar a mínima convicção no seu primeiro trabalho literário.

Osvaldo Alves já me havia falado do livro com a maior simpatia. Tomei os originais daquelas mãos quase trêmulas, e no dia seguinte já o havia lido. Telefonei-lhe comunicando que ia editar o seu romance. Ela emudeceu. Não teve palavras nem para agradecer nem para perguntar quando o lançaria. Compreendi que estava terrivelmente emocionada, e não adiantava continuar.

Em 1945, com a «Estrada da Liberdade» de Alina Paim (este o nome da professorinha adolescente) a Editora Leitura lançava uma escritora que viria a ter posição definitiva entre os nossos bons romancistas.

Em menos de 2 anos a edição estava esgotada, tendo contribuído para isso as freiras daquele Convento que eram as maiores compradoras do livro, não para ler, mas para queimar... Elas não gostaram do que Alina havia escrito, colaborando para a imortalidade do «Convento N. S. de Soledade».

Quatro anos depois a mocinha continuava mocinha, mas já com outro romance: «A Sombra do Patriarca».

Reminiscências da vida do campo. Foi entregue a Editora Globo de Porto Alegre que, quando o lançou em 1950, já Alina — num passe de mágica, tinha feito outro, — «Simão Dias» — que a «Livreria Editora Casa do Estudante do Brasil», publicou, na frente daquele, em 1949. Este era realmente o terceiro, não obstante ter saído um ano antes do segundo.

Graciliano Ramos tendo lido os originais de «Simão Dias», fez a apresentação do mesmo numa orelha da capa.

A mocinha não pára. Trabalhadora infatigável, se interessa pela situação e participação das mulheres na greve ferroviária de 1954, em Minas e temos então o seu quarto romance, «A Hora Próxima», editado no ano seguinte na «Coleção Romances do Povo», dirigida por Jorge Amado para a Editorial Vitória. Grande tiragem (8.500 exemplares) e, seguramente, o seu melhor trabalho literário. Já teve duas traduções, uma para o russo, que lhe proporcionou cento e cinquenta mil cruzeiros de direitos, recebidos por intermédio do Banco do Brasil, com prefácio de Jorge Amado e outra edição em chinês. A primeira tradução foi em 1957 e a última dois, anos depois.

Alina Paim continua a mesma mocinha que nós a conhecemos há 16 anos passados. Engordou uns quilinhos, que lhe fizeram muito bem, e dos seus cabelos negros, cortados, destacam-se alguns fios de platina (não sei se são verdadeiros).

Continuou escrevendo romances, era natural. «Sol do Meio-Dia», é o seu último livro, que acaba de ganhar o «Prêmio Manuel Antônio de Almeida» instituído pela «Associação Brasileira do Livro», com a dotação de Cr\$ 100.000,00, e que será editado pela editora criada pela mesma ABL.

Tão confiante está a ABL no êxito do romance que pensa fazer com ele um grande lançamento nacional. Chegou mesmo a lançar outro concurso, entre desenhistas e pintores, para a capa do livro, com o prêmio de Cr\$ 20.000,00 para o primeiro lugar. Será o romance de capa mais cara já editado no Brasil. Pensou em uma novela de 70 ou 80 páginas — disse-nos — quando começou a escrever «Sol do Meio-Dia». E saiu um livro de 350 páginas datilografadas. Contou que era a história de uma moça (Ester) que veio de Paripiranga, na Bahia. Quem sabe se não é a história dela?

Alina Paim também se interessa por literatura infantil. Este ano a «Conquista» lançará 3 volumes de histórias infantis: «O lenço encantado», «A casa da coruja verde» e «Luzbela vestida de cigana» todos ilustrados por Percy Deane.

Antes de encerrar esta conversa com a vencedora do «Prêmio Manuel Antônio de Almeida» dissemos a Alina que, seguramente, ela estava escrevendo outro romance (ela não pára) e como se chamava?

A resposta veio imediata: «História de Catarina».

ANEXO 3

LEITURA DESCOBRE UMA ROMANCISTA

"ESTRADA DA LIBERDADE" — 1.º VOLUME DA "COLEÇÃO LEITURA"

ENTREVISTA DE MELO LIMA COM ALINA PAIM



"Estrada da Liberdade" chegou à redação desta revista por força do convite que a Cia. Editora Leitura fez aos romancistas do Brasil, e foi lido segundo a ordem de recebimento dos originais. Em consequência, passou vários dias numa estante, à espera de que chegasse a sua vez. Mas curiosidade numa redação é o que não falta, e eis que um redator esteve a folheá-lo, levou-o para casa e no dia seguinte veio com as alviças. Descobriu uma grande romancista.

Imediatamente a atenção de todos se voltou para a "Estrada da Liberdade". O que significava aquele título? Aonde se passava a história? A escritora tinha mesmo talento, sabia escrever?

Uma das pessoas encarregadas de julgar os originais, leu um capítulo em que Alina Paim faz a sua personagem Marina descobrir certos pecados que lhe pareciam inconfessáveis (ela principiava a trabalhar num bairro onde a vida se manifestava em seus mesquinhos aspectos de pobreza e de vícios) e o autor de "Um homem dentro do mundo", que é sempre um escritor sem tempo para escrever, não conseguiu também conter a curiosidade. Levou o livro de Alina Paim para casa. Volume grosso, perto de trezentas páginas ditilografadas, e com certos algarismos tão visíveis que nos gritavam as aperturas dos tipos que ali estavam vivendo. Nada de quantias que nos lembram logo não problemas mas soluções agradáveis e reconfortantes. Aquele romance parecia gemer como um louco os conflitos das suas vidas, e de maneira tão exterior e direta que um romancista que nos visitava na ocasião sugeriu modificássemos os algarismos, escrevessemos cinquenta cruzes ao invés de Cr\$ 50,00... Seria mais discreto, não?

Por que tanta preocupação por um livro que não leramos ainda? Seria assim tão bom a ponto de forçar o romancista Osvaldo Alves a encontrar no tempo uns minutos que ele próprio ignorava que ainda possuísse?

Ali, na segunda página, um inexperiente encontrou de súbito o

"espírito do livro e da escritora" na dedatória que ela fizera: "A Jorge Amado, Dias da Costa e Edison Carneiro". Dedatória de bom gosto, sem dúvida, porém não explicava "o espírito" do romance nem da romancista; de qualquer modo, parecia um sinal de que Alina Paim era bahiana. Sim, bahiana da gema. Toda gente concordou. Mais tarde, outra visita nos esclareceu que "Estrada da Liberdade" era o nome de um bairro da Cidade do Salvador, um bairro tão característico que determinados problemas sociais aparecem nêles mais sintomáticos e revoltantes.

— As tropas libertadoras passaram por lá.

— Que tropas libertadoras?

— Não se recorda do célebre 2 de Julho cantado por Castro Alves?

Osvaldo Alves leu o romance quase de um jato, como se diz, e o superintendente da Cia. ficou com pulgas atrás das orelhas, ansioso também para conhecer o "Estrada da Liberdade". Insistimos com Os-



Alina Paim

valdo para contar-nos o enredo do livro.

— Ora, minha gente...

Difícil contar numa redação onde todos conversam literatura para o desespero de alguém desambiantado o enredo de um romance escrito com minúcias descritivas, introspecção, monólogos e muito de movimento e romanesco. Marina era uma personagem bem caracterizada, o romance escrito com vigor e naturalidade, tinha um capítulo onde se falava na propaganda franquista num colégio de freiras que era uma dessas páginas tão

bem realizadas que parecia de um romancista assim com a impiedosa e conciente serenidade de Graciliano Ramos e com o arrebatamento empolgante de Jorge Amado. Alina Paim condensara naquele capítulo uma acusação tão bem feita que o romance permanecia intacto em toda a eloquente segurança da sua técnica verdadeiramente clássica. Quem seria essa escritora que se apresentava assim, satisfazendo ao mesmo tempo o editor, os curiosos, as visitas e literatos que o tinham lido?

Pouco depois Osvaldo Alves lia um capítulo em voz alta para que ouvissemos. O gerente da Companhia Editora Leitura, Augusto de Souza, que é homem de Portugal e com largas permanências em Vieira, Frei Luiz de Souza e em todos os bons e sábios portugueses de vários séculos, afirmou imediatamente que "essa escritora sabe de fato escrever", estava-se vendo que "era uma escritora considerável". Mais uma virtude que o livro de Alina Paim despertara. Além de emocionante, realizado com as exigências que um sujeito como Osvaldo Alves não pode deixar de fazer, "Estrada da Liberdade" ainda manifestava a virtude que Augusto de Souza achava imprescindível em qualquer livro, de ficção ou de poesia, de história ou ensaio, para que fosse "considerável".

O editor começava a ver no romance não simplesmente uma história que o satisfazia só no sentido literário. De tempo em tempo, dizia que o livro tinha atualidade, que certos problemas estavam "planteados" com a segurança própria de uma pessoa "conciente".

Estavam portanto assegurados os palmos de terra daqueles originais palpitantes de vida. Não se discutiria mais, seria editado. Competia agora à secretaria de "Leitura" providenciar a apresentação da escritora, comunicar-lhe a decisão, dizer-lhe que o seu livro estaria na rua possivelmente em setembro próximo.

Minutos depois apareceu Dias da Costa. Interrogado, disse logo que o livro era bom e que aconselharia a publicá-lo. Mas Dias da Costa era suspeito, a dedatória estava ali a ameaçá-lo... O escritor revoltou-se, afirmou que seria incapaz de elogiar um livro se não fosse digno. Pedimos-lhe desculpas com prazer, perguntamos-lhe notícias de Alina Paim, como era o seu tipo, se casada ou solteira, se possuía já uns trinta ou quarenta anos...

— Trinta anos coisa nenhuma! Alina deve andar por aí na casa do 21 a 23 anos, no máximo.

— Não me diga!

— No duro. Quer saber mesmo a idade certa de Alina? — e o oferecimento de Dias da Costa souo-nos como uma perfídia engatilhada, mas nesse instante entrou o escritor Valdemar Cavalcanti com a sua pasta de homem sempre ocupado. Vinha fazer uma visita, folhear números recentes do "New York Times" e do "Tribune", dar notícias de uma tradução que anda fazendo para a casa, saber como iam passando e outras coisas confessáveis. Viu o livro, folheou-o, deteve-se em algumas partes, acrescentou que era bastante volumoso, quiz saber em que Estado nascera a escritora. E no dia seguinte apareceu uma crônica na "Folha Carioca" assinada por ele onde havia já uma notícia simpática a respeito do livro. Comedido, Valdemar Cavalcanti não fazia afirmativas, mas indicava claramente que pelo menos os trechos que lera lhe tinham agradado.

Outras pessoas leram "Estrada da Liberdade": duas inteiramente distintas em coisas literárias, uma senhora inteligente aqui da gerência da editora e um senhor que só se preocupa com os noticiários de guerra. D. Anélia Miller achou o livro "formidável", e o senhor sempre preocupado com os noticiários de guerra afirmou: — "Assim, sim, é que se devia escrever um romance!"

Estava decidido, portanto. Comunicamos a Alina Paim a notícia de que o seu romance fôra escolhido para iniciar a "Coleção Leitura". Modéstia à parte, seria um começo magnífico não só para a coleção como também para o seu romance. Desta revista só encontrari apoio, porque era de fato merecedora. Quando teríamos o prazer de vê-la para uma conversação?

A presença de Alina Paim foi uma surpresa tão grande que a exclamação saltou logo, como se fosse elogio:

— Tão jovem ainda! O seu ro-

mance parece de uma criatura mais idosa...

— O senhor acha?

Uma nortista, estava-se vendo, bahiana da Cidade do Salvador, os olhos negros com um brilho extraordinário, e a pronunciar certas palavras como só os bahianos as pronunciavam.

— Está aqui há muito tempo?

— Não "mutcho". Vai fazer pouco mais de um ano.

— Trouxe o livro da Bahia?

— Não. Quando vim da Bahia trazia-o na cabeça, bem escondido. Eu lá pensava que pudesse escrever um romance capaz de interessar uma editora! Tinha que me preocupar primeiro com a vida, trabalhar... O senhor compreende, não é?

— Escreveu-o aqui mesmo, na Ladeira da Glória?

— Foi em Marambaia.

— Aquela Escola de Pesca do Estado do Rio?

— Lá mesmo. Passei um ano a ensinar os filhos dos pescadores de Marambaia...

— Encontrou então muito tempo para escrever.

— Escrevi-o aos pedacinhos, dentro dos minutos que sobravam. Sou uma professora de vocação, gosto de ensinar, quero bem aos meus alunos, de maneira que me dedicava de corpo e alma aos bichinhos. Como se pode ter tempo para escrever despreocupadamente quando cada aluno que a gente ensina representa às vezes um drama tão grande que até parece uma acusação dirigida a nós próprias?

— Conhece Lia Corrêa Dutra?

— De nome. Por que?

— Ela também fala assim com essa mesma paixão pelos filhos dos outros. Nunca vi uma pessoa se preocupar tanto com os seus alunos pobres.

— Se Lia Corrêa Dutra é assim, vou simpatizar ainda mais com ela.

Depois de uma pausa, continuou:

— E' que somos obrigadas a saber o que se passa em cada uma daquelas crianças. Uma professora honesta não pode deixar de angustiar-se. De repente nos vemos

absorvidas também pelo drama dos garotos e de seus pais, de suas irmãs e de toda a família. Quantas e quantas vezes sou forçada a sair das minhas funções de simples professora para cuidar de conflitos cujas soluções parecem tão distantes, tão dolorosas... Certos problemas que não têm nenhuma significação para nós são às vezes tremendos para os pais de meus alunos, para os bichinhos mesmos...

Alina Paim é uma criatura tão humana que isso salta logo ao primeiro contacto. Quando fala de seus alunos da Bahia não se contém a lembrança de um período de "Estrada da Liberdade" desses que a gente recorda quando menos espera: "Ia deixando (Marina) a rua dos Ossos, rua estreita, calçamento péssimo, postes apagados, onde nada acontece e no entanto em cada casa a vida escreve uma história de angústias e de preocupações".

— Escrevi "Estrada da Liberdade" — esclareceu como se pedisse desculpas por falar em seu romance — para as minhas colegas que ainda não conhecem as surpresas da vida, o que é a realidade, o que uma professora sem governo, sem amparo e confiança sofre no meio de tantas crianças que não são simplesmente problemas sentimentais a resolver, mas vidas que precisamos salvar a todo instante para que nós, professoras, não morramos também a cada instante...

— "E se diz que aqui se vem para se poder viver, e no entanto aqui também se morre"... ouviu?

— Isso mesmo — concordou, meio surpresa. — Marina, a heroína de "Estrada da Liberdade" vai para a vida com essa impressão de vitória, mas o que encontra é a derrota, são mil caminhos atravessados de dificuldades, desiluzões, misérias de ordenados, incompreensões que destroem a vontade de bem conviver com o próximo, e tudo lhe vem como acusação, impiedosamente. Precisa vencer, tem que lutar, e luta — meu Deus! — com

(Continua na página 69)

Desejando V. S. adquirir qualquer um dos livros mencionados em LEITURA, peça-o pelo Serviço de Reembolso Postal da Livraria Civilização Brasileira, Rua do Ouvidor, 94 - Rio de Janeiro

EMPRÉSTIMOS

Para liberação de hipotecas onerosas ou aquisição de casa própria. Pagamentos a longo prazo, pela Tabela Price, com juros módicos, sem comissões de qualquer natureza.

INFORMAÇÕES SEM COMPROMISSO

BANCO HIPOTECÁRIO LAR BRASILEIRO

S. A. DE CRÉDITO REAL

Rio de Janeiro, São Paulo, Santos e Bahia - Brasil

Rua do Ouvidor, 90 — 1.º andar

LEITURA DESCOBRE UMA ROMANCISTA

(Continuação da página 41)

que sacrificios. Não há recompensa senão o que um espírito forte por natureza consegue depois de muito tempo: consciência das coisas que o cercam, desejo de lutar não mais simplesmente pela necessidade de viver, mas também por uma questão de princípios, como se tivesse salvando todas as ingênuas como a própria Marina. E' que, em todos os minutos do dia e da noite, elas vão iniciando o mesmo caminho do seu sofrimento. Digo-lhe sinceramente que escrevi o meu livro não como um desabafo, mas com consciência, certa de que, se encontrasse capacidade para realizá-lo literariamente, contribuiria um pouquinho para esclarecer a todas as moças que saem de colégios de freiras e daqueles colégios onde só se ensina o medo da vida e não o que é preciso para se merecer a vida e poder realmente ensiná-la. Porque o que se ensina na aula não são lições. Ensina-se a vida, e esses livros, essas lições, esses ditados são como parte da vida. Eu mesma ensinei durante muito tempo na rua onde a personagem de "Estrada da Liberdade" ensina. Sei o que é aquela vida...

O terrível drama da vocação. Marina a exercer o ofício de professora quando devia ser simplesmente uma aluna. Presa de pequenas evidências, de muros sem paredes, via os fatos e não sabia explicá-los nem dizer de onde vinham nem porque surgiam. Drama da vocação, transe de suicídio.

O que era um homem? No princípio do romance, quando Marina inicia a sua vida prática, o homem significava para ela qualquer coisa de sujo, de bicho grosseiro e malicioso que só serve mesmo para destruir purezas que vários anos de reclusão num colégio de freiras e de ensinamentos tortos tinham transformado em chagas, em desejos, interrogações sem respostas, noturnas. Depois, a descoberta de

que o homem pode ser um companheiro também, de que tudo aquilo que lhe haviam ensinado não significava pureza. Era malícia. A preocupação com dinheiro minuído, os sonhos da virgem como cintilações de um sol que não clareia, as tragédias dos alunos, das colegas, a solidão que cada um leva em si mesmo e a que é provocada por um sítio de desventura, e todos os problemas de personagens bem definidas, com linguagem, movimento e vida próprias.

"Estradas da Liberdade" é um romance onde o tema amoroso, por exemplo, se encontra descrito como necessidade lógica e natural, e não como de personagens mórbidas que pensam e falam de amor sem conhecer nem homens nem mulheres.

Marina encontra Paulo, luta por ele, torna-se merecedora, alcançando aquele sereno minuto da vida que permite o direito verdadeiro de "conquistar" o amor, que é como um clarão ou como uma estrela a penetrar as trevas que antes a escondiam. Não mais uma voz dividida através de chamado poderoso e persistente. Presença do homem, simplesmente, e apoio para sustentar o próprio peso do mundo. E então ela pode observar que a "Estrada da Liberdade" fóra a sua escola e que aqueles meninos de "pernas sujas de lama e berrinco vazio" constituíram os seus mestres, percebendo também que "eles eram aos milhares". Agora, ao partir, sentia e compreendia que o que ficava para trás, além nas trevas que a sua estrela limitara, era o resultado de uma educação errada.

"Como tinha divertido Miguel com seu convencimento, falando-lhe de autores que escreviam apenas para agradar os ricos, encher de fantasia a ociosidade dos privilegiados". "Começara a olhar as pessoas e os acontecimentos procurando compreendê-los. Descobria a rua dos Ossos, lera os ro-

mances de fatos miudos e intensos que eram vividos naquelas casas de porta e janela, naqueles sobradinhos sem nenhuma beleza. Tornara-se mais humana".

"Agora encarava o futuro confiante, plena de desejo de lutar, sem medo das dificuldades, esperando vencer. Compreendia que em si o amor agia como algo renovador e construtivo, e se abandonava completamente à sua ação criadora".

DESTINO DE UM ESCRITOR

(Continuação da página 47)

chegando cansado da repartição, o Sr. Policarpo sabia quais os programas que devem ser ouvidos e quais os que devem ser evitados. Pare o cronista de cinema, que digere os piores "abacaxis" para que a Zizinha saiba qual o filme que convém ver com o namorado na matinée de domingo. Para o cronista social, que sofre entre dores e salgadinhos todas as torturas da banalidade. Enfim, para o cronista em geral, para o homem que tem por obrigação olhar todas as coisas como um assunto possível; que deve ser, no ônibus, em casa, na rua, o profissional em busca de um assunto, torturando-se continuamente, como o próprio Humberto de Campos, si não me engano, frisou em sua crônica sobre o homem que tinha miolos de ouro. Todos eles sabem agora que não há nenhum obstáculo entre eles e a duradoura glória literária, porque para sobreviver à vida efêmera do jornal só precisam de uma coisa: talento.

E' isto que a nova edição da Jackson, tão agradável de ver-se, como em geral são os livros desses editores, está dizendo aos que passam pela estreita, movimentada e colonial rua do Ouvidor.

OBRAS COMPLETAS de Humberto de Campos — 29 volumes, 9.300 páginas — Reedição — W. M. Jackson Ing., Editores — Rio, 1944.

ANEXO 4

“Estrada da Liberdade”

Capítulo do romance de ALINA PAÍM

Copyright DE LEITURA

O SOL estava escaldante, caminhões passavam levantando nuvens de poeira, e Marina suava, sentia o rosto ardendo. Devia estar muito vermelha.

— Falta muito ainda?

— Não, é depois daquele bêco.

Marina, uma pequena moreninha, de cabelos lisos e pretos como os de índia, achava graça de Marina estar cansada de tão pouco.

Atravessaram o bêco, Marina procurava o passeio. A calçada das casas era muito acima do nível da rua; para se chegar até ali, subia-se alguns degraus cavados no barro. O centro da rua era cheio de buracos, parecia o leito de um rio onde as águas tivessem secado. Um vento quente suspendia uma poeira fina e avermelhada, crianças nuas brincavam sentadas na terra quente. De quando em quando, alguma mulher chegava à janela para olhar Marina que passava.

— É ali, D. Marina.

A frente de Marina, estendia-se um mundo diferente. Dois muros de barro vermelho se erguiam um em frente ao outro, casinhas de sobrado amontoavam-se pela encosta, num milagre de equilíbrio. Em baixo, estendia-se um trecho coberto de capim, onde muitas mulheres lavavam. Curvadas, saias arregaçadas, uma toalha amarrada na cintura, elas trabalhavam com as mãos mergulhadas na espuma que se derramava das bacias entupidas de roupa. Havia movimento, labuta. De tempo em tempo, escapava um palavrão. Dois meninos engalfinhados rolaram pelo barranco. Uma mulher gritava pelo filho de uma janela, com voz esgançada:

— Vem descarado! Sem vergonha, eu te quebro de porra!

O pequeno nem se incomodou. Continuou saltando e caindo no barro quente. Duas garotas brincavam, enfiando talos de fósforos num caroço de jaca.

— Dedé, uma vaca.

Marina bateu na primeira casa, com o coração oprimido. Seria bem recebida? Uma mulher abriu a porta.

— Boa tarde.

— Boa tarde.

A mulher encarava Marina, segurando a porta, sem um sorriso, a cara fechada, aborrecida.

— Que é que a senhora quer?

Marina falou com voz incerta, intimidada pela atitude da desconhecida:

— A senhora faz o obséquio de me informar se há algum crian-

JULHO DE 1944

ça em idade de ser matriculada?

A mulher continuava olhando sem dar sinal de ter compreendido. Marina quase desmaiou.

— A senhora tem filhos com sete ou oito anos que ainda não estejam na escola?

— Filho não, tenho dois sobrinho, filhos de minha mana. Entre, Dona. Vou chamar a mãe dos meninos.

— Ogenia, Ogenia. Aqui tem uma mulher que quer falar com você.

Arrastando os tamancos, a mu-

lher apareceu enrugando as mãos na saia.

— Boas tarde.

Estendeu a mão. Marina apertou-a. Que mão estranha de dedos entumecidos e recurvos, em alguns dedos até faltando as unhas! Marina ergueu a cabeça e fitou a mulher. Estremeceu. Havia placas vermelhas e arroxeadas naquele rosto, o nariz era inchado, as orelhas, grandes, tinham manchas escuras. Apertara a mão de uma leprosa.

— Ela quer saber dos meninos Ogenia.

Este capítulo de *Estrada da Liberdade* — 1.º volume da “Coleção Leitura” — foi escolhido pela própria autora, que o considerou capaz de indicar “o espírito do romance e da romancista”. Apesar de não ser o melhor capítulo, reúne pelo menos a maneira de escrever de Alina Paím, a maneira de viver da personagem e a maneira de “ver” da pessoa consciente que é essa romancista nordestina que se apresenta na vida real como uma recém-saída dum colégio de freiras, não obstante o “sorriso certo” que tem tanto pelos assuntos literários como para os problemas políticos.

No número passado saiu uma entrevista com Alina Paím, onde se encontraram maiores dados sobre a romancista e o romance que a Companhia Editora Leitura vai editar, bem como o sentido realista e humano de encarnar as alegrias, as injustiças e as decepções de uma professora de vocação.

Mais de 100 originais estão em nosso poder, o que forçou a editora a contratar o romancista Oswaldo Alves só para fazer a seleção prévia dos mesmos. De um punhado de 20, por exemplo, ela escolheu um ou dois que, por sua vez, serão lidos por cinco categorias distintas de leitores, inclusive por um leitor que só sabe dizer se o romance lhe agradou ou não.

Temos no momento três originais dignos de ser lançados por qualquer casa editora que se preza, segundo a opinião de Oswaldo e de três outros leitores menos entendidos: uma datilógrafa, um jornalista e um estudante. Mas ainda necessitamos do julgamento de duas criaturas simples, que são leitoras comuns e nada mais. Passados nesses exames, bem difíceis como se vê, dada a diferença de pontos de vista e cultura, os autores dos livros escolhidos podem orgulhar-se da vitória.

De repente, porém, nos surgiu um caso especial, provocado pelo romance de uma mulher que, como Alina Paím, é ainda inédita.

Trata-se de um romance escrito à maneira da Virginia Woolf, ou de Hermann Bloch, ou de Hermann Hess, ou de qualquer um desses romancistas cuja “técnica” ou cuja “introspecção” é produto mais de cultura do que mesmo de sofrimento ou de sentimentos provocados por fatos exteriores. Tanta a força e a beleza das suas análises que o assunto não se esgota, como se diz por aí erradamente em certas críticas que procuram elogiar um introspectivo, mas se renova continua e incessantemente, como se o romance indiferente aos compromissos naturais da narração, fosse apenas essa procura de um eu que nós, leitores comuns, verificamos com tristeza não ser nosso. Possui essa beleza cerebral dos romances cultos, preocupados com “técnicas”, sem localização, nem tempo comum, mais marcadamente simbólicos que humanos e quase desprovidos da ficção que fez de um Tolstói ou de um Balzac admirado não só pelo povo como pelos escritores em geral.

Para uns, como Wladimir Weidle, romances assim significam a própria morte da ficção; para outros, que acham que o romance tanto pode ser um tratado de filosofia como um poema de dimensões épicas, significam uma contribuição progressista à técnica ou um alargamento ao limite deixado naqueles confines da criação de um “Orlando”, por exemplo, ou de “Paralelo 42” ou de “Sonambulo”. “Dos Passos chegou até ali; pois eu cheguei dois passos mais adiante, se possível”, como certa vez um jovem disse seriamente, má grade o trocadilho, numa roda de outros jovens brasileiros cheios dessa audácia que nos faz acreditar numa nova geração brasileira menos preocupada com reportagens romancadas ou romances paraneais instintivos, onde predominam as insatisfações sexuais e as que são provocadas pela imaginação sem escapatória.

Pois o romance dessa escritora nos tem dado o que pensar. Estamos certos — e que a nossa ignorância não nos engane — de que é o romance verdadeiramente “culto” escrito no Brasil, lembrando-nos um país de neve, distâncias e belo — e culto no sentido de que a autora o escreveu sabendo quais os romances contemporâneos que usam e abusam da mesma técnica, e procurou suplantar-os ou pelo menos percorrer “dois passos” além de que os outros haviam percorrido. Talvez não se tenha saído com perfeição, nem com a mesma segurança que um ambiente de liberdade daria, mas o fato é que é uma dessas flores novas da cultura que começa a surgir no Brasil com Clarissa Lispector.

Falta apenas saber se o editor se atreve a editá-lo, porque tudo está a indicar que esse romance só será lido pelos escritores. Cae se decide, daremos oportunamente notícias da autora.

Quem isto escreve, acha que vale a pena arriscar-se a lançar tamar romancista, mesmo sabendo de antemão que a época não é propícia aos romances demasiadamente introspectivos, demasiadamente cerebrais, e que nossos leitores pula-páginas ainda não estão habituados a suportar tanta ciência e compreensão inteligente e valiosa monotonia das procu-

LEITURA — 57

ANEXO 5

Estrada da Liberdade

ASCENDINO LEITE

Copyright de LEITURA

CONCLUIMOS a leitura do livro de estréia de Alina Paim — *Estrada da Liberdade* — e se não ousamos dizer que lemos um grande romance, estimamos poder afirmar que achamos em suas páginas uma forma definitiva de literatura.

Não queremos forçar um paradoxo. Ao nosso ver, não devemos subestimar a sensibilidade, as marcas ou artificios dos deslumbramentos de que, em regra geral, padecem os livros de inspiração feminina. No caso de uma estréia como a dessa jovem escritora que nos surge da Bahia através de um romance, a existência desses transparentes pode, talvez, oferecer indicações mais preciosas do que a experiência vivida.

No que respeita à Alina Paim, a complexa ordem desses fatores se manifesta num sentido mais sério e consequente; as concessões ao temperamento não chegam a atrofiar as intenções ou propósitos da ficção, enquanto a técnica de realização literária se processa de modo bastante seguro. Isto significa que a romancista de *Estrada da Liberdade* dispõe de recursos reais de expressão, que as suas possibilidades são legítimas e nos deixam perplexos diante daquilo que ainda será lícito delas esperar-se.

Desde os primeiros capítulos de *Estrada da Liberdade*, somos forçados a admitir as qualidades fundamentais da literatura sentida femininamente, mas sem notas falsas, sem derramamentos, sem aqueles êxtases de mocinhas habilidosas, como eram, outrora, aceitas as nossas revelações de escritoras. O livro de Alina Paim constitui, neste particular, uma autêntica surpresa. É o tipo do romance social como poderia ser inventado ou criado por uma imaginação de mulher, romance contido nas limitações de uma grande naturalidade e de uma forma acentuadamente feminina de sentir e traduzir o real. Livro escrito na terceira pessoa, afigura-se, entretanto, um depoimento psicológico de feito autobiográfico, a história de uma sensibilidade de mulher que se transforma e se afirma, plena de teor humano, à medida que se lhe chegam o conhecimento e a descoberta do mundo.

Com a professorinha Marina, pomos os nossos passos nos caminhos e nas dimensões dos pequenos dramas coletivos, colocamo-nos bem no centro das coisas e dos sentimentos, bem no meio de criaturas que por serem modestas, obscuras e humildes ou por serem afortunadas, estultas, más e orgulhosas palmilham, entretanto, as mesmas estradas da condição humana. Marina

reflete a singeleza dessa luta comum, acentua também, com uma beleza não menos pungente e uma eloquência não menos verídica, o quadro das desigual-



Alina Paim

dades sociais sobrepondo-se, quase sempre, às aspirações mais legítimas do indivíduo.

No conjunto desse livro de narração amena, de poucos ou nenhuns desaba-

fos — um romance sincero e lógico, não há dúvida — no meio dos tipos de invenção mais ou menos feminina, a professorinha recém-saída do colégio de freiras é de um encanto particular e tangível. Toda uma experiência súbita da vida se desenvolve diante dos seus olhos atônitos; e a lição que lhe ocorre, entre indagações sem resposta e fundas inquietudes, é uma mensagem de solidariedade e de justiça, um desejo de fraternidade e de amor.

Na expressão de um sentimento de tal amplitude, a romancista pôs o melhor dos seus recursos de observação e dos seus dotes de escritora. Conduziu-se, até o fim, marcando esplêndidos momentos de realização literária, sem trair os impulsos de seu temperamento feminino.

O tema e a expressão, felizmente, encontraram em *Estrada da Liberdade* uma forma definitiva de ficção, que nos leva a esperar ainda muita coisa de Alina Paim.

ESTRADA DA LIBERDADE — romance de Alina Paim — Companhia Editora Leitura — Rio, 1945.

NÃO SOBRÁRA NADA!

• Pudera! Tão saborosos...
E aqui está o segredo de alimentos deliciosos, apetitosos e de fácil digestão:

MAIZENA DURYEA

Verifique o acampamento índio em cada pacote

A MAIZENA DURYEA 49
Caixa Postal, 6-B - São Paulo 15
Peço enviar-me, GRATIS, o livro "Receitas com Maizena Duryea"

NOME _____
RUA _____
CIDADE _____ ESTADO _____

ANEXO 6

Na Estrada da Liberdade

SANTOS MORAES

Copyright de LEITURA

NA ESTRADA DA LIBERDADE, zona pobre da Bahia, desenvolve-se o romance com que a sra. Alina Paim inicia sua vida literária. Dizem que por aquela longa e sinuosa estrada entraram as primeiras tropas libertadoras nas lutas da Independência, e, por tal motivo, recebeu a denominação simbólica. E' mais certo, porém, admitir-se que tal nome significa a íntima liberdade que desfrutam os seus moradores de serem pobres e infelizes até o desespero, e de se arrastarem nas ruas ou nas casas miseráveis como tapas humanos.

Situemos nesse ambiente uma escola pública e uma professora inteligente ensinando às infelizes crianças maltrapilhas. Imaginemos o choque de princípios e o despertar da consciência dessa jovem, educada num convento de freiras, cheia de preconceitos e de princípios falsos, mistificada e iludida, ao deparar a vida miserável e instintiva daquelas crianças soltas e desnudas, compreendendo a responsabilidade que lhe caberá então nos seus destinos, firmando-se aos seus sofrimentos e procurando compreender-lhes as naturezas selvagens e rebeldes. Imaginemos ainda o contraste que se dá, pois essa mesma professora ensina também num colégio de freiras, para onde vão as crianças ricas. Entre estes dois mundos estanques e distantes passa-se um ano de atividades escolares. Mas a professorinha não se cansa de observar e aprender. Vive em dois planos. O real, presente, e o passado, falso. Qualquer fato ligase invariavelmente a uma outra recordação e observa o contraste a errada educação burguesa, os falsos preconceitos, a simulação e a mentira, a vida de internato, cheia de pequenas misérias e misérias, enganosa, hipócrita e má. Pouco a pouco a professorinha vai tendo a revelação de tudo. Lê livros diferentes, dados por amigos novos, e chega assim a uma nova concepção da vida, do amor, das relações entre as pessoas humanas, e revolta-se contra tudo que é falso e lhe fôra ensinado deliberadamente mercê de uma educação dirigida no interesse dos poderosos e ricos.

Eis o clima em que se desenvolve a ação de *Estrada da Liberdade*, romance de uma jovem estudante que temos com interesse. Simples e comovente, é um livro rico de pequenas emoções, em que sentimos uma rara sensibilidade a vibrar continuamente. Vejamos por acaso pequenos episódios extraídos do livro: Acompanha-

da de uma velha empregada, a professora passa pelo largo do Barbalho. Vem um casal de namorados pobres, aos abraços e beijos. A empregada velha comenta a perdição das raparigas de hoje e diz:

— “Quarquê dia tá com fio no bucho”. Mas a professora Marina pensa: “Haverá daqui a uns seis anos mais um pretinho, de perna su-

palavras e ameaças do padre, ficou mortificada e, horrorizada, confessou à professora. Entre explicações e gestos de ternura, Marina diz:

— “Não é uma coisa nojenta, é um ato sagrado. Vou contar-lhe uma coisa — naquele momento começa a vida de uma criancinha. Um dia quando você crescer terá um filhinho. Ele começará assim. Eu comecei assim, você, o padre, todo o mundo”. Depois deste dia, a criança ficou sua amiga.

Viajando nas férias, a professora recapitula sua vida neste ano de tantas transformações e pensa:

“E' imensa a escola da Estrada da Liberdade, e como tudo naquelas ruas de barrancos falavam com eloquência! A miséria gritava e como era assustador o número dos surdos! Os bondes iam e vinham e ninguém ouvia, ninguém enxergava”.

“A estrada da Liberdade fôra sua escola e seus mestres foram Alvaia, Carlos Gomes, Arcanja, Mariinha, Alfredo e Azenete, e todos os pequenos de pernas sujas de lama e barriga viaja. Eles eram aos milhares!”

E é assim todo o livro. Somente num capítulo, quando a professora recorda as leituras espirituais do convento em que as freiras defendiam a revolução fascista da Espanha, o livro perde um pouco da sua simplicidade e se torna panfletário. Este capítulo, porém, é de grande significação dentro do livro, pois situa um importante problema que é a culpabilidade de muitos agentes religiosos na propagação do fascismo, quando era possível fazê-lo.

Eis um livro que merece ser lido.

ESTRADA DA LIBERDADE — romance de Alina Paim — Cia. Editora Leitura — 1944.



ja de lama, para a escola pública”.

Em outro momento a professora recebe a confissão de uma aluna. Vieram da aula de catecismo, onde o padre falara dos pecados da carne e da punição do inferno. A criança ficou com um problema terrível, pois tendo sua casinha um só quarto, dormiam todos juntos, e ela vira muitas vezes o ato sexual dos pais. Com as

O QUE SE DEVE LER PARA CONHECER O BRASIL

de Nelson Werneck Sodré

é o melhor roteiro para os estudiosos dos diferentes aspectos da nossa evolução histórica.

Em todas as livrarias e pelo Reembolso Postal

Preço Cr\$ 15,00

ANEXO 7

A Professorinha Marina

FERNANDO TUDE DE SOUZA

Copyright de LEITURA



ACREDITO muito nos livros que a gente sente vontade de ler logo até o fim. Isto se deu comigo e o livro de estréia de Alina Paim. A curiosidade natural que a gente sente pelo livro de estréia, dentro em pouco se transformou num interesse vivo, real, palpitante. Fui ao fim e voltei para ler de novo. Não sou crítico literário e este lado já foi amplamente cuidado pelos peritos no assunto que, na sua quase totalidade, receberam o romance de estréia com aplausos e incentivos honestos e sinceros. Mas, em mim quem fala é o educador, alguém que ficou com a mania de que a educação é a solução para todos os males do seu país, e que não perde

uma oportunidade para se bater pela solução do problema básico. Para mim, como educador, o livro de Alina Paim tem um valor extraordinário. Ele me ensinou algumas satisfações enormes. Fêz-me lembrar toda a história daquela escola magnífica da Estrada da Liberdade — a escola modelo que Juracy Magalhães construiu para a Bahia — que teria o nome de Anísio Teixeira, que seria do tipo *platoon*, no centro do paupérrimo e populosíssimo bairro da Estrada da Liberdade, a escola que Juracy Magalhães não chegou a inaugurar, mas que deixou pronta para outros inaugurarem com placas especiais, esquecerem o nome de Anísio e muita coisa mais. Fêz-se mais consciente ainda da grande campanha que há alguns anos, pelos meios de publicidade de que disponho, com a minha assinatura ou anonimamente, venho fazendo em prol de uma educação mais real, mais verdadeira, sem as mentiras, sem as maquinações fascistas, sem os processos de doutrinação geradores de fanatismos, processos de embrutecimento, de deformação e nunca de educação. No livro de Alina Paim, na figura simpática de Marina, encontramos o drama da professorinha que vai ensinar, que só sabe ensinar o “primitivismo do A. B. C.” como disse o nosso grande José Américo, mas que não aprendeu nada da vida para a qual ela foi contratada pelo Estado, para preparar as novas gerações. Ela sai do convento onde tudo era proibido, onde a vida e os molecotes da Estrada da Liberdade nunca foram objeto de consideração, onde uma vida de hipocrisia e de fantasias só recebia um vislumbre de realidade nos livros que andavam de mão em mão, às escondidas, sem tempo sequer para serem compreendidos nas leituras ultrarápidas. Esta falta de realidade na formação das professorinhas que saem dos conventos permitiu que a meninada da Estrada da Liberdade fôsse ensinar muita coisa a quem só sabia alfabetizar, mas que não sabia educar, porque não sabia o que é a vida!

São páginas vivas, reais, do drama que vive a mocinha que os pais metem num convento, segregada do mundo, e que depois se candidata ao posto difícil de preparar as novas gerações para a vida que ela mesma não sabe como viver. O drama de Marina é o drama de muitas outras, de milhares de outras. É o drama daqueles milhares de moças que são exploradas miseravelmente pelos estabelecimentos de ensino particulares e pelos Estados que preferem conceder favo-

res fantásticos aos casinos, às casas de batota e de devassidão, mas que se esquecem de mandar tapar os buracos nos telhados das escolas públicas, consertar as mesinhas, cadeiras, etc. Alina Paim com o seu livro presta um bom serviço à educação, pois aquilo tudo que ela narra com absoluta realidade é a situação que existe. Ninguém pense que aquilo é romance. É verdade no duro.

A formação do professor é um dos capítulos mais sérios e mais graves de um sistema de educação. No nosso país ainda não se deu ao mestre o papel que deve exercer, e, não tenhamos dúvida, que a deformação que se pretende com um preparo falso e que visa apenas o ensinar a ler, escrever e contar, é uma maquinação diabólica. O isolamento do professor público de todos os problemas da vida real é um crime. O homem ou a mulher que se encarrega de guiar os primeiros passos das novas gerações no que se chama preparo para a vida e que dá uma idéia falsa do que é a vida é um criminoso, é o responsável pelo elemento inútil que a sociedade ganhará amanhã. Não há tarefa que exija mais conhecimento, mais desprendimento, mais amor à verdade do que a tarefa do professor primário. Não há também função mais nobre, mais humana, mais sublime que a de educar a infância. Por tudo isto é que o Estado deve cuidar com carinho da formação dos futuros mestres e deve colocar os que já exercem o sacerdócio numa situação protegida dos embates e das perseguições, dando-lhes de logo uma situação econômica muito diferente da que a que têm. O professor público no Brasil, às dezenas de milhares, ganha menos que os trabalhadores que menos ganham, ou sejam os que recebem o salário mínimo!!! Todos estes problemas que tanto me empolgam senti bem vivos no livro *Estrada da Liberdade*, retrato real de uma situação, grito de quem no fundo é também uma educadora. Ao invés dos parabéns que tantos já deram a Alina Paim, prefiro agradecer-lhe os momentos de grande, de enorme prazer que senti vindo vir da nossa Bahia uma escritora de tanto valor e que cuidou de problemas que para mim são os problemas básicos do nosso Brasil. O educador que acontece ser baiano agradece à escritora que no fundo é uma educadora.

ESTRADA DA LIBERDADE —
romance de Alina Paim — Cia.
Editora Leitura — 1944

ENTRE O AMOR E O PECADO

(Forever Amber)

Kathleen Winsor

Todos os críticos americanos são unânimes em afirmar que Kathleen Winsor tem em “ENTRE O AMOR E O PECADO” (Forever Amber) o mais sério rival de ...E o vento levou. Enorme (972 páginas), cheio de amores ilícitos, no ambiente colorido da corte de Carlos II da Inglaterra, o livro está vendendo, como dizem os americanos, como bolinhos quentes. Se Hollywood filmar a história, o que parece certo, faria bem em aproveitar a autora para o papel principal.

(Transcrito da revista “O Cruzeiro”, do Rio de Janeiro, do dia 17-2-1945).

Os direitos autorais deste livro para versão portuguesa foram adquiridos pela Editora Assunção Ltda.

Os direitos para filmagem foram adquiridos pela 20 th. Century Fox, pela soma fabulosa de Cr\$ 4.000.000,00 (Quatro milhões de cruzeiros).

MARÇO, 1945

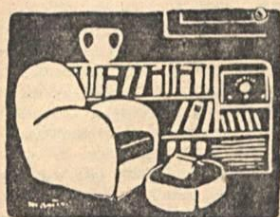
LEITURA 13

ANEXO 8

A Educação na Rússia

ALINA PAIM

Copyright de LEITURA



A REVOLUÇÃO triunfante de Outubro encontrou a Rússia com 78% de sua população entregue ao analfabetismo. Uma parte da grande obra de reconstrução social que coube ao proletariado vitorioso foi educar, instruir e ilustrar o povo. Em todo o território da U.R.S.S. travou-se uma luta de morte, sem um instante de trégua, contra a ignorância. A experiência econômica e política que Lenine e seus camaradas iam realizar na sexta parte do mundo, só teria êxito apoiando-se sobre uma base de elevada cultura ao lado de um alto grau de produção. Era urgente melhorar a todo custo o nível de instrução do camponês e do operário. A questão foi encarada com seriedade e executada com o mesmo entusiasmo com que os revolucionários erguiam uma fábrica da noite para o dia. Em 1935, restava apenas 8% de analfabetos em toda a extensão da União Soviética e os Comissários do Povo deram um prazo muito curto para que esta porcentagem fosse eliminada.

Atualmente, a Rússia poderia ser chamada — o País da Criança. Todas as suas atenções convergem para a nova geração e a educação é encarada, na realidade como “uma preparação para a vida”. O Estado ocupa-se da criança mesmo antes de seu nascimento, assegurando à gestante toda assistência médica e econômica necessárias para que a formação do pequeno ser se processe normalmente, inclui no salário da mulher uma quantia em dinheiro para o enxoval do bebê e durante o primeiro ano de vida, uma bonificação mensal para sua alimentação.

Desde os primeiros anos a criança se habitua a viver em comum com outras crianças, a prestar e a receber auxílio mesmo na edificação de uma casa de cubos, para que se integre perfeitamente nas suas atividades futuras e nas relações de solidariedade com seus semelhantes. Não existe um divórcio entre a vida na escola, desde o jardim de infância até o curso Universitário, e a vida

real na sociedade. Se toda a existência da Nação gira em torno do princípio básico do comunismo: “De cada um de acordo com sua capacidade e a cada um segundo sua necessidade”, a escola não podia escapar a esse programa. Os alunos aprendem que se a educação lhe é facultada porque é uma necessidade de todos, eles recebendo-a têm o dever de concorrer com todas as suas possibilidades, como terão de fazer um dia quando forem trabalhar. A educação soviética é realmente uma preparação para a vida e por isso tem como eixo o trabalho. Sua escola é uma escola de trabalho.

Para realizar esse objetivo a União Soviética compreendeu que é preciso professores preparados para isto, com uma visão diferente da dos mestres da época czarista que educavam para fornecer servos, escravos e adeptos da exploração do homem pelo homem. Se a educação nos países capitalistas constitui uma arma terrível para a classe dominante prolongar-se no poder, na U.R.S.S. a educação deve concorrer para a consolidação das conquistas revolucionárias dos proletários, para a afirmação da felicidade de cidadãos livres e iguais num mundo de oportunidades franqueadas a todos.

A União Soviética dedica especial carinho à formação de seus agentes educacionais e dois terços de seus cargos são ocupados por mulheres. A orientação recebida pela professora prepara-a para tornar-se o “centro do pensamento educacional e de todas as forças culturais ativas da região” em que desempenhar suas funções.

Na última etapa de sua preparação profissional, juntamente com a Sociologia, o estudo dos métodos de ensino, desempenha um papel relevante o trabalho prático: — que compreende

além dos primeiros contatos da futura mestra com o aluno, um treino intenso de participação no trabalho da população. De acordo com sua preferência por uma zona agrícola ou industrial, seu trabalho prático consistirá na familiarização com atividades agrícolas e na aquisição de certos conhecimentos de disciplinas agrônômicas, ou num estágio em oficinas e até em fábricas. Como sua atuação deve ser integral abrange o setor político. Nesta última fase de sua preparação aprende a conduzir com êxito campanhas no seio da coletividade, com o fito de extinguir as sobrevivências do antigo regime e implantar as conquistas da nova civilização.

A íntima articulação com o meio ambiente e a vida contemporânea concreta e a atenção ao trabalho produtivo dão à escola soviética um conteúdo essencialmente regional.

A preparação da mestra visando a localidade em que irá ensinar evita a dispersão inútil de energia numa adaptação lenta e adquirida, às vezes, às custas de erros que a incompatibilizam com a coletividade dificultando e até em muitas ocasiões, impossibilitando, por completo, o desempenho de sua missão educativa.

O cuidado dispensado à criança e a atenção coerente da União Soviética na formação de educadores à altura de seu trabalho construtivo no seio do povo, concorrerá para que atinja o elevado nível em que colocou as finalidades de sua educação, isto é: “cooperar no desenvolvimento de um tipo de homem são, forte, ativamente corajoso, independente no pensar e no agir, iniciado em muitos aspectos da cultura contemporânea, criador e lutador a serviço do proletariado e portanto, em última análise, a serviço da humanidade inteira”.

Coleção Reportagens e Correspondências:

O. K. AMÉRICA

de ORIGENES LESSA

Um documentário importante dos Estados Unidos, através palpantes reportagens com as principais figuras das artes e da política

Cr\$ 15,00

Em todas as Livrarias e pelo Serviço de Reembolso Postal

COMPANHIA EDITORA LEITURA

Av. Presidente Wilson, 198-2.º

ANEXO 9

Estrada da Liberdade

LEALDO CAMPOS

Copyright de LEITURA

JAMAIS desejei ser crítico. E, até hoje, o muito que consegui ser foi cronista. Para que os que não me conhecem devo declarar de antemão, para evitar apresentação de carteira de identidade mais tarde, que sou da província. Lá, no pequeníssimo Sergipe, é que me fiz de cronista. Sei que esta história toda não interessa, mas é só uma explicação para ficarem sabendo que este conjunto de palavras não é uma crítica nem tem pretensões de ser. É uma ligeira opinião sobre um livro de estréia. Aliás, tinha um receio terrível de lê-lo. Seria mais uma decepção. Mais do que isto: mais tempo perdido. Aproveitaria uma tarde inútil, destas em que não existe sol e tudo é desmedidamente aborrecido. Foi o que fiz. Para que o sono chegasse mais depressa, devo dizer que me achava deitado na minha desarrumada patente, comecei a ler o livrinho de Alina Paim. As páginas foram se sucedendo com grande rapidez. Não é que eu estivesse lendo pedaços aqui e outros ali. É que o livro prende mesmo a nossa atenção. Vamos, podemos aplicar este termo que fica adequíssimo, devorando. O assunto é palpitante, levanta um problema que merece o mais respeitoso interesse dos estudiosos e responsáveis do caso: o ensino no Brasil.

Mostra inteligentemente e habilmente a menina Alina Paim, pois a autora tem apenas vinte anos de idade, em que pé se encontra o ensino

nos colégios de freiras: criando um mundo totalmente falso no espírito de suas alunas, além da ineficiência dos professores ao explicarem determinados pontos quando não evitam explicá-los. E, assim, quando estas



meninas se formam e vêm cá para fora, para a realidade, cumprirem a difícil missão de ensinar, ficam desorientadas, como seres estranhos num ambiente inteiramente hostil. Este é o fundo, a tese que Alina Paim defende em seu livro.

ESTRADA DA LIBERDADE é, inegavelmente, um bom livro. Para uma estréia é ótimo. Para quem não tem experiência ainda, quer literária quer da vida, o livro não apresenta defeitos. Notamos que a autora foi bastante honesta no seu livro, que tem muito de auto-biográfico. A professora Marina, tão humana, faz com que amemos todas as suas colegas que enchem o mundo pois, que, milhares de professoras Marinas vivem em toda parte. A sua dedicação, o seu amor pelos meninos de barrigas inchadas e faces pálidas da Estrada da Liberdade, um lugarzinho humilde de Salvador, onde ela ensina — ou onde ensinou Alina Paim — com devoção, comove.

Em ESTRADA DA LIBERDADE, Alina Paim demonstra com vigor a sua força de romancista, grande capacidade de ficcionista nata. Se fôssemos descrever as passagens de profundo humanismo e que nos deixaram grande impressão, tal coisa seria difícil nesta pequenina e despretenhiosa crônica.

Para sermos coerentes com o bom amigo leitor, não temos o menor receio em afirmar, e eu que não gosto de elogiar, que Alina Paim estreitou com um bom livro. Ingressou, sem favor, no rol dos nossos melhores ficcionistas.

ESTRADA DA LIBERDADE — romance — Alina Paim — Editora Leitura, 1945.

ruda ultimamente na América, a ponto de ser chamado o seu maior poeta e quicá na Espanha, não provieram do aparecimento dos primeiros livros de que acima nos ocupamos. E' com a publicação de "Espana en el Corazón" e os últimos poemas que a sua voz vai fazer eco nas massas e marcar o início de uma caminhada em novo território poético. E' a fase a que chamamos de épico-lírica, ou social, de sua poesia.

De uma poesia noturna, mais intimista, mais subjetiva, mais individualista, se assim podemos dizer, o poeta caminhou para uma poesia substantiva, solar, mais acessível, e cujos pontos altos aí estão nessa magistral "construção profética" que é "Espana en el Corazón" e nos últimos poemas que são o anúncio do amanhecer, o acordar de auroras forjadas pelo sangue dos que tombaram na guerra justa. . "Canto de amor a Stalingrado" ficará como o clás-

sico e o maior poema inspirado nesta guerra.

E' preciso acentuar, antes de mais nada, que fazendo poesia social Neruda não cai no jôgo dos que mantêm a obra de arte na periferia do indivíduo, determinando-lhe acentos impessoais ou objetivos. Para ele a criação artística tem a sua origem no plano mais individual do artista. "Aí o social e o político é uma ressonância do próprio coração do poeta; chegou ao verso depois de fazer-se substância lírica, fluindo do mais fundo do indivíduo, de tão fundo que, de puro ser, coisa íntima, carne da alma, se transformou em voz universal, em palavra de homem, em clamor histórico." Neruda não é poeta político, como alguém assim o

dissera; é, isto sim, um homem político que faz a grande poesia. Dando-lhe novas direções, exilando (e não se libertando) daquele noturno mágico dos seus primeiros poemas, ele se viu chamado por um novo universo, o mundo estranho, obscuro, negro, denso, cheio de conteúdo, ressoante de vozes, pesado de sofrimento, tinto de sangue, o mundo alucinado dos nossos dias. Por isso os seus últimos poemas estão carregados dessa grandeza trágica do espírito de nosso tempo, são o espelho de mil faces da angústia do homem presente. Eis porque o poeta é inalterável, sendo porém multivárias as direções da sua poesia. Neruda não traiu. E' fiel a si mesmo, é fiel ao seu povo, fiel ao espírito de seu tempo, e por isso eleva sua voz, mensagem de esperanças de universal amargura, de afirmação do seu testemunho do homem social diante de um "mundo fascista em decomposição".

EM TODAS AS LIVRARIAS
HISTÓRIAS DE PRACINHA
2.^a edição — Cr\$ 25,00

ANEXO 11

CINEMA E LITERATURA



BALZAC

O cinema francês acaba de fazer a glorificação do imortal romancista, assim contribuindo para o maior esplendor das comemorações do centenário do gênio da "Comédia Humana". Trata-se de uma realização de Jean Vidal, tendo como operadores Henri e Daniel Sarraute, sendo a música de autoria de Guy Bernard. O celulóide é uma evocação biográfica que nos apresenta a vida e a obra de Balzac relembradas por gravuras e documentos de época. Não seria o caso do Instituto Nacional de Cinema Educativo, sempre atento na obra de educação e cultura, por meio de cinema, adquirir cópias desse novo documentário francês?

FIGURAS DO MOMENTO



CAMUS, cuja obra "A Peste", acaba de aparecer em tradução brasileira.



W. SOMERSET MAUGHAM, cuja edição brasileira de "Um Gêio e Sals Viagens", acaba de aparecer em nova tiragem (Editora Globo).

FORA DO PRELO

A SOMBRA DO PATRIARCA — Alina Palm, entre as novas escritoras do Brasil, uma Editora Globo — das de mais alto Pôrto Alegre. — merecimento.

Os sucessivos romances que nos têm dado vêm marcando uma venação das mais firmes que conhecemos em nossas letras, justamente neste gênero em que as mulheres são arrastadas, com raras exceções, ao romanesco banal, ao sentimentalismo inconsequente, a todas as trivialidades que o gênero comporta.

A romancista sequepiana, entretanto, fuge a esses limites por particularidades que a tornam uma figura invulgar, com os dotes indispensáveis para uma espécie de ficção em que se firmou desde o início, sabendo enriquecer suas histórias de um mundo real e chocante, de aspectos novos e de sentido superior.

Esta escritora é familiar dos problemas do tempo e das paisagens que, nos seus livros, não servem apenas à evolução dos acontecimentos, o primitivo, e no cenário dos fatos e das criaturas, as segundas. Depois, Alina Palm nos fornece vida mesma, com sangue, suor e lágrimas — segundo a expressão feliz — essa vida indispensável ao romancista atual, e põe de pé, à nossa frente, criaturas humanas, com as suas falhas e as suas interdições, como é próprio da condição humana.

Aqui, neste esplêndido romance, ardente de vida, Alina aborda um caso fascinante, isto é, o do patriarcalismo rural. É, este, um fenômeno muito brasileiro, uma espécie de paginação hereditária e cuja influência persiste, através do tempo, atenuada apenas na orla civilizada do mar, nos grandes centros industriais, nas cidades não adiantadas. Ali, por essas áreas das extensas zonas agrícolas e pastorais, esse patriarcalismo permanece, como uma das forças de agregação doméstica, quase sempre de influências deformativas, nas famílias numerosas. A romancista apresenta o caso através do tio Ramiro, desde já um dos melhores tipos do romance brasileiro, pelo cuidado que ela teve em não fazer um estípe. O tio Ramiro representa o patriarcalismo, mas sem simbolismo, sem composição, antes guardando traços pessoais e diferenciadores. Assim, ela não nos quer dar uma tese, mas um episódio característico que prova, no rumo em que ela investe, isto é, no sentido de mostrar um estágio social, medieval, que nos é próprio. E, portanto, esse estudo adquire traços universais, amente dele, qualquer regionalismo, qualquer propósito de pitoresco, de colorido pelo colorido.

Como o tio Ramiro, todos os outros heróis de Alina Palm têm vida singular, caminham, marcham, não dirigidos, mas autônomos, gozando de uma independência que os situa no plano das verdadeiras personagens de romance, portadores de registro civil. E

a figura da Raquel, heroína central do romance, reativo admirável para o anacronismo do tio Ramiro, que eploga realisticamente, em vez de cair no defeito simbólico, — merece toda a nossa simpatia e, fechado o livro, continua a conviver conosco, tão nítida e real como as moças de carne e osso que conhecemos.

INQUIETUDE — Trata-se aqui de Carlos Werlang uma coletânea de — Rio de Janeiro — contos apologetas, à maneira árabe, pedras, em que o autor revela aptidão para o gênero, com um estilo no tom e no movimento dos apologetas árabes. Lê-se o pequeno livro com agrado e, não aqui e ali, colhem-se frutos de amável sabedoria.

POESIAS SEM IMPORTÂNCIA — O poeta Leoni Machado Filho — sua modestia — ou chado Filho — sua vaidade, por — Rio, que elas às vezes se confundem — ao ponto de dar este título ao seu livro de poemas, publicado este ano. O livro tem boa apresentação, o que é um sinal da importância que têm para o autor, e nos traz versos modernos, de inspiração lírica, repassados de sensualismo.

É verdade que este estante ainda não está completamente liberto de preconceitos técnicos e artísticos e não revela, ainda, toda a força de sua inspiração. Mas, esta é uma poesia simpática, em que encontramos, apesar de certas notações de originalidade rebuscada, alguns momentos de verdadeiro lirismo, interpretados por um poeta deste tempo. Vejam por exemplo este poema:

PIROGNOSTICISMO

A chama do maçarico,
o Sódio dá amarelo,
o Potássio dá violeta
e o Cálcio alaranjado.

O Strôncio dá vermelho,
o Magnésio dá branco,
o bário dá verde
e o Cromo também o dá.

O Manganês é gráfinio,
dá na chama o ametista
e o Catiote ferroso,
se fôsse rubrico, azul.

Experimentemos o fogo
que a tudo dá uma cor,
para ver de que cor é
a chama do nosso amor.

Não vemos aqui apenas uma bizarrice do poeta, mas, inclusive, uma força subterrânea que lhe deu algo novo para dizer do amor, como seja essa ligação entre os milagres elementares do fogo, sobre os corpos inorgânicos, e a possibilidade de sua aplicação no amor. Juntam-se, neste poema, muitos mistérios passionais, tanto é fundamental da paixão a ansia de ver o amor e tanto é fulgor dessa paixão o desejo de purificação que, no poema de Leoni Machado Filho, está

presente na missão do fogo. Estes e muitos outros versos do livro é que nos dizem que esta não será, realmente, uma poesia sem importância.

VESPERAL — A escritora Lúcia Benedetti tem Lúcia Benedetti versado muitos gêneros — Grádis Tupy nos com igual Lúcia Editora — êxito. Estrelando-se Rio de Janeiro, como o romancista, deu-nos dos romances de primeira qualidade, sem indecisões, sem fraquezas, livros solidamente construídos e com um aspecto de simplicidade que marca a escritora como um dos mais belos talentos de nossa jovem literatura.

Em seguida, Lúcia fez teatro infantil e, já por várias vezes, tivemos oportunidade de assinalar que a ela cabe a glória de ter fundado a literatura teatral infantil, entre nós, pois suas duas peças se situam a perder de vista do repertório anterior. E, sobretudo, possuem um extraordinário sentimento de teatro, do espetacular, visto através do ângulo infantil.

Agora, Lúcia aparece como contista, gênero muito cultivado entre nós, entretanto ainda pobre de grandes nomes, tanto parece certo que contamos pelos dedos nossos bons autores, de contos. O conto será talvez próprio das grandes literaturas, dos climas mentais exuberantes, das paisagens mais áusteras, dos artistas-escritores mais pacientes e menos retóricos, pois nada é tão exaustivo de escrever como uma página breve, que seja, ao mesmo tempo, uma grande página.

E' no conto que agora aparece Lúcia Benedetti. E, outra vez, temos que reconhecer que consegue uma nova vitória. Seu livro foi justamente premiado pela Academia Brasileira de Letras e, embora a especial preferência dos acadêmicos pelos nomes femininos, devemos acreditar que dificilmente poderia aparecer no certame um livro tão forte, tão brilhante, como o que nos traz os contos primorosos de Lúcia.

Qualquer destas páginas breves merece um lugar nas antologias. E é com particular agrado que lemos estes contos, tão vivos, tão ágeis, tão saborosos, fixando instantes e criaturas, momentos de lirismo encantamento, com tantos aspectos deliciosos, cheios da graça ou do drama da existência cotidiana, uma criança, uma mulher, um bicho, um ângulo de casa ou de jardim — que são um novo mundo de poesia, de humor, de verdade, de ternura.

LIVROS ILUSTRADOS



Esta é uma primorosa ilustração da edição de 1833 (Bentley) do romance de Jane Austin — "Orvalho e Preconcelto".

ANEXO 13

PAZ

L. A.

A Paz, que parecia mais próxima de nós ao findar de 1954, encontra-se mais uma vez em perigo. E isso porque as grandes vitórias, tais como as Conferências de Berlim e Genebra, que aprovaram o Armistício na Coreia e puseram fim à guerra na Índochina, aliviando um pouco a tensão internacional, bem como a derrota, no Parlamento francês, da Comunidade Europeia de Defesa, que preconizava o rearmamento dos exércitos alemães, foram praticamente anuladas pela aprovação, ainda em 1954, dos Tratados de Londres e de Paris, que terminaram por admitir o rearmamento da Alemanha. Por outro lado, a reunião dos chefes dos Estados-Maiores dos países integrantes da Organização Atlântico Norte deliberou que os chefes militares dessa Organização possam empregar bombas A e H, quando entenderem. Isso mostra a gravidade do perigo que novamente ronda os lares.

Mais graves, ainda, são as notícias vindas do Japão: as experiências feitas pelos círculos militaristas norte-americanos das bombas de hidrogênio, estão causando diretamente a morte e a deformação física a milhares de pessoas; e indiretamente o envenenamento de toneladas de peixes, alimento básico das populações das ilhas do Pacífico.

O clamor público levantado no Japão conseguiu afastar o perigo. Mas os círculos militaristas norte-americanos voltam-se agora para o Polo Sul, e a Argentina, o Chile, o Uruguai e o Brasil são as novas vítimas dessas «experiências» mortais.

Por tudo isso, os povos deverão continuar alertas. Fazemos, pois, cada uma de nós, alguma coisa, um pouquinho que seja, em defesa da Paz. A Paz depende de nós; podemos dizer de todos nós, mas principalmente de nós mulheres, que somos quem mais sofre com as guerras. Que cada uma dê sua adesão à grande Campanha contra o emprego e as experiências com as bombas A e H que o Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz está lançando.

Livraremos, assim, os nossos entes queridos, a nossa Pátria, da catástrofe que nos ameaça.

4

O ROMANCE de uma Romancista

Entrevista concedida a ANA LÚCIA

rior era preparado para viver num mundo inexistente, sem nenhuma noção da realidade.

DA REVOLTA ISOLADA AO CONTATO COM O POVO

Alina, ao escrever *Estrada da Liberdade* julgava que a denúncia e a revolta isoladas por si sós bastariam para derrubar as bastilhas da escravidão da mulher. Mas sua inteligência ávida de horizontes amplos investiga aqui e ali, até perceber que, isolando-se do povo, nada conseguirá e sua voz se perderá, sem eco, no borborinho das ambições. Pela primeira vez sente a necessidade de unir a sua voz à de milhões e encontra na luta do povo brasileiro a melhor resposta para os seus problemas isolados.

Sua vocação de romancista afirma-se. E o segundo romance de Alina *A sombra do patriarca* focaliza o problema do latifúndio. Narra, então, de maneira simples e acessível, a história de uma família de latifundiários e os personagens que a cercam. A finalidade do livro seria a de mostrar a opressão. Alina serve-se do regime patriarcal para apresentar a mulher como vítima de um estado de coisas, do qual não compartilha senão por força das circunstâncias adversas.

Mais alguns anos decorrem e Alina nos dá um outro livro. *Simão Dias*, retrato da pequena cidade onde passou a infância, com seus problemas tenebrosos, onde a mulher é a figura central, vítima de todos os dias, nascendo e morrendo num ambiente restrito, sem nenhuma perspectiva que se lhe abra diante dos olhos.

A ROMANCISTA PROCURA PERSONAGENS

Os anos passam e a romancista amadurece idéias e técnica. Acontecimentos mundiais e nacionais mostram a força do povo levantando-se contra a opressão, por toda parte do mundo. No Brasil, as mulheres estão à frente das lutas. Famintas mas resolutas, elas estimulam os companheiros. E entre as grandes lutas travadas no Brasil, a da Rede Mineira de Vição, em 1944, empolga a pela grandiosidade de que se revestiu e pela participação feminina. Alina também se sente empolgada pelo heroísmo das mulheres. E resolve partir e conversar com elas. Quem

ALINA PAIM, A PROFESSORA INCONFORMADA — UMA VOCAÇÃO NASCE AO CONTATO COM A REALIDADE — DE ESTRADA DA LIBERDADE A HORA PRÓXIMA — PERSONAGENS RECLAMAM O ROMANCE PROMETIDO

Quem encontrar nas ruas da cidade uma jovem de ar tímido, gesto impreciso, vestindo saia e blusa e conduzindo nas mãos dois ou três volumes, certamente pensará que cruzou com uma estudante de nossas faculdades preocupada com a prova parcial, ainda não muito bem sabida. A verdade, porém, é que essa jovem é a romancista Alina Paim, apresada por chegar em casa, a fim de continuar a leitura interrompida do último romance há muito esperado.

Esta jovem, autora consagrada de alguns dos bons romances escritos por mulheres brasileiras, iniciou sua vida, na pequena cidade de Simão Dias, no Estado de Sergipe. Era professora primária e gostava muito da profissão que escolhera, pois o contato com as crianças era um dos maiores prazeres de sua vida. Nesse nobre trabalho demorou-se cinco anos.

Mas a vida da pequena cidade era asfíxica para a jovem inteligente, que ansiava por transmitir, a quem quer que a quizesse ouvir, as experiências adquiridas em meio às crianças: a miséria, as doenças, o atraso em que se debatiam os seus alunos, quase todos filhos de operários ou pequenos camponeses da região.

NASCEU O PRIMEIRO LIVRO

Estrada da Liberdade seria o título do livro a vir à luz. Já então, embora desconhecendo as causas que determinam a situação de inferioridade da mulher e o abandono quase completo da infância, notadamente nas localidades do interior do Brasil, Alina Paim, neste livro lança o seu primeiro protesto de mulher e de professora. Nessa época tinha apenas 23 anos, mas sentia que silenciar seria uma covardia. A publicação do livro, ao contrário, serviria, para mostrar ao grande público os erros da educação, pois, como professora, podia agora dizer que o professorado do inte-

CARTAS DO RIO (continuação)

que em hora tão má foi escolhido para a pasta da Fazenda, continua fazendo ouvidos moucos aos reclamos do povo. Diz ele que a vida subirá «apenas» 1 por cento com o aumento citado. Mas, afirmam outros técnicos, o aumento será de 70 ou mesmo 90 por cento. Enquanto discutem, o povo vai pagando o «pato», isto é, as coisas vão subindo cada dia um pouquinho mais.

As favelas, que até então não tinham dono, de um momento para outro tornaram-

se centro de ambições e as populações que ali edificam seus barracos vão sendo expulsas, mas reagindo, reagindo, como no esplêndido filme «Milagre em Milão», que você não deverá perder, se por ventura chegar até aí.

Outro assunto, também muito em moda aqui no Rio, é agora o dos «cronistas mundanos», os que criaram o «Café Society». Não sabemos se há no título alguma alusão ao presidente Café Filho, mas como os tais cronistas retratam a mais alta

sociedade carioca, são contra a Petrobrás e usam terminologia ianque, parece tratar-se de uma sociedade baseada nos conceitos políticos do atual governo brasileiro.

Se você quiser ter uma idéia do ponto máximo de degenerescência a que atingiu o chamado «Café Society», bem... não vale a pena aconselhar.

Quanto ao mais, viva o petróleo do Amazonas e viva MOMENTO FEMININO e sua campanha triunfante.

Maria Francisca.

MOMENTO FEMININO



sabe, se do contato com as mulheres operárias não nasceria o romance que necessitava escrever? Alina arruma a bagagem, cadernos e lápis, e lá se vai ela: Divinópolis, Três Corações, Soledade, Itajubá, Cruzeiro, são as cidades da Rede Mineira que vai percorrer.

Nessa peregrinação de cidade em cidade, vai vivendo a vida dos operários. Para retratá-los em seu livro, é mister conhecê-los na intimidade do lar. Hospeda-se em lares humildes e ferroviários.

E ALINA CONTA A HISTÓRIA

Nesta altura de nossa reportagem, Alina Paim transforma-se. Não está mais conversando com a reporter. Está vivendo aqueles dias inesquecíveis. Segura a mão que está tomando as notas e fala, fala, de olhos brilhantes e gestos incisivos:

— Imagine, diz ela, que as famílias se abastecem na cooperativa. Atrasando o pagamento, a cooperativa também não pode se reabastecer, a fome instala-se nos lares. Qual a mãe que pode ver morrer de fome seus filhos? Só há um recurso. E' ir à greve. Daí, a parte ativa que as mulheres tomaram na greve dos ferroviários.

— Em Barra Mansa, por exemplo, continua Alina, em pleno acampamento de greve, uma criança morreu vítima dos dias de miséria que precederam o movimento. A mãe, sózinha, levou-a ao cemitério e de lá voltou diretamente

te à greve, numa compreensão profunda da necessidade de prosseguir a luta geral.

— «Casa de grevista é o acampamento da estrada» — era o lema de greve; e assim famílias inteiras passavam dias seguidos vivendo em plena estrada, ali dando de comer e adormecendo os filhos. Do próprio acampamento, as crianças iam à escola e voltavam, pois já os consideravam como a própria casa.

— A tomada das locomotivas pelas mulheres é um dos episódios mais dramáticos e heróicos da greve. Vinham elas pelos trilhos, marchando com os filhos nos braços, algumas no mês final da gestação. Em frente às máquinas, obrigavam os condutores a parar.

— A solidariedade das mulheres aos seus companheiros — os ferroviários — foi outro dos grandes exemplos da compreensão da mulher: participando com eles nas comissões de salário, nos piquetes de segurança, nas comissões de solidariedade.

— As mulheres, conclui Alina, voltando a sua timidez habitual, lutavam ao lado de seus companheiros por melhores condições de vida para a família, em defesa de seus filhos, enfim, participando da luta da classe operária e de todo o povo.

Esta é a romancista Alina Paim e **A Hora Próxima** é o livro vivido entre o povo, entre os ferroviários e suas famílias, que a romancista entrega a todas as leitoras do Brasil.

ELEIÇÕES

— Eu não voto em ninguém! Nem mesmo sou eleitora!

Quantas vezes ouvimos essas frases de mulheres de todos os meios, de todos os ambientes e de todos os Estados. E como são poucas as eleitoras brasileiras.

— Por que? Votar é um dever! Votar é uma arma de que dispomos.

Você, amiga, que está cansada de ver o custo da vida subindo, de lutar por escolas para seus filhos, de lutar contra a guerra, ou simplesmente você que estuda e quer terminar o seu curso, você que é noiva e deseja um futuro feliz — tem em suas mãos uma arma poderosa — o VOTO.

Não jogue fora essa arma. Não desperdice uma grande oportunidade de dar sua opinião, de participar de uma luta a que ninguém pode se furtar.

Você pode e deve ser eleitora! Você tem esse direito. Não pense que é muito difícil tirar o título. Basta fazer um requerimento do próprio punho pedindo seu título e entregá-lo ao juiz da zona onde você mora. Qualquer pósto eleitoral pode lhe dar informações. O serviço é inteiramente gratuito. Não leva selos e não paga nada. E o tempo que você perde é mínimo, diante da possibilidade que você tem de dar o seu voto a quem seja realmente digno dele.

Se você, amiga, já é eleitora, procure tirar o título eleitoral de suas parentes e amigas. Explique a necessidade do voto. Não deixe para depois e não descanse enquanto não esclarecer bem e contribuir bastante para que centenas de mulheres tenham o seu título e, a 2 de outubro, levantem bem alto a sua voz, exigindo dos governantes mais pão, mais escolas... melhores condições de vida e paz!

SEJA VOCÊ TAMBÉM UMA ELEITORA!

MOMENTO FEMININO

ANEXO 14

2 — Suplemento Dominical, Jornal do Brasil, Sábado, 2-3-41

Arnold Schoenberg ou o fim da era tonal — V e último

Juan Carlos Paz

As composições da etapa dodecafônica, desde *Blaesquintett*, op. 28, a recente *Phantasy*, op. 49, para violino e piano, ou ao *String Trio*, op. 45, denotam uma longa trajetória de incansáveis conquistas na nova ordem dodecafônica, de que citaremos as principais.

O estilo inicial dodecafônico se apresenta no Quinteto mencionado, com sua projeção melódica — horizontal —, no sentido da variação ao infinito; o estilo de contraponto severo, que se segue, aparece nas obras op. 27 e 28, enquanto a Suite, op. 29, participa de ambas as características (1); o 3.º Quarteto de cordas, op. 30, e as *Variationen für Orchester* consolidam o estilo polifônico, mas enriquecendo-o com uma superposição da melodia serial, uma exigência instrumental extrema e uma riqueza de formas e estruturas, que excedem das experiências precedentes. Quanto ao 4.º Quarteto de cordas, que se pode conceituar como uma culminância da aplicação da técnica dodecafônica, trata-se, além de incisiva riqueza rítmica, a novidade do acorde-elxo, que supõe a quarta possibilidade indutiva, do ponto-de-vista harmônico e estrutural, que esse técnico nos apresenta, e de relatividade formal. E, por último, no Kol Nidre, para recitante, cora e orquestra, testa Schoenberg uma síntese suprema de quantos elementos renovadores hajam incluído sua imaginação criadora: a escritura dodecafônica sobre bases tonais — melhor dito, sobre tonalidade flutuante — aplicada, por sua vez, a procedimentos próprios da técnica dos doze sons (2). Essa última contribuição ao desenvolvimento de tal técnica torna possível ainda a criação de novas obras que respondam a essa tonalidade conceitual, e a Ode to Napoleon, com tonalidade flutuante sobre base dodecafônica, o Concerto para piano e orquestra, o *String Trio*, rigorosamente dodecafônico — e etéreo — testemunham a magnitude dos resultados obtidos. Significam essas composições algo assim como a demonstração de uma conduta integral que poderia definir-se por estes três aspectos: síntese, retorno, recuperação do temperamental, equívoco este último desde os dias de Pierre Louÿs.

Erwartung. Nesta conjunção de valores, aparentemente contraditórios, existem, na realidade, uma derivação e uma consequência. Isso porque em Schoenberg combatemos sempre, e continuando combatendo até o fim, dois princípios que desde o início de sua trajetória manifestaram-se em quase toda a sua obra: a criação de uma organização organizadora, racionalista, concreta, matemática, euclidiana, que conduz suas especulações sonoras ao limite extremo das fronteiras da música; e, por outra parte, o princípio irracional, emocional, expressional, dionisíaco, estético, de alguma forma que se compraz com o imprevisível e o prisioneiro experimental. A partir da síntese que Schoenberg concretiza nas composições de seu quarto e último período, não são já os processos mantidos, por iniciadores que postumamente, nos mais favoráveis dos casos, os que produzem essa distinta e renovada concepção da música que temos em Ode to Napoleon, em Kol Nidre ou no Concerto para piano e orquestra, sendo um processo de criação integral e sintética, uma espécie de música recuperada que os condensa e todos eles (3).

Por último, o resurgimento da potencialidade dramática, em Schoenberg, apresenta uma série de valores expressivos que têm seu antecedente na etapa inicial do compositor. Os extremos se tocam, e por isso Schoenberg empunha em estgotar as possibilidades da lógica, e obedece agora menos a propósitos de sistematização do que a ditados do temperamental, e evidente que suas categorias estéticas e expressivas, mais ainda que as propriamente técnicas, convergem para o ponto de origem da criação musical: a expressão emocional. O ciclo parece fechar-se com o retorno à profusão de fe — sobre precedentes que apresenta o oratório Die Jakobsleiter — e a ligação com o ancestral, ou seja, a conquista em profundidade e, com isso, uma revolução do elemento espiritual. Retorno ao melodrama — Ode to Napoleon, The Survivor from Warsaw — e ao confessional, de posterior integração cômica — Kol Nidre e a Apera

Moses und Aaron, que não foi concluída. Ao chegar a este ponto, e de acordo com uma valorização integral, pode-se traçar o seguinte esquema da trajetória cumprida por Arnold Schoenberg:

1.ª etapa: assimilação de todo o precedente tradicional; música-expressão; aplicação do princípio cronológico da harmonia e reorientação do contraponto; tendência neo-romântica.

2.ª etapa: avanço sobre a tradição clássica-romântica; desintegração dos valores de tonalidade e forma; liberação da dissonância; especulação-expressão; cultivo do som em função expressiva e estética; formas individuais, derivadas do discurso.

3.ª etapa: instauração e desenvolvimento da técnica dos doze sons; agudização dos processos dissonantes; especulação pura; abandono do timbre como fator expressivo; concepção metafísica da arte dos sons.

4.ª etapa: retomada de contato com a música-expressão e com problemas de índole funcional.

Nas etapas 2.ª e 3.ª, está contida a máxima contribuição de Schoenberg à evolução da música atual, do ponto-de-vista da transformação de valores. As etapas 1.ª e 4.ª significam, respectivamente, as dimensões da conquista que significa o dodecafonismo — como tantas outras manifestações do espírito do nosso tempo, que demandam uma delimitação total e o passar de uma página sobre o consagrado — situaram os compositores diante da música, que se viu impelida a quemar as pontes que a ligavam à era tonal, em um plano de elevadíssima tragicidade, e a lutar com ela contra ela. Não cabe outra solução, pois não é em vão que se

pode qualificar de fim da era tonal, o período que transcorre atualmente. Faltava, isso sim, uma codificação geral e ampla que condensasse e totalizasse as novas aquisições, uma ampliação imprescindível dos princípios expostos ao início do período dodecafônico, atualmente substituídos por uma perpétua renovação e uma constante iniciação para novos problemas que, com frequência, surgem e se multiplicam, a partir das liberações parciais compreendidas dentro do sistema escrito. Claro está que, neste caso, o músico-compositor de nosso tempo carece de convicções em que se apoiar e, por isso mesmo, sua situação é tão difícil e trágica como a de Beethoven e a de Mahler, Mozart ou Brahms (4); portanto, não conta mais que com as convicções estabelecidas por ele mesmo. "Esta é sua tragédia, no mesmo tempo que sua grandeza, a autêntica" (Herman Scherchen). Mais também é, a rigor, a única atitude vital

que permita a continuidade do desenvolvimento da música de hoje, logo, da interrupção prevista e lógica da corrente tradicional.

No ponto intermediário em que estamos situados, entre duas concepções da música — a romântica-realista e a impressionista, de ontem, e a que anuncia uma trajetória a cujo início assistimos, ainda que de maneira alguma possamos chegar a determinar seu desenvolvimento, e muito menos sua problemática culminação — acha-se a realidade sonora em que ambos os casos-limites se entrecruzam e chegam a confundir-se o eco da tonalidade tradicional — a politonalidade — e o começo do atonal, que já deixou para trás a etapa experimental e realizou a incessante projeção para valores superlativos. Debussy, que está situado naquele ponto intermediário, participa de ambas as atitudes convergentes, e pode ser considerado como o músico ocidental e pouco etéreo plano de realidade musical, desde que formulou sua sensacional declaração, decididamente relativista, afirmando que "a música não é precisamente nem maior nem menor, ou pode ser ambas as coisas de uma só vez", e acrescentava: "já não creio na onipotência dos eternos Dó, Ré, Mi, Fá, Sol, Lá, Si". Este princípio de relatividade aplicado aos axiomas tonais é já uma antecipação das teorias de Schoenberg, e situa a música no centro das especulações científicas e filosóficas de um dos períodos mais intensos, inquietantes e fecundos da cultura universal, como é o que nos permitiu a sorte presentear.

As características, a contribuição e as perspectivas que a teoria de Schoenberg e seu exemplo prático oferecem ao desenvolvimento ulterior dos acontecimentos musicais, no linguajar universal dos sons, continuam demonstrando sua eficácia em razão de sua fecundidade, que atualmente se projeta e continua em discípulos que por sua vez e transmitem, amplificada, a outros que já militam nas vanguardas. De tais amplificações do conceito básico de dodecafonismo se desprenderem, ainda, outras concepções particulares que excedem todo o ranço ortodoxo, já convertido em acadêmico. É um acadêmico do dodecafonismo pode ser tão

horrível quanto qualquer outro. A continuada ação reformadora de Schoenberg foi comparada repetidamente, em sua significação global, a realizada por Descartes ou Bergson na filosofia e a de Einstein nas ciências físico-matemáticas, porque, no primeiro caso, aplicou a equação do livre exame e o método experimental aos fundamentos da música de nossa civilização do Ocidente; por demonstrar a relatividade de seus princípios, assim como por proclamar que as leis que regem as direções desta música não são eternas, sendo, que pelo contrário, cada um de seus grandes princípios criadores estabeleceu as suas próprias; por determinar que o processo evolutivo e vivente de uma arte é mais interessante, fecundo e vital do que o repositório conhecido do passado, e por haver suscitado às gerações jovens a buscar e aplicar suas próprias iniciativas com plena consciência do período em que atuam, em busca de mais testemunhos espirituais, técnicos e estéticos do que já constitui a música de nosso tempo.

Por isso, as inusitadas dimensões de sua contribuição, mais do que a expressão direta de uma individualidade poderosa, são a lógica derivação de uma eclosão de forças há muito tempo latentes. Essa é a razão de seu trabalho, sua fé e seu gênio tenham chegado a alcançar uma aspiração de época e de cultura, mais de uma escola, de uma situação ou de um ambiente determinado.

Cabe um mérito mais, se ainda é possível, e é que Schoenberg, como se passou com André Gide, "soube levar a cabo, malgrado tudo, a união das acomodações de direção e de equilíbrio" (Jean Paul Sartre).

1 — No Suite, op. 29, para três clarinetas, violino, viola, cello e contrabaixo, aparece pela primeira vez uma harmonia estritamente dodecafônica. As *Variationen für Orchester*, op. 31, consolidam e resolvem muitos problemas desse tipo.

2 — Nas últimas composições de Schoenberg desaparece a concepção temática e expressiva da série, que não tem outra razão além do que cumpre a exata e antiga ordem tonal.

3 — Em plena demonstração de sua atitude dodecafônica, Schoenberg escreve, nas obras tonais: a Suite para cordas, em Sol, e as *Variationen*, op. 43, para banda; a primeira, destinada a convencer estritamente, foi executada pela Universidade de Nova Iorque; a outra, pela Banda Goldmann de Nova Iorque. Estas duas únicas adições de Schoenberg à *Geheimmusik* continuam sendo maliciosamente interpretadas pelo reacostumado arripetimento tonalista.

4 — Isto não explica, embora parte, a razão da enorme produção que nos legaram,

FICÇÃO — 1961

Literatura feminista. (2)

Assis Brasil

Como Lenita Figueiredo, Jurema Finamor constrói um livro presunçoso de ficção. Precisamente de um a Rosa (1) Apolônia, numa dialógica convencional, a autora vai desfilando uma série de casos em tom jornalístico, sem nunca alcançar a dimensão ficcional exigida por personagens e ambiente. Não consegue isso porque se atém a epíforas e aos acontecimentos, que se sucedem como episódios de uma novela. Não há uma direção, uma concepção crítica. Seu único recurso, que não chamariamos de ficção, dado a sua inabilidade, é contrapor o presente ao passado, o que não chega a contrariar nem um contraponto nem um contraponto. Não há uma direção, uma concepção crítica. Seu único recurso, que não chamariamos de ficção, dado a sua inabilidade, é contrapor o presente ao passado, o que não chega a contrariar nem um contraponto nem um contraponto.

Como a outra, Jurema Finamor (talvez mais do que Lenita) estuda um caráter falho de mulher. Por uma primeira tentativa, tenta impingir suas ideias de autor num personagem na história de Dely, ou de Emi. O que há de audaz nesse livro é a já corriqueira liberdade de falar a autora sobre o sexo e sua sexualidade. A qui, mais suas anormalidades, são anormais dentro de sua concepção doutrinária, que tudo surge com um gôlo de incoerência e absurdo. Para conseguir autenticidade, Dely, seria preciso dar também grandeza aos personagens e não a eles mesmos, não são eles os que dão o tom à obra. O que há de audaz nesse livro é a já corriqueira liberdade de falar a autora sobre o sexo e sua sexualidade. A qui, mais suas anormalidades, são anormais dentro de sua concepção doutrinária, que tudo surge com um gôlo de incoerência e absurdo. Para conseguir autenticidade, Dely, seria preciso dar também grandeza aos personagens e não a eles mesmos, não são eles os que dão o tom à obra.

tem que falar em política, casos políticos, e especialmente em paz. Paz é a grande palavra de ordem. Alina Palm, defendendo seus pontos de vista — que são o ponto-de-vista concreto de muita gente — não consegue ultrapassar uma média de lugares comuns e emoções corriqueiras: "Nessa atmosfera de paz, a emoção de Sérgio, que em borbotões irrompia de sua alma, permanecia viva eprando-se lentamente, muito lentamente. Não conseguia apressar o passo, uma onda de sangue lhe estremece o coração e como se um relâmpago iluminasse sua alma, teve a revelação instantânea de que não vivia mais." Ao lado desse romantismo de jornalista, temos os conceitos políticos e as observações extravagantes em relação ao estado de coisas, que poderia esclarecer, nunca cabendo numa obra de ficção, por não ter recebido tratamento adequado. Tal informatismo do personagem é feito por motivos óbvios, em tom de falsa epopéia. É, naturalmente, no exterior, causada por fúria insuportável. Somos um povo altamente amadurecido para a revolução. Notaram a insistência da autora em assinalar a presença das mulheres, naquelas crises de rua em 1965, que todos sabemos foram convulsões para uma história geral, que aquele mesmo povo, aquela mesma massa, se postara na Rua do Calafate para votar o presidente deposto.

O certo é que Alina Palm, como suas companheiras de geração — as quais ela pode classificar de burguesas — procuram erradamente a ficção para a exteriorização de suas idiosincrasias. Seria mais equilibrado um parágrafo sobre as causas da morte de Getúlio, do que esse lirismo do que esse lirismo do

Meio-Dia. (1) — Jurema Finamor — Preciso-se de uma Rosa — Romance — Editora Jornal de Letras — 1961. (2) — Alina Palm — Sol do Meio-Dia — Romance — Edições ABL — 1961, Comecei a escutar

ANEXO 15

PÁG. 6 — DIÁRIO DE NOTÍCIAS — DOMINGO, 11 DE JULHO DE 1965 — SUPLEMENTO LITERÁRIO

ENIGMA

Conto de CARLOS AUGUSTO DE GÓES

A FIGURA chegou-lhe aos olhos eventualmente. Um estreameento sacudiu-o. Pegou novamente o jornal e concluiu que aquele sentimento estava apenas emparelhado na memória. Um colega indagou: "Quem é essa atriz?... (Pausa) Como se parece com a Ligia?" Delvecchio teve receio de deixar transparecer o calor que lhe abrasara as faces. O outro, compreendendo a sua riqueza, disfarçou. Todos a conheciam na repartição. Se alguma indireta jogavam, quando ela ainda trabalhava lá, ele se mostrava cauteloso, indiferente, embora remendo os nobres sentimentos. As vezes, tinha desejo de rechaçar: "Corja, você quer me persuadir disso", mas a obsessão sempre a martelava-lhe o juízo, lamentando as horas de ausência e desejando fugir, ao vê-la. A moça passava por ele acintosamente, segura de seu fascínio. Murmuraram certa vez que alguém a surpreendeu em colóquio com o diretor no gabinete. A fisionomia tral Delvecchio. Mas fingiam não haver percebido sua transi-

guração. Estava convencido, entretanto, que o casamento com Matilde seria a maior prova de que não tinha nada com a outra. Ligia, então, provocadoramente, demonstrava corresponder-lhe aos anseios, deixando-o indeciso, no ponto de forçá-lo a uma declaração toda atrapalhada e de que se arrependera, pois acentuara apenas o disabor. Lembrou-se: os dois andando pela rua D. Manuel, à saída da repartição. As funcionárias estranhavam o casamento: "Como era que ia casar-se assim, em cima das chamadas por outra mulher?" Fazia um ano. Agora, a ausência de Ligia parecia que mais lhe agravava a amargura, quando supunha já a houvesse esquecido. Seria indigno conservar aquela figura. Teria, pelo menos, de escondê-la num baú, para que a esposa não a visse. Mas, ao chegar em casa, mudos de idéias. Corajosamente, mostrou-a:

— Gostei muito desse talhe. Até pensei em mandar fazer um vestido igual para você. Que acha?...

— A moça é lindinha — disse ela.
— E o vestido?...
— Também. Você teve ótima lembrança.

Delvecchio não gostou. Desejaria que ela repelisse, espinafrasse, para ele rasgar a figura, embora sentindo a extensão de sua perversidade. Mas, ao contrário, Matilde foi mais longe, no desejo de agradar. Apanhou no quarto seu álbum, retirou de uma revista velha a figura de um cavaleiro e, inocentemente, disse-lhe:

— A propósito, meu filho, eu gostaria tanto que você ficasse um tempo como este.

Delvecchio estriou, desconfiado, pensativo: "Seria que ela..." Pensou em retrucar, com ironia: "Ele é lindinho! Era o que faltava".

— Está bem, concordo — disse, afastando-se e reconhecendo com ternura, sem saber porquê, agora, lhe devotava mais afeição.

Em cima da mesa permaneciam as figuras.

ALINA PAIM, A VENCEDORA

• WANIA FILIZOLA

Sem pressa ela vem construindo o seu mundo: realizando o registro da melodia cotidiana, feita de luta e fé; amargura e amor, sofrimento e esperança.

Vencedora do Concurso da Associação Brasileira de Livro, em 1960, com *Sol do Meio-Dia*, Alina Paim, em 1964, quebra a rigidez do Concurso Wainap, que só contemplaria um único vencedor, criando o prêmio especial de 900 mil cruzeiros para seu romance *Trilogia de Catarina* que há seis anos ela vem trabalhando. Alina Brasil, detentora do Prêmio Nacional Wainap, divide assim com a romancista sergipana as honras de um concurso que pelo valor do prêmio, o maior já concedido entre nós, foi alvo da curiosa atenção do mundo literário brasileiro.

Convidada a comparecer às cerimônias que nessas horas se impõem, solicitada para entrevistas, circulando entre as colunas literárias, A. P. sai do retraimento voluntário em que vive, desce da Torre que a isola mas não lhe tira a visão circular e global da praça onde vai tantas vezes para se misturar aos que nela estão.

Poucos romancistas brasileiros têm despertado fora do país o interesse que seus romances continuam despertando (acaba de sair na Bulgária *Sol do Meio-Dia* que ainda este ano sairá também na Alemanha); poucos têm consolidado com tamanha gravidade os problemas da vida que ela reproduz sem a necessidade de sublinhar seus horrores e suas obscenidades. Atenta sobretudo ao fato político-social sem se desvincular das exigências da arte, i. é., do valor literário e dos valores estéticos intrínsecos. Tem assim realizado o registro da melodia cotidiana feita de luta e fé,

de amargura e amor, sofrimento e esperança. São estes os fios condutores por onde circula a respiração ofegante da gente simples e anônima cujo heroísmo revela, impregnando toda atmosfera de seu mundo feito de sombra e sol. Assim foi em *Estrada da Liberdade*, romance de estréia que a impôs diante do público e da crítica e lhe assegurou o lugar que ocupa hoje. Assim foi com *Símbolo Dias* (na opinião de Jorge Amado, um dos grandes romances brasileiros); assim foi com *A Sombra do Patriarca*, *A Hora Próxima*, *Sol do Meio-Dia* e com toda certeza, com este premiado *Trilogia de Catarina*.

Alina Paim, já traduzida em quatro idiomas, duas vezes premiada, dona de uma obra sólida e sóbria que enriquece nosso patrimônio literário, confessa que ainda não se sente realizada.

"Sentir-se realizada" é uma expressão muito definitiva e utópica. Enquanto alguém enxerga possibilidades de aprender e aperfeiçoar-se ainda está tentando realizar-se. É o meu caso. Creio que na hora em que empregar esta expressão, em toda a consciência, é a hora também de parar de escrever. Foi atingido o estacionamento".

Seu trabalho não obedece a planos previamente estabelecidos, acontecendo na maioria das vezes o imprevisto comandar a ação. Quando inicia um romance está de posse das linhas essenciais do trabalho. Até aí houve longa elaboração. Mas no decorrer da tarefa alguns pontos são abandonados: é uma personagem que se rebela; uma situação que deveria ser meramente episódica e de repente se avanta.

— "Quando isto acontece surge uma parada para nova elaboração".

O fenômeno do processo da criação, ou os elementos que determinam a atmosfera de um novo romance surgem espontaneamente ou através de estímulos. No último caso se situa *A Hora Próxima*. Quando não existe o impulso de fora para dentro, a gestação se faz lentamente, o feto amadurecendo, crescendo para eclodir na coroação do parto:

— "Pedacos de diálogo vão fermentando situações também. Começa de maneira vaga, vai se amadurecendo, progride de tal modo que tenho a impressão de estar sitiada. É hora de escrever".

— "Qual a idéia central de Catarina, em que clima se desenvolve este seu romance?"

— "Catarina tem uma constante: a busca do sentido da vida, a compreensão de si mesma e do que lhe acontece para melhor se integrar na vida e no convívio de seus semelhantes. Os três romances de Catarina deslizam no espaço de uma noite de vigília. É um trabalho com muitos planos de tempo. Ao amanhecer, após longa análise, a Catarina que encara o sol é bem mais amadurecida que a Catarina que se encolheu no topo da escada, no princípio da noite. Foram violados com certa audácia, os seus "compartimentos selados".

No movimento melódico de sua frase, na maneira simples de dizer as coisas mais profundas encontram-se as suas qualidades essenciais: o poder de se dar às suas personagens, de fazer com que acreditemos nelas e nos emocionemos com elas que atravessam as suas páginas e até o fim lhes dá uma intensa ressonância. Suas personagens, experimentadas até à dor, crismadas no sofrimento que já é heroísmo, prenúncio ou afirmação de um futuro onde todos se identificarão no trabalho, na alegria, na simplicidade lógica do amor.

ANEXO 17

Lafer que, estaurante t Dorleia,

Arte Mo- para lan- Italiano, melhor pe- um filme

tonião fa- rmado ca- lmanuel Lu- is no Ho- para Te- lmo dia 4, vndo pa- residência

Itália, Se- sará a co- mbulhada, publica na

r elogiar a Lima, mud- o nome de , por curio- sism canis.

TANDA UULO:

da Malia- menen re- do, 25 anos m reunião

le die a ho- paulinas Chancelier

shora Alra- está afire- ra os Esta-

endence re- sta um co-

e a passa- mal da Ha- Venturini ede do Cir-

Baixa o João de Sr. Francis

Muni- de na sexta- teiel.

Mae Zau- Embaixada em Sanla- visitando

critório Co- l em Nova to Meda- Lúcia Ma- os bordados

ri. Maria vão home- queir, pela oficial ad- sidente Jus-

ni mais um o Senhor e Meireles, mais um go nassado, do Brandão

no sábado, novel Clube, it que dr- o título de

deleção dos impressionistas. O prêmio que tem seu nome foi, este ano, conferido pela segunda vez. A tela premiada é uma paisagem meio abstrata, meio figurativa.

Salão de Maio

Paris — Abriu-se o Salão de Maio de 1960, o décimo sexto que se realiza, no Museu de Arte Moderna desta Capital. O certame é dominado pelo abstrato, reunindo este ano número impressionante de

Coleções

Cherrier — Funcionou, nesta Cidade, durante todo o mês de maio, o mais consagrado pelos católicos à Virgem Mãe de Deus, uma exposição de pintura sob o nome de *Igrejas e Catedrais*. Figuraram no certame mais de 100 quadros procedentes de galerias parisienses, de coleções particulares etc. Destacam-se, especialmente, os nomes da Escola de Avignon, Buisson-Léon, Dufy, Dunoyer de Segonzac, Laprade, Renoir, Signac, Jongkind, Matisse, Marquet, Valadon, Groussin.

construção nervosa e equilibrada, uma sensibilidade que encontra seus momentos mais expressivos no jogo das cores e dos tons que abrem o 1º movimento e que nos fazem descançar em várias outras ocasiões, no 3º e 4º movimentos. E aí, finalmente, que encontramos os elementos que deverão crescer normalmente. O público assiste esta obra, seu autor e seus intérpretes, com aplausos insistentes.

BALLET MARQUES DE CUEVAS — A temporada a se iniciar sexta-feira compreenderá 4 noites de gala e 3 vespertais em assinatura. O programa da estréia compreende *Noir et blanc*, de Lefar-Labo, *Adeps de la Fée*, de Patipa-Tchakovsky, e *L'amour et son destin*, de Lefar-Patipa-Tchakovsky — neste programa atuam todos os artistas principais do conjunto, Rosella Hightower, Serge Colovini, Nicolas Polajenko, Wasi Tupin, George Goviloff e nova parolista Beatriz Consuelo.

MARCANÇO O MISSAL

Hoje, 1 de junho — Quarta-feira — Santa Angela Merica — Rito duplo — Missa própria — Glória — Prefácio da Ascensão — Paramento branco.

XXX

Amanhã, 2 de junho — Quinta-feira — Da Féria — Rito simples — Missa como na Festa da Ascensão — Segunda oração dos Santos Mártires Marcelino, Pedro e Erasmo — Prefácio da Ascensão — Paramento branco.

Missa em louvor a Santa Edwiges

Na Igreja da Lampadaria, Avenida Passos, será celebrada hoje, amanhã, às 6 horas, Missa em louvor a Santa Edwiges. Padroeira dos pobres e endividados.

A ESFINGE DO GRAJAU

Memórias DUNSHIE DE ABRANCHES

A VENDA

Na Livraria São José e no jornal do Brasil, Av. Rio Branco, 110/112, 1.º andar, com Sr. Alberto

VOCÊ JÁ OUVIU a nova programação da Rádio Jornal do Brasil?

VIDA LITERÁRIA

Mauritônio Meira

ABL distribui prêmios de Cr\$ 260 mil: Alina Paim ganhou Cr\$ 100 mil

Com o romance inédito *Sol do Meio-Dia*, a romancista Alina Paim levantou o primeiro prêmio do concurso instituído anualmente pela "Associação Brasileira do Livro", cujos resultados puderam ser conhecidos ontem à noite. A dotação do prêmio ganha por AP é de Cr\$ 100 mil e é o principal da série de outros que perfazem um total de Cr\$ 260 mil pagos pela ABL e concedidos sempre por ocasião da Feira de Livros, ora instalada na Cinelândia.

Um dos prêmios menores, de Cr\$ 15 mil, foi ganho por José Fernandier, um dos excelentes repórteres de o JORNAL DO BRASIL.

Alina Paim é uma escritora conhecida pelos vários romances que já publicou, desde 1944, quando estreou. Um dos seus romances foi traduzido para o russo e para a chinês.

QUEM GANHOU E QUANTOS \$\$\$

É a seguinte a relação dos prêmios, com as importâncias e as comissões julgadoras respectivas:

1. — *Grandes Prêmios de Encomendas* (Indicados Manuel Antônio de Almeida — 1.º lugar: *Sol do Meio-Dia*, de Alina Paim. Dotação: Cr\$ 100 mil; 2.º: *A Cidade Morta*, de Ferruccio Parodi (Cr\$ 50 mil); Menção Honrosa: *Lúcia*, de Geraldo José Lima (Cr\$ 5 mil); Comissão Julgadora: Valdemar Cavalcanti, João Pelejo dos Santos e Plínio Bastos.

2. — *Prêmio ABL de Reportagem* (sobre a Feira de Livros) — 1.º lugar: *O livro abre os braços ao leitor*, de Armando Piore (Correio da Manhã). Dotação: Cr\$ 25 mil; 2.º: *O mundo dos livros de José Fernandes* (JORNAL DO BRASIL) de Cr\$ 15 mil; 3.º: *A Feira encisa ao caracol com economia de 20%*, de Roberto Quintais (O Jornal), com Cr\$ 5 mil; Comissão: Enéida, Santos Marins e Antônio Olinto.

3. — *Prêmio Câmara Legislativa* (para crianças) — Vence-

dora: Lella Micolla (13 anos) com *Monstro Lobato*, sua vida e sua obra; Dotação: Cr\$ 10 mil; Comissão: Enéida Silveira, Sebastião Herens e Melo Sobrinho.

4. — *Prêmio Monteiro Lobato* (Monografias) — 1.º lugar: *O Livro no Brasil — Problemas e Aspectos*, de Sérgio Guerra Duarte; Dotação: Cr\$ 50 mil; 2.º: *Monção Honrosa*: *Carta aos leitores do Brasil*, de Geir Campos, com Cr\$ 5 mil. Comissão: Enéida Silveira, Jorge Zahar e Sebastião Herens.

ROMANCES

Alina Paim, que conquistou o primeiro prêmio, é autora dos seguintes romances: *Estrela de Liberdade*, *Símbolo Dina* e *A Pírcia* (Correio da Manhã). Este traduzido para o russo e para o chinês.

A ENTREGA

Os prêmios serão entregues na próxima semana, no decorrer de um almoço de encerramento da Feira do Livro em uma churrascaria do centro da Cidade, para a qual serão convidados escritores e colunistas literários.

A FOTO LITERÁRIA



Aí vemos o poeta Homero Homem autografando, em São Paulo, seu novo livro *Tempo de Amor*, publicado pela Francisco Alves. A seu lado (direito) a poetisa Lilian Pereira da Silva.

Prêmios nos Estados Unidos

Washington — (UPI) —

— Os 11.º Prêmios do Livro, que consistem em três prêmios no valor de mil dólares cada, um para os melhores livros de ficção, não ficção e poesia, escritos por cidadãos norte-americanos e publicados nos Estados Unidos em 1959, foram con-

cedidos recentemente a Philip Roth por *Goodbye Columbus*, Richard Gilman por *James*

Joyce e Robert Lowell por *Life Studies*.

A Academia Norte-Americana de Artes e Letras eitos a nomear *By Love Possessed*, de James Gould Cozzens, como o melhor trabalho de ficção apresentado nos últimos cinco anos nos Estados Unidos.

A Sociedade de Historiadores da Arquitetura concedeu a Medalha Alice Davis Hitchcock a Kenneth John Conant, pelo livro *Arquitetura Colonial e Românica* que cobre o período de 600 a 1.200.

A Associação de Estudos Infantis escolheu a novela *Jennifer*, de Zoë Sherburne, como vencedora do Prêmio Anual de Livros Infantis em 1959.

Wilbur Schramm, professor de comunicações e jornalista da Universidade de Stanford, recebeu o Prêmio George Polk por seu livro *Um Dia na Imprensa Mundial: 14 Grandes Jornais num Dia de Crise*, publicado pela Editora Universitária de Stanford. O livro de Schramm reproduz as primeiras páginas de 14 dos mais importantes jornais do mundo no dia 2 de novembro de 1956, quando o Egito estava sendo atacado pelas forças britânicas, francesas e israelenses e os tanques soviéticos cercavam Budapeste em seguida ao levante húngaro. O autor analisou em seu livro o tratamento diferente que as notícias receberam em cada jornal.

Lúcio diz: "Que é que se pode fazer com rodas?"

A propósito de uma nota divulgada ontem nesta seção, recebemos uma atenciosa carta do romancista Lúcio Cardoso.

A carta é a seguinte: "Meu caro Maurício: Escrevi lendo na sua seção de hoje que o meu *Diário* a aparecer em julho, editado pela Sâmbora, é uma confissão aberta de coarção do dia-a-dia do escritor, incluindo até descrições de prática de homossexualismo". Sim, muito disso que não é verdade, e que não há nenhuma descrição desta natureza no meu livro, se bem que me divirta muito esta possibilidade de sensacionalismo num autor que nunca o procurou. Mas diz você que são estas as informações que correm nas "rodas literárias". Muito bem! Se não fosse pela veracidade que deve reger sua magnífica seção, não diria nada — que é que se pode fazer contra o que "corre nas rodas literárias"? Assim é fácil de achar tudo o que quiseram no *Diário* — até descrições de feliçidade e mágoa, porra. Respeito muito a imaginação dos outros, e em especial a das "rodas literárias" mas ficaria grato se você publicasse este esclarecimento. Sou amigo de sempre. (s) Lúcio Cardoso."

Al está atencioso (com prazer) o designo do romancista.

ANEXO 18



ADMINISTRAÇÃO DA UNIVERSIDADE PELOS PRÓPRIOS ALUNOS

"A Universidade das Artes (incluindo as Artes Gráficas) será administrada em sistema democrático, pelos próprios alunos, aos quais incumbirá dirigir a Fazenda, em todos os seus setores (granja, aviário, apiário, hotel, biblioteca, jornal, estação de rádio, lojas, etc.). Cada aluno, fugindo à rotina dos currículos artísticos nacionais, dará à Comunidade o mínimo de 2 horas de trabalho especial, além do ensino e realizações artísticas imprescindíveis.

"A Aldeia" terá um internato (curso primário, inicialmente) para filhos de jornalistas, de escritores, e de artistas de todas as artes. Terá também uma "Casa do Professor" e o "Retiro do Artista Plástico", para abrigar artistas em "chomage" ou em convalescença de doenças e em recuperação profissional. Em futuro, não muito distante, terá ela as suas oficinas de artesanato, o seu estúdio cinematográfico para formação de artistas, diretores cênicos, pessoal técnico.

RECANTOS PITORESCOS

Completando a belíssima paisagem local, contará "A Aldeia" com o seu "pátio dos pássaros", abrigando espécies de todos os pontos do país, nela aclimatáveis e preservando a proliferação e conservação de espécimens destiados sem isso a desaparecer; terá um "pátio das fontes"; além da referência turístico-artística sentimental que representam as suas amplas instalações fazendárias e os seus móveis, desde o estilo colonial luso-brasileiro ao mais moderno, do Brasil de ontem e de hoje.

APÊLO AOS HOMENS DE LETRAS, ARTES E DINHEIRO

Não podemos concluir esta crônica, sem deixar de dirigir um especial apêlo aos homens das artes, das letras e de dinheiro, para que prestigiem, todos eles e cada um como puder, iniciativa de tal importância para a vida artística e intelectual do país. Os pintores, gravadores, escultores, cenógrafos, figurinista — ofereçam trabalhos de sua autoria — quadros, gravuras, desenhos, bronzes, mármore, para ornamentarem suas salas, salões, corredores e os seus amplos terraços coloniais. Os escritores ofereçam-lhe livros para a sua Biblioteca. A gente de teatro, música, dança, rádio e televisão — ofereçam originais autografados. Os homens de fortuna, — banqueiros, proprietários de grandes e pequenas empresas industriais e comerciais — ofereçam materiais indispensáveis para as suas instalações, ajudando, também, financeiramente "A Aldeia".

"Sol do Meio Dia"

RAUL S. XAVIER

Alina Paim prossegue em sua carreira de romancista. Se "Estrada da Liberdade" já denunciava a novelista consciente dos requisitos indispensáveis à feitura de um romance, este "Sol do Meio-Dia" vale por uma prova dos nove da sua arte. Apresentando já o romance sinais inequívocos de esgotamento de recursos na sua técnica, sobretudo no plano da linguagem, haveria impertinência em exigir-se de Alina Paim mais do que se pode obter da matéria de que se utilizam os romancistas. O inegável porém é que a jovem escritora nortista oferece ao leitor uma história legível, em nada inferior às de outros autores nacionais. A montagem lembra a de Charles Dickens com a interseção de planos na perspectiva da história, em que se narra um "caso" que adquire relevo existencial pela projeção em seu torno das meias-lintas ou sombras de "casos" circunstanciais. Essa maneira de armar o romance, análoga à do claro-escuro de Leonardo ou à do contra-ponto em música, não se reduz a simples artifício. É a função própria da situação em que se acham as figuras femininas. Tal situação é a matéria prima de que se faz o romance, a situação da mulher na sociedade estruturada segundo padrões elaborados pelo homem. No conjunto operístico, D. Beatriz parece a "prima-donna". No entanto, o motivo do romance está em sua irmã, Helena, e em Ester, a máscara da romancista, cujo conceito de existência coletiva se desenvolve, dialéticamente, no decurso das narrativas inscritas em vários planos. Em suma, a história é a resposta de Ester aos problemas das criaturas femininas, situadas em um mundo, que o homem construiu para elas assim como foram feitas as gaiolas dos passarinhos do doutor Lauro. Helena resolveu o problema, suicidando-se, Ester, escrivendo o romance, e dona Beatriz, a inautêntica dona Batriz findou sem fim, no anonimato das criaturas condicionadas.

Não obstante a fidelidade aos princípios da técnica do romance, princípios de alcance restrito, subordinados a artifícios linguísticos apenas racionais, — *sujeto x objeto — eu x não-eu* —, Alina Paim saiu-se bem da tarefa. Sua linguagem ainda é visual, o esquema da fala ainda procede do olhar, sendo por isso mesmo do tipo explicativo. No entanto, na sintaxe dos elementos objetivos, visuais, no plano espacial, ouve-se falar a alma de Ester, cujas respostas ao mundo humano são sensíveis ao leitor. Enquanto residia na pensão, Ester escrevia suas *notas* para um romance, que afinal não seria o "romance" das figuras inventadas ou copiadas e sim o "romance" de Ester.

Aqui está, segundo me parece, o grande mérito literário de "Sol do Meio-Dia". O que nos parece objetivo, documental, empírico, estranho à romancista, se reduz apenas a sombra, a projeção no plano da linguagem do "romance interior", do "mito" de Ester, cujas empatias se nutrem da sua visão, primeira e última forma do que

(CONTINUAÇÃO DA PÁGINA ANTERIOR)

ouve em seu quarto e na sala de jantar da pensão de dona Beatriz. Dir-se-ia haver em Alina Paim alguma coisa da maneira como Stendhall tratava os figurante das suas histórias. Apenas alguma coisa. Stedhall foi um desses escritores de "má consciência", o inimigo nato dos seus personagens, que fez escola e teve discípulos no Brasil.

Se em "Sol do Meio-Dia" há passagens em que a romancista não participa do pequeno mundo dos hóspedes da pensão, a distância vai ser transposta em poucas frases. Ester acolhe-as, mal conseguindo velar a emoção no esboço de um sorriso. Aparentemente, a estrutura do romance necessitaria de reparos. Mas a variedade de planos com as meias-tintas que parecem acentuar a perfil de dona Beatriz condizem com a intenção de Ester, a acolhida que oferece a tôdas as hóspedes, inconscientes da origem das suas angústias. Assim, ela transpõe o mundo da oposição, da dualidade, criando o seu "mito", iuminado por um sol do nordeste ao meio-dia. O romance vale por uma resposta positiva ao problema da mulher, na civilização milenar, no sistema de trituração de almas. Pelo sentido da história e pelo modo como foi tratada, o romance "Sol do Meio-Dia" é daqueles que nos convidam a segunda leitura.

com g
êle pa
especi
que m
ral da
meu l
falava
ou o

Ora, a
postos,
mãos
ximava
causad
um tip
pido, k
pouco,
que ta
que er
rém, c
aos pés
la bon
defeito
quem s
quer o
enquar
vando
morosc
guém
— Ei, l
tasiada
brejeiro
— É d